UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO

O repórter-amador:
uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum

Sheila Borges de Oliveira

Recife / 2013

O repórter-amador:
uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum

Sheila Borges de Oliveira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profª Drª Lília Maria Junqueira
Co-orientadora: Profª Drª Patrícia Bandeira de Melo

Recife / 2013

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

O48r Oliveira, Sheila Borges de.
O repórter-amador : uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum / Sheila Borges de Oliveira. – Recife, O autor, 2013.
327 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Lília Maria Junqueira.
Coorientadora: Profª. Drª. Patrícia Bandeira de Melo.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2013.
Inclui referências e anexos.

1. Sociologia. 2. Comunicação. 3. Jornalismo. 4. Reportagens e repórteres. I. Junqueira, Lília Maria (Orientadora). II. Melo, Patrícia Bandeira de (Coorientadora). III. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE(CFCH2013-42)

ppgs ufpe Programa de Pós-Graduação em Sociologia

UFPE

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DE SHEILA BORGES DE OLIVEIRA, DO CURSO DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Aos vinte e oito dias do mês de maio do ano de dois mil e treze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Tese de SHEILA BORGES DE OLIVEIRA,** intitulada **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum.** A Comissão foi composta pelos Professores: **Profa. Dra. Lília Maria Junqueira (Presidenta/Orientadora); Profa. Dra. Patrícia Bandeira de Melo - Titular Externa/Co-orientadora (MPCS/FUNDAJ); Profa. Dra. Paula Reis Melo – Titular Externa (DCOm/UFPE); Prof. Dr. Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque – Titular Interno; Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares – Titular Interno.** Dando início aos trabalhos, a **Profa. Dra. Lília Junqueira** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Tese, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, a **Profa. Lília Junqueira**, presidenta da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Tese por unanimidade, com indicação para publicação.** E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária adjunta do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 28 de maio de 2013.

_____

Louisiane Maria Coutinho de Barros – Secretária Adjunta

_____

Profa. Dra. Lília Maria Junqueira

_____

Profa. Dra. Patrícia Bandeira de Melo

_____

Profa. Dra. Paula Reis Melo

_____

Prof. Dr. Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque

_____

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares

_____

Sheila Borges de Oliveira

Dedicatória

Aos meus avós: Niná, Manuel, Iracema e Neco pelos exemplos de vida.
Aos meus pais: Linaldo e Cristina pela vida, pelo amor, pela dedicação, pela imensa paciência e por todas as oportunidades que me deram. Só cheguei até aqui por conta de vocês.
Às minhas tias: Lécia, Lindalva, Lenilde, Ana, Socorro e Dalva, mulheres de muita fibra.
Às minhas irmãs: Suenia, Ana Paula e Andréia. Às irmãs de coração: Andréa e Patrícia.
Aos meus sobrinhos: Maria Eduarda e João Pedro pelos bons momentos juntos.
Aos meus amores eternos: Eduardo e Gabriel, as razões de minha vida. Obrigada pelo amor, pela paciência, pelo apoio e por me transformarem em uma pessoa melhor. Desculpem as ausências. .

Agradecimentos

Obrigada a José do Interior, Antonio Empreendedor, Carlos do Som, João do Ônibus, Tom da Lanchonete e Pedro do Batuque por terem colaborado com esta pesquisa. Sem a disponibilidade de vocês, que me receberam sempre com muita gentileza, esta tese não poderia ter sido realizada. Encontraram tempo para me contar as suas trajetórias de vida com coragem e humor. Os nomes verdadeiros deles não foram revelados para proteger o anonimato e preservar a privacidade. Agradeço também a todos os entrevistados que participaram da primeira fase da pesquisa. Aprendi muito com todos vocês.

Obrigada a Lília Junqueira por ter me apresentado um mundo novo sempre com muita dedicação, sabedoria e gentileza, sem esquecer nunca de me puxar a orelha quando necessário.

Obrigada a Patrícia Bandeira de Melo por ter me dado o exemplo da mulher guerreira que se esforça para dar conta dos papéis de mãe, mulher, profissional e, acima de tudo, amiga. Obrigada por compreender as minhas indecisões e dúvidas, orientando-me a superá-las.

Obrigada aos professores José Luiz Ratton, Paulo Henrique Martins, Paulo Marcondes, Silke Weber, Heraldo Souto Maior, Cynthia Hamlin, Jorge Ventura, Remo Mutzenberg e José Carlos Wanderley. Em nome deles, agradeço a todo o corpo docente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE que contribuiu, cada um ao seu modo, para este trabalho ser concebido.

Obrigada aos professores da Pós-Graduação em Comunicação por onde comecei a minha caminhada acadêmica. Agradeço a todos em nome de Alfredo Vizeu (meu eterno mestre), Isaltina Gomes, Wilma Morais, Cristina Teixeira, Paulo Cunha e Heitor Rocha.

Agradeço aos amigos que sempre me incentivaram nessa caminhada e aos companheiros do Jornal do Commercio que estiveram ao meu lado. Agradeço a todos em nome de Ivanildo Sampaio, Laurindo Ferreira, Ciro Carlos Rocha e Gilvandro Filho.

Agradeço a Christianne Alcântara e Betania Santana pelo precioso tempo que dispensaram na revisão desta tese. Obrigada pela amizade, pela dedicação e pelo olhar sempre atento. Agradeço também a Fábia Gomes por ter me acompanhado nas entrevistas de campo e decupado todas as gravações. Sem palavras para agradecer a todos que estiveram ao meu lado.

Resumo

Esta tese analisa os universos sociais de seis indivíduos por meio da reconstituição de suas trajetórias de vida para identificar, inicialmente, quais eram as disposições sociais que mais frequentemente os motivavam a deixar de ser consumidores da informação para *agir ativamente* no jornalismo, colaborando com as empresas de comunicação e indo além, alçando o papel de produtor de notícia. Em uma segunda etapa, aprofundamos o estudo para compreender como essas mesmas disposições foram sendo construídas por cada um deles em meio ao emaranhado de influências contextuais e relacionais recebidas nos processos de plurissocialização nos mundos das famílias original (pai, mãe e irmãos) e formada (marido/esposa e filhos), da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo.

Percebemos que, para adotarem práticas jornalísticas, esses cidadãos comuns, selecionados na internet em um fórum colaborativo de um jornal impresso do Recife, realizaram uma espécie de jogo de entrada e saída do campo do jornalismo. Eles revelavam ambivalências e variações inter e intraindividuais, uma vez que assumiam a posição de repórteres-amadores no tempo livre, conceito que iremos consolidar neste trabalho. Antecipamos, porém, que nessa condição, eles se aproximavam da imagem dos jornalistas que atuavam nos primórdios da atividade jornalística.

Com base na tradição da teoria disposicionalista e mais especificamente do programa de estudo para uma sociologia à escala do indivíduo de Bernard Lahire, que veio combinada com a definição de jogo, esta tese analisa o desenvolvimento dos esquemas disposicionais que cada um dos seis atores foi aprofundando inconscientemente ao longo de suas trajetórias e que eram acessados quando se sentia estimulado a consumir, colaborar e produzir informação. A pesquisa sinalizou que na base desses esquemas estavam tendências para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas que os influenciavam, de maneiras diferentes, a pensar, sentir e agir como repórteres-amadores.

Palavras-chave: Sociologia. Disposições sociais. Comunicação. Jornalismo. Repórter-amador.

Abstract

This thesis analyses the universe of six people through the trajectory of their lives in order to identify firstly what were the social dispositions that more frequently motivated the news consumers to act actively in journalism, helping communication companies go beyond reaching a news producer role. In a second phase, go depth in the studies of the understanding how these same dispositions had been built by each on of them among the great number of contextual and relational influences received and the plurissocial process in the worlds of original (father, mother and brothers) and formed (husband/wife and children) families, school, community, work and journalism.

We noticed that, to adopt journalist behavior, this common citizens, selected by a forum from a Recife printed newspaper through internet, they created a kind of game which goes in and out of journalism field. They showed the capacity of acting in various positions and inter and intra individual variations, once they have assumed the position of amateur reporters in their free time, concept that will be consolidate latter in this thesis. We anticipate, however, that in this condition they approximated the journalists image that worked in the very beginning of the journalist activities.

Based on the traditional dispositionalist theory and more specifically on the study of sociological program based on Bernard Lahire, that were matched with a game definition, this thesis analyses the development of this dispositional schemes that each of the six actors were unconsciously getting deeper along their trajectory and that they were access when they felt stimulated to consume, help and produce information. The research signed that at the bottom oh these scheme were different tendencies to social, political, cultural and religious actions that, in different ways, influenced thinking, felling and acting as an amateur reporter.

Key words: Sociology. Social dispositions. Communication. Journalism. Amateur reporter.

Sumário

Introdução / 12

Capítulo 1 / 27

Por uma sociologia disposicionalista da ação: um olhar mais singular do social / 27

1. O programa de estudo de Lahire: por uma compreensão da teoria do ator plural **/ 27**

1.1 A tradição da teoria disposicionalista **/ 35**

2. As teorias da ação e do ator **/ 43**

2.1 A teoria da pluralidade do indivíduo **/ 53**

2.2 As chaves de compreensão do ator plural para o *agir ativamente* **/ 60**

Capítulo 2 / 64

O jornalismo e as práticas jornalísticas do cidadão comum que age ativamente / 64

1. As diferenças entre o jornalista e o repórter-amador **/ 64**

1.1 Entre o campo e o mundo: o jogo do repórter-amador que age ativamente **/ 69**

2. O jornalismo como instituição social e as atividades jornalísticas **/ 78**

2.1 As fases do jornalismo: do opinativo ao tecnológico **/ 85**

3. As práticas jornalísticas do cidadão comum **/ 90**

3.1 A notícia como produto das novas relações sociais no jornalismo **/ 94**

3.2 O protagonismo do repórter-amador **/ 99**

Capítulo 3 / 105

O percurso metodológico / 105

1. Lahire e a metodologia da sociologia disposicionalista **/ 105**

1.1 Chaves para a compreensão das variações disposicionais **/ 110**

1.1.1 Os mundos sociais: chaves de compreensão para as variações disposicionais **/ 111**

1.1.2 Cidadão-repórter: chaves de compreensão para as variações disposicionais **/ 114**

1.1.3 Fatores internos de ativação para o agir ativamente **/ 114**

1.1.4 Fatores externos de ativação para o agir ativamente **/ 121**

1.1.5 Fatores de inibição para o agir ativamente **/ 122**

1.1.6 Repórter-amador: chaves de compreensão para as variações disposicionais **/ 123**

2. O cidadão-repórter e o repórter-amador: a seleção do *corpus* **/ 125**

3. A pesquisa de campo **/ 128**

3.1 A primeira fase: a aplicação do questionário **/ 129**

3.2 A segunda fase: as entrevistas em profundidade **/ 130**

Capítulo 4 / 134

***Portraits* sociológicos / 134**

1. Socializações múltiplas e indivíduos singulares: o jogo do cidadão comum que entra e sai do jornalismo **/ 134**

Parte – 1 / 135

2. As condições sócioeconômicas: primeiras pistas para o agir ativamente **/ 135**

2.1 Condições de interatividade: primeiras pistas das disposições para o colaborar ativamente com a grande imprensa **/ 144**

2.2 O quadro-geral da 1ª fase **/ 150**

Parte – 2 / 152

3. Os esquemas disposicionais motivadores do agir ativamente **/ 152**

3.1 O quadro-geral dos selecionados para a 2ª fase **/ 153**

4. Os perfis sociológicos dos repórteres-amadores **/ 154**

4.1 O universo de José do Interior: pedreiro e líder comunitário / 154

4.1.1 O perfil **/ 154**

4.1.2 Mundo da família original: a pequena comunidade e a relação de ambivalência com os pais **/ 156**

4.1.3 Mundo da educação: o despertar de José para a dissonância do agir ativamente **/ 160**

4.1.4 Mundo do trabalho: a ativação da disposição para a ação social **/ 163**

4.1.5 Mundo da família formada: a grande mudança **/ 165**

4.1.6 Mundo da comunidade: por dentro dos problemas sociais **/ 167**

4.1.7 Mundo do jornalismo: o professor como espelho para o agir ativamente **/ 170**

4.1.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 174**

4.2 O universo de Antonio Empreendedor: universitário bolsista e comerciante / 181

4.2.1 O perfil **/ 181**

4.2.2 Mundo da família original: diferenças com o pai e afinidades com a mãe **/ 182**

4.2.3 Mundo da comunidade: os exemplos da mãe e da avó materna **/ 185**

4.2.4 Mundo da educação: a professora que deu asas à imaginação **/ 187**

4.2.5 Mundo do trabalho: o desemprego do pai e a disposição para ir à luta **/ 189**

4.2.6 Mundo do jornalismo: a disposição para agir ativamente foi ativada na escola **/ 191**

4.2.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 194**

4.3 O universo de Carlos do Som: educador social, filho de pedreiro e ex-empregada doméstica / 200

4.3.1 Perfil **/ 200**

4.3.2 Mundo da família original: as disposições ascética do pai e hedonista da mãe **/ 201**

4.3.3 Mundo da educação: disposições para o agir ativamente fora da sala de aula **/ 204**

4.3.4 Mundo da comunidade: o comunicador do bairro **/ 206**

4.3.5 Mundo do trabalho: conciliar disposições requisitadas e constituídas **/ 209**

4.3.6 Mundo do jornalismo: as fortes disposições para atuar como repórter-amador **/ 212**

4.3.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 214**

4.4 O universo de João do Ônibus: agente ambiental, servidor público e líder comunitário / 218

4.4.1 Perfil **/ 218**

4.4.2 Mundo da família original: oscilação entre uma infância estável e uma adolescência conturbada **/ 220**

4.4.3 Mundo da educação: variações entre as escolas privada e pública **/ 223**

4.4.4 Mundo da família formada: disposições para não repetir a história do pai **/ 225**

4.4.5 Mundo do trabalho: variações disposicionais para ganhar a vida **/ 226**

4.4.6 Mundo da comunidade: ativações das disposições para agir ativamente **/ 227**

4.4.7 Mundo do jornalismo: atualizações para a ação do repórter-amador **/ 231**

4.4.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 235**

4.5 O universo de Tom da Lanchonete: comerciante e evangélico / 240

4.5.1 Perfil **/ 240**

4.5.2 Mundo da família original: as origens das disposições ascéticas **/ 241**

4.5.3 Mundo da comunidade: as disposições hedonistas para ajudar o outro **/ 245**

4.5.4 Mundo da educação: a ativação da disposição para a ação religiosa **/ 246**

4.5.5 Mundo do trabalho: as disposições ascéticas para o comércio **/ 248**

4.5.6 Mundo do jornalismo: as disposições hedonistas para o agir ativamente **/ 250**

4.5.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 252**

4.6 O universo de Pedro do Batuque: músico e controlador de tráfego / 258

4.6.1 Perfil **/ 258**

4.6.2 Mundo da família original: origens das disposições para as ações culturais, sociais, políticas e religiosas **/ 259**

4.6.3 Mundo da comunidade: disposições para agir ativamente no jornalismo **/ 264**

4.6.4 Mundo da família formada: disposições ambivalentes para ganhar a vida **/ 267**

4.6.5 Mundo do trabalho: variações entre o hedonismo constituído e o requisitado **/ 269**

4.6.6 Mundo da escola: fatores contextual e relacional na atualização da disposição **/ 270**

4.6.7 Mundo do jornalismo: inversão do movimento do agir ativamente **/ 271**

4.6.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo **/ 273**

Conclusão / 279

Referências / 303

Anexo nº 1 / 316

Anexo nº 2 / 325

Introdução

O que faz um indivíduo querer interagir com a imprensa para participar do processo de produção da notícia? Desde que comecei a frequentar as redações como estagiária em busca da prática, que se somaria aos aportes teóricos obtidos nas bancas da universidade, trago essa pergunta comigo. No cotidiano dos veículos de comunicação é comum parar a produção de um texto jornalístico para atender à demanda de um cidadão, que se coloca na posição de leitor, telespectador, ouvinte ou internauta, procurando o jornalista para expressar a sua opinião: comentar, criticar e sugerir assuntos que gostaria de ver nos noticiários.

Essa rotina profissional revela o que já se percebe do lado de fora das redações: a produção da notícia é feita de versões. A realidade, editada por jornais, revistas, rádios, televisões e, mais recentemente, pelo jornalismo digital, é construída e enquadrada de forma subjetiva, a partir do lugar de fala de uma série de atores: do repórter, do editor, do dono do veículo e das fontes de informação consultadas que podem ir dos especialistas reconhecidos pelas redações aos atores que normalmente são procurados para humanizar as versões das histórias que serão contadas.

Nesse complexo sistema de produção da notícia, a versão do indivíduo que procura o jornalista na posição de simples consumidor da notícia, alçado eventualmente a personagem das histórias que a mídia conta, é de uma forma geral menos valorizada do que a do especialista. Isso ocorre porque o jornalista internaliza e hierarquiza valores dados pelas empresas de comunicação e criados pela cultura profissional, transmitidos como se houvesse uma naturalização do fazer jornalístico, sem questionamentos ou mudanças.

Mesmo diante desse cenário adverso, esse cidadão, que não é *expert* em um determinado tema nem fonte oficial, não se contenta em ficar exercendo estritamente o papel de consumidor de informação. Diferentemente do que faz uma parte da audiência dos conglomerados de comunicação, ele procura dialogar com as redações. Essa interação, facilitada pela popularização do uso do computador e do acesso à internet, já existia quando a sociedade não era interligada em rede.

Antes da internet, apesar das alternativas de contato serem restritas ao telefone, à carta tradicional ou à ida às redações, conheci atores que se comunicavam frequentemente com os repórteres para participar, de uma forma ou de outra, do ciclo de concepção das matérias jornalísticas. Um em especial me chamou atenção: identificava-se como trabalhador autônomo do Porto do Recife. Escrevia longas cartas para as redações, ligava ou aparecia

pessoalmente com o objetivo de comunicar um fato que julgava importante. Às vezes, o episódio não tinha nenhuma ligação com o seu trabalho no porto.

Expressava-se como se fosse um repórter que sabia empiricamente estar diante de uma informação que poderia ser promovida à condição de notícia. Em alguns momentos, por conta de sua atividade profissional, era o primeiro a saber de determinados fatos e tomava prontamente a iniciativa de reportá-los aos jornalistas. Era conhecido nas redações. Quando ele entrava em contato já se sabia: era grande a possibilidade de aquela informação entrar na pauta de assuntos que seriam investigados pelos jornalistas.

Assim como esse indivíduo, conheci outros que também ligavam e até criavam uma relação de maior proximidade com alguns profissionais, procurando-os diretamente. Essa atitude sempre me inquietou no sentido de querer entender como indivíduos aparentemente tão diferentes, que não se conheciam, decidiam deixar a zona de conforto de simples consumidores da noticia. O que os motivavam a dialogar para influenciar a agenda de assuntos tratados pela mídia? Por que faziam isso se não tinham nenhuma garantia de que seriam ouvidos e valorizados enquanto fonte de informação?

Percebo que essa prática foi ampliada com a informatização dos veículos de comunicação e, consequentemente, com a abertura de canais de interação entre a redação e o cidadão por meio dos quais é possível colaborar sem precisar se deslocar fisicamente ou telefonar, até porque continuo atuando no campo do jornalismo. Trabalho na redação de um grande jornal e costumo atender à demanda desses atores tanto pela internet como por outros meios, isso porque ainda há indivíduos que não substituíram o contato por telefone pela interação via mundo virtual.

Os conglomerados foram levados a adotar esses canais para que a audiência tivesse a sensação de estar participando mais ativamente do processo de produção da notícia, por mais que os filtros de seleção continuassem a não ser revelados. As empresas não queriam, até pela sobrevivência comercial, que o cidadão perdesse o hábito de procurá-las quando quisesse se informar.

No mundo virtual, o individuo pode ter acesso direto às fontes de informações, muitas vezes de forma gratuita, driblando a mediação da imprensa, mas é essa função que os veículos querem preservar e valorizar. Basta ter um computador ou qualquer outra plataforma móvel conectada à internet para navegar livremente na grande rede ou interagir com os conglomerados, remetendo mensagens de texto ou de imagens. Além de colaborar com os jornalistas, parte desses indivíduos está criando espaços virtuais nos quais ela mesma escreve a notícia, sem se submeter aos filtros de edição das redações.

Nesse contexto, até porque me encontro nele, observo como essa prática do cidadão comum tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da grande imprensa. Esse mundo social é fechado, quase inacessível, e esses indivíduos, que têm um papel mais participativo e provocador, estão contribuindo para quebrar regras, como as da concepção das notícias, e trazer mudanças estruturais ao campo de disputas do jornalismo.

Muitas hipóteses poderiam ser pensadas no âmbito das ciências da comunicação para esses questionamentos. No decorrer da nossa pesquisa, entretanto, percebemos a existência de correlações e inter-relações entre as estratégias e os interesses da grande imprensa de um lado, e as percepções, os sentimentos individuais e as competências envolvidos na ação individual e nas interações sociais, de outro. Claramente, o problema ultrapassava a mera investigação culturalista na qual as interações se restringem a uma luta (organizada ou não) pela hegemonia de interesses ideológicos dos grupos sociais em questão.

Deste ponto de vista, tivemos que buscar as respostas no âmbito da sociologia, e não numa sociologia teórico-crítica de base frankfurtiana, ou numa sociologia culturalista, ambas pouco atentas aos processos de construção das competências disposicionais dos indivíduos e suas consequências nas relações entre indivíduo e sociedade. O paradigma sociológico que melhor respondia ao problema é o que foi adotado nesta tese: as chamadas teorias disposicionalistas que fazem parte de uma longa tradição sociológica oriunda da sociologia durkheimiana e da antropologia estrutural (estruturalismo straussiano) que se desenvolve na segunda metade do século XX, passando sobretudo pela contribuição de Pierre Bourdieu e chegando ao século XXI pelo trabalho de autores que desenvolveram ou que fazem crítica imanente à corrente disposicionalista, a exemplo de Bernard Lahire.

Nesta pesquisa, fomos além das inquietações empíricas de experiências vividas no campo profissional, para analisar sociologicamente as disposições desse indivíduo que, ao nosso ver, desempenha os papéis do que conceituamos como cidadão-repórter e repórter-amador, realizando o que estamos considerando como *jogo do agir ativamente no jornalismo*.

O cidadão-repórter é o ator social que interage com a grande imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalisticas. Neste caso, são coprodutores da notícia, como o trabalhador do porto que citamos anteriormente. O repórter-amador, por sua vez, vai além: é o indivíduo que não se contenta em ser apenas colaborador, tomando a iniciativa de instituir um espaço autoral para produzir notícia sem precisar se reportar aos jornalistas. A maioria deles passou a escrever e dar publicidade à própria notícia a partir das ferramentas disponibilizadas pelo mundo virtual, o que não significa que não existissem

anteriormente indivíduos que tomassem essa iniciativa por meio de rádios e jornais comunitários, como verificamos nesta pesquisa.

É na conexão desses dois movimentos, o de colaborar e o de criar um espaço autoral sem a interferência de jornalistas, que construímos o conceito de jogo do agir ativamente no jornalismo. Nele, o indivíduo procura instituir um espaço de atuação jornalistica, mesmo que de forma amadora e voluntária.

Consideramos que o cidadão-repórter e o repórter-amador dedicam ao jornalismo o tempo livre e de lazer. Eles têm uma ambivalência, um jogo de cintura que os fazem ir de um ponto a outro, sem ficarem retidos ao campo profissional do jornalismo. Entram e saem dele, porque não têm obrigações com horários, linguagens ou metodologias da cultura profissional, mesmo que os percebam intuitivamente. Isso não reduz o papel de sua atuação nem a sua capacidade de intervenção no campo jornalístico.

Esse ator que observamos ao longo de nossa trajetória profissional e acadêmica tem assumido um papel de protagonista a partir da abertura de novas formas de comunicação surgidas com a internet. Ele faz parte de um fenômeno social que tem ganhado relevância pública porque está despertando o interesse de pesquisadores, que se mobilizam para compreendê-lo. Os estudos sobre os efeitos que esse fenômeno provoca no jornalismo, porém, têm priorizado os aspectos relativos à recepção da notícia e às alterações nos discursos, nos gêneros jornalísticos e nas estruturas organizacionais das empresas.

Nesta tese, contudo, mudamos o foco e aproximamos o nosso olhar dos universos de socialização dos cidadãos que não são especialistas nem integram o campo profissional do jornalismo para ganhar a vida. Eles, porém, acionam esquemas disposicionais que os motivam a querer realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo, podendo vir a desestabilizar as regras construídas e arraigadas do campo.

Voltamos então à inquietação que me fez trazer este tema como o problema principal deste estudo. Por isso, a pergunta central da tese é: quais são e como as disposições sociais, atualizadas a partir de fatores relacionais e contextuais, podem contribuir mais frequentemente para o indivíduo querer ser cidadão-repórter e repórter-amador? Para responder à indagação, buscamos perceber as variações inter e intraindividuais que levam seis indivíduos, analisados nesta pesquisa, a construírem esquemas de tendências que são, ao mesmo tempo, singulares e plurais, uma vez que sofrem influência de processos de socialização do passado, atualizados no presente.

Ao nosso ver, a sociologia contemporânea está sendo desafiada a aprofundar os seus estudos no sentido de identificar as disposições que o cidadão deflagra com mais força

quando é impulsionado a pensar, sentir e agir para realizar determinadas ações sociais. Em nossa pesquisa, queremos entender como o ator, em meio ao emaranhado das variações inter e intraindividuais que surgem nas fases de socialização, sente-se estimulado a desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da notícia.

Para ter acesso a essas tendências e compreender o processo de construção inconsciente dos esquemas disposicionais, estudamos os universos sociais de seis indivíduos com os nomes fictícios de: José do Interior, Antonio Empreendedor, Carlos do Som, João do Ônibus, Tom da Lanchonete e Pedro do Batuque. O objetivo de analisar esses cidadãos foi perceber onde, ao longo das trajetórias de vida de cada um deles, foram sendo formadas as disposições que os influenciaram a querer realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Esses atores foram escolhidos aleatoriamente no banco de dados do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, o jornal impresso mais antigo em circulação da América Latina, que tentou puxar para si a relação com a internet ao ofertar esse canal virtual.

Os seis cidadãos selecionados para a pesquisa concordaram em participar de todas as etapas do estudo. Para identificar as disposições dos nossos entrevistados, tivemos que reconstruir as suas trajetórias de vida, tomando como referências os processos de socialização vivenciados nos mundos sociais das família original (pais, irmãos e avós) e família formada (cônjuge e filhos), da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo. Ao recuperar essas histórias, observamos que, de uma forma geral, existem disposições que contribuem fortemente para a construção dos esquemas estudados nesta pesquisa que estão relacionados às tendências para o assistencialismo, a ajuda ao outro, a participação em entidades comunitárias, a busca por soluções de problemas coletivos, a integração em movimentos culturais, o consumo de bens culturais, a leitura e a escrita e práticas que envolvem a participação em atos religiosos.

Para fazer uma análise sociológica do quadro que desenhamos empiricamente, recorremos à tradição da sociologia disposicionalista. Para dar conta de nosso objeto, mostrando-nos um caminho para que pudéssemos perceber as variações inter e intraindividuais e como elas se manifestam em cada ator selecionado, utilizamos como aporte teórico o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b).

O **percurso teórico** aplicado na pesquisa é explicado no primeiro dos quatro capítulos desta tese. Nele, mostraremos como Lahire nos deu as condições de possibilidade para analisar como o ator é resultado de uma mistura social de tendências variadas, incorporadas e externalizadas de forma singular. Assim, ele nos ajudou a entender como a diversidade das

experiências socializadoras, sempre contraditórias, foram sendo absorvidas de maneira distinta por cada um dos cidadãos analisados e o que os impulsionou a querer ser cidadão-repórter e repórter-amador.

A disposição é uma força interna, introjetada no indivíduo por meio dos processos de socialização e das influências das estruturas e das relações que são construidas nos mundos sociais. É a representação social de uma tendência, que é, ao mesmo tempo: 1) recebida pelo cidadão de forma plural (socializações), 2) retida de maneira singular e 3) externalizada em escala individual mas que provoca mudanças em escala social. Ou seja, é uma força que vem do pensamento e se concretiza na ação, que é individual e plural.

O ator pode ter motivações individuais para agir. As práticas jornalísticas por ele ativadas para querer resolver um problema, entretanto, resultam em ações que vão interferir na comunidade e no próprio campo do jornalismo, quando toma para si a responsabilidade de noticiar fatos sem se submeter aos filtros impostos pelas empresas de comunicação. Estes efeitos, contudo, não são o objeto desta pesquisa, embora iremos sinalizar, no nosso trabalho, as possíveis consequências da ação desses indivíduos.

Em função da complexidade das disposições, o pesquisador tem que fazer o entrecruzamento desse emaranhado de influências para que possa buscar as origens das variações que quer identificar e entender como se realizam inconscientemente para, em nosso caso, estimular o cidadão a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Esse esquema disposicional só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, alguns homogêneos e outros heterogêneos. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual.

As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas. Elas têm origens e lógicas sociais. A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, propensão, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. Está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Desta escola, fazem parte estudiosos como Weber (1999; 2005), Bourdieu (1983; 1996; 1997; 1999a; 1999b; 2003; 2006; 2008), Goffman (1975), Elias (1994a e 1994b) e Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b).

Nas teorias disposicionalistas, existem dois grupos. Em um deles, no qual Bourdieu está inserido, são enfatizados os princípios unificadores e homogêneos, que colocam um peso grande no passado e não valorizam caracterírsticas singulares do indivíduo e o contexto imediato da ação. No outro, no qual podemos incluir Goffman, é dada relevância à

fragmentação interna das experiências, sem delegar tanta importância ao passado, como o grupo anterior. Entendemos que nem o primeiro nem o segundo grupo das teorias da ação e do ator poderiam dar conta do fenômeno que buscamos compreender: quais e como as disposições sociais, atualizadas em um universo relacional e contextual, contribuem para o indivíduo querer ser coprodutor e produtor da informação?

Lahire, ao nosso ver, é o autor que trouxe maior contribuição à pesquisa porque defende o estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação. Ou seja, defende uma sociologia da pluralidade por meio da qual o pesquisador pode reconstruir o universo social do indivíduo que analisa. Em nosso caso, do cidadão que aciona os esquemas disposicionais para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Para Lahire, a disposição se revela pelas ações, pela ideia de recorrência. Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista vai buscar reconstruir uma realidade como ela é observada indiretamente. É um trabalho de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas, que envolve experiências do passado e do presente.

Em seus estudos, Lahire (2004a) afirma que existe uma diferença entre disposição e competência. A noção de disposição faz parte de um esquema de ação prática, já a de competência está vinculada a uma qualificação, que é uma qualidade racional lapidada por treinamento. Em nossa pesquisa, contudo, percebemos que existe uma vinculação entre esses dois conceitos, que vai dar mais força para o indivíduo se sentir motivado a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Ele representa a conexão entre o "estar disposto" e o "ter competência" para que o cidadão acione inconscientemente os dispositivos que o levam a desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da informação, ainda que sem o treinamento institucionalizado pelo campo. Na análise, percebemos que a competência foi buscada na importância, por exemplo, de se escrever corretamente, habilidade aprendida e treinada na escola e na leitura de livros, periódicos e espaços do mundo virtual.

O que é um esquema disposicional a partir dessa teoria? É o conjunto complexo, individual e intransferível de tendências (disposições) para pensar, sentir e agir que resulta de experiências individuais e, portanto, sociais, vividas por cada ator ao longo de sua trajetória. Esse esquema é desenvolvido no interior do cidadão de forma não consciente. Ele é, ao mesmo tempo, plural e singular. É plural porque decorre dos múltiplos processos de socialização e é singular porque são introjetados e manifestados a partir de esquemas disposicionais individuais, construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator. Esse esquema também é flexível ao se adaptar às situações porque sofre influência

do contexto e das relações entre os atores. O momento presente pode atualizar ou não esse esquema.

À medida que o indivíduo vive cada experiência, vai ativando uma disposição ou outra, a mais adequada ao que ele necessita para agir. Existem, contudo, motivações que fazem o ator acionar esse esquema. Na tese, procuramos identificar como ele é construído e ativado pelo repórter-amador. Partimos do pressuposto que a disposição para agir ativamente no jornalismo está vinculada à capacidade de mobilizar determinadas competências para querer: 1) se expressar, 2) buscar informação mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, 3) resolver problemas coletivos, 4) mobilizar o outro, 5) dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, 6) acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa e 7) encontrar alternativas próprias de comunicação.

No segundo capítulo, contextualizamos como o cidadão foi conquistando um papel de maior protagonismo no **jornalismo** e como ele conseguiu criar alternativas para ter o poder de produzir notícia sem a mediação do jornalista. Com os avanços tecnológicos, o jornalismo entrou em uma nova fase. A internet provocou uma alteração nos meios de produção da notícia. O jornalismo sofreu um impacto profundo porque o controle da informação não está mais concentrado nas mãos dos conglomerados de mídia (GILMOR, 2005).

Em uma sociedade interligada em rede, o polo de produção e emissão da notícia se descentraliza, participando dele os veículos e os cidadãos motivados a atuar no campo, a partir de iniciativas individuais ou em grupo. Nesse contexto, Castilho (2004) considera que a notícia estaria deixando de ser um produto do trabalho do jornalista para ser um produto da interatividade social promovida pelo cidadão comum ora como cidadão-repórter ora como repórter-amador.

Nesta tese, fizemos uma distinção entre as categorias de jornalista, cidadão-repórter e repórter-amador. Consideramos que o jornalista é o ator que faz parte do campo do jornalismo, exercendo essa atividade de forma remunerada, cumprindo uma carga horária fixada pelas organizações empresariais, incorporando um *habitus* próprio da cultura profissional e fazendo parte da disputa interna pelo poder de dominar as normas deste espaço social.

Enquanto isso, o cidadão comum, que pode ser cidadão-repórter e/ou repórter-amador, é um ator que quer participar do processo de produção da notícia de forma voluntária, sem compromisso profissional e em seu tempo livre. Ao criar um espaço de comunicação próprio, esse cidadão abala a estrutura de poder instituída pelos conglomerados de mídia. Na análise dos universos dos seis indivíduos estudados, não percebemos a existência de disposições

sociais motivadoras de pertencimento a um *habitus* de classe profissional, que poderia revelar um padrão. Observamos que existe um leque de variáveis que se entrecruzam para estimular as tendências e as competências do ator que age ativamente no jornalismo, quebrando a lógica do campo profissional.

Aplicamos o conceito de jogo em nossa tese para situar a ambivalência desses cidadãos que circulam de uma posição a outra para que possam ser ativos no jornalismo, tomando como referência o estudo que Lahire (2006b; 2010b) realizou para analisar o universo dos escritores. Ele se apoiou na noção de jogo para estudar a vida deles, já que muitos não têm a literatura como atividade principal, mas secundária. Assim, passam a criar uma relação entre o trabalho remunerado e o jogo de distrações.

O escritor tem na literatura um segundo exercício, muitas vezes hedonista e voluntário tanto que o tempo dedicado a ele é o do lazer, assim como o repórter-amador. O escritor de Lahire e o nosso repórter-amador estão dentro de um jogo que tem múltiplos pertencimentos. Para realizar as práticas jornalísticas, os atores analisados nesta pesquisa passam por um processo complexo no qual acionam inconscientemente esquemas disposicionais próprios por meio de mecanismos de suspensão/ativação das suas variações inter e intraindividuais. Isso traz consequências tanto para as comunidades nas quais esses indivíduos estão inseridos como para o campo jornalístico.

No terceiro capítulo, explicamos o nosso **percurso metodológico**, mostrando o caminho que percorremos até chegar aos indivíduos selecionados. Nele, identificamos os fatores de ativações internos (disposições) e externos (contexto e relações sociais) que nos possibilitaram analisar os esquemas disposicionais construídos e acionados inconscientemente por cada um dos atores estudados que os fizeram se sentir motivados a querer ser cidadão-repórter e repórter-amador.

Para ter acesso a esses esquemas disposicionais, tivemos que conhecer as trajetórias dos seis indivíduos analisados, tomando como referência as socializações deles nos mundos das famílias original e formada, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo, o que ocorreu por meio de entrevistas simples e em profundidade. Foi a partir da interpretação dos comportamentos e dos pensamentos externados que pudemos reconstruir as plurissocializações, realidades que nos foram contadas de forma indireta. Essa é a metodologia da sociologia disposicional à escala do indivíduo.

Na primeira etapa, aplicamos um questionário a 20 indivíduos que integravam a categoria dos internautas mais ativos do fórum do Diario de Pernambuco, o nosso banco de dados de referência. Esse grupo tinha 32 atores cadastrados, dos quais 21 foram localizados,

mas um não quis participar. Na segunda etapa, selecionamos seis para prosseguir na pesquisa. Começamos então a fase das entrevistas, realizadas de forma profunda e sucessiva. Com o entrecruzamento das duas etapas, pudemos reconstituir os universos desses cidadãos.

Ao longo da pesquisa empírica, tivemos dois desafios. O primeiro foi identificar variações disposicionais que levavam o cidadão a pensar e agir ativamente no jornalismo em meio ao emaranhado de tendências que surgiam ao longo dos processos de socialização. Nele, encontramos as chaves de compreensão para elaborar configurações que nos auxiliassem a fazer a conexão entre as disposições acionadas inconscientemente pelos cidadãos e as nossas percepções sobre essas mesmas variações.

O segundo desafio foi observar as dissonâncias das variações a partir das configurações mais gerais, da etapa anterior, para desenhar os esquemas disposicionais dos seis indivíduos analisados e realizar as comparações das variações inter e intraindividuais. Partimos do pressuposto que todos os indivíduos fazem parte do mundo do jornalismo, mesmo os que estão na condição de consumidores. Por isso, acreditávamos que são determinadas disposições que motivavam os atores a ir além e acionar o jogo do agir ativamente, colaborando com os conglomerados e produzindo notícia em espaços autorais.

É a confluência dos fatores de ativação, somados aos aspectos de inibição, que fazem o ator desempenhar as práticas que observamos. Não é apenas um fator isolado. A metodologia adotada neste estudo nos levou a elaborar configurações que representassem as disposições identificadas na etapa de pesquisa de campo. Elas foram construídas e expressadas em seis quadros teóricos que se articulam de forma complementar e sucessiva, indicando o percurso dos cidadãos que consomem a noticia e querem agir ativamente.

No primeiro deles, os mundos sociais são tomados como referência (as famílias original e formada, a escola, a comunidade, o trabalho e o jornalismo), convertendo-se em variáveis que serviram de chaves de compreensão para a representação do movimento que os atores analisados realizam, entrando e saindo desses espaços. Procuramos perceber como as disposições diacrônicas e sincrônicas se manifestam, assim como os seus efeitos nos esquemas de ações do passado e do presente.

As variações diacrônicas levam em conta o trajeto biográfico e as sincrônicas, o contexto (LAHIRE, 2004), o que ocorre em um ambiente de interdependência. O ator atravessa as estruturas dos mundos sociais para influenciar e ser influenciado por elas. Para dar continuidade à nossa configuração teórica, apresentamos um segundo quadro que sinaliza na direção dos fatores de ativação internos e externos, os principais motivadores para o indivíduo querer ser inicialmente cidadão-repórter.

No terceiro desenho, apresentamos com detalhes os fatores de ativação internos, ou seja, as disposições, a força que vem de dentro, representadas por tendências para o assistencialismo e para o espírito de lideranças, por exemplo, que foram identificadas e chamadas nesta pesquisa de disposições para as ações social, política, cultural e religiosa. Na quarta figura, colocamos os fatores externos de ativação (aspectos do contexto e das relações entre os atores nos diversos mundos): a interação com a comunidade, o uso da internet, a interação com jornalistas e empresas de comunicação, o reconhecimento como fonte ativa, o acompanhamento do noticiário jornalístico, a participação no fórum do Diario, a produção de informação e o desejo de resolver problemas da comunidade.

Na sequência de nosso desenho teórico, é explicada a quinta configuração: os fatores de inibição, muitas vezes não identificados racionalmente, mas que aparecem para prejudicar ou anular o ato de colaborar com os conglomerados. Esses inibidores terminam contribuindo para que uma parte dos cidadãos-repórteres queiram produzir a própria informação, perturbando a lógica do campo. Observamos que isso ocorreu quando os indivíduos mais ativos encontraram algum tipo de bloqueio para continuar a interagir, como a redução no aproveitamento das sugestões encaminhadas ao fórum do DP, o tipo de tratamento da informação por parte dos jornalistas, o fim da publicação da página impressa do Cidadão-Repórter no DP e a dificuldade técnica de interação com as empresas.

O passo seguinte é o desenho da configuração que representa o entrecruzamento dos fatores de ativação (internos e externos) e de inibição, que terminam motivando os cidadãos-repórteres a ascenderem à condição de repórter-amador. Foi a partir da conexão desses seis quadros descritos que pudemos aproximar o nosso olhar dos indivíduos estudados na tese, observando as diferenças inter e intrapessoais que existem entre eles para revelar, na análise, como os esquemas disposicionais são acionados inconscientemente para que se sintam estimulados a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Na operacionalização desses quadros, identificamos quais foram as disposições mais fortes que funcionaram como espécie de mola propulsora da ação, a partir da influência de aspectos contextuais e relacionais. Lahire (2006) destaca sempre que o pesquisador não deve se concentrar em um único aspecto, mas observar o comportamento do indivíduo nos diferentes domínios culturais.

Ninguém tem um registro cultural único, possui ambivalências, oscilações e alternâncias que podem ocorrer dentro de um mesmo domínio e variar de um domínio a outro. Por isso, procuramos identificar a parte (ou as partes) dos esquemas de ação incorporados,

atualizados no presente, que é mobilizada para o indivíduo desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador.

No capítulo da **análise**, revelamos as histórias de vida dos seis atores estudados sociologicamente para mostrar como cada um deles construiu a sua trajetória e, ao longo desse percurso, foi sendo estimulado ou não a acionar inconscientemente os seus esquemas de variações. Por meio desse complexo mecanismo de suspensão e ativação, eles encontraram caminhos para colaborar com os conglomerados e/ou produzir notícias em espaços próprios.

A análise foi dividida em duas partes. Na primeira, traçamos um quadro mais geral dos 20 entrevistados do grupo maior, informações que nos indicaram aspectos mais homogêneos. Na segunda, aprofundamos os dados e buscamos perceber as singularidades. Apesar de todos realizarem as mesmas práticas jornalísticas observadas, que os impulsionaram a promover mudanças sociais em suas comunidades, o nosso interesse não estava nelas.

O objetivo da pesquisa foi perceber como os esquemas disposicionais identificados, propulsores dessas ações, foram desenvolvidos e acionados por cada um desses seis atores para que superassem as dificuldades do cotidiano e aproveitassem, da melhor forma possível, as oportunidades que iam surgindo. Essas articulações os levavam a desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da notícia. Por isso, nosso foco foram as histórias dos universos sociais dos indivíduos analisados nas duas fases deste estudo.

Na primeira parte da análise, aplicamos um questionário para identificar as características mais comuns entre os 20 entrevistados, inscritos entre os mais participativos do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco. Esse cidadão não precisava pertencer a nenhum grupo organizado da sociedade para ter direito a interagir com esse conglomerado, inscrevendo-se por meio de iniciativa individual e enviando textos e imagens, comentando matérias jornalísticas, fazendo críticas a assuntos diversos ou sugerindo temas para serem trabalhados pelas empresas.

Com base nesses dados levantados, o quadro geral desse grupo indicava que ele era formado majoritariamente por homens solteiros, que moravam com as famílias originais. Os núcleos familiares eram compostos por até quatro membros. A maioria tinha até 25 anos e havia nascido e morava no Recife. Estudaram em escola pública e a maioria tinha ingressado na universidade. Os pais, porém, só conseguiram estudar até o ensino médio.

A maior parte desse grupo trabalhava em emprego formal e ganhava até três salários mínimos. A renda familiar era um pouco superior, podendo chegar a até seis salários mínimos. Costumava ler notícias com regularidade e procurava mais as mídias tradicionais.

Na internet, navegava mais de três horas diariamente. Nela, consultava sites de veículos de comunicação e espaços variados nas redes sociais.

No fórum do DP, a maioria se cadastrou nos dois primeiros anos de funcionamento do espaço. Mesmo com as mudanças editoriais do Diario, que extinguiu a página impressa produzida com base nas informações remetidas por esses internautas, 70% deles continuavam interagindo. Com o fim do espaço existente na página impressa, metade dos 20 indivíduos decidiu criar um espaço pessoal na internet para produzir a própria notícia.

Com esse quadro geral, partimos para as entrevistas em profundidade a fim de revelarmos traços de heterogeneidade e homogeneidade nos seis atores entrevistados que realizavam práticas jornalísticas. Não era nosso objetivo aprofundar os efeitos das mudanças coletivas e individuais que essas práticas provocaram na vida deles ou na estrutura do campo do jornalismo. O nosso olhar sociológico foi direcionado para os universos sociais de cada um deles, buscando as origens das construções dos esquemas disposicionais, atualizados nos momentos presentes, que contribuíram para que eles não se contentassem mais em ficar na posição de simples consumidores da notícia. Isso não quer dizer que não percebemos as alterações decorrentes da ação desses indivíduos, inclusive ao provocarem quebras de regras estruturais do campo do jornalismo.

Na segunda parte da análise, contamos as histórias desses atores. O primeiro universo a ser narrado é o de José do Interior, um pedreiro que vive de trabalhos temporários e é líder comunitário. Tem dois blogs e interage constantemente com a grande imprensa. O segundo cidadão analisado foi Antonio Empreendedor, estudante universitário bolsista que mantém na garagem de casa um mercadinho. Tem blogs e troca informações com veículos de comunicação.

O terceiro retrato sociológico foi de Carlos do Som, educador social, filho de um pedreiro e de uma empregada doméstica. Tem blogs e participa de programas de rádio. Além disso, entrou em um curso de jornalismo, mas trancou por falta de condições financeiras para pagar a mensalidade. O quarto cidadão analisado foi João do Ônibus, servidor público, agente ambiental e líder comunitário. A separação dos pais produziu problemas financeiros, levando-o a viver mais o cotidiano da comunidade, comportamento decisivo para ele começar a construir os seus esquemas disposicionais, acionados para que pudesse realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

O quinto cidadão analisado foi Tom da Lanchonete, comerciante e evangélico. É um homem disciplinado, determinado e ascético. Aprendeu desde criança que tinha que estudar e trabalhar muito para conquistar tudo o que queria. Participa ativamente da vida na

comunidade e tem um blog onde escreve sobre transporte público. O sexto cidadão estudado foi Pedro do Batuque, músico e controlador de tráfego. Por meio da música, tornou-se capaz de expressar ideias e opiniões sobre as condições do bairro, acionando as suas disposições para realizar o jogo do agir ativamente. Já participou de programas de rádios comunitárias.

Na análise disposicional, buscamos as convergências e as contradições nas ações inter e intraindividuais dos esquemas disposicionais deles, ativados e atualizados quando eles realizavam as práticas jornalísticas observadas. Ao final desta pesquisa, ao reconstruir as trajetórias de vida e analisar o emaranhado de tendências que os influenciaram ao longo dos processos de socialização nos mundos sociais estudados, percebemos que as disposições para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas foram fortes motivadoras para que todos acionassem, de uma maneira geral, os esquemas que os levaram a querer realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Esses fatores disposicionais se entrecruzaram de forma plural, mas se manifestaram de forma singular, uma vez que o social fica retido nos atores de maneira diferenciada. Para que acionassem os esquemas que os levavam a ser repórteres-amadores, verificamos que cada um deles tinha pelo menos três das quatro tendências introjetadas fortemente para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas.

Em nosso estudo, procuramos analisar sociologicamente as disposições de seis atores que relataram histórias de superação para que construíssem, inconscientemente, esquemas disposicionais plurais e singulares, deflagrados por eles quando se sentiram motivados a agir ativamente no jornalismo. Cada um ao seu modo, realizou um jogo disposicional que revelou ambivalências e oscilações que os fizeram ir de um mundo social a outro demonstrando variações necessárias para que pudessem criar as condições de possibilidade para ser cidadão-repórter e repórter-amador.

Essas ações são individuais, manifestam-se de forma singular, mas vão repercutir no coletivo. De forma mais específica, no grupo mais próximo desses atores. De forma mais ampla, nas comunidades onde eles estão inseridos e demonstram ter um forte sentimento de pertencimento, e também no campo do jornalismo com a subversão da regra de acesso ao espaço jornalístico.

Essas práticas jornalísticas observadas são acionadas por esquemas de disposições construídos individualmente, mas que impulsionam, ao mesmo tempo, mudanças sociais. Ou seja, a ação tem origem heterogênea na escala individual, mas vai levar a mudanças, também heterogêneas e complexas, em escala social.

Essas mudanças sociais observáveis dão conta da relevância da perspectiva de Lahire em realizar estudos à escala individual ao apontarem que as singularidades precisam ser observadas e alçadas a objeto de estudo sociológico por serem capazes de produzir efeitos à escala social. O indivíduo é singular por razões sociais. As ações dos cidadãos estudados foram singulares, mas os resultados influenciaram o coletivo.

No campo do jornalismo, por exemplo, o jornalista no futuro, como considera Miranda (2008), pode estar se encaminhando para ser um mediador de um complexo sistema de comunicação formado por uma infinidade de emissores não profissionais. Embora não seja este o objeto da pesquisa, analisar as mudanças promovidas pelas ações singulares dos indivíduos, mas sim os esquemas motivadores da ação e as formas como eles são acionados; a nossa tese contribui para sinalizar que existe um espaço de atuação do cidadão comum no qual ele age ativamente a partir de disposições que o fazem querer consumir, colaborar e produzir notícia, abalando esse sistema de comunicação, citado por Miranda, a ponto de ameaçar a condição de mediador do jornalista. A nossa análise disposicionalista, contudo, está focada nas tendências que motivam esse ator a pensar e agir como repórter-amador.

A estrutura do mundo social e as relações que se realizam dentro dela, de forma interdependente, são retidas em cada ator de maneira diferente. O indivíduo sofre influência da sociedade, na mesma medida que a influencia. Nesse cenário, o cidadão constrói esquemas disposicionais flexíveis e adaptáveis acionando as experiências do passado, atualizadas em socializações do presente, o que gera as variações intra e interindividuais que analisamos.

Ao concluir uma tese de doutorado, todo pesquisador expressa, concretamente, o seu desejo de contribuir para a compreensão de aspectos de um mundo real. Nesse mundo real em que realizei esta pesquisa, estou na condição de jornalista que atua no campo do jornalismo e é a partir desse lugar de fala que desenvolvo a pesquisa apresentada nas páginas que seguem. Essa posição me coloca como pesquisadora que analisa o seu próprio campo.

Capítulo 1

Por uma sociologia disposicionalista da ação: um olhar mais singular do social

1. O programa de estudo de Lahire: por uma compreensão da teoria do ator plural

Como revelamos na introdução, esta pesquisa foi motivada pela observação de ações realizadas por cidadãos que, mesmo antes das facilidades da internet, já se esforçavam para serem ouvidos e participarem do processo de elaboração da informação no jornalismo. Nem todos os atores tomavam essa iniciativa, só uma parte deles se sentia, inicialmente, estimulada a interagir com a grande imprensa e, posteriormente, inclinada a criar espaços próprios para produzir notícia.

As razões para essa ação social podem ter origens nos universos particulares desses cidadãos, mas refletem o resultado das influências disposicionais de processos de socialização heterogêneos, que são retidos de diferentes formas em cada indivíduo. Essas ações, apesar de estarem sendo acionadas a partir de tendências individuais, estão levando a mudanças sociais no ciclo de produção da notícia e, consequentemente, no campo do jornalismo.

Nesta tese, realizamos uma análise disposicional para nos aproximar do cidadão comum que não permanece no lugar passivo da audiência[1], indo mais além. O nosso objetivo é estudar o universo desse ator, reconstruindo a sua trajetória de vida. Tudo isso para compreender quais são as disposições que contribuem com mais frequência para que ele acione inconscientemente o seu repertório de esquemas disposicionais que vai motivá-lo a realizar práticas mais ativas no processo de produção da notícia[2] no jornalismo[3].

---

[1] A audiência é um termo que estamos utilizando para nos referir ao público para o qual os veículos de comunicação direcionam as suas mensagens. Existem várias denominações para esse público, dependerá do veículo. No impresso, utiliza-se leitor. No rádio, ouvinte. Na televisão, telespectador. Na mídia digital, internauta. Vários estudos de recepção já foram realizados para entender como acontece o processo de formação dessa audiência. Vizeu (2005) elabora o conceito de audiência presumida para realçar que o jornalismo é uma prática discursiva. Ele considera que a audiência presumida é formada através da imagem que os jornalistas constroem antecipadamente desse público a partir de uma série de valores, como a cultura profissional e a organização do trabalho. Esse profissional, porém, é influenciado diretamente pelo contrato de comunicação, que estabelece uma ligação entre as empresas de comunicação e os cidadãos.

[2] Um acontecimento vira notícia pelo seu valor informativo, que indica a relevância do acontecimento. Os valores-notícia são um dos principais componentes da narrativa jornalística. Devem trazer novidade e originalidade, gerar repercussão, revelar importância e gravidade, registrar a opinião de todas as pessoas envolvidas e divulgar a posição de autoridades que possam trazer esclarecimentos e tomar decisões para resolver os problemas abordados. Esse processo, bem articulado, produz o sentido desejado, associando a imagem dos meios de comunicação ao local de referência para o debate público (MARTINI, 2000). No capítulo que trataremos sobre o jornalismo, abordaremos as mudanças no conceito de notícia geradas a partir das novas relações sociais que se estabelecem entre o jornalista, a empresa e o cidadão comum em um mundo conectado em rede.

[3] No segundo capítulo, trataremos o jornalismo com mais profundidade a partir de nossa perspectiva do jogo do agir ativamente, criado com base nos estudos de Lahire (2010b; 2006b) sobre o mundo dos escritores. Em nossa

A noção de disposição ou de tendência é construída pela representação social de uma força interna, que é forjada nos processos de socialização e nos esquemas de ação do passado e do presente. Esses esquemas são acionados em meio ao emaranhado de influências que o cidadão comum recebe ao longo de sua trajetória de vida. Essa força interna vem do pensamento e da ação, que sofrem interferências do contexto e das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos.

Para reconstruir essa trajetória e ter acesso aos esquemas disposicionais que nos revelaram a heterogeneidade do patrimônio do ator que estamos estudando, tomamos como suporte a sociologia à escala do indivíduo de Bernard Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b). Esse teórico francês propõe um programa de investigação que estimula o pesquisador a criar as condições necessárias para realizar um estudo mais singular do social por meio de reflexões sobre a pluralidade das lógicas da ação e sobre as formas de incorporação do social ao longo dos processos de socialização do passado e do presente.

Quando Lahire trata de seu programa de estudo não deixa de abordar o eterno dilema da sociologia, que é a relação entre estrutura e indivíduo. O entrecruzamento dessas duas perspectivas, porém, não pode ser compreendido como naturalmente excludentes. Nessa dimensão e a partir da perspectiva teórica da sociologia da escala individual, Lahire acredita ter solucionado o dilema sociológico ao afirmar que o social está no indivíduo e o indivíduo está no social. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual.

O conceito utilizado aqui de cidadão comum é o mesmo do de leitor comum usado por Morais (1997), em sua tese sobre a construção da notícia científica, e por Melo (2003), em sua dissertação sobre a agenda e o discurso do índio na mídia pernambucana. O cidadão comum é aquele que recebe a informação dos veículos de comunicação sem ter participado do processo de construção da notícia ou mesmo sem ter reagido a ela através de comentários, ainda que não tenha concordado com o conteúdo de um texto ou com o enquadramento de uma imagem. Esse indivíduo simplesmente consome a notícia elaborada pelos jornalistas por ser, na maioria dos casos, a única forma de se manter informado sobre a atualidade (MORAIS, 1997; MELO, 2003).

---

tese, o cidadão comum entra e sai do campo do jornalismo (BOURDIEU, 1983; 1996; 1997; 1999a; 2003; 2008), não permanece nele. Este ator é remunerado pelo seu trabalho em outro campo social. Aqui, estamos fazendo uma abordagem inicial do tema para que possamos contextualizar como o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire vai nos ajudar a observar os universos dos atores estudados e compreender os esquemas disposicionais que eles acionam com mais frequência para não ser apenas um consumidor da notícia.

Consideramos que esse cidadão comum vai além do papel de simples consumidor da informação para "agir ativamente" no processo de construção da notícia no jornalismo, seja a partir de iniciativas individuais ou coletivas, quando exerce dois outros papéis: o de cidadão-repórter[4] e o de repórter-amador. É este o contexto que iremos perpassar para analisar o universo dos atores que entrevistamos nesta pesquisa acadêmica.

Nesta tese, o cidadão-repórter dialoga com os veículos de comunicação por meio de canais abertos pelas empresas na internet para que possa interagir, comentando as notícias e enviando sugestões de pauta[5]. Ou seja, colaborando de alguma forma para o complexo processo de produção da matéria jornalística. Com isso, o cidadão-repórter é o cidadão comum que colabora com jornalistas e empresas de comunicação:

Quadro 1

Meios de colaboração do cidadão-repórter
Comentários;
Sugestões de pautas, enviados pelos canais de interação que os veículos criaram pela internet.

FONTE: Elaboração própria

Para realizar esse diálogo, o cidadão-repórter não recebe remuneração: é voluntário, não tem compromisso com horário ou com as normas e os valores do campo do jornalismo. Em alguns veículos, o ator que é cidadão-repórter chega a ser identificado como coprodutor da notícia no texto da matéria jornalística que é editada e veiculada. O jornalismo, principalmente o praticado pela grande imprensa, está abrindo cada vez mais espaços de diálogo com o cidadão comum por meio da internet. E isso acontece até mesmo para se legitimar como campo profissional que quer manter o poder de fazer a mediação entre a audiência e os outros campos sociais[6], determinando a agenda de assuntos que será debatida pela sociedade.

Com a popularização do uso do computador, a sociedade está cada vez mais conectada em rede. É neste contexto que o ator tem buscado as ferramentas do mundo virtual para se informar e se comunicar por meio dos canais que surgem na internet. Desta forma, o indivíduo pode ir direto às fontes de informação sem precisar recorrer à intermediação das

[4] Sbarai (2011) e Moretszohn (2007) utilizam o termo cidadão-repórter, que vamos aprofundar no capítulo que trata do jornalismo.

[5] A pauta contém a relação dos assuntos que são trabalhados pelos jornalistas a cada edição. Essa é a primeira fase de um complexo processo de seleção que vai definir o que vira ou não notícia.

[6] No capítulo que aborda o jornalismo, explicaremos o conceito teórico de campo social de Bourdieu (1983; 1996; 1997; 1999a; 2003; 2008), que é o espaço de disputas dos atores para que sejam reconhecidos como membros de um grupo e para que possam adquirir e dominar os seus valores e normas.

empresas jornalísticas, o que está mexendo com a estrutura de poder instituída pelos veículos de comunicação.

Quando o ator é excluído do processo que seleciona o que é e o que não é notícia, a informação publicada pode não corresponder ao que o indivíduo sugeriu ou comentou. Ao não concordar com o resultado final deste processo, ou seja, com a forma como a notícia foi editada pelos conglomerados[7] de mídia, ele pode tomar três posições: 1) continuar a consumir e colaborar sem externar opinião, 2) consumir e colaborar, comentando e enviando sugestões de pauta e 3) a partir desse descontentamento não só consumir e colaborar com a grande imprensa, mas ir além, construindo um espaço onde ele possa ser o produtor da informação.

É o indivíduo que adota esta terceira posição que estamos chamando de repórter-amador. Ele toma a iniciativa de produzir notícia de forma espontânea, sem o compromisso de estabelecer um vínculo profissional. Entra e sai do campo porque não tem a responsabilidade de dedicar um tempo fixo e determinado à produção da informação. Também não estabelece método de apuração para que possa divulgar outras versões do mesmo fato. Como não é um campo de trabalho prioritário, já que esses atores não exercem esta função de forma profissional, eles delegam a essa prática o tempo livre, o que não está sendo dedicado à atividade que o sustenta financeiramente.

Em nossa tese, o cidadão comum passa a ser considerado repórter-amador quando busca dar este passo mais adiante. Ou seja, vai além dos papéis de consumidor e de colaborador dos conglomerados através de comentários e sugestões. Decide criar de forma voluntária e amadora um espaço próprio para ter o poder de desempenhar o papel de repórter, que escreve e compartilha a sua informação, rompendo com o padrão de comportamento que se esperava da audiência. Com isso, o repórter-amador é o cidadão comum que:

Quadro 2

O que faz o repórter-amador
Toma a iniciativa de criar um espaço próprio de expressão para se comunicar com o outro sem a mediação de jornalistas e empresas de comunicação. Essa produção de notícia ocorre majoritariamente pela internet. Nesse espaço, o repórter-amador não é remunerado, faz um trabalho voluntário, dedicando a ele o seu tempo livre. Não tem compromisso de utilizar métodos da cultura jornalística para a produção da notícia, divulgando outras versões sobre um mesmo fato.

Fonte: Elaboração própria

[7] De acordo com Melo (2011), os conglomerados são empresas voltadas para o mercado. Elas têm o objetivo de vender o seu produto, que vai além da informação. Os conglomerados reúnem jornais, revistas, televisões, rádios e, na fase atual, as mídias digitais. Também podem agregar outras empresas ligadas ou não à comunicação, como editoras, gravadoras, produtoras de cinema, institutos de pesquisas e até instituições financeiras.

Por meio desse espaço autoral, o repórter-amador pode escrever e reproduzir o que considera importante, divulgando informações para os outros indivíduos sem ter que ficar dependendo da mediação dos conglomerados. Dessa forma, não precisa se submeter aos filtros impostos pelas empresas, construídos a partir de critérios econômicos, políticos e empresariais, e que não são expostos de forma pública e transparente para a sociedade. O repórter-amador está livre de qualquer compromisso com formato, valores e normas do campo profissional do jornalista, embora faça uso intuitivamente de alguns recursos do campo. Ele utiliza as ferramentas tecnológicas da internet que facilitam a operacionalização e otimizam o tempo.

A produção da notícia neste espaço é tratada como uma forma de denunciar problemas vivenciados pela sociedade ou um *hobby*, como indica a pesquisa de campo que realizamos nas duas etapas da fase empírica de nosso estudo.

O objetivo de nossa pesquisa é mostrar quais são os esquemas disposicionais que são acionados, com mais frequência, pelos cidadãos que agem ativamente no jornalismo, analisados nesta tese, e revelar como isso acontece. É importante deixar claro que o conceito do agir ativamente está vinculado a duas práticas que não precisam estar sendo desempenhadas de forma simultânea, mas que são ativadas por meio de esquemas disposicionais acionados inconscientemente. Com isso, o cidadão comum que age ativamente desempenha dois papéis:

Quadro 3

Iniciativas do cidadão comum
Cidadão-repórter: colabora com os conglomerados de comunicação comentando as notícias e enviando sugestões de pautas, que podem ou não ser aproveitadas;
Repórter-amador: cria um espaço próprio de expressão para se comunicar com o outro sem a mediação de jornalistas e empresas de comunicação.

FONTE: Elaboração própria

Ao não receber remuneração pela colaboração com os conglomerados e pela produção da informação em seu espaço na internet, o cidadão comum realiza uma espécie de jogo do agir ativamente. Ou seja, ele entra e sai do campo do jornalismo a qualquer momento porque não tem uma posição permanente. É um jogador de múltiplos pertencimentos, conceito que tomamos como referência a partir da noção empregada por Lahire (2010b; 2006b). Para estudar o universo dos escritores, Lahire se apoiou na noção de jogo literário por considerar que ela é mais apropriada do que os conceitos de campo social de Bourdieu (1983; 1996; 1997; 1999a; 2003; 2008) e de mundo das artes de Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009).

Em sua teoria de campo do jornalismo, Bourdieu afirma que os atores especialistas lutam internamente para obter e manter o capital[8] cultural e o simbólico que os farão ser reconhecidos pelos outros indivíduos que concorrem diretamente com eles. É esse capital que distingue os especialistas em jornalismo dos cidadãos comuns[9].

Em sua teoria sobre o mundo das artes, Becker discorre sobre o processo de produção desse mundo social, a partir de uma perspectiva mais funcional. Neste mundo, os indivíduos colaboram, de uma forma ou de outra, para a concepção da obra de arte. Isso ocorre em uma rede de cooperação e de interdependência que coloca em um movimento circular todos os indivíduos envolvidos na produção da obra. Nesta rede, estão dispostos não só o artista, mas o marceneiro, o *marchand* e até o público consumidor.

Lahire (2010b; 2006b) argumenta que, para compreender a vida dupla dos escritores dentro do universo da literatura, a noção de jogo dá mais flexibilidade para o ator entrar e sair deste universo, sem deixar de lado os aspectos dos conflitos, das disputas, da cooperação e da interdependência. Ao utilizar o conceito de jogo para olhar sociologicamente as disposições do escritor, por exemplo, o pesquisador pode ficar mais atento às variações inter e intraindividuais das ações e à pluralidade das disposições e competências, que são ativadas inconscientemente pelos indivíduos em contextos de socialização heterogêneos.

Estes três conceitos – jogo, campo e mundo – estão, contudo, inscritos em uma tradição de estudos de reflexões sociológicas que têm como objetivo compreender a diferenciação de funções em mundos sociais que fazem parte de sociedades cada vez mais complexas. Nas sociedades diferenciadas, como a nossa, o indivíduo não pode ser compreendido como o resultado reduzido de uma ação. O ator circula de um contexto a outro de ação e de uma a outra atividade.

Por meio do conceito de jogo, o cidadão comum que, em nossa tese, age ativamente no jornalismo se posiciona em um espaço que representa a interface entre o campo do jornalismo e o mundo do jornalismo, como iremos detalhar no segundo capítulo, destacando os contextos que favoreceram o surgimento do cidadão-repórter e do repórter-amador.

É importante ressaltar que enfrentamos dois desafios quando buscamos compreender o esquema disposicional que o ator ativa inconscientemente, para se motivar a: colaborar com

[8] Para Bourdieu (1996; 1999a; 2003), o conceito de capital social tem inúmeras dimensões, não se restringe ao âmbito econômico, do acúmulo de bens e riquezas econômicas. Muito pelo contrário, vai mais além, nos remete aos diferentes tipos de capital que estão explícitos e implícitos na sociedade, como o cultural, o político e, sobretudo, o simbólico. O capital simbólico é um poder invisível que engendra e perpassa todos os espaços sociais. No caso do jornalista, o capital social é adquirido pela acumulação do conhecimento e da cultura da profissão, que pode ser percebida e respeitada pelos outros atores especialistas de outros campos.

[9] Veja quadro que identifica as características que diferenciam os jornalistas especialistas dos cidadãos comuns que agem ativamente desenvolvendo práticas jornalísticas no capítulo que trata do jornalismo.

os meios de comunicação e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia. A intenção é entender como isso acontece de forma plural e única no universo de cada um de nossos atores estudados.

O nosso primeiro desafio foi identificar as variações disposicionais que o indivíduo aciona, com mais frequência, para pensar e agir como coprodutor e produtor da notícia, apesar do emaranhado de tendências que surgem ao longo dos processos de socialização do passado e do presente. Para poder fazer essa identificação, tomamos como ponto de partida os participantes do fórum colaborativo[10] do Diario de Pernambuco (DP).

Como as disposições são complexas e mudam de indivíduo para indivíduo**,** a partir de contextos sociais e relações que se estabelecem entre os atores, encontramos as chaves de compreensão que nos ajudaram a elaborar representações de configurações[11] das disposições identificadas, acionadas inconscientemente pelo ator que age ativamente no jornalismo.

Essas configurações nos auxiliaram a fazer a conexão entre as disposições sociais que os cidadãos comuns processam inconscientemente e a nossa percepção sobre essas mesmas variações. Essa conexão foi construída através das ações e dos pensamentos externados pelos entrevistados quando reconstituímos as variações disposicionais de cada um deles no jogo de entrada e saída do campo do jornalismo. De forma resumida, podemos destacar no quadro a seguir o nosso primeiro desafio:

Quadro 4

Primeiro desafio de análise
A partir do emaranhado de tendências que surgem ao longo dos processos de socialização, identificar variações disposicionais que levam o cidadão comum a pensar e a agir ativamente no jornalismo;
Encontrar chaves de compreensão para elaborar configurações que nos auxiliaram a fazer a conexão entre as disposições acionadas inconscientemente pelos cidadãos comuns e a nossa percepção sobre essas mesmas variações.

FONTE: Elaboração própria

Inicialmente, identificamos quais eram as características mais comuns dos atores que fazem parte do grupo mais ativo do fórum do DP. Depois, chegamos aos seis indivíduos analisados com mais profundidade nesta tese.

O segundo desafio enfrentado foi observar as dissonâncias das variações disposicionais, a partir das configurações traçadas anteriormente, para entender como cada um

[10] O fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, utilizado como fonte de referência para que pudéssemos chegar aos nossos entrevistados na pesquisa empírica, pode ser acessado pelo endereço: www.diariodepernambuco.com.br/cidadao, último acesso em novembro de 2011.

[11] Esse desenho das variações disposicionais será explicado e detalhado no capítulo que trata da metodologia.

desses seis atores aciona os seus esquemas disposicionais para processar o complexo mecanismo de suspensão/ação ou inibição/ativação das tendências que os levam a agir ativamente, uma vez que cada indivíduo tem uma trajetória plural e única.

Esse esquema disposicional é composto por um conjunto de disposições ou tendências, acionado quando o indivíduo pensa, sente e age. É individual e intransferível, construído a partir das experiências vivenciadas por cada ator no mundo social nas quais vão adquirindo repertórios de patrimônios disposicionais mais ou menos heterogêneos. Isso porque cada ator tem uma trajetória própria. Ele recebe uma série de influências, mas é único. Esse esquema não é fechado e estanque, mas flexível, o que faz com que o indivíduo se adapte aos contextos vividos.

No nosso caso, a internet e as ferramentas tecnológicas, que facilitam a interatividade entre os atores, contribuíram para que o cidadão se sentisse estimulado a adotar novas práticas que favoreceram a sua atuação jornalística de forma voluntária e amadora. Para analisar os esquemas disposicionais dos indivíduos estudados nesta pesquisa, enfrentamos o segundo desafio exposto de forma sintética no quadro a seguir:

Quadro 5

Segundo desafio de análise
Observar as dissonâncias das variações disposicionais a partir das configurações mais gerais para ter acesso aos esquemas disposicionais dos seis indivíduos analisados nas duas etapas da pesquisa;
Analisar o complexo mecanismo de suspensão/ação dos esquemas disposicionais que cada indivíduo aciona inconscientemente;
Realizar, por meio desses esquemas, as comparações das variações inter e intraindividuais.

FONTE: Elaboração própria

Para que pudéssemos cumprir os dois desafios expostos acima, recorremos ao trabalho teórico de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), o seu programa de estudo para uma sociologia à escala do indivíduo. Por meio desse programa, tivemos a possibilidade de investigar como o social, incorporado pelo indivíduo nas fases de socialização do passado e do presente, contribuiu para levar cidadãos comuns a irem além do papel de simples consumidores da notícia.

Para compreender os argumentos de Lahire, temos que entender a tradição da teoria disposicionalista, que está na base dos seus estudos. Lahire nos ajudará a observar quais são os esquemas disposicionais que os indivíduos acionam inconscientemente com mais frequência e força quando agem ativamente no jornalismo, e como isso acontece na trajetória

de vida de cada um dos atores estudados nesta pesquisa. A nossa intenção é analisar um aspecto da realidade do jornalismo menos caricatural e estereotipada.

1.1 A tradição da teoria disposicionalista

A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, propensão, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. Está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Desta escola, fazem parte estudiosos como Weber (1999; 2005), Bourdieu (1993; 1996; 1999a; 2003; 2008), Goffman (1975), Elias (1994a e 1994b) e Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b).

A disposição é uma força interna, forjada nos processos de socialização, nos esquemas de ação do passado e do presente que sofrem influência do contexto e das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos. É um conceito que carrega muita afetividade, mas pode ter um componente forte de racionalidade.

A disposição enquanto propensão é uma inclinação do "é mais forte do que eu" (LAHIRE, 2004a, p. 331). Essa disposição pode assumir a forma de uma paixão (disposição + forte apetência), de uma rotina (disposição + ausência de apetência) ou de um mau hábito (disposição + desgosto). Podemos encontrar dois tipos de disposição (LAHIRE, 2006a): a de crer (mental) e a de agir (comportamental). A primeira se caracteriza pelo que julgamos ser importante. A segunda pelo que estamos dispostos a fazer. É difícil separar essas duas disposições. Elas estão inter-relacionadas porque antes da ação, existe sempre o pensamento que impulsiona o indivíduo à prática, o que ocorre mesmo de forma inconsciente.

Apesar de a pesquisa estar centrada no contexto da ação, ao se investigar as disposições sociais que motivam o indivíduo a ter práticas jornalísticas, na análise mais substancial do *corpus*, o pensamento sempre vai perpassar a ação. Sem a capacidade de entender o que o ator observado pensa ou julga crer e as suas percepções, é impossível se compreender uma disposição.

Nesse sentido, nossa pesquisa trabalha com a disposição para a ação, considerando o pensamento que aciona os dispositivos para a prática. Partimos do pressuposto que é a associação das disposições para crer e agir que levam o indivíduo, estudado nesta tese, a acionar inconscientemente esquemas disposicionais que o fazem tomar a decisão de agir ativamente no jornalismo. Mas é só uma parte da audiência que quer ser cidadão-repórter e repórter-amador.

A disposição se revela pelas ações e pela ideia de recorrência. Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista busca reconstruir uma realidade como ela é observada

indiretamente. É um trabalho de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas.

Para Lahire (2004a), há uma diferença entre disposição e competência. Enquanto a noção de disposição faz parte de um esquema de ação prática, o conceito de competência está vinculado a uma qualificação, a uma qualidade racional. A competência está relacionada a saberes ligados a uma circunstância ou a uma prática bem particular de treinamento, inserida em um determinado contexto. Esse treinamento para a constituição da competência, contudo, poderá significar que o indivíduo tem uma disposição geral (forte) ou específica (fraca) para determinada ação prática.

> A competência é uma capacidade, uma potencialidade e não uma inclinação relativamente permanente. Contextos (tarefas, atividades) muito precisos vão comandar sua mobilização, mesmo que ela possa ser também relativamente transferível (LAHIRE, 2004a, p. 331).

Em nossa pesquisa, os conceitos de disposição e de competência, contudo, estão muito próximos, juntos contribuem para formar a noção que utilizamos ao longo deste estudo: a de agir ativamente. Essas expressões representam a conexão entre o "estar disposto" e o "ter competência" para que o cidadão comum acione inconscientemente os dispositivos que o motivam a desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da informação. Nesta tese, queremos saber quais são as variações que influenciam este ator com mais força e como esse processo de ativação individual acontece.

Os seis indivíduos que estão com os seus perfis sociológicos apresentados nesta tese revelaram, no capítulo da análise, os seus esquemas disposicionais para interagir com os conglomerados de comunicação e criar canais alternativos de expressão, sinalizando para os fatores relacionais e contextuais que mais contribuíram para que pudessem aperfeiçoar as suas competências comunicacionais.

Quem afirmou não pretender ingressar em curso de graduação universitária para ser um jornalista – profissional que é remunerado para fazer a notícia e tem nesta prática a sua atividade principal para a qual dedica o seu tempo de trabalho – deixou transparecer que a competência para o agir ativamente está relacionada às disposições para gostar de ler e de querer "escrever bem". Informações que foram reveladas na pesquisa empírica e que têm vinculação com os processos de socialização na família e na escola.

Um dos nossos entrevistados, José do Interior, fez questão de frisar que, antes de enviar qualquer texto para a grande imprensa ou escrever em seus espaços de comunicação na internet, revisa cuidadosamente o conteúdo para não cometer erros. Ele gosta de ler e

escrever. Um texto bem escrito transmite, para José, segurança e clareza nas informações. Ele expressa o receio de ser questionado por algum dado que possa estar confuso e impreciso, sinalizando que, mesmo sem uma graduação em jornalismo, reconhece um dos valores da prática jornalística: a precisão do texto, que deve estar claro.

Para escrever textos, o indivíduo, segundo ele, tem que conhecer o assunto de que está tratando, mostrando argumentos que não podem se restringir à simples denúncia sobre algo que afeta a ele ou à comunidade em que vive. Este fator, como iremos ver na análise, tem um forte componente contextual para o agir ativamente. Além do mais, uma redação bem escrita representa, para José, uma superação, já que ele enfrentou muitas dificuldades para estudar. Entrou na escola já tarde, com oito anos. Aos 14 anos, ainda estava no 6º ano, quando teve que parar de frequentar a sala de aula para trabalhar com o pai.

Voltou para o colégio aos 28 anos, fez o supletivo para concluir o ensino fundamental II, estimulado pela oportunidade de fazer concurso e entrar no serviço público. Demorou cinco anos para terminar o ensino médio em função de duas repetências. Mesmo assim, não desistiu e finalizou o ensino médio aos 35 anos. Por tudo isso, José quer mostrar sua competência nas redações, o que faz parte de sua disposição para agir ativamente.

Em *Retratos sociológicos*, Lahire (2004a) percebeu que o indivíduo pode ter certas competências sem ter inclinação para aplicá-las espontaneamente. E que certas disposições, segundo ele, estão associadas a contextos próprios. Se não houver um contexto favorável, as disposições podem ser facilmente controladas. Se o contexto não for favorável, a disposição não é ativada ou pode entrar em crise. O aspecto contextual está ligado às variações interindividuais.

Assim como o fator contextual, o aspecto relacional é fundamental para que as disposições sejam ativadas ou não, atualizadas ou não, como relata Lahire (2004a) ao analisar o estudo de caso de Sarah Jarry[12]. A formação cultural que ela recebeu dos pais foi posta de lado quando começou a se relacionar com o marido. Jarry mudou suas práticas culturais por influência das relações com o marido e os amigos dele. Esse aspecto relacional está ligado às variações intraindividuais.

> Como fortes disposições (e competências) culturais podem ser postas – ao menos temporariamente – de lado para dar lugar a práticas culturalmente menos legítimas? É pergunta que se faz no caso de Sarah. Fica claro que as disposições culturais de Sarah não encontram as condições favoráveis para a sua atualização. Quer se fale da adaptação aos gostos do companheiro (ou da influencia do companheiro), quer se saliente a tomada de distância da influência cultural da mãe, é evidente que o

[12] Para proteger o anonimato dos entrevistados, Lahire utilizou nomes fictícios. Todos os personagens citados em *Retratos sociológicos* estão aqui referidos dentro dessa situação.

> contexto relacional é determinante na aplicação ou na repressão das disposições em questão e que uma das situações típicas da repressão é uma situação de dominação imposta ou consentida (LAHIRE, 2004a, p. 222).

Em *Cultura dos indivíduos*, Lahire sinaliza (2006a) que, independentemente do meio social e profissional do pesquisado, a situação sempre mais provável é a da dissonância cultural. Ao estudar as variações intra e interindividuais da sociedade francesa, tomando como ponto de partida os dados levantados por uma pesquisa quantitativa sobre as práticas culturais de um grupo de franceses[13], Lahire (2006a) observou que os indivíduos mais abertos às diversas influências (manifestações culturais) são os mais propensos a sentir, neles mesmos, as contradições de suas próprias práticas e preferências. Quando o pesquisador despreza isso, corre o risco de definir quadros caricaturais.

> A constatação da grande variedade de perfis culturais individuais e da grande importância dos perfis dissonantes, da perspectiva do grau de legitimidade cultural de práticas e de preferências, poderia, por si só, dar lugar a longos comentários sociológicos sobre a especificidade do social incorporado, do social em escala individual, pois permite tomar consciência do fato de que cada indivíduo se aproxima de centenas, e mesmo de milhares de outros, em certos pontos, distingue-se deles em outros pontos, e de que, no fim das contas, cada indivíduo é indissociavelmente 1) o produto social de uma infinidade de experiências socializadoras e 2) um ser relativamente singular enquanto mistura de estilos que tem poucas chances de encontrar um clone perfeito no espaço social (LAHIRE, 2006a, p. 166).

Lahire (2006a) avaliou que, nos dados mostrados pela pesquisa quantitativa "Práticas culturais dos franceses de 1997", existe uma extrema dispersão entre os entrevistados seja por uma ou várias nuances. A pesquisa quantitativa oferece um quadro geral, mas é a pesquisa qualitativa que vai mostrar as razões das variações inter e intraindividuais ou oferecer instrumentos para que o pesquisador possa perceber a origem das múltiplas influências dos processos de socialização pelas quais o indivíduo passa.

Quando se procura destacar as variações intraindividuais percebe-se a amplitude das variações interindividuais. Cada ator é único, produto de uma infinidade de experiências socializadoras. Essas variações mostram, de certa forma, o funcionamento do mundo social. Os processos de socialização cultural dos indivíduos jamais se realizam em "quadros únicos e homogêneos" (LAHIRE, 2006a).

---

[13] A pesquisa a qual Lahire se refere em *Cultura dos Indivíduos* foi intitulada "Práticas culturais dos franceses de 1997". Nela, analisou-se a situação cultural de um grupo de franceses a partir das diferenças de classes sociais e níveis educacionais. A pesquisa revelou o peso de dois grandes determinantes sociais: a situação socioprofissional e o nível de diploma dos entrevistados.

A sociologia das disposições está preocupada em captar os efeitos socializadores dos deslocamentos sejam eles grandes ou pequenos nas disposições individuais socialmente constituídas. É ela que poderá dar conta do problema levantado por nossa tese: quais são as disposições sociais, atualizadas a partir de fatores relacionais e contextuais, que contribuem mais frequentemente para o cidadão comum querer agir ativamente para desempenhar os papéis de cidadão-repórter e de repórter-amador? Como isso acontece para que possamos perceber as dissonâncias inter e intraindividuais entre os seis indivíduos analisados?

É na ação para dar visibilidade ao agir ativamente que o ator aciona os seus esquemas disposicionais, patrimônios incorporados por meio de esquemas de ações passadas e de situações vivenciadas no presente. De acordo com cada um desses momentos, o indivíduo vai mobilizando as suas variações disposicionais.

Nas investigações das disposições sociais, o pesquisador poderá identificar analogias práticas nas ações do indivíduo estudado, ou seja, semelhanças parciais nas atitudes que o mesmo indivíduo realizou no passado e no presente (LAHIRE, 2002). Isso só ocorre quando se reconstroem as trajetórias de vida, sem negligenciar a complexidade de cada situação.

> É na capacidade para encontrar a semelhança entre a situação presente e experiências passadas incorporadas sob a forma de resumos de experiência que o ator pode mobilizar as "competências" que permite que ele haja de maneira mais ou menos pertinente (LAHIRE, 2002, p.69).

Em nossa pesquisa empírica, a disposição para agir ativamente no jornalismo – interagir com as empresas de comunicação e criar canais próprios para produzir informação – está vinculada, essencialmente, à capacidade de mobilizar determinadas competências. Apesar de cada ator ter seu esquema disposicional próprio, ele é acionado a partir de fatores contextuais e relacionais que ativam competências em comum, a exemplo da busca de informação independentemente do grau de dificuldade, da necessidade de se expressar e de resolver problemas coletivos, como veremos na análise.

Essas disposições e competências para o agir ativamente se constituem em indicadores fortes de estímulo para que o cidadão comum esteja motivado a querer ser coprodutor e produtor da notícia no jornalismo, como sinalizaram os indivíduos que participaram da primeira fase de nossa pesquisa de campo. Essas variações foram, posteriormente, sendo aprofundadas na etapa seguinte, das entrevistas em profundidade, longas e minuciosas, realizadas sucessivamente com seis do 20 cidadãos da primeira fase.

Elas geraram os desenhos das configurações que nos levaram aos fatores de ativação internos e externos dos esquemas disposicionais dos seis cidadãos analisados na segunda fase

da pesquisa empírica. Esses esquemas eram, contudo, acionados de forma distinta por cada um dos indivíduos estudados. Isso porque ao chegar às dissonâncias das variações, procuramos observar como elas eram processadas por cada um dos entrevistados.

Quando nos referimos à possibilidade de identificar analogias práticas, estamos nos remetendo ao fato do agir ativamente poder ter sido acionado em ações exercidas pelo mesmo indivíduo em situações passadas. O ator que é coprodutor ou produtor da informação no jornalismo já pode ter tentado criar condições de possibilidade para atuar, ou mesmo ter atuado, dessa mesma forma em circunstâncias anteriores, antes da popularização da internet, que facilitou as formas de comunicação e de interação.

Quando era adolescente Pedro do Batuque, um dos indivíduos analisados nesta pesquisa, já tinha participado de experiências alternativas de comunicação, trabalhando em duas rádios comunitárias em bairros da Zona Oeste do Recife. Na primeira delas, colaborou voluntariamente ao se engajar em uma organização não-governamental (ONG) responsável pela iniciativa. Na outra rádio, foi chamado para atuar profissionalmente na organização da programação da emissora em função da experiência anterior.

Nessas duas ocasiões, Pedro desempenhou os papéis de cidadão-repórter e de repórter-amador quando criou condições para dar visibilidade aos problemas das comunidades em veículos de pequeno porte – criados para servir como meio de comunicação alternativa aos veículos da grande imprensa –, já que, segundo ele, as notícias da periferia onde ele morava não tinham espaço nos conglomerados. Pedro também participou da edição de um jornal de bairro feito pela mesma ONG, que queria instituir um espaço próprio de comunicação para a comunidade se reconhecer.

Depois, Pedro deixou a área de comunicação, de que tanto gostava, para trabalhar em uma empresa de transporte urbano. Como a disposição para agir ativamente continuava forte, ele descobriu, em 2008, o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) e encontrou naquele espaço uma forma de ativar, em outro contexto, a sua disposição e competência para se comunicar com outras pessoas sobre assuntos que o interessava. Dessa forma, interagiu com a grande imprensa, atuando como cidadão-repórter.

Já Antonio Empreendedor, outro personagem enfocado em nossa pesquisa, gostaria de ter criado um jornal de bairro para contar os problemas da escola estadual onde estudava e da comunidade onde morava. Não conseguiu. Como nenhum amigo quis participar do projeto, não pôde assumir sozinho a responsabilidade de publicar o jornal. Não tinha colaboradores nem recursos financeiros.

Também com a descoberta do fórum do DP, ele pôde dar vazão à sua disposição e passou a remeter para o canal de opiniões as sugestões de matérias. Depois, foi aprendendo a utilizar as redes sociais na internet e criou dois espaços para produzir a informação do jeito que queria, sem passar pelos filtros econômico, político e empresarial do Diario de Pernambuco, como iremos detalhar mais adiante.

Ao aplicarmos as entrevistas da primeria fase e as entrevistas em profundidade da segunda etapa – que explicaremos no capítulo de metodologia –, reconstruímos as trajetórias plurais e singulares de José do Interior, Pedro do Batuque e Antonio Empreendedor e as de mais três outros atores que serão tratadas na fase da análise. Os entrevistados revelaram, por meio de suas variações intra e interindividuais, quais foram os esquemas disposicionais que favoreceram o agir ativamente e como esses esquemas eram acionados inconscientemente, segundo as disposições e competências que eram mobilizadas e narradas por eles quando falaram sobre as etapas de suas vidas.

Ao relembrar as trajetórias de alguns dos seis entrevistados na segunda fase da pesquisa, pudemos perceber, na análise, que o agir ativamente para se comunicar também pode ser observado para além das fronteiras do jornalismo. Partimos do pressuposto que essas disposições são introjetadas nos processos de socialização passados, que voltam à tona quando são atualizadas pelas relações que foram sendo estabelecidas por eles com outros indivíduos e pelos contextos vividos em cada momento de suas vidas.

Ao estudar a pluralidade das disposições mobilizadas pelos cidadãos, a partir de suas variações intra e interindividuais internalizadas no conjunto das experiências passadas e presentes, percebemos como as disposições podem deflagrar molas propulsoras da ação, motivando o indivíduo a agir ativamente no jornalismo. Não podemos esquecer, todavia, a heterogeneidade dos contextos nos quais esses atores estão inseridos e como essas experiências e representações podem ser despertadas ou silenciadas pelas relações que ele constrói quando age ativamente no jornalismo.

Em uma investigação sociológica, o pesquisador precisa ficar atento às contradições entre as diferentes disposições sociais – fortes ou fracas – incorporadas pelo indivíduo nos variados contextos. Para tanto, devem-se perceber os efeitos dos tipos de socialização que estão sendo estudados, uma vez que são nos diferentes processos socializadores que se forjam as variações individuais, expressadas pelos pensamentos e pelas ações.

A socialização é a transmissão e assimilação de símbolos, valores, normas e padrões de comportamento. A linguagem é o instrumento eficaz para a operacionalização deste sistema, que se divide em primário e secundário. No primeiro, o indivíduo aprende os padrões

de comportamento para entender a lógica do funcionamento do sistema social. No segundo, o aprendizado é mais específico para que o ator possa enfrentar situações mais complexas e ocupar determinadas posições (GIDDENS, 2005; TURNER, 1999).

Segundo Lahire (2004a), existem três grandes blocos que explicam os processos de socialização: 1) o que acontece por treinamento ou prática direta, 2) o que ocorre por efeito mais difuso de organização em uma determinada situação e 3) o que se desenvolve por inculcação ideológico-simbólica de crenças. “Por essas razões, os patrimônios individuais de disposições têm poucas chances de serem perfeitamente coerentes e harmoniosos” (LAHIRE, 2004a, p. 335).

A socialização por treinamento ou prática direta acontece pela participação do indivíduo em atividades recorrentes. Isso ocorre na família, na escola e no trabalho onde se podem construir disposições sociais. A socialização por efeito mais difuso de organização em determinada situação acontece a partir de um determinado contexto e também é conhecida como uma socialização silenciosa. Ela não se dá por meio de uma inculcação moral, ideológica ou pedagógica. É gerada por dispositivos não discursivos. Nesse caso, o exemplo é o da divisão de territórios, como banheiros, que fixam a divisão entre homens e mulheres.

O terceiro tipo de socialização é o que ocorre por meio de uma inculcação ideológico-simbólica de crenças, como as normas culturais, instituídas de forma discursiva ou não, uma vez que são maneiras de ver e de dizer o mundo. Essas diferentes formas de socialização surgem de maneira coerente ou não, mas normalmente são dissonantes. O ator pode perceber isso por meio dos universos sociais que frequenta ao longo da vida.

> De fato, se a teoria da ação que explica nossos comportamentos pela interação entre forças internas (disposicionais) e forças externas (contextuais) for pertinente, pode-se dizer, então, que vivemos constantemente sob influência e que nada do que somos levados a fazer, a sentir e a pensar é redutível ao que incorporamos. Nossas ações dependem do que os contextos duradouros e as circunstâncias mais efêmeras podem tirar de nós ou, ao contrário, nos impedir de fazer (LAHIRE, 2004a, p. 336).

A realidade social é muito complexa e quando o pesquisador estuda sistematicamente as variações intraindividuais dos comportamentos de um indivíduo pode ver os deslocamentos que esse ator faz entre os diversos universos socializadores. Nessa pluralidade, o indivíduo termina realizando a sua composição dentro dos mais variados subsistemas, revelando assim a sua singularidade interindividual e o social que ele carrega a partir dessas influências e de suas disposições.

Em função da plurissocialização e, consequentemente, das variações intra e interindividuais, Lahire coloca como quase improvável o fato de se encontrar um modelo puro

e perfeito de um ator que nunca tenha convivido com pessoas de disposições e competências diferentes e que nunca tenha sido influenciado por elas.

Os indivíduos vivem em âmbitos socializadores heterogêneos e convivem com outros indivíduos que têm disposições distintas das que eles incorporaram. A plurissocialização está na origem da variação interindividual dos comportamentos sociais e na percepção que o indivíduo tem de que é único.

As variações do indivíduo podem ser originadas a partir de deslocamentos feitos pelas influências dos processos socializadores, impulsionadas por mudanças nos âmbitos profissional, econômico e educacional ou ainda por relações de amizade ou de parentesco. Uma análise das variações inter e intraindividuais pretende buscar a pluralidade e a singularidade das disposições que são importantes para que cada indivíduo acione os seus esquemas disposicionais que o leve a agir ativamente no processo de produção da notícia, esteja ele cooperando com as grandes empresas ou não.

A partir das disposições que ele expõe pelo pensamento e pela ação e que não revela diretamente, objetivamos identificar as disposições sociais, combinadas com os aspectos contextuais e relacionais, que mais frequentemente são acionadas pelo cidadão e como esse processo acontece inconscientemente em cada um dos atores estudados.

2. As teorias da ação e do ator

Antes de aprofundar o programa de estudo da sociologia à escala do indivíduo, vamos abordar questões importantes para a teoria disposicionalista e entender as contribuições que as ideias de Lahire trouxeram para essa linha da sociologia. As teorias da ação e do ator estão no subterrâneo da proposta desse teórico francês, construída em torno de uma série de tensões geradas pelas interpretações sobre o papel do ator.

Para estudar as teorias da ação e do ator, precisamos conhecer a base da teoria sociológica da ação de Weber. A sociologia é uma ciência que tenta compreender a ação social de forma interpretativa por meio da qual poderíamos explicá-la causalmente através do seu curso e de seus efeitos (WEBER, 2005; 1999; SCHUTZ, 1979). A ação humana só deve ser considerada quando a pessoa que age atribui um significado à ação, dando-lhe uma direção. É uma conduta intencionada e intencional que se torna social quando é dirigida à conduta de outros.

Weber defendia que a sociologia deveria se ocupar do significado subjetivo da conduta social, significado este que pode ter suas interpretações: a que o próprio autor atribui à sua conduta e a que a sociologia tem da conduta do indivíduo que é observado. Neste último caso,

a sociologia procura estabelecer uma média típica de sentido para um mesmo tipo de ação ou constrói um tipo ideal de conduta.

Weber (BRUNKHORST, 1996) estudou a ação racional. Em função de seu interesse pela compreensão racional, criou o conceito de *Verstehen* ou compreensão, que está ligado à conduta subjetivamente significativa que é interpretada por outro ator ou pelo sociólogo. Essa compreensão pode ser real, quando é originada da observação direta do indivíduo, ou explicativa, quando se baseia nas motivações subjacentes da ação observada.

Nesse último sentido, o sociólogo interpreta através das motivações. Essa foi a estratégia que utilizamos nesta pesquisa, reconstruindo as trajetórias dos indivíduos estudados por meio da aplicação de questionário e da realização de entrevistas em profundidade. Assim, foi possível interpretar pensamentos e ações dos indivíduos estudados e ter acesso aos esquemas disposicionais que cada um deles acionou, de forma plural e singular, para se sentir motivado a agir ativamente no jornalismo.

As teorias da ação e do ator podem ser reunidas em dois grupos, a partir de postulados que, segundo Lahire (2002), não são discutidos, mas dados a priori. No primeiro grupo estão os trabalhos que privilegiam a unicidade e a homogeneidade do indivíduo, conferindo um peso grande ao passado e à ação estratégica de reflexividade, o que resulta em modelos macrossociológicos. Esse grupo não valoriza as características singulares e complexas de um contexto imediato da ação. Nele, pode-se inscrever Bourdieu (1983; 1996; 1997; 2003; 2008) e o seu conceito de *habitu*s.

Quando os especialistas interiorizam e praticam os valores, as normas e os princípios de um campo social, para Bourdieu (1996; 1997; 2003; 2008), eles asseguram, de certa forma, as relações de reprodução e de poder. São dessas relações que se origina o *habitus*, um conhecimento, sentimento, percepção, comportamento e pensamento adquirido, produzido e acumulado a partir da capacidade que cada indivíduo tem de dominar rituais e linguagens próprias de um determinado campo social.

A noção de *habitus* de Bourdieu não se aplica apenas à interiorização de normas e valores, mas também aos sistemas de classificações que já existem e que são anteriores às representações sociais. É na reprodução dessas representações que há um processo de dominação. Bourdieu (2008) também destaca que uma das primeiras funções de orquestração do *habitus* é justamente a autorização da transferência intencional para o outro, como se fosse uma prática que dispensasse a análise.

Uma das funções do conceito de *habitus*, segundo Bourdieu (1996; 2003; 2008), é o de unificar as práticas de um ator e de uma classe. É, sobretudo, um princípio gerador de práticas

distintas e distintivas. É também um esquema classificatório de gostos. São essas diferenças nas práticas, nos bens possuídos e nas opiniões expressas que terminam se transformando em diferenças simbólicas entre grupos e classes. Essas diferenças irão constituir um sistema de disposições duráveis e transferíveis inconscientemente.

Dessa forma, para Bourdieu (1996; 2003; 2008), as disposições se realizam no *habitus* e surgem em condições homogêneas de socializações, evidenciando um ajustamento às situações que poderiam gerar tensões. Apesar disso, Bourdieu (1983) admite que o *habitus*, como produto objetivo de variações de classe e de capitais econômico, social, cultural e simbólico, pode gerar práticas diversas e imprevisíveis se olhadas de forma individual.

> A correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular (BOURDIEU, 1983, p.83).

Lahire parte deste ponto do trabalho de Bourdieu e avança, flexibilizando o conceito de *habitus* para elaborar o seu programa para uma sociologia à escala do indivíduo. É importante ressaltar que, para Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), a noção de disposição está relacionada ao pensamento e à ação que são colocados em prática por qualquer indivíduo a partir de suas experiências incorporadas por meio de esquemas de socializações passadas e presentes.

O indivíduo vai mobilizando inconscientemente as suas disposições de acordo com cada situação vivida, levando em conta aspectos singulares das variações interindividuais (fatores contextuais) e intraindividuais (fatores relacionais). Por isso, Lahire prefere utilizar o termo esquema disposicional, ao qual caracteriza mais aberto, em vez do de sistema disposicional de Bourdieu, que considera mais fechado.

Lahire dá ao termo esquema disposicional flexibilidade porque considera que o indivíduo está mais aberto para se adaptar às mudanças nas configurações dos universos nos quais está inserido. As disposições surgem não só pelas condições de homogeneidade, mas, sobretudo, por situações heterogêneas onde há dissonâncias entre os indivíduos. Até porque o mesmo cidadão pode entrar e sair de diferentes mundos e campos sociais, fazendo um jogo disposicional. O social, ao longo das trajetórias de cada ator, fica retido de diferentes formas, o que torna o universo de cada indivíduo plural e único. Afinal, o contexto é de múltiplas socializações.

Na teoria da prática de Bourdieu (1996), o indivíduo faz um movimento de mão dupla com a estrutura – é estruturado, mas também tem a capacidade de estruturar –, o que vai originar o *habitus*. Em nossa tese, porém, não utilizaremos o conceito de *habitus* porque não estamos trabalhando na perspectiva de estudar se o cidadão comum analisado tem *habitus* que poderia incluí-lo como membro permanente do campo do jornalismo, uma vez que o indivíduo que age ativamente, colaborando com a grande mídia ou criando um espaço próprio para se expressar não destina o seu tempo prioritário a esta prática nem faz isso para ser remunerado. Ele desempenha os dois papéis em seu horário de lazer e de forma voluntária. Ele entra e sai do campo do jornalismo a qualquer momento e o tempo todo, não ficando retido nele.

Para muitos teóricos (HALL, 2003; BOLTANSKY, 2005; JUNQUEIRA, 2010), o conceito de *habitus* é muito rígido para estudar uma sociedade em rede onde o fluxo comunicacional se desenvolve de forma cada vez mais rápida e flexível, e onde o universo do individuo está ficando mais repleto de nuances e dissonâncias pela própria heterogeneidade da sociedade. É nesse contexto que o nosso cidadão comum age ativamente para participar do processo de produção da notícia. A partir dele, buscamos analisar quais são as disposições sociais e como elas são processadas pelo indivíduo que quer ser coprodutor e produtor da informação no jornalismo.

O *habitus* abre diferentes possibilidades de usos e interpretações, mergulhando o ator em uma situação que, para alguns autores, pode "encerrar a possibilidade de que algo novo aconteça" (BOLTANSKY, 2005, p. 162). O próprio Lahire (2004b) explica as limitações do conceito de *habitus* em uma entrevista concedida à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo:

> O argumento que eu desenvolvo em *O homem plural* é que se definimos o *habitus* como um sistema homogêneo de disposições gerais, permanentes, sistemas transferíveis de uma situação à outra, de um domínio de práticas a outro, então cada vez menos agentes de nossas sociedades serão definíveis a partir de um tal conceito. Esse tipo de definição convém melhor para sociedades bastante homogêneas, demograficamente frágeis, com extensão geográfica relativamente pequena, que oferecem esquemas socializantes bastante estáveis e coerentes para seus membros. Nas sociedades em que as crianças conhecem muito cedo uma diversidade de contextos socializantes (a família, a babá ou a creche, a escola, os grupos de iguais, etc.) os patrimônios individuais de disposições raramente são muito coerentes e homogêneos. Bourdieu pensava que seria sobre a base de um *habitus* familiar bastante coerente já constituído que as experiências ulteriores adquiriam sentido. Os esquemas de socialização são de fato muito mais heterogêneos e cada vez mais precoces (LAHIRE, 2004b, p.218).

Não é objetivo dessa pesquisa estudar se o cidadão comum está internalizando ou não o *habitus* do jornalista quando procura agir ativamente, colaborando com a grande imprensa e criando canais alternativos de comunicação para ultrapassar os filtros econômicos, políticos e editoriais estabelecidos pelas empresas. O que queremos é analisar o universo do indivíduo que atravessa os processos de socialização dos diversos mundos sociais para realizar o jogo disposicional do agir ativamente. A partir da reconstituição dessa trajetória, queremos ainda entender quais e como as dissonâncias contribuem para esse ator ativar o esquema disposicional que o leva a ser cidadão-repórter e repórter-amador.

Nossa pesquisa revelou, como demonstramos na análise, que esses indivíduos, mesmo atuando como produtores da informação, não são jornalistas profissionais, já que atuam em outros campos profissionais nos quais são remunerados por dedicar, prioritariamente, o tempo destinado ao trabalho. Ao redigir uma notícia, esse grupo não se percebe como jornalista, no sentido de realizar procedimentos-padrão da cultura jornalística[14]. É o caso de Tom da Lanchonete que não tem interesse em fazer nenhuma preparação específica para entrar nas lutas internas do campo do jornalismo.

Para Tom**,** ser coprodutor e produtor da informação é ter a capacidade de fazer a mediação entre as pessoas que conhece, a grande imprensa e o público da internet que acessa o seu espaço virtual. O objetivo final, segundo ele, é ajudar o próximo e buscar o direito que todo cidadão tem de conquistar mais qualidade de vida. Esta ação de Tom contribui para abalar o sistema de produção da informação antes controlado pelo campo do jornalismo.

A análise das disposições desse novo emissor da informação, em nosso estudo, extrapola o conceito de *habitus* de classe e de grupo. Isso porque a maioria deles, como já afirmamos, não tem essa atividade como profissão remunerada. Os indivíduos entrevistados em nossa pesquisa são oriundos de diferentes profissões e de diversas classes sociais. A maioria está inserida na categoria que Souza (2010) chama de batalhadores, como veremos mais adiante.

Em nossa tese, os cidadãos estudados estão inscritos no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, a partir de ações individuais. Esses internautas vêm de diversos lugares e se encontram no fórum. De lá, partem para outros lugares. É nesse jogo que eles acionam os seus esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo.

Não percebemos a existência de disposições sociais motivadoras de pertencimento a um *habitus* de classe profissional, que poderia revelar um padrão, mas um grande leque de

[14] No capítulo sobre o jornalismo trataremos sobre a instituição das práticas e do reconhecimento do jornalismo como instituição social.

variáveis que se entrecruzam para estimular as tendências e as competências do cidadão comum analisado. Para que possam ser visualizadas, essas práticas passam por um processo complexo no qual os indivíduos acionam inconscientemente esquemas disposicionais próprios através de mecanismos de suspensão/ativação da ação que revelam as variações inter e intraindividuais dos atores. Em Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), as disposições vão sendo mobilizadas através dos processos de socialização, levando em consideração sempre os aspectos contextuais e relacionais.

Em relação ao primeiro grupo que trabalha as teorias da ação e do ator, Lahire (2002) ressalta a influência que Bourdieu exerceu sobre ele. Na tradição disposicionalista de Bourdieu se pode encontrar as noções de incorporação das estruturas sociais, de sistemas de disposições, princípio gerador e unificador de práticas, dos *habitus*. Para Lahire (2004a), porém, Bourdieu tenta levar o conceito de *habitus* ao máximo de sua aplicação.

Pontes (2009) analisa a noção de pluralidade dos esquemas disposicionais na obra de Lahire e concorda que a noção do *habitus* traz limitações para estudar os patrimônios disposicionais do indivíduo. "A homogeneidade do *habitus* dá lugar à pluralidade disposicional ao passo que as propriedades objetivas inscritas nos campos sociais tornam-se possibilidades contextuais" (PONTES, 2009, p.6).

Lahire considera ainda que o *habitus* não é incorporado imediatamente porque existem situações de muita heterogeneidade. Lahire e Bourdieu, porém, estão inscritos na sociologia disposicionalista, na forma de pensar a ação social a partir das memórias das experiências passadas pelo indivíduo, coisas internalizadas que se revelam na prática social, a das múltiplas socializações. Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) aprofunda as disposições a partir desse ponto e vai investir na complexidade dos papéis que pode ser explicada através dessas tendências. Alguns atores se adaptam mais rapidamente às mudanças, outros em ritmo mais lento. E ainda há outros que resistem, não querem se adaptar.

Lahire promove uma reflexão sobre o lugar destinado ao contexto da teoria da ação nos estudos de Bourdieu. O contexto mais o *habitus* geram as práticas. "Não se pode pretender que o sociólogo descreva apenas atores movidos por puras e simples 'determinações internas' e que as disposições que ele menciona possam ser reduzidas a 'rotinas'". (LAHIRE, 2004a, p. 22).

Nesta tese, consideramos mais adequada a utilização da noção de esquema disposicional de Lahire. Estamos interessados em analisar quais são as disposições que colaboram com mais frequência para levar o indivíduo a querer ser coprodutor e produtor da

informação no jornalismo, e como elas surgem de forma inconsciente em cada um dos seis atores estudados.

Não iremos nos limitar ao campo do jornalismo para analisar as origens desse agir ativamente, já que é no jogo do movimento de entrada e saída deste campo que as práticas do cidadão-repórter e do repórter-amador aparecem. Em função da importância de se reconstituir as trajetórias individuais dos entrevistados, a nossa pesquisa também volta o seu olhar para os elos sociais que estes cidadãos têm com os quadros de socialização nas famílias original (pais, irmãos, avós, tios e primos) e formada (esposo (a) e filhos (as)), na educação, na comunidade, no trabalho e no jornalismo.

Em relação ao segundo grupo das teorias da ação e do ator, Lahire (2002) afirma que nele estão os estudos que buscam a fragmentação interna das experiências. Ele não delega tanta importância assim ao passado como o primeiro grupo dessas teorias. Esse segundo grupo, no entanto, ressalta a multiplicidade incorporada das experiências vividas e o estudo das ações inconscientes, do senso de improvisação, mas não prioriza o que na ação presente depende do passado incorporado dos atores. Nele, inscrevem-se os trabalhos de Schutz (1979; 1970; 1962), da sociologia fenomenológica, e de Goffman (1975), da sociologia da dramaturgia.

Schutz defende o estudo das formas como as pessoas vivenciam o cotidiano. Por isso, para ele, o contexto de significado, na ciência social, só é legítimo quando se efetua na tradução dos estoques de conhecimentos que estão dados no mundo social. Só assim se poderiam construir, como nas demais ciências, sistemas conceituais analíticos da ação social. Esses sistemas se baseiam em experiências reais e em um movimento de ida e volta, que preservaria os laços de singularidade dos indivíduos comuns.

Para Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), os laços de singularidade são importantes para reconhecer aspectos de homogeneidade e heterogeneidade do próprio indivíduo, analisando as variações inter e intraindividuais. Dessa forma, pode-se perceber o que do social ficou retido no indivíduo ao longo dos processos da plurissocialização.

Na sociologia fenomenológica, o conhecimento é mediado por categorias. Os estoques de conhecimento funcionam como um código de referência, um código de interpretação de experiências passadas e presentes. É o sistema que revela o nosso interesse prático ou teórico que determina não só o que é problemático e o que pode permanecer inquestionável, mas também o que deve ser conhecido.

Estabelecemos zonas diferentes de relevância para a solução de um problema, de acordo com a nitidez, a vagueza, a clareza, a obscuridade, a precisão e a ambiguidade (SCHUTZ, 1979). Os estoques de conhecimento transitam num fluxo contínuo e mudam não só em termos de extensão como de estrutura porque novos conhecimentos são inseridos.

Schutz estabeleceu um diálogo entre Husserl e Weber para construir sua sociologia fenomenológica, compreendendo, inicialmente, a importância dos dois teóricos (SCHUTZ, 1979; 1970; KILMINSTER, 1996). Em relação a Husserl, Schutz concluiu que ele fracassou ao tentar solucionar o problema da intersubjetividade ao nível da fenomenologia transcendental porque não dominava os problemas concretos das ciências sociais, o que prejudicava seus estudos quando eram aplicados às relações sociais e aos grupos sociais (ALEXANDER, 1992; KEARNEY, 1993). Weber, segundo Schutz, falhou quando operou com suposições tácitas que pediam investigações mais sistemáticas. Schutz considerava que Weber usava termos fundamentais em diferentes sentidos, sem aprofundar as diferenças de sua aplicação. Em função disso, os estudos de Schutz são considerados uma síntese das ideias destes dois teóricos.

Schutz deixa de lado a filosofia sem pressupostos, defendida por Husserl quando postula que o "Ego transcendental" se constitui no "Ego empírico" individual (SCHUTZ, 1979; KILMINSTER, 1996). Ele parte do pressuposto de que os indivíduos se defrontam uns com os outros em um cotidiano que já está constituído e que está repleto de significado e intersubjetividade, que representaria a "realidade suprema". Defende os estudos das formas como essas pessoas vivenciam o seu cotidiano.

Já Goffman (1975) estuda um "si-mesmo" que flutua em cada situação, que pode variar de acordo com cada cena. É um teórico do interacionismo simbólico. Trata do indivíduo em um cenário de representação, o indivíduo no centro do palco. Em sua sociologia da dramaturgia, mostra como a vida social acontece, o lugar que as pessoas ocupam, o cenário e as ações. É uma teoria das disposições dos atores sociais, da perspectiva da representação teatral. Os princípios são de caráter dramatúrgico, presumindo-se que a vida apresenta coisas reais bem ensaiadas.

Para Goffman (1975), o ator, na sua vida real, está ligado a dois elementos: ao papel que ele desempenha e que está vinculado aos papéis dos outros atores e à plateia que é composta por esses outros atores. Assim, existem duas formas básicas de comunicação, de interação entre os indivíduos, a que é dada e a que se emite. Essa segunda é a do tipo teatral e contextual, de natureza não intencional, quer seja ela emitida de forma proposital ou não.

A perspectiva de interação de Goffman é a da face a face. É a influência recíproca entre os atores que implica em uma presença física e um sistema disposicional. A noção de desempenho da ação é a do poder de um ator de influenciar, de alguma forma, o outro. Para Goffman (1975), existem cinco características gerais para a formação do ato e do cenário de representação: 1) a da atividade que é orientada para a comunicação, 2) a da fachada por meio da qual uma prática pode ser representada e serve de base para outras representações, 3) a da formação de um autocontrole para que se mantenha um consenso na interação entre os atores, 4) a da idealização para se ressaltar certas características e ocultar outras e 5) a da criação de uma imagem de prevenção para que o ator não entre em desacordo com a imagem que a plateia faz dele.

A crítica que Lahire (2002) faz a esse segundo grupo das teorias da ação e do ator é que o pesquisador, ao estudar as variações, não pode correr o risco de cair em um empirismo radical, identificando uma variação de papéis, comportamentos e reações sem identificar nenhuma ligação entre eles. Para o autor, a fragmentação infinita pode dificultar a estruturação dos objetivos da pesquisa.

> Se a primeira tradição confere um peso grande demais à unidade, a segunda dá importância demasiada à fragmentação. Afinal, tem-se o direito de recusar duplamente, tanto a "fórmula", o "sistema" ou o "princípio" unificadores como a fragmentação generalizada ou o fracionamento disseminador (LAHIRE, 2002, p. 23).

Não se pode resolver esse problema dualístico amparando-se apenas na teoria, mas através da pesquisa empírica. É necessário, segundo Lahire (2002), procurar saber as condições sócio-históricas que tornam possível uma ação racional e identificar as situações sócio-históricas nas quais os indivíduos podem, de forma consciente, agir de maneira intencional e calculada. Lahire defende um estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação, ou seja, uma sociologia da pluralidade por meio da reconstituição dos universos sociais.

> É de capital importância apreender da melhor forma possível a parte reflexiva, calculadora, planificadora da ação e a parte da ação pré-reflexiva, não planejada, não calculada, segundo os tipos de ação e as categorias de atores considerados. Em vez de postular a priori e de uma vez por todas a existência de uma teoria da prática singular (teoria do ator racional, teoria da ação planificada, teoria da decisão, teoria do jogo, teoria do senso prático, teoria da ação situada ...), é preferível reconstituir, segundo os universos sociais e os meios sociais, segundo os tipos de atores e os tipos de ação, os diferentes tempos da ação e as diferentes lógicas de ação – tempos da discussão, da deliberação, da preparação, do planejamento, tempo de pôr em prática esquemas de ação incorporados na urgência relativa (segundo a natureza da

> ação) acompanhados, às vezes, de tempos de pausa, de reflexão e de correção, tempos da volta à ação, a si, etc. (LAHIRE, 2002, p. 157).

Pode-se sintetizar que as disposições aparecem quando são postas em prática, quando elas acontecem em determinados contextos e na relação dos indivíduos com uma dada situação. Mas o esquema disposicional nem sempre é revelado pelo indivíduo no momento da ação. Há disposições que podem ficar em estado latente. Há, contudo, uma tendência a ver as disposições incorporadas como motores interiores da ação.

> Nunca se pode evitar totalmente a explicação disposicional quando se quer levar em conta experiências passadas incorporadas por cada ator, mas é preciso utilizá-la com precaução, sem generalização abusiva, buscando sempre as manifestações e contramanifestações dessas disposições, circunscrevendo seus campos de ativação e seus campos de inibição. Às vezes até a noção de disposição é útil para mostrar o que diferentes micropolíticas têm em comum. Mas isto nunca deve dar ao pesquisador o direito de generalizar a força da disposição que ele acreditou poder revelar como estando no princípio de certas práticas, além do campo das práticas envolvidas (LAHIRE, 2002, p.58).

Em uma pesquisa sobre o comportamento escolar, Lahire (1991) constatou que variações importantes de comportamento surgiram em função de contextos. O indivíduo agiu de forma diferente em relação a determinado cenário, ou seja, disposições sociais e esquemas de ação foram ativados conforme os diversos momentos.

Ao fazer um trabalho sobre a leitura, Lahire (1993) identificou ainda que o prazer de ler não pode ser atribuído a uma única variável, como o volume de capital cultural. Pode variar individualmente de acordo com a trajetória social, o momento presente e outros fatores. Não se pode reduzir essa disposição social a um fenômeno isolado, dependem dos estoques de resumos de experiências incorporadas. “O ator plural pode ativar esquemas de ação (de disposições) diferentes e às vezes até contraditórias em contextos sociais diferentes” (LAHIRE, 2002, p. 100).

Nem o primeiro grupo das teorias da ação e do ator nem o segundo podem dar conta do fenômeno que buscamos compreender: quais e como as disposições sociais, atualizadas em um universo relacional e contextual, contribuem para o indivíduo querer ser coprodutor e produtor da informação? O primeiro grupo dá ênfase aos princípios mais unificadores enquanto o segundo dá relevância à fragmentação.

As origens das disposições que estamos estudando só se revelam por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos heterogêneos. Essa investigação pode ser feita pela observação direta, por arquivos de documentos, questionários ou entrevistas. Recorremos a questionários e entrevistas em profundidade.

> Ao considerar uma série de informações relativas à maneira como o ator se comporta, age e reage em diversas situações, o sociólogo tenta formular o princípio que dá origem a esses comportamentos. Poderíamos, inclusive, dizer que estes se tornam indicadores das disposições que devem ser nomeadas progressivamente (LAHIRE, 2004a, p.22).

João do Ônibus, um dos seis indivíduos que participaram das duas fases da pesquisa, considera que só passou a agir ativamente como cidadão-repórter e repórter-amador quando conheceu, em 2009, o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco na internet. Ao longo das entrevistas, revelou outros fatores que o influenciaram a ter essas disposições: 1) a separação dos pais, que mudou o padrão de vida da família, 2) o envolvimento com a igreja evangélica, 3) a participação em movimentos na escola para a escolha de diretores e 4) a atuação na comunidade para resolver os problemas coletivos.

Embora o indivíduo pesquisado possa descrever o que faz e falar sobre as suas rotinas, esse mesmo ator não tem claramente as chaves de compreensão que o levam a acionar os esquemas disposicionais para pensar e agir de determinadas maneiras. Esse esquema disposicionalista só pode ser revelado por meio da reconstrução de uma realidade. Nunca é mostrada de forma direta, sempre a partir da interpretação para que se possam revelar os princípios que contribuíram para o aparecimento de novas práticas.

2.1 A teoria da pluralidade do indivíduo

Na sociologia à escala do indivíduo, Lahire (2002) propõe um programa de investigação que possa fornecer ao pesquisador as condições necessárias para um estudo sociológico mais singular do social.

> O esboço de uma teoria do ator plural, as reflexões sobre as diferentes formas de reflexividade na ação, sobre a pluralidade das lógicas da ação, sobre as formas de incorporação do social e o lugar da linguagem no estudo da ação, e dos processos de interiorização que propomos, foram elaborados com o cuidado constante de não conservar um único tipo de ação na cabeça e teorizar por generalização abusiva, mas, ao contrário, de fazer variar sistematicamente os casos possíveis, às vezes até os casos limites e quase absurdos, apoiando-nos em pesquisas empíricas diversas (LAHIRE, 2002, p.12).

Quando Lahire trata de seu programa de estudo aborda o eterno dilema da sociologia, que é a relação entre estrutura e indivíduo, mas essas duas perspectivas não são excludentes. O social está no indivíduo e o indivíduo está no social. O ator é plural e único. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual.

Desde a sua origem, a sociologia tem um entendimento complexo sobre a noção de indivíduo. Para firmar uma fronteira em relação à psicologia, a sociologia deixou para os teóricos da psicologia a análise das realidades individuais. Para os sociólogos do paradigma materialista e culturalista, que são predominantes no atual paradigma dos estudos sociológicos da cultura e da mídia, o social é o coletivo.

Por isso, para compreender as atitudes sociais, o sociólogo realiza uma pesquisa comparando as variações entre sociedades, classes, grupos e categorias. Dificilmente, desloca a sua atenção para as variações inter ou intraindivíduais, como Lahire propõe. Um dos teóricos fundadores da sociologia moderna, Durkheim (2001) defende que o fato social tem "uma existência própria", independentemente das manifestações individuais.

Quando funda a noção de fato social, Durkheim, para Lahire (2006a), faz um duplo movimento. Primeiro, exclui o indivíduo por considerar que o social (o todo) é mais e não o mesmo do que a soma das partes (dos indivíduos). Depois, personifica a noção de coletivo, transferindo para o todo os atributos antes delegados ao indivíduo, como a consciência. Lahire considera problemático o fato de existir sem perpassar o indivíduo.

> Ao contrário, os fatos sociais atravessam sob formas diferentes uma infinidade de casos individuais. Eles não são independentes das formas individuais, mas existem por meio dessas formas individuais que podemos tanto dessingularizar por medidas estatísticas quanto singularizar pelo estudo de caso, pela observação direta de comportamentos etc. (LAHIRE, 2006a, p. 599).

Uma sociologia à escala do indivíduo pergunta como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, tomam corpo no cidadão, como essas experiências são introjetadas de forma mais ou menos duradouras e como aparecem nos diversos momentos da vida do ator social, determinando as suas características e comportamentos. Lahire concebe a noção de indivíduo não como um ser com características gerais, mas como um ser singular que carrega as marcas impressas pelo mundo social. É nos indivíduos que as marcas do mundo social podem ser identificadas.

Durkheim (2001) coloca o indivíduo fora do interesse do estudo sociológico, baseando-se em realidades macrossociais. Lahire (2006a) alerta, no entanto, que o acesso a essas realidades pressupõe processos de totalização e categorização que tomam como ponto de partida os comportamentos individuais. O indivíduo, assim, é uma forma refletida do social. É singular por razões sociais.

> É o interesse sociológico desse tipo de variações que tento mostrar no âmbito de uma sociologia da pluralidade disposicional (a socialização passada é mais ou

> menos heterogênea e dá lugar a disposições heterogêneas e às vezes, inclusive, contraditórias) e contextual (os contextos de atualização das disposições são variados). Assim, o ator individual não põe em prática invariavelmente, transcontextualmente, o mesmo sistema de disposições (ou hábitos), mas podemos observar mecanismos mais sutis de vigília/ação ou de inibição/ativação de disposições que supõem, evidentemente, que cada indivíduo seja portador de uma pluralidade de disposições e atravesse uma pluralidade de contextos sociais. O que determina a ativação de tais disposições em tal contexto é então produto da interação entre relações de força interna e externa (LAHIRE, 2006a, p. 617).

Lahire (2002) indica que não tem a pretensão de que os resultados de suas pesquisas se transformem em um sistema conceitual ou modelo interpretativo ou explicativo universal, que possa ser utilizado para resolver os problemas levantados por outros pesquisadores. Deseja, entretanto, contribuir com os trabalhos que abordam as teorias da ação e do ator, que, para Lahire, precisam operar de forma conjunta. Isso porque os indivíduos são internamente diferenciados, sofrendo as influências dos processos de socialização, que são heterogêneos, múltiplos e, muitas vezes, contraditórios.

Na sociologia à escala do indivíduo, o ator não é um átomo, mas um produto complexo dos múltiplos processos socializadores. Os atores são o resultado das diversas experiências. Não é uma unidade elementar da sociologia, mas uma realidade complexa. Por isso, quando se estuda o indivíduo, se estudam cenas e contextos. É a realidade social internalizada, individualizada.

> A articulação passado-presente só toma todo o seu sentido quando "passado" (incorporado) e "presente" (contextual) são diferentes, e a articulação torna-se particularmente importante quando os próprios "passado" e "presente" são fundamentalmente plurais e heterogêneos. Se a situação presente não é negligenciável, é, por um lado, porque existe a historicidade que implica que aquilo que foi incorporado não é necessariamente idêntico ou está em relação harmoniosa com o exigido pela situação presente e, por outro lado, porque os envolvidos não são "um", isto é, não são redutíveis a uma fórmula geradora de suas práticas, a uma lei interna, a um nomos interior (LAHIRE, 2002, p. 48).

A teoria do indivíduo plural defendida por Lahire (2002) tomou como suporte estudos feitos por Pierre Naville, na década de 40, sobre a multiplicidade dos hábitos incorporados interligados aos diferentes universos sociais. A personalidade, para Naville (1942), é o produto dos diversos sistemas de hábitos incorporados nas relações profissionais, conjugais, políticas, entre outras. Naville fez um entrecruzamento entre os sistemas dos hábitos e os domínios das práticas.

Outro autor que também inicia um esboço sobre uma teoria do ator plural é Marcel Proust (1971). Quando analisa a obra literária, mesmo de forma parcial, Proust afirma que o ator revela sua pluralidade quando está "nos domínios de existência nos quais é socialmente

levado a evoluir" (LAHIRE, 2002, p.37). O homem que escreve um livro não é, para Proust, o mesmo homem que age em outras situações. O autor é composto de "várias pessoas superpostas". Ele analisou a atuação do autor de uma obra no espaço literário e fora dele, delegando, no entanto, a maior parte dessa análise ao domínio literário.

De acordo com Lahire (2002), Proust, entretanto, não aprofundou as diferenças entre o "eu literário" e o "eu exterior". Seus estudos, contudo, sinalizam para a pluralidade interna dos indivíduos, que são múltiplos nas diferentes situações do mundo social. Às vezes podemos ser estranhos a nós mesmos. É a partir das interpretações dos comportamentos (instâncias e momentos de socialização) que o esquema disposicionalista procura entender como o indivíduo aciona as suas variações que são externalizadas pelas práticas, incorporando estruturas exteriores e externalizando essa interiorização. Essa é a metodologia da sociologia disposicional.

Historicamente, esse ramo da sociologia está inserido no contexto de uma sociologia da educação, no sentido amplo da socialização. Isso acontece porque os pesquisadores que estudam o campo da educação precisam analisar as condições sociais de produção e as disposições de educadores e educandos. Não se pode deduzir uma disposição em função da observação ou registro de um único acontecimento.

É preciso se observar uma série de comportamentos, atitudes e práticas que sejam ou não coerentes. Não se pode falar em disposição sem provar empiricamente que ela existe. A disposição é o produto incorporado de uma socialização passada, mesmo que isso aconteça de forma implícita ou explícita, que é atualizada ou não em função de fatores relacionais e contextuais do presente.

Na etapa empírica de nosso trabalho, estudamos as disposições sociais do indivíduo que age ativamente para exercer práticas jornalísticas, quando colabora com os conglomerados de comunicação e quando cria um canal próprio para divulgar informação. Procuramos compreender se esses esquemas são acionados em um determinado contexto ou se já estão fazendo parte do comportamento geral desse ator e como cada indivíduo analisado na pesquisa aciona o seu esquema disposicional. Por isso, investigamos os contextos nos quais essas disposições são processadas inconscientemente.

> Embora a noção de disposição implique uma operação cognitiva que evidencia a coerência de comportamentos, opiniões, práticas diversas e muitas vezes dispersas, não se deve pensar que, obrigatoriamente, a disposição deve ser geral, transcontextual e ativa em todos os momentos da vida dos atores. A busca da coerência deve ser acompanhada de uma preocupação com a delimitação das

> classes de contextos, áreas de pertinência e atualização das disposições reconstruídas (LAHIRE, 2004a, p. 26).

Para frisar a importância de se pesquisar a pluralidade das disposições dos indivíduos, Lahire cita, em *Cultura dos indivíduos* (2006a), um exemplo de um homem de comportamentos culturais contraditórios: Wittgenstein. Por um lado, erudito, burguês e ascético. Por outro, apaixonado por westerns, histórias policiais e feiras livres. Para falar sobre a distinção de si e a luta de si contra si mesmo, Lahire (2006a) recorre a outro teórico importante: o também filósofo Jean-Paul Sartre. A partir das influências diversificadas que recebeu ao longo de sua formação, Sartre interiorizou um esquema de percepção que lastreou a sua formação cultural, acionando esse esquema para identificar as distinções de disposições que existiam entre ele e os outros.

Os indivíduos, geralmente, mostram-se surpresos diante de dissonâncias culturais. Há uma ideia sobre socialização individual que contribui para que o modelo de transferência generalizada prevaleça. Por isso, Lahire propõe o desafio de observar o mundo social na escala do indivíduo, considerando as singularidades de cada um, o que vai contribuir para a construção de uma sociologia do indivíduo.

Nesse contexto, um bom exemplo é o da trajetória de outro dos nossos entrevistados, Carlos do Som. Apesar de a família ter um padrão de vida difícil, os dois irmãos dele sempre tiveram as mesmas oportunidades para estudar e se manter informados. Carlos, porém, mostrou maior interesse em ler e escrever, originando vontade de querer buscar mais informações.

Ao perceber essa competência do filho, a mãe de Carlos levava jornais para ele ler, material que coletava nas casas de família onde trabalhava. Quando não conseguia receber os jornais dos patrões, comprava. Isso ocorreu na fase em que ela era empregada doméstica e ele ainda era criança. Atualmente, ela estuda pedagogia e trabalha como educadora social. O pai é pedreiro. Quando jovem, não teve condições de investir nos estudos, concluindo apenas o ensino fundamental I. Depois, não teve interesse em voltar a estudar. Na adolescência, Carlos começou a fazer oficinas de rádio para aperfeiçoar a habilidade de se comunicar.

Lahire (2006a) nos desafia a analisar a realidade do universo de Carlos de forma diferente. Ao mudar a escala da observação, nos leva a ter uma imagem do mundo social a partir das variações intra e interindividuais e não apenas das variações entre classes, categorias ou gêneros. Lahire não pretende negar todo o avanço sociológico dos modelos do passado, mas propor um olhar mais singular do social.

> A pluralidade de disposições e de competências, por um lado, a variação de contextos de sua efetivação, por outro, é que podem explicar sociologicamente a variação de comportamento de um mesmo indivíduo, ou de um mesmo grupo de indivíduos, em função de campos de práticas, de propriedades do contexto de ação ou de circunstâncias mais singulares da prática (LAHIRE, 2006a, p. 18).

As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas. As variações individuais de comportamentos têm origens e lógicas sociais. Para Lahire (2004a), o social é encontrado no indivíduo em dois estados**:** o desdobrado e o dobrado.

A fase desdobrada é mostrada quando refletimos exteriormente o que incorporamos ao longo de nossos processos de socialização, mas sem deixar transparecer as nossas particularidades. É a tentativa, mesmo que de forma inconsciente, de nos enquadrar em padrões gerais para que possamos ser regulares e homogêneos. É como se mostrássemos um papel de presente já usado como novo, que teria sido alisado na intenção de esconder as marcas da utilização anterior. É a tentativa de se ocultar as dobras. De forma inconsciente, na fase desdobrada buscamos nos enquadrar nos modelos socializadores gerais: para não expor as diferenças e as singularidades, ficamos na aparência, alisando a nossa imagem para encobrir as disposições internas que são contrárias ao padrão geral.

A fase dobrada é mostrada quando não ficamos na superfície, mas vamos ao interior do indivíduo para capturar o que ficou retido em sua formação singular. É a fase em que tentamos descobrir as marcas. Se utilizarmos o mesmo exemplo acima, o do papel de presente, a etapa dobrada pode ser comparada com a descoberta da antiga dobra do papel que antes tentamos esconder quando o alisamos. Quando trazemos para o indivíduo, é nessa etapa que se revelam a pluralidade e a diversidade dos processos socializadores. Assim, podemos perceber as heterogeneidades que tentamos inconscientemente ocultar. Por esse ângulo, aprofundam-se as singularidades e realçam-se os aspectos mais particulares.

Podemos utilizar como exemplo as disposições sociais de um indivíduo altamente culto que tentasse esconder o gosto por músicas consideradas populares. Quando olhamos o estado social desdobrado dele, não percebemos essa singularidade que estaria ocultada. Só quando conseguimos enxergar o seu estado social dobrado, podemos ver essa ambivalência em sua disposição social para a escolha do repertório musical. Por esse ângulo, esse indivíduo teria uma característica dissonante do padrão coletivo de sua formação social.

> O ator individual é o produto de múltiplas operações de dobramentos (ou de interiorização) e se caracteriza, portanto, pela multiplicidade e pela complexidade dos processos sociais, das dimensões sociais, das lógicas sociais, etc. que interiorizou. (...) O interesse da metáfora da dobra ou dobramento reside no fato de

> que leva a pensar que o "dentro" ou o "interior" (o mental, o cognitivo etc.) é apenas um "fora" ou um "exterior" (formas de vidas sociais, instituições, grupos sociais, processos sociais,etc.) dobrado. Nesta imagem, não existe nenhuma saída possível do tecido social (desdobrado ou dobrado); o interior não é outra coisa que o "exterior" amassado ou dobrado e não tem nenhum primado ou anterioridade nem qualquer especificidade irredutível. Para compreender o "interior" só há uma solução: fazer o estudo mais exato, mas circunstanciado e mais sistemático possível do "exterior" (LAHIRE, 2002, p. 198-199).

Em nossa pesquisa, procuramos entender o estado desdobrado para chegar ao estado dobrado e ter acesso às variações disposicionais dos nossos seis indivíduos estudados nesta pesquisa. Assim, pudemos conhecer quais e como cada um deles aciona os seus esquemas disposicionais para querer ser receptor, colaborador e emissor da informação. Queremos buscar as heterogeneidades e as singularidades, como também as homogeneidades, desses cidadãos comuns que agem ativamente entrando e saindo do campo do jornalismo.

Nesse contexto, é quase impossível que, diante da pluralidade de suas experiências, o ator seja homogêneo. Por isso, é necessário estudar, conjuntamente, as experiências passadas e as situações que ocorrem no presente para verificar a pluralidade interna do indivíduo. Nenhum dos dois lados (o dobrado e o desdobrado) pode ser negligenciado.

Como as disposições são complexas e mudam de indivíduo para indivíduo, encontramos as chaves de compreensão que nos ajudaram a elaborar o desenho da configuração descrita a seguir. O programa de Lahire, para uma sociologia à escala do indivíduo, nos serviu de base para que traçássemos esse desenho, que nos levou a ter acesso ao processo das variações das trajetórias de vida dos cidadãos comuns que estudamos.

Configuração disposicional
Figura – 1

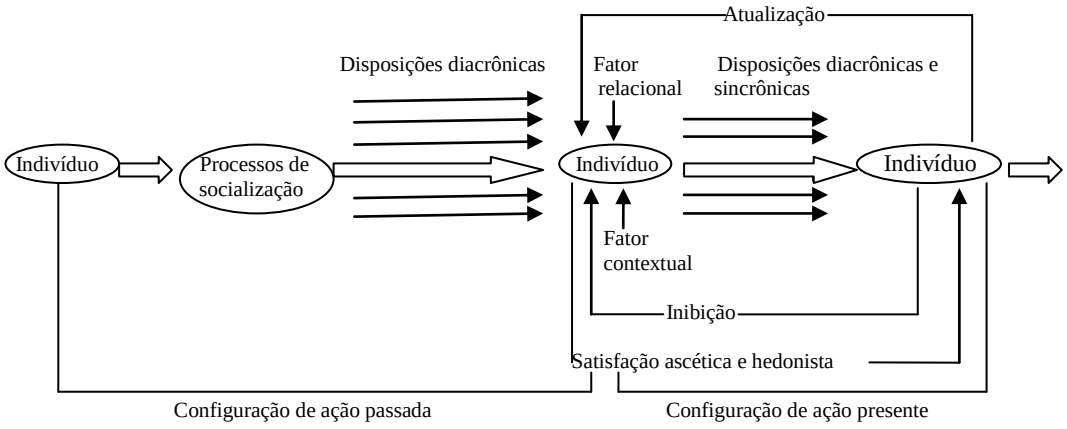


Figura 1 – Configuração dos processos da trajetória de vida do cidadão comum
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

As disposições se revelam pela interpretação dos comportamentos coerentes ou contraditórios do ator estudado. O indivíduo descreve o que faz, os seus pensamentos, as suas disposições sociais, mas, na maioria das vezes, não tem consciência das motivações internas e externas que o levam a agir dessa ou daquela forma. Por isso, devemos ficar atentos aos dois tipos de disposições que podem ser acionados pelo indivíduo: os de variação diacrônica**,** que levam em conta o trajeto biográfico, e os de variação sincrônica**,** que levam em conta o contexto (LAHIRE, 2004a).

As disposições também podem se manifestar de forma constituída ou requisitada. As constituídas levam o indivíduo à renúncia de si em função de exigências externas. Nesse caso, há possibilidade de ascetismo por conta de um aspecto racional e até coercitivo. Existe um movimento de quase obrigatoriedade por parte do ator. Já as disposições requisitadas são mais voluntárias e hedonistas, envolvendo afetividade. É como se houvesse uma espécie de autoexigência por parte do indivíduo. Nos dois casos, podem ser influenciadas por variações de disposições dos tipos diacrônicos ou sincrônicos.

Lahire (2006a) alerta que a análise sociológica da sociedade feita de divisões de categorias, grupos ou classes não deixa de representar uma visão política da própria sociedade, o que pode levar os pesquisadores a fazer imagens distorcidas do mundo social. Dessa forma, a complexidade dos indivíduos, ou seja, da sociedade, termina correndo o risco de ser tratada de forma superficial.

Lahire (2006a) lembra que foi nesse contexto que os sociólogos construíram as figuras dos tipos ideais, assim analisavam grupos sociais e categorias. Ele cita como exemplo as imagens formadas de estudantes, divididos, de uma forma geral, em dois grandes grupos: os ascetas, que privilegiam os estudos, e os boêmios, que, do outro lado, preferiam festas e diversões. A maior parte, no entanto, situa-se entre esses dois lados por vivenciar situações mistas, ou seja, são portadores de disposições relativamente contraditórias. A análise, por meio dos tipos ideais, não pode dar conta da pesquisa que visa aprofundar os perfis singulares.

2.2 As chaves de compreensão do ator plural para o agir ativamente

Nossa pesquisa objetiva traçar retratos sociológicos de seis cidadãos comuns que agem ativamente no jornalismo, identificando como cada um deles interioriza o seu patrimônio heterogêneo de disposições para construir e acionar, de forma inconsciente, os seus esquemas disposicionais individuais. São esses esquemas que serviram de molas impulsionadoras para os atores saírem da posição de simples receptores da informação.

Esses retratos sociológicos serão traçados tomando como suporte os estudos de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), que nos ajudaram a revelar o complexo mecanismo de suspensão/ação ou inibição/ativação que o indivíduo aciona, com base em seus esquemas disposicionais, para ocupar os lugares de cidadão-repórter e repórter-amador. A operação desse complexo mecanismo conecta a pluralidade das disposições dos cidadãos comuns estudados, incorporadas ao longo dos processos de socialização, com as variações disposicionais de outros atores que se relacionam com eles nos diversos mundos sociais.

O nosso desafio é compreender quais são as disposições que mais frequentemente colaboraram para que os seis cidadãos analisados quisessem ser coprodutores e produtores de informação, revelando como essas variações são acionadas pelos esquemas disposicionais de cada um. Em função dos inúmeros mundos sociais que o indivíduo atravessa ao longo de sua trajetória de vida, consideramos, para efeito de nossa análise, a influência da interiorização do patrimônio disposicional por meio dos elos sociais dos atores entrevistados com os quadros de socialização com as famílias original (pais, irmãos, avôs, tios e primos) e formada (esposo (a) e filhos), a escola, a comunidade, o trabalho e o jornalismo. Esses universos foram inseridos no desenho a seguir, elaborado a partir da configuração disposicional da figura 1.

Chaves para a compreensão: análise da configuração disposicional
Figura – 2

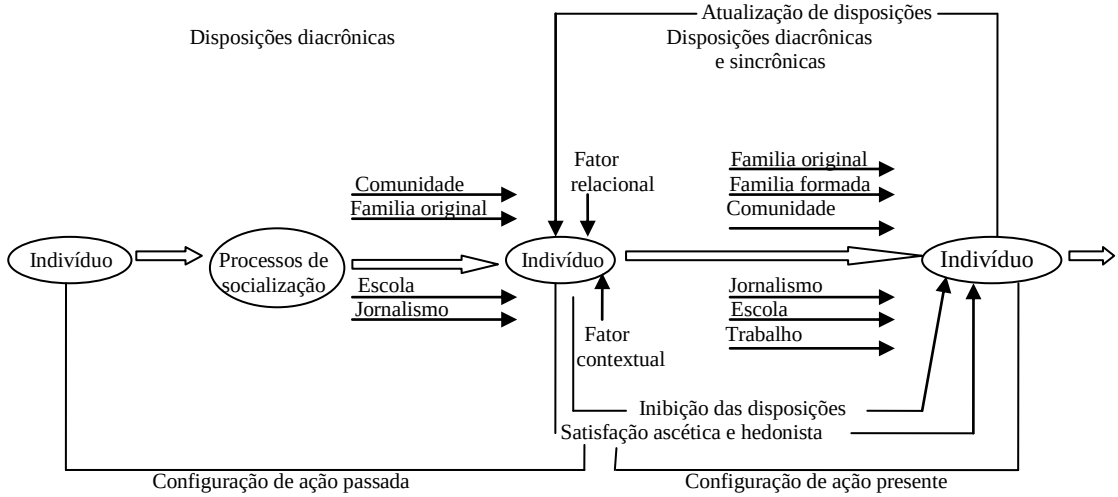


Figura 2 – Estrutura da análise da configuração disposicional da 2ª etapa
Fonte: Elaboração da própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Na configuração disposicional, exposta acima, as chaves para a compreensão do agir ativamente estão ligadas aos tipos (diacrônicas ou sincrônicas) e às formas de manifestação

(constituída ou requisitada) das variações disposicionais. Assim, identificaremos os pontos fortes e fracos das tendências que levam o indivíduo a fazer esse jogo do agir ativamente.

Investigamos se esse agir ativamente pode ser indicador de uma variação que se manifesta de forma geral (acionada em vários momentos) ou de forma específica (em um momento particular, mesmo que ele se repita várias vezes). Se um indivíduo tem disposição para colaborar com o jornalismo em vários momentos dos seus processos de socialização, isso sinaliza que há uma disposição geral. Caso tenha essa disposição apenas quando quer resolver um problema especifico, uma vez que a matéria jornalística é uma forma de torná-lo público, podemos considerar que essa variação é deflagrada em um momento singular.

Lahire (2004a) percebeu que algumas disposições são ativadas ou não em função de imposições econômicas (não ter mais os meios financeiros), temporais (não ter mais tempo) e espaciais (não viver mais no mesmo lugar). Ao estudar o patrimônio disposicional, as forças externas (contextuais), como o tempo, o lugar e os meios financeiros, podem ser determinantes da ação.

> É evidente que o estabelecimento de coerência disposicional é facilitado pelo próprio entrevistado que, trazendo seu passado à tona (recente ou distante) ou ilustrando suas preferências, suas maneiras de ver, de sentir e de agir, nos fornece com muita frequência as fórmulas disposicionais sobre as quais nos apoiamos para interpretar o material empírico (LAHIRE, 2004a, p. 315).

Lahire (2006a) alerta, porém, que as variações intraindividuais de práticas e de preferências nem sempre são horizontais. Elas podem adquirir, conforme o nível de legitimidade (de reconhecimento), um sentido – mesmo que subjetivo – positivo ou negativo e de controle ou de submissão. Em função disso, ele prefere usar o termo "dissonância", que se revela mais frequentemente na pesquisa da sociologia à escala do indivíduo do que a "consonância", principalmente se olharmos as singularidades do indivíduo, como fizemos.

> Quanto mais o mundo social é diferenciado, mas existem variantes nas maneiras de viver e de se ocupar, e mais os princípios de diferenciação diversificam-se. Poderíamos, inclusive, acrescentar que quanto mais o mundo social é diferenciado, mais os indivíduos que o compõem são definidos por uma infinidade de coordenadas e de propriedades sociais (sob o ângulo da riqueza ou da pobreza cultural, da juventude ou da velhice, da beleza ou da feiúra, da grandeza ou da pequenez cultural, política, moral...), e mais têm chances de fazer um uso contextualmente diferenciado – sempre em relação àqueles dos quais se diferenciam – de valores que os engrandecem (LAHIRE, 2006a, p. 572).

De acordo com Lahire (2004a), a sociologia não pode ficar indiferente às variações intra e interindividuais dos atores. Por isso, esse teórico estimula o pesquisador a tentar

destacar e fazer surgir as diferenças e as contradições do indivíduo singular, uma vez que ele não está reduzido a uma única fórmula geradora. Muito pelo contrário, é estimulado por múltiplas variações.

Lahire nos leva a olhar o indivíduo de perto e a descobrir as variações de seus contornos, que estão longe de ser claros e precisos. Em *Retratos sociológicos*, Lahire (2004a) faz um estudo dos perfis de oito pessoas a partir de suas histórias e deslocamentos, abordando as dimensões contextuais e subjetivas. Afinal, a perspectiva da subjetividade – a da não consciência – não deixa de ser outra forma pela qual a objetividade se manifesta, acionada como resultado dos processos sociais vivenciados pelos indivíduos.

Lahire (2004a) procura identificar como uma série de disposições constituídas ou requisitadas, somadas às preferências, às competências e aos aspectos contextuais, pode levar o indivíduo a uma variação ascética ou hedonista, ou seja, à satisfação racional ou à satisfação motivada pelo prazer. Em nossa pesquisa, estudamos como a pluralidade das disposições do cidadão comum pode motivá-lo a entrar e sair do campo do jornalismo e, consequentemente, a sentir satisfação ascética ou hedonista por esse agir ativamente.

A dificuldade em perceber as variações individuais não se restringe apenas à possibilidade do pesquisador se defrontar com um autocontrole do entrevistado. Também é preciso levar em conta que, em um primeiro momento, a tendência do próprio pesquisador é tentar identificar coerências individuais e generalizações. Apenas na leitura incessante do material coletado é possível perceber as variações, o que está no subterrâneo. O pesquisador deve ficar atento aos elementos que ultrapassam o geral, o que está na superfície.

Para contextualizar esta pesquisa, vamos descrever, no próximo capítulo, a constituição e o funcionamento do jornalismo em duas perspectivas: como mundo social geral e como campo profissional de disputas. Isso porque o cidadão estudado está inserido em um espaço de interface entre essas duas instâncias por meio do que estamos chamando aqui de jogo do agir ativamente. Compreenderemos também como as mudanças nas práticas dos atores que integram esse mundo social, impulsionadas fortemente nos últimos anos por uma sociedade que está cada vez mais conectada em rede, contribuíram no sentido de criar um contexto favorável para o protagonismo do repórter-amador. Essa ação social tem sido estimulada por disposições que revelam a força interna do indivíduo, mas que tem repercussão no coletivo porque, no caso do jornalismo, está levando a quebrar as regras do jogo ditadas pelos conglomerados de comunicação, retomando práticas mais voluntárias e apaixonadas como era o jornalismo em seu princípio.

Capítulo 2
O jornalismo e as práticas jornalísticas do cidadão comum que age ativamente

1. As diferenças entre o jornalista e o repórter-amador

Depois de detalharmos o nosso percurso teórico, precisamos compreender, neste capítulo, o contexto no qual o individuo comum conseguiu: 1) ter mais acesso às fontes de informação sem precisar necessariamente da mediação da imprensa, 2) ter mais alternativas de interação com os conglomerados de comunicação e 3) ter mais motivação para acionar os seus esquemas disposicionais para criar um espaço próprio de produção de informação. Assim, ressaltaremos a importância de se aprofundar os estudos relacionados ao universo desse ator que age ativamente no jornalismo, desempenhando os papéis de consumidor da notícia, em seguida de cidadão-repórter até alçar a condição de repórter-amador.

Na segunda metade do século XX, a sociedade começou a se interligar em rede, fenômeno social que ocorreu por conta da popularização do acesso à internet e do uso do computador e de outros equipamentos como ferramentas de comunicação individual, a exemplo do telefone celular. Neste contexto, as relações sociais dos indivíduos que integram, de uma forma ou de outra, o processo de produção da notícia no jornalismo foram sendo alteradas. Todos poderiam ser consumidores, colaboradores e produtores da informação, mas essas práticas não precisariam ser deflagradas nesta sequência ou realizadas ao mesmo tempo.

Os indivíduos, todos eles, passam a enfrentar os desafios de se adaptar às mudanças geradas com a ampliação das possibilidades de comunicação proporcionadas pela grande rede de computadores, que vai para além do jornalismo. Para Miranda (2008), a interatividade digital traz novas perspectivas para o processo da comunicação, contribuindo decisivamente para ativar a função participativa da audiência.

Com as novas ferramentas tecnológicas, que estimulam a interatividade a partir da abertura de canais de diálogo entre empresas de comunicação, jornalistas e cidadãos comuns, parte da audiência não está mais se contentando em só receber notícia, ou seja, em ser fonte passiva (MELO, 2003; MIRANDA, 2008; CHAPARRO, 2009; e MESQUITA, 2010). Este grupo de indivíduos que vai ativar a sua função participativa também não quer figurar nas reportagens produzidas pelos conglomerados como fonte primária (LAGE, 2002; e SANTOS, 2003), exercendo o papel de um personagem secundário da narrativa que já estava sendo construída pelo jornalista antes de ele ser instado a se posicionar sobre determinado assunto.

No processo de elaboração da notícia no jornalismo mais tradicional – que ainda continua predominante na grande imprensa –, o repórter quando produz a matéria jornalística procura o cidadão comum para ouvir a sua opinião sobre algum acontecimento com o objetivo de dar mais emoção ao texto que será publicado. Nesse caso, a fonte primária é passiva porque a iniciativa partiu do veículo e o indivíduo que foi entrevistado não saiu da postura de consumidor dentro das relações de poder que são estabelecidas normalmente entre cidadão comum, jornalista e empresa.

Em nossa tese, o conceito do agir ativamente é aplicado para explicar o movimento de saída desse cidadão que não quer mais permanecer no papel de audiência passiva ou de personagem secundário da narrativa jornalística. Este indivíduo pretende ir além do papel de simples receptor. Neste movimento, o primeiro passo dado pelo ator é o de tomar a iniciativa de interagir com os conglomerados, enviando comentários e sugestões de pautas.

Ao acionar esta função participativa, o cidadão pode desempenhar o papel de coprodutor do processo de produção da notícia, quando os veículos passam a considerar as opiniões enviadas pela audiência, o que acontece na maioria das vezes pela internet. Parte dos veículos que abre este espaço legitima a coprodução quando identifica, no próprio texto da matéria, o nome do ator que colaborou. É este indivíduo que estamos chamando de cidadão-repórter (SBARAI, 2011; MORETSZOHN, 2007).

O repórter-amador, entretanto, vai dar um segundo passo e irá mais adiante, não se contentará em atuar apenas como coprodutor. Quer produzir informação a partir de um espaço próprio para não ficar refém dos filtros que são determinados pelas empresas de comunicação, que selecionam as informações, segundo as suas perspectivas econômica, política e social. Diferentemente do cidadão-repórter, o repórter-amador não figura no texto jornalístico como colaborador, ele é o autor da notícia no espaço que ele mesmo cria e é sobre os esquemas disposicionais deste indivíduo que vamos focar a nossa pesquisa.

Para agir ativamente, o cidadão comum tem que acionar o seu esquema disposicional para colaborar e produzir notícia. Assim, o movimento de ação fica completo. Quando age ativamente no jornalismo este indivíduo não é remunerado para ser repórter-amador. Essas são atividades voluntárias, ligadas ao tempo livre dedicado ao prazer de ler, de se informar, de escrever, de denunciar ou de reivindicar melhores condições de vida para as comunidades.

Por isso, não há uma rotina diária fixa e tempo pré-determinado para que esses dois movimentos sejam executados, impulsionados por uma força interna que move inconscientemente o pensar e o agir do repórter-amador. O tempo dedicado a eles é o de descanso. Isso porque essas práticas não fazem parte das atividades do trabalho remunerado,

que é priorizado e para o qual o indivíduo dedica a maior parte do tempo. Daí, a designação de amador. Em função disso, além de não delegarem às práticas jornalísticas um tempo fixo, o ator não se preocupa com a adoção de métodos de trabalho para, por exemplo, apurar a informação e divulgar outras versões da notícia. Como verificamos, o cidadão comum que age ativamente no jornalismo tem as características que podemos enumerar a seguir:

Quadro 1

Características do repórter-amador
Não recebe remuneração;
Dedica o tempo livre e de lazer a essas práticas jornalísticas;
Entra e sai do jornalismo a qualquer momento porque não tem compromisso com nenhuma rotina profissional;
Não tem método de apuração de informação;
Não precisa frequentar nenhum curso universitário para ser repórter-amador;
Vincula essas práticas ao gosto de ler, de se informar, de escrever, de denunciar e de reivindicar melhores condições de vida para as comunidades em que vivem;
Não quer se submeter ao controle editorial da empresa de comunicação para que possa ver publicada a notícia que criticou ou sugeriu.

FONTE: Elaboração própria.

São essas características que o diferenciam do jornalista que faz parte do campo profissional, uma vez que o especialista está dentro de uma organização empresarial que tem normas e valores que precisam ser seguidos. Em relação ao ator que age ativamente, o jornalista profissional tem o perfil que podemos descrever a seguir:

Quadro 2

Características do jornalista
Recebe remuneração;
Dedica à atividade o seu tempo para o trabalho;
Exerce um papel permanente dentro do campo do jornalismo;
Tem uma rotina profissional que precisa ser obedecida, como um método de apuração, de redação e de edição de informação;
Vincula esta prática ao exercício profissional e remunerado;
Precisa se submeter ao controle editorial dos conglomerados de comunicação para os quais está trabalhando;
Precisa frequentar um curso universitário[15].

FONTE: Elaboração própria.

[15] O exercício profissional vinculado à aquisição de um diploma universitário era um requisito para a prática da atividade desde a primeira metade da década de 60 do século XX. Uma decisão do Supremo Tribunal Federal, porém, acabou com a regulamentação da profissão em 2011. Por iniciativa do Congresso Nacional, esta regulamentação foi restabelecida, mas até a publicação desta tese este debate não tinha sido encerrado. O tema, contudo, trouxe à tona a discussão sobre a qualidade das informações que são produzidas pelos conglomerados de comunicação em função dos interesses políticos, econômicos e sociais das empresas. Não é objetivo desta pesquisa, todavia, aprofundar este debate.

Para agir ativamente no jornalismo, o ator não precisa, necessariamente, exercer essas duas práticas – ser cidadão-repórter e ser repórter-amador – de forma simultânea. Ele pode deflagrá-las em momentos distintos, mas para realizá-las o indivíduo acionou o seu esquema disposicional.

De acordo com Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), cada indivíduo tem esquemas disposicionais plurais e únicos, que foram sendo construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida em função de experiências de socialização múltiplas e heterogêneas. As sociedades modernas têm fortes componentes de diferenciações culturais, que são potencializadas com o fluxo de informações compartilhadas por atores que estão interligados em grandes redes virtuais. É neste contexto que os núcleos da família e da escola, por exemplo, não detêm mais o controle pela educação do indivíduo.

O nosso conceito do agir ativamente do repórter-amador difere da noção de fonte ativa aplicada por Melo (2003), que atribui essa classificação aos atores e instituições que ocupam uma posição social de destaque e que se tornam, consequentemente, fontes confiáveis para os jornalistas. O agir ativamente também se distingue da noção de fonte participativa de Miranda (2008) e Mesquita (2010), utilizada para abrigar o indivíduo que é consultado pelos veículos de comunicação, mesmo que esse ator não esteja nos papéis de fonte oficial, oficiosa ou *expert* (LAGE, 2003; SANTOS, 2003), as mais valorizadas da tradicional narrativa jornalística.

O fato é que o cenário de representação social construído pelas mídias digitais provocou uma verdadeira revolução nas fontes de informação (CHAPARRO, 2009). Miranda e Mesquita, assim como Melo, não realizaram os seus estudos voltados para esse cidadão comum que, de acordo com a dimensão de nossa pesquisa, quer ser coprodutor e produtor da notícia. Em nossa tese, o indivíduo que age ativamente não é mais, ou não é apenas, uma fonte de informação dos conglomerados de comunicação: ele produz notícia. Quando cria um espaço autoral, multiplicando o polo de emissão da informação, o repórter-amador sinaliza que não quer se submeter exclusivamente à tutela da grande imprensa e aos filtros que são estabelecidos.

O que contribuiu, segundo Melo (2011), para o resgate do "fazer" a notícia de forma mais engajada, apaixonada e voluntária, como era a marca da fase inicial do jornalismo, que explicaremos mais adiante, foram as inovações tecnológicas da segunda metade do século XX, que deflagrou e consolidou o jogo do agir ativamente do cidadão comum. Assim, nasceu o repórter-amador com o perfil que está sendo aqui analisado.

Com as novas tecnologias digitais, o fluxo de informação caminha por vários sentidos (PRIMO, 2011). A linha que demarcava precisamente o lugar do produtor e do receptor da notícia não existe mais. A indústria do jornalismo sofre mudanças profundas. O polo de produção foi descentralizado e ampliado, pode-se buscar informação em qualquer lugar através dos acessos que são abertos pela conexão em rede.

Em uma sociedade ambientada neste mundo virtual, as fronteiras ficam cada vez mais flexíveis. O indivíduo pode circular de um lado a outro com facilidade e rapidez em busca de informação. É neste contexto que o cidadão comum entra e sai do campo do jornalismo. Não fica retido nele para consumir, colaborar ou produzir notícia. Faz uma espécie de jogo, que estamos chamando de jogo do agir ativamente.

Trabalhamos com a noção de jogo para compreender o universo do ator que estamos pesquisando, já que este indivíduo não tem no jornalismo o seu campo prioritário de trabalho, mas é motivado a acionar esquemas disposicionais para que possa atravessá-lo, ampliando o polo de emissão da informação. Para entender quais são essas disposições e como elas são deflagradas ao longo das trajetórias de vida dos cidadãos que estamos analisando, precisamos compreender este quadro contextual.

Assim, tomamos como referência um trabalho que Lahire (2010b; 2006b) realizou para avaliar o universo dos escritores. O que os repórteres-amadores têm em comum com os escritores analisados pelo teórico francês?

Ao estudar o universo dos escritores, Lahire identificou, assim como a nossa pesquisa que trata do universo dos cidadãos comuns que agem ativamente no jornalismo, que os escritores que são amadores, ou seja, não são profissionais, não ficam retidos ao campo da literatura. Eles entram e saem deste espaço porque exercem atividades profissionais em outros campos sociais. Lahire direcionou o seu olhar para o escritor e suas trajetórias de vida para compreender o que o move a atravessar o mundo da literatura. Nossa pesquisa está focada no repórter-amador para entender o que o estimula a acionar esquemas disposicionais para entrar e sair do campo do jornalismo.

Esses dois grupos de atores perpassam os campos da literatura e do jornalismo a qualquer hora porque as atividades, sucessivamente, de escritor e de repórter-amador, são exercidas no tempo livre. Ou seja, quando não estão nos espaços onde atuam profissionalmente e nos quais são remunerados pelos trabalhos executados. É a partir deste cenário que esses dois grupos realizam o jogo.

1.1 Entre o campo e o mundo: o jogo do repórter-amador que age ativamente

Para estudar o universo dos escritores, Lahire (2010b; 2006b) realizou uma pesquisa a partir da noção de jogo literário por considerar que era mais apropriado do que as de campo social de Bourdieu (1983; 1997; 1999a; 2003; 2008) e de mundo das artes de Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009). Isso porque o conceito de jogo permitiu que ele ficasse mais atento às variações intraindividuais das ações e à pluralidade de disposições e competências, mobilizadas pelos indivíduos escritores em contextos heterogêneos.

Estes três conceitos, contudo, estão inscritos na tradição do estudo das reflexões sociológicas, que têm como objetivo compreender a diferenciação de ações e práticas em sociedades cada vez mais complexas. Nas sociedades diferenciadas, o indivíduo não pode ser compreendido como resultado de uma única ação. Afinal, o ator passa por uma variedade de processos de socialização que o leva a ser plural e único. Com isso, os casos de dissonância são mais comuns do que os de consonância, uma vez que o ator circula de um contexto a outro da ação e de uma a outra atividade.

No início, não havia uma distinção tão marcada entre as atividades nas divisões do trabalho, mas elas foram se diferenciando e se organizando em microcosmos a partir de uma lógica específica e de regras próprias para legitimar essas distinções (LAHIRE, 2010b). Neste contexto, a teoria dos campos sociais de Bourdieu (1983; 1997; 1999a; 2003; 2008) representou um avanço nos estudos desses campos.

Um campo social é um espaço estruturado dentro do qual cada grupo ocupa uma posição. É o tempo de atuação desse grupo que vai definir a sua extensão e o seu reconhecimento como instituição diante dos outros grupos, o que vai garantir assim a sua estabilidade (BOURDIEU, 1996; 1999a; 2003).

O princípio fundador dessa teoria é o da distinção. Os indivíduos participam de um processo de evolução para conquistar legitimidade nos campos sociais em que atuam. Quando estão em atuação, delimitam as suas fronteiras para que os campos possam ser reconhecidos como instituições sociais, o que vai gerar cooperação e tensão. O campo social é considerado um espaço multidimensional no qual os atores se diferenciam de acordo com os valores e o capital social.

Quando Bourdieu (1996; 1999a; 2003) se refere ao capital social, não está se restringindo ao âmbito econômico, mas às inúmeras dimensões desse conceito. Ele nos remete aos diferentes tipos de capital que estão explícitos e implícitos no nosso cotidiano, como o cultural, o político e, sobretudo, o simbólico. O capital simbólico é um poder invisível que

engendra e perpassa todos os espaços. A função profissional, por exemplo, é um capital simbólico institucionalizado e legítimo.

Para ser legítimo, o capital precisa ser conhecido e reconhecido por todos os indivíduos que fazem parte de um determinado campo. Este capital representa uma instância de poder. Isso influencia a relação de independência ou de submissão que se estabelece entre os campos. É nesse espaço que os indivíduos reproduzem ou modificam uma ordem vigente já naturalizada e imposta pela sociedade.

É na estrutura social que as relações de poder e as lutas simbólicas são travadas pelos diferentes campos, uma vez que, em busca da autonomia, cada um quer impor e fortalecer a sua própria representação. O grau de autonomia de um campo social está intimamente ligado ao poder de dominação que ele exerce diante dos demais para impor e fazer prevalecer suas disposições, práticas e discursos.

A autonomia do campo do jornalismo está relacionada a um processo de produção de bens simbólicos que rompe com as regras tradicionalmente estabelecidas pelos outros campos (BOURDIEU, 1997; 1999a; 2003). A partir de conhecimentos técnicos específicos, os membros do campo do jornalismo instituíram uma axiologia própria, prontamente identificada pela estrutura social. E uma das principais características deste campo é a de realizar a mediação entre o cidadão e os demais campos sociais para transmitir informações com rapidez e clareza. Assim, os fatos revelados pelos jornalistas contribuem para a construção social de uma realidade e a produção de efeitos de sentido.

A autoridade do campo do jornalismo está exatamente relacionada a essa tarefa de produzir informações sobre a atualidade. Nesse sentido, a mídia tem construído um canal de comunicação com a sociedade por meio do qual os atores sociais satisfazem as suas necessidades de obter informações sobre o que está acontecendo no mundo, com a comodidade de não precisar sair de casa ou do local de trabalho. Esse cenário, no entanto, tem se modificado diante de uma sociedade que cada vez mais está se interligando em rede.

Foi neste processo histórico, iniciado com os iluministas, que o campo do jornalismo foi conquistando a função de tornar visível à opinião pública tudo o que se passa no interior dos outros grupos, que delegaram à mídia o papel de publicizar as suas ações. Esse, contudo, é um processo delicado porque mantém uma contínua relação de cooperação e de tensão. Por isso, o jornalismo é um campo que se submete a pressões externas que vêm dos outros campos sociais. Todos querem ocupar um lugar hegemônico dentro desse disputado espaço de poder para que o seu referente prevaleça na realidade social (MELO, 2011).

Na teoria geral dos campos sociais, atores e instituições procuram se apropriar do capital social e simbólico específicos dos microcosmos para serem reconhecidos. Este capital, porém, é distribuído de forma desigual, o que vai dar poder a um grupo em detrimento de outro. É a luta pela apropriação deste poder que vai determinar o grau de duração e a intensidade das relações sociais que são estabelecidas nos espaços sociais.

Ao aplicarmos essa teoria ao campo do jornalismo, observamos como as relações são estabelecidas no mundo do trabalho, organizado entre jornalistas e donos de conglomerados de comunicação. O cidadão comum que age ativamente, desempenhando os papéis de consumidor, colaborador e produtor da notícia, entra na disputa por um espaço dentro do campo do jornalismo quando quer ter o seu lugar de fala reconhecido. E isso acontece quando ele envia uma sugestão de pauta ou um comentário para que sejam considerados pelos veículos no processo de construção da notícia.

A grande imprensa está abrindo canais de interação com a audiência participativa, a exemplo do que fez o Diario de Pernambuco quando criou um fórum colaborativo na internet, por meio do qual chegamos aos indivíduos analisados nesta tese. Mas a nossa pesquisa empírica identificou que o DP, assim como a maioria dos veículos que integra os conglomerados, não tem valorizado a opinião desses atores que agem ativamente quando define o que é e o que não é notícia. Este poder continua nas mãos das empresas.

Como esse indivíduo não é um ator que tem uma função fixa neste campo porque entra e sai dele quando quer, a tensão e a pressão são flutuantes. Ele não está entrando na competição direta para obter o capital e o poder de ser reconhecido como membro permanente do campo, uma vez que este não é o seu campo principal de atuação profissional. Os cidadãos que agem ativamente não fazem isso como instrumento para ganhar a vida. São remunerados por outras atividades profissionais. Com isso, eles não têm um papel estável dentro do campo.

É inegável que a teoria dos campos sociais significa um grande avanço nos estudos sociológicos para se compreender o funcionamento do campo do jornalismo. Ela apresenta, contudo, limites para que possamos estudar o universo do cidadão comum que age ativamente, participando deste campo como coprodutor e atravessando-o quando cria um canal próprio de comunicação. Este indivíduo deixa o campo do jornalismo, como mostraremos no capítulo da análise, também por discordar dos filtros utilizados na edição das matérias jornalísticas e por não serem ouvidos quando se seleciona o que vai ser publicado.

O pedreiro e líder comunitário José do Interior atuava ativamente dentro e fora das redações, cooperando para o processo de produção da notícia. Antes da popularização da internet, mandava informações para veículos da mídia impressa, radiofônica e televisiva por

meio de cartas e de telefonemas. Além de colaborar com as empresas do jornalismo através do correio eletrônico e dos canais de interação criados na internet, mantém espaços nas redes sociais para falar sobre problemas de seu bairro, que, para ele, não são priorizados nas coberturas da grande imprensa.

Para analisar quais são os esquemas disposicionais que cada indivíduo que age ativamente no jornalismo aciona e como isso acontece, aproximamos o nosso olhar do ator que está dentro de um jogo. Ele não está focado exclusivamente nos papéis desempenhados dentro do campo do jornalismo, mas também em formas de comunicação que pode criar fora dele. O cidadão comum entra e sai deste espaço constantemente até porque ganha a vida em outros campos.

No nosso caso, os seis indivíduos analisados nesta tese têm outras profissões: comerciante, estudante, pedreiro, funcionário público, educador social e agente de tráfego. Mesmo que todos queiram e gostem de colaborar com a grande imprensa e de criar um espaço próprio de comunicação, eles não integram regularmente o campo do jornalismo.

Lahire (2006b; 2010b) se apoiou na noção de jogo para estudar o universo dos escritores, utilizando todas as suas potencialidades a partir da relação que o termo tem com a dualidade: trabalho remunerado e jogo de distrações. Ou seja, da relação entre atividade principal e secundária. O repórter-amador entra e sai do campo e o jornalista profissional tem nesta atividade o seu campo principal.

O indivíduo que estamos estudando vive uma vida dupla, assim como os escritores da pesquisa de Lahire. E é nessa condição que estamos querendo compreender como cada um dos atores estudados nesta tese cria inconscientemente o seu esquema disposicional para conseguir realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

O escritor que tem na literatura um segundo exercício – muitas vezes hedonista e voluntário, cujo tempo dedicado a ele é o do lazer –, assim como o nosso repórter-amador, está dentro de um jogo que tem múltiplos pertencimentos (LAHIRE, 2010b). Parte dos escritores produz os seus livros acumulando essa atividade com outra. E isso é um problema para que Lahire pudesse analisar esse ator dentro da teoria dos campos sociais de Bourdieu (1997; 1999a; 2003). Lahire também considera problemático colocar esse indivíduo como um ator que pode ser observado dentro do conceito de mundo das artes de Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009), apesar do universo desenhado por Becker ser amplo, funcional e flexível.

A arte, para Becker, é um produto do trabalho coletivo que se desenvolve em meio a um processo de cooperação, deflagrado a partir de convenções que proporcionam a coordenação do trabalho de forma interdependente. Ele privilegia o estudo das formas de

cooperação, mas passa ao largo das tensões que surgem desta interdependência e da análise da obra de arte em si ou dos atores envolvidos na sua concepção.

Para analisar o mundo das artes, Becker (1982) desenvolveu uma pesquisa empírica na qual observou que, antes de ser exposta e apreciada pelo público, a obra de arte tinha que passar por um processo coletivo. Nesse contexto, várias etapas são cumpridas: da concepção autoral do trabalho, passando pela viabilização dos meios materiais que criam as condições de possibilidade para a produção até chegar ao consumo por parte do espectador. Todas essas fases se combinam em uma obra de arte como parte interdependente de um movimento onde cada ator tem um papel a desempenhar. Becker, no entanto, não considerou as disputas entre os membros deste mundo.

O artista – identificado pelo grande público como o principal ou único detentor do capital cultural da obra de arte – está dentro de uma rede social que envolve a cooperação, o que leva a um processo de interação e de interdependência. É a arte como ação coletiva. Nesse mundo social, porém, algumas atividades são consideradas artísticas e outras não, o que gera as representações sociais que os indivíduos fazem do mundo das artes.

Becker, porém, nos ajuda a pensar sobre questões fundamentais como a perspectiva disposicional dos atores que fazem parte do mundo das artes. O conceito de mundo social de Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009) tem origem na tradição do interacionismo simbólico, na análise de fenômenos que existem independentemente do reconhecimento da institucionalização de uma determinada profissão.

Nesta perspectiva, o jornalismo é um mundo que não se limita às redações das grandes empresas de comunicação. É formado a partir de uma ampla rede de cooperação, que passa, por exemplo, pelos departamentos comercial, que sustenta financeiramente os conglomerados, e de designer, que concebe graficamente o produto jornalístico para torná-lo mais atrativo, até chegar à audiência, que pode apenas consumir ou ser participativa, segundo a nossa concepção do agir ativamente.

Pedro do Batuque diz não querer ser jornalista, mas sempre se envolveu com veículos de comunicação, colaborando, coletivamente, para o processo de produção da notícia. Já participou de rádios e jornais comunitários no bairro onde mora. Revelou que não conhece a rotina dos jornalistas, como eles apuram e produzem a notícia, mas de tanto ler jornal, ouvir rádio e assistir à televisão, passou a redigir intuitivamente notícias em rádios e jornais comunitários, partindo do que é mais importante. Ele colabora com os conglomerados de comunicação, enviando comentários e sugestões de matérias, e com amigos não jornalistas

que têm espaços nas redes sociais para divulgar informações sobre a área em que trabalha: transporte público.

Para Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009), cada ator social orienta o seu comportamento por meio dos limites da ação do outro. É um processo complexo em função das motivações que estão subjacentes à ação social, definidas, interpretadas e orientadas a partir da leitura que o indivíduo tem da representação do outro. Essa configuração está, por sua vez, conectada não apenas ao contexto coletivo, mas também à experiência individual de socialização.

A rede de pessoas que participam do mundo social do jornalismo, por exemplo, não está relacionada apenas ao aspecto organizacional. Os indivíduos interagem em função de diversas motivações, que os levam a se engajar, independentemente de qualquer tipo de pertencimento institucional. É o que podemos verificar atualmente entre os cidadãos que estão interagindo com os veículos por meio do envio de sugestões de matérias e de comentários, mesmo sem ter uma posição de ator permanente nas organizações, como apontamos nesta pesquisa.

Para que os pesquisadores possam aplicar, em seus estudos, a noção de mundo das artes, Becker (1977b) ressalta que é importante identificar quatro movimentos básicos: a relação entre os tipos de indivíduos, a cooperação deles na coordenação dos trabalhos, a ação coletiva e a interação que possa gerar a produção de um sentido comum.

Inicialmente, Becker descreve os tipos de atores que contribuem para a constituição desse mundo social a partir de um esquema que começa a ser delineado pelos indivíduos que concebem a obra de arte, como compositores e dramaturgos. Depois, coloca nesse processo os atores que fornecem os equipamentos e materiais necessários para a execução da obra de arte, como as organizações que fabricam instrumentos. Em seguida, destaca os indivíduos que realizam o projeto de quem idealizou a obra de arte, como músicos e atores. Por último, ressalta a importância, dentro desse mundo social, dos atores que apreciam e prestigiam o produto final, ou seja, o público que frequenta teatros, cinemas e exposições.

Na noção de ação coletiva, para Becker, os indivíduos colaboram com diferentes níveis de adesão para que a obra de arte seja concebida, produzida e apreciada. Por isso, a concepção de mundo das artes está vinculada à ideia de circularidade, que, ao nosso ver, tem como equívoco o fato de posicionar os atores dentro do mesmo patamar, apagando as disputas internas entre eles. Ele ressalta que a interação dos atores participantes do mundo das artes gera a produção de um sentido comum, de um valor que está sendo construído coletivamente e que é dividido por todos de forma ideal. Isso ocorre a partir das convenções que são

mutuamente compartilhadas e do apoio que um ator pode dar ao outro no processo que envolve a concepção, a produção e a apreciação da obra de arte.

> Se Pierre Bourdieu coloca claramente no centro do campo os agentes e as instituições em luta pela apropriação do capital específico ao campo e exclui expressamente todos os que não concorrem, mas que somente estão lá para tornar possíveis estas competições, H. S. Becker considera, por exemplo, que os fabricantes de instrumentos de música ou de papel de desenho, como o conjunto de empregados de uma editora, são partes integrantes do mundo da arte considerada (LAHIRE, 2010b, p. 107).

Como demonstra Lahire, Becker não diferencia as posições sociais dos indivíduos no mundo social dando iguais condições de empoderamento. O repórter-amador que age ativamente no jornalismo está em um espaço de ação que fica na interface entre os conceitos de mundo do jornalismo – que é mais reducionista porque envolve o sentido do processo de cooperação puro e simples entre todos os atores, um mundo ideal – e de campo do jornalismo – que é mais específico pela luta interna dos atores que ocupam uma posição permanente pela obtenção de poder e de reconhecimento do capital social de um campo de atuação prioritária, de primeira ordem. Como entra e sai destes dois espaços, este indivíduo que age ativamente realiza uma espécie de jogo. A este jogo chamamos de agir ativamente.

Por ter múltiplos pertencimentos, não pode ser um ator que faz parte deste mundo ou que integra uma posição fixa no campo. O nosso cidadão que age ativamente está entre esses dois espaços, na interface, como mostra a figura a seguir:

Figura 1 – A estrutura do espaço de atuação do repórter-amador
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2006b; 2010b)

O repórter-amador que age ativamente, assim como o escritor de Lahire (2010b), quando é analisado dentro de seu mundo não está em um sistema fechado de disposições duráveis e não pode ser estudado dentro de uma rede de cooperação interdependente. Ao estudar a obra de Frank Kafka, por exemplo, Lahire propõe uma maneira sociológica de analisar a criação literária, sem desprezar o universo pessoal do escritor.

O universo literário é especifico, não pode ser tratado de forma autônoma. Ou seja, não se pode deixar de lado o universo da trajetória de vida do escritor fora do mundo da literatura. Isso faz parte do jogo dos criadores. "É impossível compreender a obra de Kafka sem reconstruir suas experiências mais recorrentes e marcantes nos diferentes quadros de sua socialização (quadros familiar, escolar, de amizade, sentimental, profissional, político, etc.)" (LAHIRE, 2010b, p.115).

O indivíduo que age ativamente precisa ser estudado a partir de disposições que estão fora do campo profissional, sem negligenciar os múltiplos processos de socialização das experiências pessoais e o fator de atualização a partir dos contextos e das relações sociais mantidas entre os atores que estão no mundo do jornalismo, como procuramos fazer na tese.

> A teoria beckeriana dos mundos da arte é focalizada sobre os tipos de atividades em detrimento dos indivíduos que os praticam. A teoria dos campos é a redução do homem ao seu ser um membro do campo. A sociologia, tal como eu a concebo, é uma ciência preocupada em articular as disposições sociais incorporadas e os múltiplos contextos de sua atualização. Uma ciência que desenvolve o estudo do mundo social interrogando-se notadamente sobre as variações intraindividuais dos comportamentos. Interessando-se pelo indivíduo e pelos seus múltiplos pertencimentos socais passados e presentes, ela permite, ao mesmo tempo, esclarecer as práticas dos criadores, cuidando para não reduzi-los à sua função de criadores e a sua posição no universo da criação (LAHIRE, 2010b, p.109).

Ao considerar a noção de jogo de Lahire, trazendo-a ao nosso estudo, não estamos negligenciando o que o cidadão comum sente, pensa e faz quando está agindo ativamente no jornalismo, mas ressaltando o seu múltiplo pertencimento. Isso porque a vivência do ator, antes de ser coprodutor e produtor da informação e em sua vida paralela quando está agindo ativamente, é importante para que possamos compreender quais as disposições sociais que o motivam a querer ser colaborador e autor da notícia. Essas variações foram acionadas por esquemas disposicionais individuais, atualizadas a partir de relações sociais e dos contextos vividos, e por meio das observações dessas variações pudemos analisar as trajetórias dos seis indivíduos estudados, para verificar se o jogo do agir ativamente se manifesta como uma disposição forte ou fraca e ascética ou hedonista.

É quando estamos diante desse jogo, do entrar e sair do jornalismo de forma voluntária e não profissional, que fica ainda mais claro que a teoria dos campos sociais não é suficiente para explicar o contexto do surgimento desse indivíduo para o qual o nosso olhar está se voltando. Ao analisar as disposições sociais do ator que age ativamente, observamos que ele não se contenta também em ficar no mundo social do jornalismo, na perspectiva de cooperação de Becker (1977a; 1977b; 1982; 1986; 2009), porque vai além. Não colabora pura

e simplesmente com o objetivo de contribuir para um processo funcional da organização jornalística, mas na verdade gera um conflito ao querer colaborar ou criticar para mudar o sentido do discurso elaborado pelas empresas. Isso porque quebra com o lógica do processo instituído pelos conglomerados de mídia ao longo dos anos de se manter no poder de produzir a notícia.

Esse ator também não está no campo do jornalismo, na perspectiva de Bourdieu (1983; 1997; 1999a; 2003; 2008), porque não entra com o objetivo de ser reconhecido como membro do campo que domina valores e capitais sociais próprios dos integrantes deste campo. O cidadão comum não tem o jornalismo como campo prioritário de atuação e disputa profissional, mas sim como um subcampo. Ele quer um espaço de visibilidade e quer influenciar. Os meios de comunicação têm concedido uma abertura de diálogo, mas mantêm o controle dominante do discurso até para dar legitimidade ao seu poder de campo que contribui para se construir socialmente uma realidade.

No jogo para o agir ativamente, este indivíduo sai do campo do jornalismo, estruturado como determina Bourdieu, para criar um espaço próprio de autonomia e especificidade relativas. Tudo vai depender do tempo que ele vai dedicar ao jogo porque ele vive uma vida dupla, de múltiplos pertencimentos. O contorno desse espaço alternativo, para o ator pensar e agir ativamente, pode ser impreciso e indefinido. Não é nosso objetivo trazer, como Lahire também ressalta, essa situação de vida dupla do repórter-amador como se fosse um problema de identidade, mas um esforço para explicar o contexto no qual esse jogo se materializa.

Nosso estudo não vai aprofundar como esse espaço alternativo é construído e como ele funciona, o nosso objetivo é observar os esquemas disposicionais que cada um dos seis atores analisados acionam para agir ativamente, levando em conta os processos de socialização nas famílias original e formada, na escola, no trabalho, na comunidade e no jornalismo. Com isso, avaliar as variações inter e intraindividuais, sem negligenciar as relações sociais entre os atores e os contextos de atualizações das disposições.

O universitário Antonio Empreendedor colabora com veículos de comunicação, enviando comentários e sugestões de matérias, e mantém um espaço nas redes sociais para divulgar informações de seu interesse, a maioria delas voltadas para o bairro onde mora no Recife. As disposições sociais o estimulam a exercer com regularidade os papéis de coprodutor e produtor da notícia, como estudaremos no capítulo da análise. Essas práticas não correspondiam às atividades principais de seu dia a dia. Além de estudante, trabalhava como

estagiário em uma faculdade e ainda tinha um pequeno comércio na garagem da casa onde morava.

É necessário destacar que, sociologicamente, Becker e Bourdieu realizam as suas análises a partir da concepção de grupos, classes ou categorias, deixando, em segundo plano, o olhar sociológico para o indivíduo enquanto ator que age diretamente nessa mesma organização. Por isso que, em nosso estudo, recorremos à sociologia à escala do indivíduo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) que nos deu o suporte de fundo para que essa pesquisa pudesse aproximar o nosso olhar da pluralidade das disposições sociais do repórter-amador que age ativamente no jornalismo.

2. O jornalismo como instituição social e as atividades jornalísticas

Nas sociedades modernas, o jornalismo ganhou o reconhecimento de ser uma instituição social em função dos papéis que passou a desempenhar: o de dar visibilidade aos acontecimentos da atualidade, mediando as informações entre os indivíduos e os outros campos sociais, e o de ser o espaço onde esses acontecimentos são debatidos (BENEDETTI, 2009).

A imprensa se converteu no novo espaço público[16] onde as informações circulam e os debates surgem e se ampliam. Antes esses movimentos ocorriam em clubes, ruas, praças e restaurantes. Até o começo do século XIX, esse papel era desempenhado pelos jornais impressos. Depois, passou para o rádio e a televisão. A partir da segunda metade do século XX, a internet ganhou um lugar de destaque nesse cenário.

Esse papel de mediador que deu credibilidade e função social ao jornalismo também o colocou dentro da lógica de mercado, transformando-o em uma indústria como qualquer outra que precisa gerar receita e dar lucro. Também foi essa lógica que, nos regimes democráticos[17], conferiu ao jornalismo outro papel: o de fiscalizar o Estado ao tornar públicas as suas ações.

[16] Habermas (1984) instituiu o conceito de esfera pública, que era um espaço de debate onde todos, pelo menos teoricamente, poderiam se expressar para que juntos pudessem buscar um consenso em relação às ideias que eram discutidas. Era um espaço comunicativo que ficava entre a esfera burguesa e o Estado, produto do Iluminismo. No século XVIII, os jornais impressos desempenharam um importante papel na instituição de uma esfera pública burguesa que passava a ser mediada. No mundo contemporâneo, a mídia – não só os jornais impressos, mas, sobretudo, a televisão e a internet – apropriou-se desse lugar, que passou a ser controlado pelos conglomerados de comunicação. O espaço para a exposição dos argumentos foi reduzido e delegado à imprensa. Atualmente, as ferramentas surgidas com a internet, principalmente as redes sociais, estão criando novas possibilidades de comunicação, ampliando o campo para a exposição dessas ideias.

[17] Durante o regime militar, a maior parte da chamada grande imprensa apoiou a ditadura. O veículo de comunicação que não tomou essa posição foi censurado e fechado. Ao longo deste período, jornais alternativos surgiram para criticar e satirizar o regime. Na segunda metade da década de 1980, começaram a ser publicadas reportagens especiais sobre temas que incomodavam o governo, como a mordomia dos servidores que ocupavam cargos comissionados na União (SEABRA, 2006).

Nasceu assim a noção de que o jornalismo seria o quarto poder, que complementaria os outros três, necessários para o funcionamento do sistema democrático: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário (TRAQUINA, 2004). Esses papéis que agregaram poder ao campo do jornalismo estão sendo abalados pelo cidadão comum, como os nossos indivíduos pesquisados, ao buscar, por meio da internet, informação direto nas fontes, ao fiscalizar as ações do Estado e de outros entes públicos e ao criar espaços próprios de comunicação, driblando os filtros impostos pela grande imprensa, mas não é o foco desta tese aprofundar estes aspectos.

Para Chalaby (1996), a atividade jornalística foi percebida como instituição social com os avanços tecnológicos do século XIX. A modernização do modo de impressão, que levou à produção em grande escala dos jornais impressos, fez com que as empresas de comunicação adotassem regras organizacionais com o objetivo de disciplinar a prática jornalística. A atividade não poderia mais ser exercida de forma voluntária e informal.

Chaparro (2009), por sua vez, observa que a construção dessa imagem vinculada ao jornalismo se consolidou quando a imprensa passou a redigir textos demarcando os espaços das informações e das opiniões, mesmo que o processo de produção da notícia nunca fosse imparcial e neutro. Os textos, apesar de mais objetivos, obedecem a um complexo mecanismo de descontextualização e recontextualização, feito a partir dos enquadramentos escolhidos pelos jornalistas e pelas empresas.

> À medida que os jornais deixam de ser veículos de expressão de opiniões individuais ou de pequenos grupos e constituem uma instituição social, eles passam a compartilhar valores profissionais, princípios éticos e responsabilidades sociais. Os três sentidos da mediação que o público espera do jornalismo ganham equivalência profissional ao serem traduzidos em princípios da atividade jornalística (BENEDETTI, 2009, p. 25).

O movimento de descontextualização e recontextualização cria efeitos de sentido coletivo na sociedade, que não é formada por indivíduos de características homogêneas. Apesar da heterogeneidade da audiência, as empresas de comunicação elaboram a noção de comunidade imaginada (ANDERSON, 1991) para que os atores, que não se conhecem fisicamente, tenham a sensação de estarem próximos. Ao compartilharem informações seja por veículos mais tradicionais seja pela rede de computadores, esses atores têm o sentimento de que estão criando um elo, como se diversos segmentos pudessem ser alcançados e reunidos em um espaço em comum, mesmo que de forma virtual.

Esse sentimento, segundo Anderson (1991), leva os indivíduos a terem confiança em uma comunidade imaginada. E esse laço é importante para que a instituição jornalística seja reconhecida como construtora de narrativas. São elas que irão elaborar interpretações a partir

de fatos sociais, cumprindo assim o papel de *carrier group* (ALEXANDER, 2002), um grupo de pressão que funciona como uma espécie de porta-voz. A partir do trabalho de Alexander, Melo (2010) fez um redimensionamento do conceito de *carrier group,* adaptando-o à análise do papel da imprensa como enunciador coletivo de um discurso, capaz de produzir inúmeros efeitos de sentido sobre a coletividade.

Para que o jornalismo evoluísse e superasse a fase mais artesanal e romântica, os fatores econômicos e tecnológicos caminharam juntos aos aspectos social e cultural, como sinaliza a pesquisa de Melo (2010). Assim, foi possível, segundo Franciscato (2005), criar uma possibilidade de leitura de um conteúdo produzido com base em relatos de fatos reais, o que contribuiu para que se elaborasse a noção de tempo presente.

O próprio modelo de organização da instituição social do jornalismo criou uma gestão do tempo que pode conectar as práticas dos jornalistas aos objetivos da empresa, gerando uma performance de produtividade que faz parte da lógica de mercado das indústrias culturais. "O jornalismo não cria o tempo presente, mas atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social" (FRANCISCATO, 2005, p. 20). É importante também entendermos que existem diferenças nos conceitos, normalmente utilizados como sinônimos, de instituição jornalística e atividade jornalística. Nesse sentido, tomaremos como suporte os estudos de Franciscato (2005).

De acordo com Franciscato, o jornalismo surge como uma forma de produção cultural híbrida. As primeiras publicações (RAYMOND, 1996), que não tinham o compromisso de trazer informações periódicas regulares, narram fatos ocorridos na Europa Ocidental no final do século XVI e início do século XVII. A institucionalização das práticas do jornalismo como as reconhecemos hoje, com seus princípios e valores, só aconteceu nos séculos XIX e XX.

Franciscato (2005) faz uma minuciosa pesquisa para registrar os sentidos originais dos termos jornalista e jornalismo que começaram a aparecer em textos escritos em inglês e francês. O primeiro foi encontrado a partir de 1693, para se referir ao indivíduo que escrevia sobre assuntos do cotidiano na imprensa. O segundo, para nomear a atividade exercida pelo jornalista, a partir de 1933. Os dois termos, como mostra Hunter (1988), estão vinculados à noção de tempo presente com relatos públicos de fatos do cotidiano e até de narrativas privadas sobre o dia a dia dos atores.

A partir desse registro histórico, Franciscato (2005) faz uma diferenciação entre os termos jornal, jornalismo e notícia. A notícia não é tão somente o resultado do processo de produção do fazer jornalismo, é a narrativa de qualquer indivíduo que traz informações novas sobre fatos públicos ou pessoais.

Essa noção de notícia como o resultado do processo das relações sociais, que pode extrapolar os critérios de noticiabilidade e os seus valores construídos pelos jornalistas, será retomada mais adiante quando iremos discorrer sobre o papel do indivíduo nas novas configurações do jornalismo, mudanças impulsionadas pela introdução do computador nas redações e pela popularização da internet.

Stephens (1988) afirma que a notícia passou por três fases: a oral, a escrita em suportes diversos, como a manuscrita, e a impressa em um sistema mecânico, como as impressoras. Nesse contexto, o jornal é o principal suporte que surgiu para que a notícia deixasse de ser veiculada apenas de forma oral e informal, que ficava restrita a pequenos grupos. Se considerarmos o processo de desenvolvimento da tecnologia de impressão, a partir do século XV, perceberemos que os avanços tecnológicos contribuíram para acelerar e aumentar a circulação da notícia, o que institucionalizou a prática do fazer jornalismo.

A transmissão do conteúdo da notícia pelo modo do correio tradicional foi perdendo importância quando surgiu o telégrafo, inventado por Morse, na primeira metade do século XIX, e o telefone, criado por Graham Bell, na segunda metade daquele século. A máquina de escrever, introduzida nos jornais norte-americanos na segunda metade do século XIX, também ajudou nesse processo de dar mais velocidade à narrativa jornalística porque os textos manuais eram realizados de forma mais lenta. O rádio foi outra invenção que proporcionou um movimento que os estudiosos chamaram de revolução das comunicações.

Com uma imprensa de produção e publicação mais periódica, entre os séculos XVII e XVIII, as notícias veiculadas pelos jornais passaram a dar o mote das conversas em ambientes privados e públicos. A popularização da leitura dos jornais instituiu novas práticas e criou vínculos entre pessoas que não precisavam estar em um mesmo ambiente físico. “O jornalismo assume, então, primeiras feições de uma instituição incipiente que irá constituir ‘padrões reguladores’ de ações e comportamentos, a desempenhar papel social específico e diferenciar-se, enquanto organização social, das demais instituições”. (FRANCISCATO, 2005, p. 30).

Atualmente, esses laços são criados pelas ferramentas do mundo virtual, como as redes sociais que possibilitam o diálogo e o compartilhamento de informações. Para analisar as relações construídas na internet, Rheingold (1996) trabalhou o conceito de comunidades virtuais, agregados sociais na web que criam um sentimento de pertencimento, percepção semelhante a que Anderson (1991) teve quando estudou a recepção das notícias dos jornais impressos. Na internet, esses agregados formam teias de relações pessoais.

A revolução do sistema de impressão, para Eisentein (1983), deu uma nova velocidade à circulação da notícia, motivando a criação de jornais e a instituição de uma nova prática, o que corroborou para o surgimento do jornalismo como instituição social. Já para Sommerville (1996), os jornais representaram uma evolução na forma das pessoas se comunicarem, iniciada com a troca de cartas que narravam os fatos novos do cotidiano.

Franciscato se apoia em um estudo realizado por Popkin (1989) para ressaltar que a leitura de jornais institui padrões reguladores de ações e comportamentos, diferentemente da leitura do livro, porque cria uma nova noção de convivência e temporalidade. O jornal elabora uma narrativa periódica de fatos que não estão sendo presenciados por todos os indivíduos, o que estabelece uma nova rotina para a circulação das notícias.

Os aspectos da periodicidade, da identidade e da unidade entre indivíduos que não estão próximos fisicamente passaram a ser identificados como valores de uma atividade social que, ao longo dos anos, foi ganhando status de instituição social. Ao comparar os jornais ingleses e norte-americanos com os franceses, Chalaby (1996) concluiu que não foi a modernização do sistema de impressão que trouxe essa dimensão para o jornalismo, mas a conexão entre fatores econômicos, sociais e culturais, fundamentais para o surgimento do jornalismo como um campo profissional.

No século XIX, criaram-se as condições necessárias para a formação de uma atividade especializada. Os jornais ingleses e norte-americanos instituíram um modelo de práticas específicas de produção e redação de textos com valores que estavam vinculados a uma pretensa objetividade e neutralidade até mesmo para se distinguir das práticas do mundo literário. Mesmo sem utilizar o termo instituição, Popkin, segundo Franciscato (2005), enaltece que o jornal já exercia um papel de instituição social na Europa na segunda metade do século XVIII quando contribuiu para intensificar a circulação de informações.

O jornalismo assim se consolida dentro de uma cultura do tempo presente, que faz parte de um processo que é longo e complexo. Não pretendemos nessa tese aprofundar essa noção de temporalidade que foi sendo construída pela sociedade, mas, no que tange à expansão do fazer jornalístico, essa noção está relacionada ao estímulo da leitura periódica dos jornais impressos para que os indivíduos pudessem se manter atualizados e informados. Essa cultura foi sedimentada no crescente interesse em ter conhecimento sobre as descobertas científicas, propagadas em função da evolução das tecnologias de transmissão.

A urbanização das cidades, a alfabetização da população e a expansão de transportes coletivos nos Estados Unidos, entre os séculos XVII e XIX, são fatores que estimularam à leitura, favorecendo o consumo das notícias veiculadas nos jornais. Enquanto se deslocavam

de casa para o trabalho nos trens, as pessoas se informavam. Isso, segundo Schudson (1978), levou a adoção de uma técnica utilizada até hoje por um modelo tradicional do jornalismo: o lide[18].

Os jornais passaram a criar técnicas para tornar essa leitura mais atrativa, convertendo-se na principal fonte de informação do cidadão até o início do século XX. A imprensa contribuiu para o surgimento de uma comunidade imaginada cujos membros não estão próximos fisicamente, mas, mesmo assim, podem comungar de um sentimento de pertencimento e de participação de diversas ações da vida cotidiana, como afirmou Anderson (1991) e Rheingold (1996).

As transformações tecnológicas reestruturam a organização das rotinas produtivas dos jornalistas a partir da adoção de novas ferramentas para a produção e distribuição da notícia. Esse procedimento organizacional está internalizado nos jornalistas por meio de valores, técnicas e formatos dominados pelos que exercem a prática jornalística.

Franciscato (2005) ressalta que foi nos Estados Unidos que houve a profissionalização da carreira de repórter. O pesquisador enaltece que existem duas noções para se definir o que é ser repórter. Uma está ligada às condições do trabalho jornalístico, que envolve das longas jornadas de trabalho à adoção de técnicas de redação próprias. A outra está relacionada à formação de um *ethos* de vida, como a internalização de valores que regulam os princípios do exercício da profissão.

Apesar de ter acionado esquemas disposicionais inconscientemente para colaborar com os veículos de comunicação e criar um canal próprio de comunicação, o repórter-amador que age ativamente não tem compromisso com nenhuma jornada de trabalho. Ele age ativamente quando entra e sai do campo do jornalismo de forma voluntária e sem remuneração, como explicamos no início deste capítulo. A redação dos seus textos não está atrelada às técnicas jornalísticas, mesmo que ele compreenda que a noção de notícia está relacionada à de novidade.

João do Ônibus escreve as notícias em seu espaço nas redes sociais como se estivesse redigindo uma redação escolar. Quando escreve, afirma lembrar da orientação de uma professora de redação, que dizia, segundo ele, que o bom texto é aquele que está claro. Para isso, as ideias precisam ser organizadas em cinco parágrafos, e é o que faz.

[18] Os historiadores Bondheim (1994), Schudson (1978) e Brown (1985) apresentam pesquisas que afirmam que a composição da estrutura do lide foi elaborada para facilitar o envio da notícia, adotando um estilo telegráfico. No lide, devem estar as informações mais importantes sobre um determinado tema. O lide resume um fato, favorece a redação de textos curtos e torna a notícia mais objetiva e fragmentada (FRANCISCATO, 2005).

A produção da notícia, para o jornalista, envolve um complexo sistema que faz o acontecimento se destacar e entrar na edição de um veículo. Esse sistema passa, para Vizeu (2008), pela operacionalização de práticas e valores que envolvem a cultura profissional, a organização do trabalho, os processos produtivos, os códigos particulares de uma redação, a língua e a enunciação jornalística. Por isso, a notícia, segundo Melo (2010), é um produto sociocultural que leva a processos e interações sociais.

É nesse contexto que o jornalismo tem construído um mundo possível (ALSINA, 1996) ancorado em enquadramentos do mundo real, tomando como base os critérios de noticiabilidade[19] dos quais fazem parte os valores-notícia. Por isso, Traquina (2005) afirma que os jornalistas integram uma comunidade interpretativa transnacional. Ele classificou esses valores-notícia em dois grupos, a partir de critérios de seleção e de construção.

No primeiro grupo, os acontecimentos chegam à categoria de notícia quando são avaliados como importantes ou interessantes e quando estão relacionados ao contexto de produção de outra notícia. No segundo grupo, os valores-notícia funcionam como guias, indicando o que deve ser priorizado na construção da notícia.

O aspecto da temporalidade é fundamental para que o jornalismo instituísse suas práticas e valores que o fizesse ser reconhecido pela opinião pública como uma instituição social. De acordo com Fransciscato (2005), cinco fatores se relacionam entre si para que o jornalismo possa ser percebido como um operador que faz parte da construção da cultura do tempo presente. Ele está se referindo às noções de instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública, que trazem à tona uma complexidade de efeitos de sentido que precisa ser levada em conta quando se teoriza sobre a dimensão social da temporalidade dentro do jornalismo.

Com base no que discorremos até agora, percebemos que a instituição jornalística é a base da estrutura do campo do jornalismo. As empresas são as responsáveis pela normatização e pela aplicação de regras, necessárias para dar sentido aos valores culturais instituídos pelas empresas de comunicação. A imprensa é a instituição social que estrutura o jornalismo. É ela que faz, em muitos casos, a mediação entre o indivíduo e os outros campos sociais porque tem o poder de penetrá-los para dar visibilidade aos acontecimentos com o objetivo de torná-los públicos. Ao perpassar esses campos sociais para promover a mediação,

[19] Para Wolf (1987), é um conjunto de elementos que dá amparo à informação selecionada para virar notícia. Esse conjunto de critérios controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimento que vai servir de base para a notícia.

o jornalismo tem o poder de impor a agenda[20] de temas discutida pela sociedade, processo que está sendo abalado pelos indivíduos que agem ativamente no jornalismo.

Já a atividade jornalística só pode ser visualizada quando está sendo exercida pelos atores sociais (FRANCISCATO, 2005; MELO, 2010). Nesse contexto, há um processo de interdependência entre essas duas instâncias: a instituição jornalística (a estrutura) e a atividade jornalística (o ator). A instituição interfere na prática dos indivíduos e a atividade jornalística influencia o movimento da estrutura.

Nesta tese, consideramos que a atividade jornalística é praticada profissionalmente pelos jornalistas, que são remunerados, cumprem uma carga de trabalho fixa nas organizações empresariais e obedecem a uma cultura profissional que tem normas e valores instituídos pelo corpo de atores que fazem parte desta estrutura. O repórter-amador exerce práticas jornalísticas só que de forma voluntária, sem compromisso profissional com carga horária e com os valores do campo.

O cidadão comum que é cidadão-repórter e repórter-amador é um ator que quer participar do processo de produção da notícia, dentro e fora dos conglomerados, para expor as suas ideias e sua ações sem ficar refém dos filtros impostos pelos veículos de comunicação. Ele se aproxima da imagem e das práticas dos atores que trabalhavam as informações na fase inicial do jornalismo, antes da sua profissionalização.

2.1 As fases do jornalismo: do opinativo ao tecnológico

Ao longo de seu percurso histórico, o jornalismo passou, segundo Marcondes Filho (2002), por quatro fases: a opinativa, a informativa, a explicativa e a tecnológica. Essas etapas mostram como o jornalismo foi sendo reconhecido como um campo social que faz a mediação entre o indivíduo e os outros campos sociais. Delegou-se ao jornalismo a missão de entrar em lugares aos quais o ator não tinha acesso para que pudesse tomar conhecimento de fatos que poderiam ser do interesse da sociedade. Assim, o jornalismo foi conquistando uma centralidade, um lugar de referência na construção social da realidade (VIZEU, 2005; VIZEU, ROCHA e MESQUITA, 2011).

A primeira fase do jornalismo vai de 1789 a 1830. É a época do jornalismo político-literário exercido sem fins econômicos, etapa do jornalismo opinativo, espaço para o embate político. No início, o jornalismo, segundo Lima Sobrinho (1923), era uma atividade cultivada

[20] A teoria do agendamento, o agenda-setting, sustenta que as pessoas agendam os assuntos que norteiam as suas conversas ou debates com base nos temas noticiados pela mídia. Foi abordado, inicialmente, por McCombs e Shaw (1993), para estudar as eleições nos Estados Unidos. A partir desse paradigma, os critérios que regulam a enunciação jornalística de um fato são ampliados e desdobrados.

por indivíduos idealistas, liberais e até românticos, que acreditavam nos ideais da Revolução Francesa. A imprensa era artesanal, feita por quem desejava debater ideias que contribuiriam para jogar luz na escuridão, esclarecendo sem esconder o viés opinativo.

O jornalismo era uma atividade exercida de forma voluntária e engajada por cidadãos de qualquer área profissional que queriam dar visibilidade às propostas de seus grupos. As ideias e influências políticas e econômicas não ficavam escondidas, como acontece hoje, eram expostas claramente para a opinião pública (BENEDETTI, 2009). O jornalismo surge, segundo Marcondes Filho (2002), desse embate político-ideológico. Era muito diferente do atual modelo, mais comercial e feito por jornalistas assalariados, resultado do desenvolvimento da indústria da imprensa (LIMA SOBRINHO, 1923).

Esse cidadão dos primordios do jornalismo reaparece no final do século XX reincorporado no nosso repórter-amador que, de forma artesanal e voluntária, busca dar visibilidade e jogar luz a temas que muitas vezes estão fora da pauta da grande imprensa. Esse repórter-amador aciona as disposições que aqui analisamos e age ativamente no jornalismo, hoje industrial, mas com ideais próximos às práticas de origem do campo, sem, contudo, o reconhecimento existente no passado.

Nesse mesmo século XIX, começaram a aparecer nos Estados Unidos os primeiros jornais que tinham uma linha menos opinativa e mais informativa. Iniciou-se a segunda fase, a do jornalismo informativo, que foi de 1830 a 1900. Entre os fatores que contribuíram para essa etapa, pode-se citar a alfabetização da população, a urbanização das cidades, a criação de empresas jornalísticas e o progresso tecnológico. O jornal passa a ser visto como uma empresa, assim como qualquer outra do sistema capitalista.

Nessa fase, surgiram novos gêneros jornalísticos, como a entrevista e a reportagem. No final do século XIX, os jornais tornaram-se mais acessíveis. O modelo da narrativa ficou atual e noticioso. A linguagem tinha que ser clara, concisa, direta, simples e precisa. O jornalismo apostou no modelo que separa fatos de comentários.

O jornalismo mais engajado e opinativo foi pouco a pouco sendo substituído pelo modelo que conhecemos hoje, que privilegia os interesses das empresas de comunicação. As gráficas manuais e artesanais foram dando lugar às rotativas, que produziam em escala industrial. Abriu-se espaço para os anúncios e as matérias pagas. O jornal tinha que almejar o lucro para pagar os custos de investimentos da modernização do parque gráfico e da contratação de profissionais.

O jornalismo passou a ser uma atividade que exigia uma dedicação maior ou quase exclusiva de seus profissionais. A imprensa se expandiu, tornando-se uma indústria. Os donos

dos veículos poderiam cobrar por anúncios e pela venda. Criou-se uma cultura profissional e isso gerou, segundo Benedetti (2009), implicações deontológicas (princípios profissionais) e cognitivas (conhecimento específico), como abordamos no processo em que o jornalismo foi decisivo para a construção da noção de tempo presente.

Quando um jornal estampava um conteúdo mais opinativo e engajado, recebia logo o adjetivo de panfletário e parcial. Isso porque o jornalismo praticado pelas grandes empresas passou a ser considerado, utopicamente, imparcial, objetivo e neutro. Esses valores, construídos principalmente pela imprensa norte-americana e adotados pela imprensa brasileira, passaram a nortear os jornalistas porque conferiam credibilidade ao conteúdo das matérias e à imagem das empresas de comunicação, como se as protegessem de qualquer crítica em relação aos interesses econômicos e políticos de seus proprietários.

Era dentro dessa cultura profissional que as empresas procuravam conquistar leitores e anunciantes e, consequentemente, ampliar as vendas. Na primeira fase, mais opinativa, valorizavam-se as ideias e a cultura geral. Agora, na segunda, destacavam-se a velocidade e a precisão na apuração e na redação da notícia. O jornal, para Lima Sobrinho (1923), passou de instrumento orientador a produto de uma indústria utilitária.

Na segunda metade do século XIX, o modelo de jornalismo norte-americano dividia-se entre as notícias sensacionalistas (*penny press*), principalmente as dos crimes espetaculares, e o lide que respondesse aos 5W[21]. A informação sem comentário despertaria mais respeito entre os leitores, o que levou o jornalismo a almejar a neutralidade, combinada com a pretensa objetividade. Cria-se um novo paradigma para o jornalismo, como diz Traquina (2004), para tentar separá-lo da narrativa publicitária, ou seja, das ideias apaixonadas e engajadas, como se as empresas e os jornalistas não as tivessem.

A objetividade, contudo, constrói-se dentro dos interesses estabelecidos pelos veículos de comunicação. A intenção é a neutralidade, mas o texto faz parte de uma construção narrativa na qual os argumentos de persuasão não deixam de estar presentes. Afinal, para conquistar a audiência não basta só informar, tem que persuadir (MESQUITA, 2004). Apesar de colocar números e dados estatísticos, para embasar a noção de objetividade, neutralidade e imparcialidade, os fatos são enquadrados segundo a ótica das empresas. Eles são

[21] O lide tradicional corresponde ao primeiro parágrafo da reportagem, que precisa ser escrito a partir da informação mais importante, nova ou curiosa. De acordo com Amaral (1997), Garcia (1998), Lage (2002) e Erbolato (2003), esse modelo segue o esquema dos *5 W* e *1 H*, que vai orientar o repórter. Ele tem que responder: quem ou com quem aconteceu o fato (*who*), o que aconteceu (*what*), quando (*when*), onde (*where*), por quê (*why*) e como se deu este fato (*how*).

descontextualizados e recontextualizados socialmente para se tentar esconder as marcas da subjetividade.

É na terceira fase do jornalismo, de 1900 a 1960, que os grandes conglomerados de comunicação se consolidam, formando os monopólios. Os jornais impressos começam a rodar em grandes tiragens. Inicia-se a etapa do jornalismo de explicação. Esse modelo de análise pressupõe a especialização dos jornalistas, contrapondo-se ao formato generalista e descritivo anterior. No final dos anos 60 do século XX, voltou-se a valorizar a narrativa mais subjetiva, retomando em parte o texto mais opinativo da fase inicial.

A industrialização da imprensa, contudo, deu origem a um modelo de negócios que suplantou o jornalismo movido à paixão e ao idealismo, exercidos de forma amadora em gráficas quase artesanais. Ao longo dos anos, as empresas foram se fortalecendo e criando sistemas de comunicação que favorecem o surgimento de conglomerados nos quais um único grupo é responsável pela administração de vários veículos como jornais, rádios e televisões. Esses conglomerados começaram em nível regional para depois atingirem escala nacional (MELO, 2010) e, atualmente, transnacional.

A quarta fase começa nos anos 70 do século passado e vai até os dias de hoje, é a etapa do jornalismo tecnológico. As novas ferramentas da comunicação, criadas com a internet, provocam mudanças profundas nesse mundo social, que passa do sistema analógico ao digital. O grande avanço ocorreu na década de 90 quando a potencialidade da comunicação, advinda da grande rede de computadores, começou a ser utilizada como ferramenta para democratizar o acesso dos indivíduos à informação.

Com a entrada do computador nas redações e, posteriormente, com o acesso dessas mesmas redações à internet, o jornalismo deu um grande salto, o que provocou uma série de mudanças nas práticas jornalísticas que podem ser divididas, segundo Soster (2009), em três fases. A primeira é marcada justamente pela popularização da internet, o que ocorre a partir da década de 90. O marco balizador é o surgimento das versões digitais dos jornais impressos, que passam a disponibilizar os seus conteúdos nos sites, mudando a configuração da relação entre jornalistas, empresas e cidadãos comuns.

A segunda fase é caracterizada pela processualidade desse novo cenário que redimensiona o sistema midiático, envolvendo atores, espaços sociais e ferramentas oferecidas pela informatização. Essa relação se estende do interior de um veículo para outro. Uma notícia que é divulgada por um site vai se transformar em pauta para outros veículos. A informação original é repercutida e apropriada pelos membros desse sistema através de uma

rede. O foco dessa relação, para Soster (2009), é o processo em si. O fluxo é mais importante do que o lugar de onde partiu ou vai chegar a informação.

A terceira fase é marcada pela descentralização, autorreferência e correferencialidade (SOSTER, 2009). Ancorado em uma estrutura de rede, o jornalismo opera a partir de uma nova lógica. O lugar discursivo não está mais centralizado nas redações, desloca-se no fluxo construído por uma sociedade interligada por uma rede. Muitas vezes o acontecimento, segundo Soster (2009), é construído dentro desse fluxo.

As instituições jornalísticas continuam sendo importantes, mas passam a fazer parte de um sistema maior porque com a internet o fluxo da informação é multidirecional. É neste contexto que surge o nosso cidadão comum que age ativamente, ator que está disposto a atuar no processo de produção e difusão da informação.

Soster (2009) chama de autorreferencialidade o fato das operações jornalísticas se voltarem para o próprio sistema midiático. As fontes estão, cada vez mais, no interior desse sistema. Na correferencialidade, os veículos se referenciam mutuamente. O acontecimento pode ser gerado dentro do fluxo de informações, quando os veículos interagem entre si. Os sites jornalísticos incorporam outras mídias em seus espaços, exercendo uma cultura de convergência midiática (JENKINS, 2008).

Com as novas tecnologias digitais, o fluxo de informação caminha por vários sentidos (PRIMO, 2011). A linha que demarcava precisamente o lugar do produtor e do receptor da informação não existe mais. A indústria do jornalismo sofre mudanças profundas. As empresas de comunicação não são mais detentoras do poder de mediar e controlar a informação. O polo de produção foi descentralizado e ampliado. Pode-se buscar informação em qualquer lugar através dos acessos permitidos pela conexão em rede.

O universitário e comerciante Tom da Lanchonete fica conectado à grande rede mais de três horas por dia, apesar da extensa carga de trabalho que tem na lanchonete de sua propriedade e no estágio que realiza na área de logística. Tem acesso à internet desde 2005 em sua residência e no trabalho. Sempre cultivou o hábito de ler jornal e de ver o noticiário da televisão e ouvir o do rádio, disposições adquiridas com os pais. Revelou que, depois da internet, não se contentou mais em só ficar recebendo notícia da grande imprensa, passando a consultar diretamente as fontes de informação sobre os assuntos de que gosta.

Ao descobrir a possibilidade de colaborar com os veículos de comunicação, sentiu-se motivado a comentar e enviar sugestões de matérias, sem reconhecer os esquemas disposicionais que acionou para realizar essa prática. Também criou espaços nas redes sociais

para escrever seus próprios textos, recomendando ainda sites que costuma ler e reportagens que viu, principalmente sobre transporte público, tema que gosta de debater.

Aproveita ainda o seu canal de comunicação na internet para falar sobre os problemas de sua comunidade na Zona Norte do Recife. Faz postagens diárias, voluntariamente. Apresenta-se como um cidadão que produz informação "por prazer". Essa atividade, para Tom, é um *hobby* por meio do qual discorre sobre os problemas da comunidade e do transporte público em geral. Não se considera um jornalista em função da falta de "compromisso profissional", escrevendo quando quer.

3. As práticas jornalísticas do cidadão comum

A sociedade que passou a se conectar em rede digital (CASTELLS, 2002) e conquistou novas possibilidades de se comunicar provocou uma revolução no modo de se buscar e produzir informação. A interatividade por meio da internet abriu novas perspectivas para o jornalismo e mudou as relações sociais construídas entre empresa, jornalista e cidadão comum, como explicamos anteriormente.

Essa interatividade permite ao indivíduo, que tem acesso ao computador e à grande rede, estabelecer um diálogo com os veículos de forma mais rápida e transparente, enviando sugestões de matérias, emitindo opiniões sobre o conteúdo das edições e acompanhando os desdobramentos de suas intervenções. Na internet, esse ator pode, ao mesmo tempo, acessar bancos de dados, redes sociais ou sites para procurar informações.

Mesmo assim, o jornalismo praticado pelos conglomerados, que se viram obrigados a abrir mais canais para a participação da audiência nas edições jornalísticas, não assegura a democratização do processo de produção da notícia (CALVO, 2012). Isso porque a opinião pública não conhece os interesses comerciais e políticos das empresas que estão por trás desses canais de diálogo. Além disso, os veículos só tomaram essa decisão porque perceberam que a audiência estava migrando para a internet. Não houve uma concessão, mas uma mudança nas estratégias comerciais das empresas para assegurar a sobrevivência no mercado.

Apesar do canal de diálogo aberto para o internauta, o produto final, publicizado nos veículos impressos, radiofônicos, televisivos e digitais, continua sendo selecionado, editado e controlado pelas empresas. Os jornalistas, nesses casos, não fazem apenas o trabalho de *gatekepping*[22], mas também de *gatewatching*[23]. Essas mudanças nas relações sociais entre os

[22] O conceito de *gatekeeping* foi utilizado inicialmente por White (1993) para estudar como as informações circulam nas redações, passam pelos filtros no processo de apuração ao de edição e encontram as "portas" que garantem a sua transmissão. Nesse ritual, as condições de noticiabilidade são ancoradas na novidade e na

atores que participam, de uma forma ou de outra, do processo de produção da notícia já receberam muitas denominações: jornalismo colaborativo, jornalismo *open source* ou fonte aberta, jornalismo cidadão, jornalismo participativo e jornalismo cívico.

Para Targino (2009), não há diferenças significativas entre essas denominações utilizadas para se referir às novas práticas surgidas na fase tecnológica do jornalismo, o que existem são variações de um conceito único, que está vinculado ao modelo de jornalismo que abre espaço para o cidadão comum ou para um grupo social se posicionar sobre qualquer tema. Já Zanotti e Reis (2011) argumentam que existem, sim, diferenças conceituais entre essas denominações. Eles, contudo, procuram entendê-las como um conjunto de movimentos que permitem a realização de novas práticas, desempenhadas por indivíduos que não têm formação especializada em jornalismo.

Outros autores, contudo, preferem fazer distinções entre as variadas denominações. Para Soster e Silva (2009), o jornalismo pode ser classificado como colaborativo quando abre canais de interação entre o cidadão e a redação para que qualquer indivíduo participe do processo de produção da notícia. Esse cidadão responde a estímulos feitos pelos veículos para opinar sobre um determinado assunto ou matéria e para enviar informações através de texto, imagem ou áudio, sugerindo temas que devem integrar a pauta dos veículos. Em alguns casos, o cidadão comum é convocado para colaborar com a apuração da notícia, atuando como parceiro do repórter, papel que estamos chamando de coprodutor.

Para Belochio e Mielniczuck (2011), quando esses sistemas colaborativos, disponibilizados pelos veículos, permitem que o ator participe da etapa de apuração da matéria jornalística, o jornalismo, neste caso, não é só colaborativo, ele passa a outro estágio, chamado por eles de *crowdsourcing*. Esse termo é utilizado para informar à audiência que o indivíduo não está só desempenhando o papel de fonte, mas também o de coprodutor do conteúdo. Por isso, Belochio e Mielniczuck classificam essa etapa do jornalismo de fonte aberta ou *open source*. Isso significa que o texto da matéria jornalística foi elaborado de forma compartilhada e distribuído em código aberto (BRIGGS, 2007).

Já Ferrari (2007) e Castro (2011) utilizam o termo jornalismo cidadão para dar dois sentidos às novas práticas elaboradas pelos cidadãos comuns. No primeiro sentido, seria usado para definir a relação entre este indivíduo e a empresa por meio da qual o ator poderia

---

importância do fato. Os críticos desse paradigma questionam o fato de ele analisar apenas os problemas da rotina dos jornalistas, deixando outros aspectos, como as pressões das estruturas organizacionais, de fora.

[23] No *gatewatching*, o jornalista, para Bruns (2005), utiliza a internet para observar tudo o que é publicado pelos veículos, identificando as informações que são relevantes. Nesse processo de seleção da notícia, as informações, que já estão circulando na grande rede, são escolhidas e filtradas pelo *gatewatcher*. O material que está na internet complementaria o que já está sendo produzido, de forma tradicional, nas redações.

se comunicar com a redação para transmitir informações sem intermediário e participar como coprodutor do processo de elaboração da notícia. Por esse ângulo, a noção de jornalismo cidadão seria uma síntese das definições anteriores de jornalismo colaborativo e de fonte aberta.

No segundo sentido, Ferrari (2007) e Castro (2011) argumentam que o termo jornalismo cidadão também é utilizado para definir a iniciativa do indivíduo que procura os veículos de comunicação para fazer denúncias em busca de solução para resolver um problema da sociedade. Acolhidos ou não pela grande imprensa, esse indivíduo também está criando um espaço próprio de comunicação, na maioria dos casos pela internet, através das redes sociais. Recentemente, as revoltas e manifestações em países muçulmanos, que dificultam o trabalho da imprensa do Ocidente, foram acompanhadas dessa forma.

Calvo (2012) defende, porém, que esse segundo sentido, utilizado por Ferrari (2007) e Castro (2011), para definir jornalismo cidadão é inadequado. Calvo considera que o termo mais apropriado seria o de informação cidadã.

Os dois sentidos, utilizados por Ferrari (2007) e Castro (2011), para definir o jornalismo cidadão, aproximam-se do conceito de jornalismo cidadão de Gillmor (2005), um dos autores pioneiros no estudou das novas configurações do jornalismo pós-internet. Gillmor, no entanto, vai além. Para ele, a mídia são os próprios usuários. Qualquer cidadão tem condições de ser repórter ou de produzir notícia.

Gillmor reconhece que, nessa fase tecnológica, a prática jornalística é mais participativa e menos autoritária, até porque os veículos são levados a criar canais para interagir com a audiência, estimulando a participação. Eles, contudo, precisariam deixar mais claras as condições necessárias para que essa interação aconteça. Percebemos, porém, que Gillmor foca seus estudos mais no processo da interação em si do que propriamente no produto final da participação.

Para Gillmor (2005), o jornalismo cidadão está criando a figura do leitor que quer se transformar em repórter. Esse leitor não estava se sentindo contemplado com a informação que era recebida passivamente. Prefere a notícia produzida de forma interativa, publicada na internet, preferencialmente em tempo real.

Independentemente das interpretações de Ferrari (2007), Castro (2011), Calvo (2012) e Gillmor (2004), o jornalismo é, para Lara (2009), essencialmente cidadão. Por isso, afirma que é mais apropriado falar em “cidadãos vinculados a atos jornalísticos” do que em jornalismo cidadão. Apesar de esses indivíduos serem mais ativos, as ações deles são

passageiras. Esses cidadãos agem de forma voluntária, sem o compromisso de publicar e colaborar com regularidade, mesmo que tenham um espaço próprio de comunicação.

Para Moretzsohn (2007), o jornalismo participativo tem uma característica que o distingue do cidadão: é praticado livremente pelo ator, seja individualmente ou em grupo, que desempenha papel ativo no processo de apuração, redação e divulgação da informação. Por isso, o jornalismo participativo, na ótica de Moretzsohn (2007), não é o jornalismo que é praticado pelas empresas de comunicação quando elas abrem espaços para a audiência. Isso porque não visa à obtenção de lucro.

O jornalismo cidadão, para Moretzsohn, é organizado dentro de uma hierarquia de funções e tem finalidade comercial. A lógica do jornalismo tradicional não muda quando os veículos decidem abrir canais de interação com a audiência. O jornalismo participativo é praticado quando o ator cria o seu próprio espaço de comunicação para ter o controle da divulgação da informação. E isso tem sido facilitado pelas ferramentas disponibilizadas pela internet, principalmente nas redes sociais.

Já as práticas jornalísticas que contribuem para o indivíduo se engajar nos movimentos sociais que podem influenciar nas tomadas de decisões democráticas na esfera pública estão relacionadas, de acordo com Correia *et al* (2011), com o jornalismo cívico ou público. Isso pode ocorrer quando a imprensa cria formas alternativas para o cidadão contar as suas histórias e ideias, dando espaço ao maior número possível de pontos de vista. Assim, estimularia, pelo menos em tese, a audiência a tomar decisões e a se engajar socialmente, mobilizando-a a participar dos movimentos sociais.

Outra função do jornalismo cívico é o de estimular o indivíduo a ficar vigilante à qualidade das informações que são divulgadas e aos canais de interação que são oferecidos ao público pela imprensa. De acordo com Correia *et al* (2011), esse jornalismo surgiu nos Estados Unidos por volta de 1990 em função de uma preocupação de pesquisadores de comunicação e jornalistas com a falta de interesse do cidadão por informações publicadas na imprensa sobre o mundo político.

Calvo (2012) lembra que há uma diferença fundamental entre jornalismo cívico e participativo**.** No primeiro, a imprensa toma a iniciativa de produzir informação para estimular uma ação, privilegiando o aspecto local, a comunidade. No segundo, essa ação de estímulo, seja para o que for, parte do cidadão ou de um grupo de cidadãos que desempenha um papel mais ativo no processo de apuração, produção e emissão da notícia. O jornalismo participativo está refletido nas redes sociais e nas comunidades virtuais.

Todas essas novas práticas do jornalismo, sejam como forem denominadas pelos pesquisadores – colaborativa, fonte abeta, cidadã, participativa ou cívica –, traduzem a inquietação do cidadão comum que não quer mais ficar na posição passiva de consumidor da notícia, principalmente com as facilidades de acesso à informação surgidas com a popularização da internet. Essas mudanças evidenciam a importância de se estudar o mundo desses indivíduos para compreender quais são e como os esquemas disposicionais acionados inconscientemente os levam a querer ser cidadão-repórter e repórter-amador.

No capítulo da análise, traçamos os perfis sociológicos de seis atores. Desse grupo, apenas um indivíduo, Pedro do Batuque, ainda não tinha instituído um espaço próprio nas redes sociais para produzir notícia sem se submeter aos filtros da grande imprensa. Ele alega falta de tempo. Pedro, contudo, já participou de grupos que produziam informações para rádio e jornal comunitários. Quando a fase empírica foi realizada, colaborava com veículos da grande imprensa e com espaços nas redes sociais criados por amigos.

3.1 A notícia como produto das novas relações sociais no jornalismo

Quando a internet quebrou a linearidade do processo de comunicação, ao integrar, em um mesmo plano, os aspectos da interatividade, da descentralização, da multilateralidade e da hipertextualidade, observou-se, segundo Miranda (2008), que as notícias estavam sendo produzidas por "pessoas comuns" que queriam dizer alguma coisa. A internet provocou uma alteração nos meios de produção da notícia. O jornalismo sofreu um impacto profundo porque o controle da informação não está mais concentrado nas mãos das organizações midiáticas (GILLMOR, 2005).

A grande rede gera plataformas para qualquer individuo interagir com os veículos da imprensa, opinando e enviando sugestões; buscar informação diretamente nas fontes e criar o próprio espaço para produzir notícia ao arrepio dos conglomerados da comunicação. "Se as práticas de comunicar-se estão acessíveis e democráticas, certamente o jornalismo – atividade de interesse comum – também é impactado e inserido nesse comportamento social de produzir informação" (NUNES, GUIMARÃES E PELLANDA, 2010, p. 90).

Ao analisar as mudanças que a internet trouxe para o jornalismo, Barrero e Ruiz (2012) afirmam que a nova estrutura de circulação da informação acaba com o modelo único do jornalismo tradicional, feito apenas por um profissional especializado em construir notícias. A informação não é mais produto do monopólio das grandes empresas. Os jornais *USA Today*, *The New York Times* (norte-americanos) e *The Guardian* (inglês), por exemplo, estão recorrendo aos leitores para produzir reportagens diferenciadas.

Para Ortega e Pérez (2012), não há dúvidas de que a internet revolucionou o modelo de comunicação quando possibilitou uma abertura maior para a sociedade se manifestar e emitir livremente a sua opinião, criando uma espécie de cotas de participação democrática. Alguns pesquisadores afirmam que houve um renascimento do diálogo social.

Esse diálogo social pode ser visualizado, segundo Ortega e Pérez (2012), quando se observa que o cidadão está 1) questionando diretamente os políticos e gestores públicos através de sites institucionais e das redes sociais, 2) driblando os filtros impostos pela imprensa ao criar espaços próprios para afirmar a sua autonomia e 3) dirigindo-se a outros cidadãos que queiram debater os mesmos assuntos sem precisar mais da mediação da grande imprensa.

Esse processo de comunicação em rede descentraliza o polo de produção e emissão da notícia, o que nos leva a uma revisão do conceito clássico de notícia, como explicamos no início desse capítulo. Nesse contexto, a notícia, segundo Shirky (2008 Apud Primo 2011), não é mais uma prerrogativa da prática do jornalista, faz parte de uma ação que está dentro de um ecossistema de comunicação mais amplo. Ou seja, nesse contexto mesmo que o repórter-amador não seja jornalista, muito do que ele produz é notícia.

A notícia é um processo de construção do qual participam os veículos de comunicação e cidadãos que fazem parte de grupos informais ou que agem individualmente. Existe uma série de exemplos de episódios narrados a partir do olhar do ator que quis dividir, por meio das ferramentas disponibilizadas pela grande rede, as suas impressões sobre determinados acontecimentos com outros atores, de forma espontânea e voluntária. Isso nos remete à fase inicial do jornalismo quando a prática jornalística ainda não era considerada uma atividade que faz parte de uma organização empresarial com regras, normas e valores próprios. A notícia da morte do terrorista Osama Bin Laden, resultado de uma operação militar norte-americana, foi dada em primeira mão por um engenheiro que estava conectado à internet e morava nas proximidades da casa onde Bin Laden estava escondido com a família.

Nos veículos de comunicação, o processo de produção da notícia pós-internet não é mais verticalizado, a grande imprensa perdeu o monopólio de divulgação do conteúdo. Até chegar ao público, a notícia passava por um complexo processo para se transformar em produto, submetia-se aos critérios e valores de noticiabilidade impostos pelos jornalistas e pelas empresas. A internet está contribuindo para quebrar esse movimento, permitindo que qualquer indivíduo possa produzir notícia com base em sua avaliação, em seus critérios do que é ou não importante.

Nesse contexto, o jornalista não seria apenas o *gatekeeping*, o guardião do portão por onde as notícias entram, mas, fundamentalmente, um *gatewatching* (BRUNS, 2005), o selecionador das informações que estão circulando na grande rede, a partir de critérios de noticiabilidade definidos pela audiência. Apesar dessas mudanças, não podemos dizer que os jornalistas perderam a sua importância no processo de seleção e divulgação das informações nem que o cidadão "X" tem o mesmo peso que o cidadão "Y". Isso porque, segundo Primo (2011), estaríamos, neste caso, diante de redes igualitárias onde todos teriam o mesmo nível de acesso e de condições para interagir e produzir informação, o que não acontece.

É certo que há uma disputa entre discursos e competências entre os atores, mas o essencial é que a prática jornalística mudou porque mudou a forma de se produzir notícia. Criou-se uma rede de compartilhamento e de colaboração entre os atores, o que gerou um fluxo mais circular de informações. Nesse contexto, para Castilho (2004), outra questão vem à tona: e tudo o que o cidadão comum produz é notícia? Ele considera que sim, uma vez que a notícia estaria deixando de ser um produto do trabalho do jornalista para ser um produto da interatividade social mais ampla.

Com o ingresso do indivíduo no processo de produção da matéria jornalística nos grandes veículos, a notícia estaria em estado de permanente construção. Antes da veiculação, o ator pode enviar informações para colaborar com o jornalista, desempenhando o papel de colaborador. Depois, teria condições de comentar e repercutir a notícia, ampliando a sua capacidade de penetração na sociedade para concordar ou não com a forma e o conteúdo veiculado pela imprensa. Ao discordar, esse mesmo cidadão, ou outro, poderia criar um espaço próprio para produzir e emitir a notícia a partir de sua ótica, prática realizada pelo ator que estamos chamando de repórter-amador.

Castilho (2004), contudo, chama a atenção para o conteúdo dessas notícias, já que o indivíduo que está alterando os critérios de seleção da informação não é jornalista, escreve na condição de amador. Por isso, não obedeceria aos valores e às normas que fazem parte da cultura profissional do jornalista. Nesta tese, estamos utilizando o termo repórter-amador para definir o cidadão comum que cria espaço próprio para produzir notícia.

João do Ônibus e José do Interior enfatizaram que, antes de remeter qualquer informação aos órgãos da imprensa ou de redigir os textos nos espaços que criaram para divulgá-los, checam os dados levantados seja por iniciativa própria seja com colaboração de outro cidadão. Não querem "correr o risco" de publicar uma notícia falsa, que poderia ser contestada e corrigida. Mesmo sem ter conhecimento dos critérios de noticiabilidade do

jornalismo, afirmaram que só divulgam informações "precisas, pertinentes e atuais", mas a partir sempre de suas avaliações pessoais.

João e José querem ser reconhecidos pelos demais atores – jornalistas ou não – como fontes e produtores de informações confiáveis, mesmo que o tom do texto seja pessoal. Os dois, contudo, procuram ouvir sempre todos os atores envolvidos no assunto trabalhado. Eles tentam colocar as suas versões dos fatos e as de outros indivíduos também, já que escrevem em espaços da internet que permitem as postagens de comentários.

Esses dois entrevistados nesta pesquisa afirmaram que copiam um ritual dos jornalistas por observarem que as matérias jornalísticas, normalmente, não contemplam apenas uma voz, apesar da hierarquização das informações na edição privilegiar um lado em detrimento de outros. Essa subjetividade também não escapa aos textos dos indivíduos coprodutores e produtores da notícia, mas em seus espaços eles têm a oportunidade de se expressar como gostariam, o que não acontece quando estão submetidos aos filtros e à edição dos conglomerados.

Em função das novas práticas instituídas pelos cidadãos comuns e, consequentemente, da ampliação dos critérios de seleção para se avaliar o que é e o que não é notícia, os conglomerados de comunicação passaram a dar mais relevância às informações narradas pelos indivíduos nas redes sociais, principalmente nos blogs[24] pessoais. Blood (2002; 2003), Hiler (2002), Gillmor (2005) e Foletto (2009) consideram que esse fenômeno começou a se desenhar no episódio da cobertura dos atentados terroristas ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, o que aconteceu em função de dois fatores. Por um lado, os jornalistas estavam encontrando dificuldades para conseguir informações sobre o que ocorria no local. Por outro, os indivíduos que estavam no lugar da tragédia quiseram compartilhar os seus dramas pessoais.

Os blogs foram decisivos, segundo Recuero (2003), para a imprensa relatar o dia a dia dos acontecimentos da guerra do Iraque, em 2003, e, nos anos seguintes, a invasão americana no Afeganistão, a chamada Primavera Árabe e a guerra civil na Síria. As impressões dos indivíduos que estavam vivenciando aqueles momentos se contrastavam com as versões

[24] Essa ferramenta das redes sociais surgiu em 1997, mas seu uso explodiu em 2004. O termo *weblog* foi usado pela primeira por John Barger para caracterizar a ação de catalogar e divulgar links da Internet que traziam, na avaliação dele, abordagens sobre temas interessantes (AMARAL, RECUERO; MONTARDO, 2009). No início, não havia muita diferença entre os *weblogs* e outros sites. Foram as ferramentas criadas para facilitar o uso, a interação e a manutenção que popularizou o espaço que hoje conhecemos como blog. Assim, passou a ser utilizado pelo indivíduo que quer se expressar livremente, transformando essa ferramenta em um diário pessoal e espaço alternativo para se produzir notícia.

oficiais transmitidas pelas forças militares envolvidas naqueles episódios, já que o trabalho de cobertura do jornalista era restrito ou não existia.

Com o crescimento das consultas aos blogs, o debate sobre o valor das informações postadas, se poderia ser confiável ou não para servir de fonte à matéria jornalística, foi intensificado. Para Lasica (2002**),** os blogs são uma forma de se praticar o que ela chamou de jornalismo amador, mesmo que as técnicas de apuração, redação e edição jornalísticas não estejam presentes na produção da notícia publicada por esses cidadãos. Regan (2003) admite que os blogs colocam em xeque o controle da produção da notícia por parte dos jornalistas, já que qualquer indivíduo pode ser receptor e emissor da informação.

Recuero (2011) também concorda que o conceito de notícia foi ampliado. Ao analisar as informações que circulam nas redes sociais, principalmente no *twitter*[25], Recuero afirma que o papel do jornalista mudou. Não é mais aquele que vai dar a informação em primeiro lugar, mas o que vai legitimar e aprofundar as informações que já estão circulando, considerando os critérios estabelecidos pelos internautas e não apenas os fixados pelo jornalista e pela empresa de comunicação.

No *twitter*, ao estudar a função do *retweet*[26], Recuero observou ainda que, apesar da descentralização do polo de emissão, a maioria dos internautas procura confirmar a veracidade da informação recorrendo à grande imprensa. Reconhecem a credibilidade dos veículos de comunicação, indicando a notícia divulgada pela imprensa como fonte de informação no *retweet*. Recuero fez essa avaliação ao acompanhar a repercussão de duas notícias: a morte da cantora inglesa Amy Winehouse e dos atentados em Oslo, na Noruega, que ocorreram em uma mesma semana de julho de 2011.

Os fenômenos do *twitter* e do blog refletem bem que, na internet, o fluxo de informação é multidirecional. O polo emissor não está mais concentrado nas mãos dos conglomerados. Qualquer indivíduo pode apurar, produzir e divulgar informação, sem passar pelo filtro de outro indivíduo seja ele jornalista ou não, dando espaço a um desejo que foi reprimido pela cultura de massa. Nesta pesquisa, os atores que criaram espaços próprios de comunicação escolheram blogs e rádios comunitárias.

De acordo com Palácios (Apud FOLLETO, 2009), a aproximação do campo do jornalismo com a blogosfera produz efeitos como 1) a liberação do polo emissor, 2) o

[25] O *twitter* é um dos espaços de interação das redes sociais. É considerado um microblog no qual os internautas podem escrever mensagens curtas e rápidas sobre algo que está acontecendo. O espaço é pequeno, só comporta 140 caracteres.

[26] O *retweeet* é uma ferramenta do twitter no qual um usuário pode repassar para os seus usuários seguidores uma informação que leu no microblog de qualquer indivíduo, criando uma rede de divulgação e compartilhamento.

questionamento de quem é o autor do texto, já que a produção não está mais só nas mãos dos jornalistas, 3) a mudança nos critérios de noticiabilidade, uma vez que outros indivíduos, que não são jornalistas, passam a escrever em blogs e conferir valor às notícias que não estão exatamente inseridas no rol dos critérios estabelecidos anteriormente pelas organizações; 4) a maior vigilância do que é produzido pelos veículos tradicionais, já que, nos blogs, os cidadãos podem opinar e apontar erros; 5) a ampliação da repercussão sobre as notícias através dos comentários; e 6) a produção de um novo ecossistema informativo.

Para Lemos (2009), há uma reconfiguração dos pilares fundamentais das indústrias culturais, qualquer um pode produzir conteúdo e compartilhá-lo. A cultura de massa criou a noção de "consumo para todos". A cultura pós-massiva instituiu o conceito de "igualdade de palavra para todos". Definitivamente, a mediação clássica do jornalismo está sendo quebrada com a facilidade e a velocidade do diálogo social surgido com a internet.

3.2 O protagonismo do repórter-amador

Durante o processo de adaptação das empresas de comunicação às demandas da audiência, Acerecho e Ayerdi (2012) e Calvo (2012) sinalizam que o jornalismo da Era Tecnológica foi criando três tipos de usuários: os do jornalismo da Era 1.0, os da Era 2.0 e os da Era 3.0. A primeira etapa marca a transição do jornalismo do meio analógico para o digital. Os usuários 1.0 tinham acesso à internet onde ainda ficavam restritos às leituras dos conteúdos dos jornais e revistas impressos que foram disponíbilizados no mundo virtual.

Andrigueti (2007) registra que os primeiros produtos jornalísticos na internet foram os sites criados pelos grandes jornais impressos para atrair a atenção do internauta. Entre 1995 e 1996, os pioneiros foram O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo, de São Paulo; o Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro; e o Jornal do Commercio, do Recife. Em seguida, a grande rede recebeu os veículos da Editora Abril e do Sistema Globo de Comunicação. Depois disso, grandes e médias empresas de comunicação.

Em função da competitividade, todos começaram a oferecer outros serviços, sem se limitar à versão *on line* dos veículos impressos, para estimular a interatividade com o internauta. É nesse contexto que nasce o cidadão do jornalismo 2.0. Os veículos começaram a criar novos formatos e conteúdos, específicos para a *web*, levando em conta as próprias características deste meio. É nessa fase que se deflagra o fenômeno da convergência de mídias. Nele, os veículos que integram os conglomerados se autorreferenciam, ou seja, o jornal chama o seu leitor para ver matérias complementares ou novas nos canais dos sistemas de comunicação da empresa que estão na *web*.

Os cidadãos do jornalismo 2.0 são aqueles que utilizam as novas tecnologias para comentar as notícias e enviar informações para as redações dos veículos, que podem ou não ser aproveitadas na pauta que norteia o trabalho dos jornalistas. O jornalismo deixa de ser linear e passivo para ser multidirecional e interativo quando traz para o seu mundo social as mudanças tecnológicas do ambiente virtual.

No início, o jornalismo *online* tinha a preocupação apenas com a velocidade de publicação, deixando de lado o rigor da checagem da informação no processo de apuração. Muitas vezes, a notícia era veiculada como chegava às redações, procedimento ainda realizado por alguns noticiosos. Hoje, porém, há uma preocupação em se produzir material inédito. Até porque o *online* pode explorar inúmeros recursos na apresentação das matérias, disponibilizando áudio, imagem, gráficos e sugerindo outros sites.

Para Sbarai (2011), esse indivíduo que na Era Tecnológica interage com os veículos de comunicação, comentando e enviando informações é conceituado como cidadão-repórter. Nessa fase, ele ainda não chega a ser um produtor da informação, mas um coprodutor. Por isso, para grande parte dos veículos de comunicação, esse ator termina sendo mais uma fonte de informação.

É importante ressaltar, contudo, que a iniciativa do cidadão comum de interagir e participar do processo de produção da notícia não é nova. Sempre existiu, mesmo que de forma mais limitada. Antes da internet, os veículos impressos, televisivos e radiofônicos abriam espaço para dialogar com esse ator, com o objetivo de manter vínculos e aumentar a audiência, o que era feito por meio de cartas e telefonemas. Esses indivíduos apareciam apenas nos espaços das cartas à redação, que existem até hoje, das entrevistas e das reportagens nas quais eles viram personagens que ajudam os jornalistas a narrarem os fatos.

Há 25 anos, um jornal em Moçambique, O Campo, inovou e contribuiu para começar a mudar essa lógica, colocando o leitor como protagonista e não ator secundário da narrativa. No início, decidiu dar metade das suas quatro páginas para a publicação de cartas de leitores na íntegra. Dois anos depois, cresceu, chegando a 16 páginas, todas elas dedicadas às correspondências, o que aumentou o interesse da audiência e as vendas.

Esse cidadão que mandava cartas para O Campo era identificado como correspondente popular (SBARAI, 2011). Isso mostra que, mesmo quando abre espaço para o cidadão comum contar a história, a grande imprensa está preocupada com a lógica de mercado e o aumento do lucro. A motivação, pelo menos da maioria, não é a de democratizar a comunicação.

O nome cidadão-repórter foi adotado por vários veículos de comunicação para identificar o indivíduo que interagia e participava, de alguma forma, das etapas de elaboração

da matéria jornalística. O Diario de Pernambuco (DP), por exemplo, criou um fórum colaborativo, em abril de 2007, para que os internautas, leitores ou não da versão impressa daquele veículo, pudessem se comunicar mais frequentemente com a redação. Esse fórum foi utilizado como referência para a seleção dos indivíduos entrevistados em nossa pesquisa, como detalharemos no capítulo da metodologia.

Esses atores, chamados pelo DP de cidadãos-repórteres, formaram uma comunidade virtual[27] que agregou, entre abril de 2007 e outubro de 2011, 4.633 indivíduos, período que utilizamos como base para fechar o *corpus* da consulta inicial de nossa pesquisa. Isso porque desse grande grupo, selecionamos os mais participativos, de acordo com um ranking formado pelo próprio Diario. Ele classificava os internautas a partir do volume de mensagens recebidas, os mais ativos eram considerados os medalhas de ouro.

As mensagens enviadas pelos cidadãos-repórter eram agrupadas por assunto. Até novembro de 2010, os comentários e as sugestões de matérias encaminhadas poderiam ser lidos no espaço do fórum e na página do Cidadão-Repórter[28], editada uma vez por semana, às terças-feiras, no caderno de Vida Urbana, que trazia as matérias relativas ao dia a dia dos moradores do Recife e de cidades da Região Metropolitana. A cada semana um quadro era colocado nessa página impressa para apresentar os temas mais postados pelos internautas no fórum colaborativo, os mais debatidos subsidiavam as pautas trabalhadas pelos jornalistas do DP. As edições da página do Cidadão-Repórter do DP traziam o crédito da co-autoria do internauta em reportagens[29], notas[30] e fotos-legendas[31].

A construção da narrativa jornalística da página do Cidadão-Repórter obedecia a um estilo diferente, justificava-se a partir do depoimento do internauta que postou uma informação no fórum colaborativo do DP. O lugar do indivíduo que colaborava não estava ancorado em nenhum órgão público, empresa de iniciativa privada ou entidade da sociedade

[27] Novas concepções sociais, como as comunidades virtuais, estão sendo construídas com a necessidade que a sociedade está cultivando de interferir nos processos comunicacionais. Está se criando uma nova referência do conceito espaço-tempo com a internet, a partir de uma comunidade imaginada e virtual (HENRIQUES, 2010). Os indivíduos estão sendo conectados em rede. As comunidades virtuais, para Rheingold (1996), são agregados sociais na web que criam um sentimento de pertencimento.

[28] Após novembro de 2010, a página do Cidadão-Repórter na versão impressa do DP foi extinta e os temas requisitados pelos internautas passaram a subsidiar matérias publicadas de forma pulverizada, ou seja, distribuídas entre todos os cadernos do DP. Além de não ficaram mais concentradas na página de Vida Urbana, também não traziam mais o crédito do indivíduo que colaborou.

[29] A reportagem (ERBOLATO, 2003; LAGE, 2002; GARCIA, 1998; AMARAL, 1997) é o gênero jornalístico que representa tanto a cobertura de um fato importante do dia como de um assunto que não tenha essa ligação direta com a edição do dia.

[30] Nota (ERBOLATO, 2003; LAGE, 2002; GARCIA, 1998 e AMARAL, 1997) é outro gênero da narrativa jornalística. É um texto mais resumido que integra uma coluna.

[31] A foto-legenda (ERBOLATO, 2003; LAGE, 2002; GARCIA, 1998 e AMARAL, 1997) é o gênero do jornalismo impresso no qual a foto é acompanhada por um texto pequeno, mas que é mais extenso do que a simples legenda de uma foto (uma frase).

civil organizada. Esse cidadão dava o seu testemunho a partir de um acontecimento vivenciado por ele próprio que poderia ou não afetar a vida de outro ator. Esse era o critério de noticiabilidade dos jornalistas do DP na concepção das notícias divulgadas especificamente nessa página: a relevância que o assunto comentado tinha para o dia a dia do indivíduo que estava colaborando. O texto final, contudo, passava pelo controle dos jornalistas do Diario.

Tradicionalmente, a imprensa prefere dar um tratamento privilegiado às fontes oficiais ou oficiosas e aos especialistas, que ocupam um lugar de fala diferenciado porque têm autoridade e conhecimento. Como esse conhecimento, muitas vezes, está respaldado em documentos, o jornalista constrói a sua narrativa com uma relativa segurança. Na página que era publicada semanalmente no impresso, o DP conferiu relevância à informação do cidadão comum, que necessariamente não teria que ter qualquer vinculação com os critérios de noticiabilidade que tradicionalmente norteiam os jornalistas.

O estudante Carlos do Som, um de nossos entrevistados na pesquisa, inscreveu-se no fórum do DP desde o seu início. Teve períodos em que chegou a ficar conectado o dia todo, enviando comentários e mensagens, principalmente com denúncias. A maioria sobre a comunidade em que morava. No período em que foi entrevistado, estava colaborando menos, preferia escrever no espaço que criou nas redes sociais.

Sete anos antes de o Diario de Pernambuco criar o fórum e a página para o cidadão-repórter, o jornal sul-coreano *OhmyNews* já tinha utilizado o termo cidadão-repórter na internet (MORETSZOHN, 2007). O conceito de cidadão-repórter usado desde 2000 pelo jornal sul-coreano era, contudo, diferente do adotado em 2007 pelo DP. O primeiro chamava de cidadão-repórter o internauta que aceitava o convite para escrever reportagens ou registrar imagens, sem a interferência do jornalista. O segundo usava esse nome para denominar o internauta que colaborava com o jornalista. O texto final do DP era de responsabilidade do jornalista que trazia o crédito de coautoria do internauta.

De acordo com Moretszohn (2007), a proposta do *OhmyNews* era fazer um novo jornalismo, dando oportunidade para o cidadão comum que queria ser produtor da notícia. O jornal *OhmyNews* começou com 727 cidadãos-repórteres. Em 2004, passou para 24 mil e, em 2005, chegou a 60 mil quando disponibilizou uma versão em inglês. Mesmo mantendo um corpo de jornalistas, o jornal virtual permitia que qualquer indivíduo produzisse notícia.

Nesse caso, o cidadão-repórter ainda não estava agindo em um espaço próprio, criado por ele mesmo. Nesta tese, consideramos que o ator só assume o papel de repórter-amador quando institui um espaço de comunicação no qual ele mesmo apura, produz e veicula a notícia a partir de seus critérios de noticiabilidade.

O espaço autoral do repórter-amador não está submetido ao controle de nenhuma empresa de comunicação, esteja ela organizada de forma tradicional ou não. O DP é uma empresa que está dentro de um conglomerado de comunicação e o jornal sul-coreano *OhmyNews* é uma organização ancorada na internet, mas administrada por um jornalista que conta em seu quadro funcional com outros jornalistas.

Retornando ao debate sobre os tipos de usuários da Era Tecnológica do jornalismo, a fase do usuário 3.0 é a mais avançada, quando as ferramentas tecnológicas permitem que o cidadão comum encontre recursos para fazer a notícia, indo além do papel de coprodutor, condições semelhantes às conquistadas pelos veículos de comunicação, na qual o nosso repórter-amador está inserido.

Compreendemos que é nesse ambiente que o cidadão comum começa a criar o seu próprio espaço de comunicação. Quando o ator institui um canal no qual é o responsável por toda a trajetória da concepção da notícia: da apuração, passando pela redação até a edição, ele desempenha um novo papel, o de produtor e emissor.

Nesse sentido, as alternativas mais viáveis para o indivíduo são os espaços disponíveis nas redes sociais, como os blogs. Assim, a informação é socializada de forma mais democrática. Na internet, não é preciso volumosos recursos e grandes equipes, como é necessário no impresso, na televisão e no rádio.

Antonio Empreendedor já havia tentado criar um jornal de bairro com um grupo de amigos, mas não conseguiu dinheiro para pagar os custos nem indivíduos que quisessem assumir o compromisso de forma voluntária. Com as ferramentas do mundo virtual, criou três blogs sem ter que pedir dinheiro ou precisar da colaboração de outro ator.

Acerecho e Ayerdi (2012) chamam esses cidadãos de "superusuários", consumidores que são capazes de usar intensamente os meios multimídias e as ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais para se comunicar e para atuar. Esses "superusuários", além de se apropriarem das informações jornalística através das redes sociais, estão se convertendo em produtores de conteúdo e condutores de opiniões através de seus próprios espaços. Eles citam a expressão "superusuários" para definir tanto os cidadãos que atuam como colaboradores dos conglomerados de comunicação quanto aqueles que decidem criar canais alternativos de comunicação.

Nesta pesquisa, preferimos dividir esse grupo em dois, nomeando de cidadão-repórter o indivíduo que quer interagir com os jornalistas, participando do processo de produção da notícia das empresas como coprodutor, e de repórter-amador o cidadão que vai além, instituindo o próprio espaço para produzir e divulgar a informação. Essa divisão é necessária

porque, na primeira fase desta pesquisa, percebemos que nem todo indivíduo que colabora é autor de um espaço. O conceito do agir ativamente se realiza quando essas duas práticas estão conectadas, mesmo que não sejam deflagradas ao mesmo tempo.

Apesar de não concordarmos com a classificação de Acerecho e Ayerdi (2012) para o cidadão que não se contenta mais em ser audiência passiva, consideramos, assim como eles, que é fundamental investir em pesquisas que possam nos ajudar a conhecer melhor o universo deste ator que quer colaborar e produzir notícia, provocando mudanças no campo do jornalismo ao abalar o sistema de comunicação construído pelos conglomerados de mídia.

Nesta tese, enveredamos por essa linha de pesquisa quando estudamos quais e como os esquemas disposicionais plurais e únicos foram acionados por indivíduos que ativaram as suas forças internas para tomar a iniciativa de realizar as práticas jornalísticas que observamos. Eles entraram e saíram a todo o momento do campo do jornalismo, realizando o que chamamos de jogo do agir ativamente e contribuindo para quebrar as regras de um jogo que eram definidas e direcionadas pelas empresas de comunicação das quais eles, no máximo, exerciam um papel passivo.

Apesar de esse debate não ser o objeto de nosso estudo, ele permeia o contexto no qual esse ator, que sempre existiu, agora ganhou mais força e é influenciado pelas disposições que revelamos no capítulo da análise. Antes, porém, iremos descrever a abordagem metodológica aplicada nesta tese, que deu suporte à análise dos esquemas disposicionais dos seis cidadãos estudados.

Capítulo 3
O percurso metodológico

1. Lahire e a metodologia da sociologia disposicionalista

Depois de explicar a nossa escolha teórica pela sociologia à escala do indivíduo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) para compreender como os seis atores analisados foram construindo, cada um ao seu modo, os esquemas disposicionais que os levaram a desempenhar o papel de repórter-amador e de compreender o contexto no qual esse cidadão tem desempenhado um papel semelhante ao do repórter nos primórdios do jornalismo, vamos mostrar a metodologia aplicada nesta pesquisa para que pudéssemos ter acesso às tendências de nossos entrevistados.

Partimos do pressuposto de que todos os indivíduos fazem parte do mundo do jornalismo, mesmo aqueles que estão apenas consumindo as notícias. Por isso, acreditamos que são determinadas disposições sociais, acionadas por uma parte desses atores que os levam a querer ser, ao mesmo tempo, receptor, colaborador e emissor da informação. Fizemos um estudo disposicional para entender o universo desse indivíduo e nos aproximar dos aspectos motivadores que ele ativa inconscientemente. Procuramos conhecer a trajetória que cada um deles percorreu ao longo de suas vidas e como os processos de socialização corroboraram para o agir ativamente.

É importante ressaltar que, nesta tese, o cidadão comum faz parte da audiência, mas apenas uma parte desse grupo protagoniza dois movimentos do que consideramos a ação do agir ativamente. O primeiro é quando esse ator interage com os veículos de comunicação, dando opiniões e enviando, na maioria das vezes pela internet, imagens e textos sobre assuntos que lhes despertam algum tipo de interesse para que possam entrar na pauta das matérias jornalísticas. Este, classificamos como cidadão-repórter. O segundo movimento ocorre quando o indivíduo vai além da ação de colaborar, decidindo criar canais próprios de comunicação, como os blogs. Dessa forma, pode produzir e divulgar informações que considera importante para a agenda pública sem precisar se submeter aos critérios de seleção, produção e edição da grande imprensa. Este, enquadramos no conceito de repórter-amador e é nele que focamos.

Um dos nossos entrevistados nessa pesquisa é João do Ônibus, que exerce os dois papéis simultaneamente. Ele saiu da condição de simples receptor da notícia quando tomou a

iniciativa de se cadastrar no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) com o objetivo de enviar críticas de matérias publicadas no jornal impresso e sugestões de pautas.

Depois, decidiu criar um blog focado no tema do transporte público porque percebeu que havia um baixo aproveitamento das sugestões que ele remetia ao fórum e que o tema despertava o interesse de muitos internautas inscritos naquele espaço. O DP, assim como outros veículos da grande imprensa, abriu esse canal de comunicação com o leitor/internauta, mas continuou a deter o poder de controlar o que entrava ou não na sua pauta jornalística.

A mídia utiliza essa estratégia para não perder o contato com os indivíduos que estão mostrando disposição para interagir e influenciar no processo de produção da notícia. Ao criar o próprio canal de emissão da informação, João afirmou que passou a ser tratado como um especialista na área de transporte e a ser consultado pelos jornalistas.

No jornalismo, essas novas práticas estão vinculadas à ampliação dos canais que as empresas de comunicação estão adotando para se aproximar de uma audiência que migra, cada vez mais, para internet. Além disso, elas buscam diálogo com outro público que se informa, quase exclusivamente, através das ferramentas formatadas na grande rede. Assim, os veículos instituem novas estratégias para atender às suas próprias necessidades econômica, política, social e editorial e para não perder o poder de mediar a informação, já que a estrutura do campo do jornalismo é sacudida pelo jogo do agir ativamente do cidadão comum.

Esse debate é muito complexo e não pretendemos, nesta pesquisa, aprofundá-lo, apesar de tê-lo perpassado no capítulo anterior, o do jornalismo. É fundamental ressaltar, porém, que buscamos ver esse processo a partir de fatores que vão nos ajudar a conhecer o universo dos indivíduos e entender como os esquemas disposicionais os motivam a querer colaborar e ser autor da notícia.

A metodologia adotada em nossa pesquisa nos levou a elaborar configurações de desenhos que representassem as reconstituições de disposições identificadas em nosso trabalho de campo, apesar de elas terem sido acionadas inconscientemente pelos atores estudados. Essas configurações são formadas por seis quadros teóricos que se articulam de forma complementar e sucessiva, como iremos expor mais adiante. Essas configurações revelam que no jornalismo só uma parte dos indivíduos tem variações disposicionais para agir ativamente.

É com base nesse conjunto de configurações que aproximamos o nosso olhar dos universos desses seis atores estudados para que pudéssemos reconstruir as suas trajetórias, analisando como os quadros teóricos, expostos mais adiante, se conectaram, levando em conta aspectos relacional e contextual. Dessa forma, procuramos responder à pergunta central dessa

tese: quais são as disposições sociais, atualizadas em um universo relacional e contextual, que contribuem mais frequentemente para o indivíduo agir ativamente no jornalismo e como esse fenômeno ocorre?

Para responder a essa indagação, não escolhemos metodologias normalmente adotadas pela maioria dos pesquisadores para analisar aspectos relacionados ao indivíduo que interage com os veículos de comunicação, como os estudos de recepção e a análise do discurso. Elegemos um percurso novo que nos permitiu fazer um estudo diferente acerca do mundo desse ator que vai além do jornalismo. Por isso, esta tese toma como referência a metodologia utilizada por Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b).

Stinchcombe (1970) afirma que um pesquisador precisa se certificar se a teoria que escolheu vai servir como estratégia adequada para explicar o fenômeno observado. Nesse contexto, o desafio do pesquisador é, a partir do aporte teórico, construir uma teoria para, em um segundo momento, colocá-la à prova. E isso não deve ser feito de forma vaga, solta e sem conexão com os dados coletados na fase empírica, uma vez que a teoria precisa ser adequada para resolver o problema levantado pela investigação de campo.

Não existe uma teoria geral que possa explicar todos os fenômenos sociais, já que a investigação empírica pode trazer sempre novas visões acerca dos mesmos fenômenos (STINCHCOMBE, 1970). Estamos utilizando uma estratégia metodológica para analisar, de um ângulo diferente, o universo do cidadão comum que se sente motivado a realizar práticas jornalísticas de forma voluntária, sem nenhum compromisso profissional. Tomamos como aporte os estudos de Lahire que estão dentro da tradição da teoria disposicionalista.

Lahire nos levou a investigar as disposições a partir da reconstituição e da análise dos processos de socialização dos indivíduos estudados, dos contextos e das relações sociais que eles mantém quando decidem atuar como repórter-amador. Como podemos conhecer as disposições que funcionam como as molas propulsoras que acionam os esquemas disposicionais de cada indivíduo? Os esquemas disposicionalistas nunca são mostrados de forma direta, só nos são revelados a partir da interpretação de múltiplos traços de uma realidade reconstruída por meio da qual se encontram as origens das variações disposicionais que contribuem para o surgimento de novas ações.

O pesquisador tem acesso aos esquemas disposicionais processados inconscientemente pelo ator por meio de observação direta, consulta de documentos, entrevistas ou questionários. Nesta tese, construímos chaves de compreensão para a configuração de desenhos que representam as disposições, expostos em seis quadros. Assim, pudemos reconhecer quais são e como essas variações são acionadas pelo indivíduo, identificando as que mais influenciaram

para ser produtor da informação, mesmo que isso aconteça de forma diferenciada em cada ator.

Fizemos esse percurso aplicando, em uma primeira fase, questionários[32] com entrevistas simples para 20 atores e realizando, em uma segunda fase, entrevistas em profundidade e de forma sucessiva com seis deles. Todos se cadastraram no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, canal de interação criado para que o internauta pudesse se comunicar com a redação daquele veículo, ação que anteriormente ocorria por telefone ou carta. Antes de explicar a escolha desse grupo para a realização da pesquisa de campo, vamos aprofundar o percurso metodológico.

O trabalho de análise de comportamentos e opiniões, que irá nos auxiliar a desvendar a pluralidade das forças internas e externas geradoras dos esquemas disposicionais plurais e únicos em cada indivíduo estudado, revela-se pela ideia de recorrência e de repetição de práticas forjadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com outros atores nos diversos mundos sociais. Essa interdependência entre o indivíduo e a estrutura gera um movimento que sofre influência de fatores relacionais e contextuais.

O programa de estudo de Lahire utiliza uma metodologia que leva o pesquisador a responder a algumas perguntas: 1) Como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, podem tomar corpo no indivíduo?, 2) Como essas experiências são incorporadas de forma mais ou menos duradoura? e 3) Como elas aparecem nos diversos momentos da vida do ator social, determinando as suas práticas?

Lahire (2005) defende que se comparem os mesmos indivíduos em universos sociais diferentes e se identifique o que vai mudar ou permanecer nas variadas situações que se desenrolam no interior destes mundos, que nem sempre estão claras no dia a dia. Esse modelo de investigação valoriza as práticas e as preferências a partir de variações inter e intraindivíduais de comportamentos, sem negligenciar as singularidades.

Estudar o singular, o indivíduo socializado, também é analisar o coletivo. Ao longo dos anos, a sociologia, segundo Lahire (2005), foi se interessando tanto pelos indivíduos socializados como pelos grupos, estruturas e situações. No início, as disposições tinham lugar apenas em trechos de relatórios das pesquisas, não era o tema central. Aos poucos, como explicamos na fundamentação teórica, o campo da sociologia foi se abrindo para a sociologia à escala do indivíduo.

[32] Uma cópia do questionário aplicado na primeira fase da pesquisa está no anexo nº 1.

> Estudar o social individualizado, ou seja, o social refractado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada (LAHIRE, 2005, p. 14).

Lahire ressalta que, nesse sentido, quando a sociologia se interessa pelo ator, os modelos de ação utilizados até então pelos pesquisadores não conseguem dar conta de um programa científico das ciências sociais à escala do indivíduo. Para Lahire (2005), a noção de disposição foi abordada, ainda sem a dimensão adequada, por Bourdieu (2008) e por Elias (1994), ao considerar que, no trabalho desses autores, houve uma constatação fraca da noção de disposição que ele defende. Isso porque, para Lahire, a sociologia disposicionalista deve ultrapassar "a simples invocação ritual do passado incorporado, tomando por objeto a constituição social e as modalidades de atualização desse passado" (LAHIRE, 2005, p. 17).

Para compreender a dimensão adequada da noção de disposição, o pesquisador deve analisar as condições e as modalidades para a sua formação, como fizemos nesta pesquisa quando reconstituímos os processos de socialização dos indivíduos estudados, conectando essas trajetórias aos aspectos contextuais e relacionais sem perder de vista o nosso foco: as disposições sociais motivadoras das novas práticas instituídas pelo cidadão comum que age ativamente no jornalismo.

Ao analisar as condições e as modalidades para a formação das disposições, levando sempre em consideração a pesquisa empírica, Lahire (2005) chegou a duas conclusões: 1) que os pesquisadores pensavam que poderiam fazer sociologia desprezando essa dimensão do conceito e 2) que a noção de disposição precisa ser colocada à prova a partir das investigações de campo. Foram essas pesquisas empíricas que conduziram Lahire à formulação de um programa de estudo para a sociologia à escala do indivíduo. A teoria tem que estar combinada com a pesquisa de campo para que se possa aprofundar a investigação.

Uma boa parte dos pesquisadores, segundo Lahire (2005), preocupa-se com o aspecto da reprodução social para constatar as desigualdades, colocando em segundo plano dois pontos fundamentais: a análise do que é reproduzido e de como essa reprodução acontece. Por isso, defende a investigação empírica como um caminho no qual os estudiosos podem verificar de que forma as disposições são incorporadas e como ocorrem as suas atualizações. Com isso, pode-se diferenciar o que é disposição social do que é simples vontade e preferência.

O perfil sociológico de Antonio Empreendedor é um exemplo adequado para traçar essa distinção. Ele exerce os papéis de coprodutor e produtor da informação e afirmou ter passado a agir ativamente no jornalismo quando conheceu o fórum colaborativo do DP.

Reconheceu nesse espaço a oportunidade de interagir com outras pessoas que tinham as mesmas preocupações sociais, vinculadas, principalmente, aos problemas de seu bairro.

O que poderia ser simples vontade ou preferência em função de uma ocasião, revelou-se uma disposição social mais forte, já que o querer ser coprodutor e produtor da informação já tinha se manifestado em outros momentos da trajetória dele. Quando cursou o ensino médio, pensou em criar um jornal na comunidade, mas não teve recursos financeiros nem amigos dispostos a assumir tal compromisso para colaborar com o seu projeto. Através do fórum do DP, pôde narrar os problemas da comunidade e sugerir pautas para os jornalistas daquele impresso.

Enquanto a página impressa era veiculada no DP, as sugestões de Antonio eram publicadas com regularidade. Isso trazia satisfação pessoal porque o seu esforço em resolver os problemas coletivos era reconhecido pela comunidade. Com a extinção daquela página em novembro de 2010, as sugestões passaram a ser distribuídas para todos os cadernos do jornal, o que levou a uma redução do aproveitamento das pautas dos internautas. Muitos deles, como Antonio, ficaram desmotivados. Apesar disso, a forte disposição em querer ser produtor da informação o levou a criar blogs.

É esse complexo mecanismo de suspensão/ação e de inibição/ativação que a sociologia à escala do indivíduo de Lahire (2005) quer tratar, uma vez que cada indivíduo singular é portador de uma pluralidade de disposições que são acionadas dependendo dos contextos sociais e das relações com os outros cidadãos. Depois de identificar a lacuna nas teorias para analisar as disposições sociais da pluralidade dos indivíduos, Lahire propõe novas exigências metodológicas.

> Para apreender a pluralidade interna dos indivíduos e a maneira como ela age e se distribui segundo contextos sociais, é necessário dotarmo-nos de dispositivos metodológicos que permitam observar diretamente ou reconstruir indiretamente (através de diversas fontes) a variação "contextual" (no sentido lato do termo) dos comportamentos individuais. Só esses dispositivos metodológicos permitem julgar em que medida algumas disposições são transferíveis de uma situação para outra e outras não, ver como joga o mecanismo de inibição-suspensão/ativação-operacionalização de disposições e avaliar o grau de heterogeneidade ou de homogeneidade do patrimônio de hábitos incorporados pelos indivíduos no decorrer das suas socializações anteriores (LAHIRE, 2005, p. 27).

1.1 Chaves para compreensão das variações disposicionais

Neste estudo, analisamos os universos sociais de seis atores que agem ativamente no jornalismo. Desse grupo, cinco deles decidiram criar blogs para produzir informações e um deles já participou da criação de programas de rádio e de jornal comunitários. Todos foram

entrevistados quatro vezes de forma sucessiva e profunda, cumprindo o que delineia o nosso dispositivo metodológico.

Mesmo que cada indivíduo analisado descreva o que faz, falando de suas rotinas, ele não tem, de forma clara, as chaves de compreensão para identificar quais e como as disposições, geradas através dos processos de socialização e de aspectos contextual e relacional, o levaram a exercer os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador. Um bom exemplo é o de José do Interior que diz gostar de "escrever direito" no blog e nas mensagens que envia para as empresas de comunicação com o objetivo de denunciar os problemas da comunidade em que vive.

Antes mesmo da internet, ele, que tem 57 anos, já se comunicava com os veículos através de cartas, ou seja, a prática de interagir, de ser colaborador dos jornalistas, não foi forjada com a facilidade de comunicação que a internet trouxe, mas ampliada. À primeira vista, José não conseguia encontrar o momento em que essa disposição foi ativada. Só através da reconstituição de suas trajetórias, por meio das entrevistas em profundidade, pudemos identificar que ele sofreu forte influência de um professor que conheceu quando cursava o ensino médio. Na ocasião, estava com quase 30 anos. Foi esse professor que o ensinou a ler de forma crítica as matérias publicadas nos jornais e o apresentou à sessão de cartas dos veículos, apontando-a como um espaço que poderia utilizar para expressar a sua opinião e fazer as suas reclamações.

1.1.1 Os mundos sociais: chaves de compreensão para as variações disposicionais

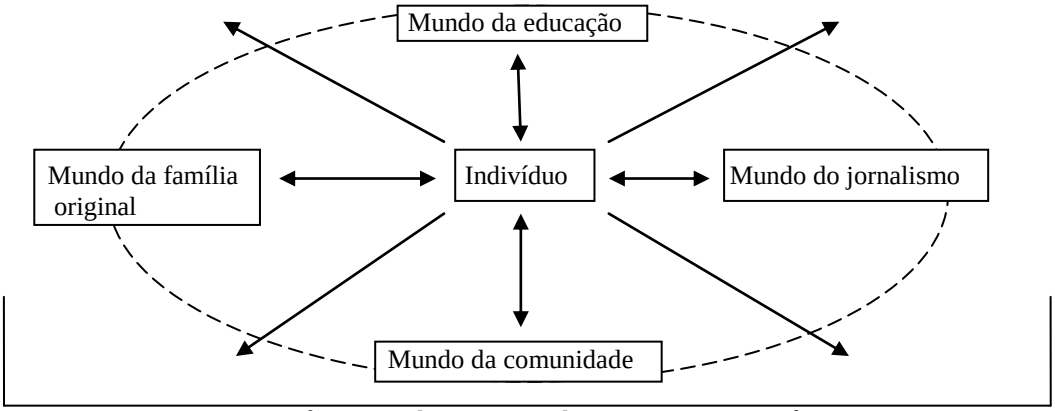
Para identificar quais são e como as disposições são incorporadas pelo indivíduo, que constrói esquemas disposicionais plurais e singulares para pensar e agir como produtor da notícia, apesar do emaranhado de tendências que surgem ao longo dos processos de socialização, tivemos que desenhar configurações para tornar mais concretas as nossas percepções sobre as variações disposicionais observadas. Nesta tese, tomamos como referência os processos de socialização vivenciados pelos cidadãos comuns nos mundos da família original (pais, avós, irmãos, tios e primos), da família formada (esposa ou esposo e filhos), da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo.

Esses mundos sociais se converteram em variáveis que serviram de chaves de compreensão para que elaborássemos o primeiro dos seis quadros de nossa configuração teórica. Foi por meio dele que avaliamos as condições que os seis indivíduos, selecionados para a segunda etapa, tiveram para se motivar a participar do jogo do agir ativamente no jornalismo. A constituição dos fatores de ativação interno e externo e dos fatores de inibição

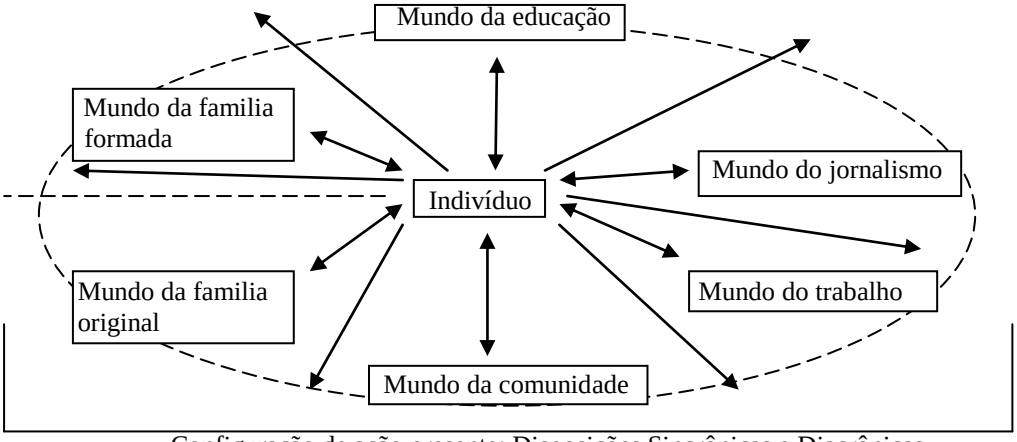
externo com base na pesquisa já se configuram nos primeiros resultados da análise, porque são, por si, indicadores do que foi observado.

Os seis atores estudados acionaram os seus esquemas disposicionais quando realizaram uma espécie de jogo (LAHIRE, 2006b; 2010b) para instituir um espaço que fica na interface entre o mundo e o campo do jornalismo. Lahire trabalhou a noção de jogo para pesquisar o universo dos escritores, utilizando a potencialidade da dualidade deste termo, que nos remete a um espaço que fica entre o trabalho remunerado e o jogo de distrações. Os repórteres-amadores entram e saem do jogo. Essa percepção pode ser compreendida a partir do primeiro quadro teórico que desenhamos adiante.

Chaves para compreensão: configuração disposicional dos mundos sociais



Configuração de ação passada: Disposições Diacrônicas



Configuração de ação presente: Disposições Sincrônicas e Diacrônicas

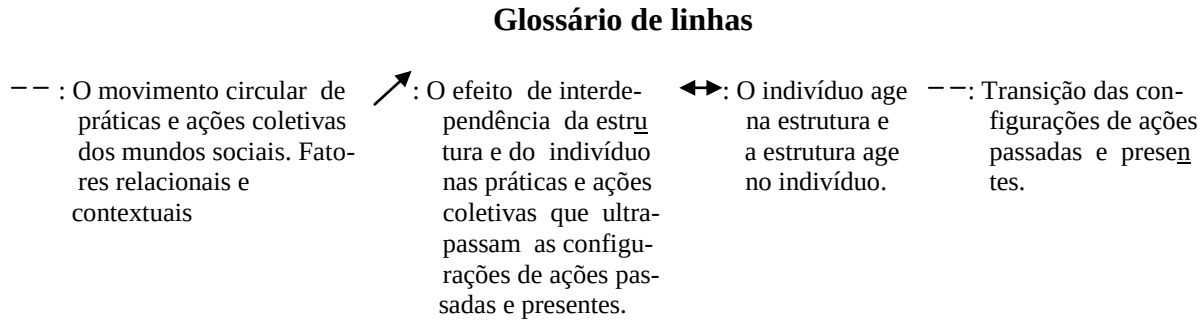


Figura 1 – A estrutura da análise da configuração disposicional
Fonte: Elaboração própria autora com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Por meio de configurações que representam como os indivíduos analisados pensam e agem nos mundos sociais estudados, procuramos perceber os tipos e as formas de manifestação das suas disposições. Em relação aos tipos, identificamos se as disposições são diacrônicas, que se revelam pela trajetória biográfica, ou sincrônicas, que são ativadas em função do contexto. Isso não quer dizer que esses dois tipos não possam ocorrer simultaneamente.

Foi o que observamos no caso de Carlos do Som. De forma diacrônica, os papéis de cidadão-repórter e de repórter-amador foram desempenhados, inicialmente, a partir da influência da mãe, que sempre o incentivou a se informar, lendo jornais, revistas e livros e assistindo aos noticiários da televisão, e de um professor, que o levou a ter uma visão crítica acerca das informações que eram divulgadas pelos veículos de comunicação. Assim, terminou participando de atividades extraescolares, que incluíam oficinas de rádio, e de programas em rádios comunitárias.

Quando conheceu o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco na internet encontrou um espaço para debater as questões que lhe interessavam e para sugerir pautas que fossem produzidas para a versão impressa daquele veículo. As disposições sincrônicas foram ativadas com a possibilidade de interação surgida através da internet porque ele passou a manter um contato mais direto com os jornalistas do DP.

Quando o Diario extinguiu a página impressa, intitulada Cidadão-Repórter, e reduziu o aproveitamento dos comentários e das sugestões de pautas enviadas pelos internautas, as disposições de Carlos para participar ativamente do processo de produção da notícia foram sendo inibidas. Como a motivação para agir ativamente ainda continuava muito forte, passou a utilizar as redes sociais no mundo virtual.

1.1.2 Cidadão-repórter: chaves de compreensão para as variações disposicionais

Mesmo considerando que cada indivíduo é singular pela própria pluralidade das suas disposições porque pensa e age de forma diferenciada, como veremos no capítulo da análise, observamos no grupo estudado que existe, inicialmente, uma configuração mais geral que contribui para o surgimento das figuras do coprodutor e produtor da notícia. Assim, considerando o quadro anterior (Figura 1), ou seja, os efeitos das configurações das ações do passado e do presente, chegamos a um segundo quadro (Figura 2) para complementar o nosso desenho teórico.

Esse segundo quadro está descrito adiante, criado em função do complexo mecanismo de suspensão/ação ou de inibição/ativação das disposições. Ele é acionado a partir das influências dos contextos sociais e das relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros no mundo do jornalismo, retratados no desenho abaixo pela linha que sinaliza para os fatores de ativação. Nele, mostramos como surge o cidadão-repórter.

Chaves para compreensão: configuração do cidadão-repórter

Figura 2 – A estrutura da análise da configuração disposicional do cidadão-repórter
Fonte: Elaboração da própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Queremos demonstrar, na Figura 2, a relevância de fatores de ativação que, a partir de nossa pesquisa de campo, apareceram como principais motivadores para o cidadão acionar o seu esquema disposicional para agir ativamente, assumindo, neste caso, o papel de coprodutor da notícia. Esses fatores de ativação podem ser internos e externos. Definimos como internos os fatores que influenciam nas variações das disposições do querer fazer parte do processo de produção da notícia, a partir dos efeitos gerados pelos processos de socialização do passado e do presente do indivíduo, apresentados na Figura 1.

1.1.3 Fatores internos de ativação para o agir ativamente

As configurações deste terceiro quadro contribuem fortemente para que o ator deixe de ser apenas um receptor da informação, como indicaram as informações coletadas na primeira

fase de nossa pesquisa de campo. Essas configurações expressam as variações das disposições que surgiram e que estão aqui representadas como fatores de tendências para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas por meio das quais o indivíduo se sente estimulado a agir ativamente no jornalismo. Esses fatores internos de ativação estão descritos no terceiro quadro teórico, exibido adiante.

Chaves para a compreensão: variações dos fatores internos de ativação

FATORES INTERNOS DE ATIVAÇÃO

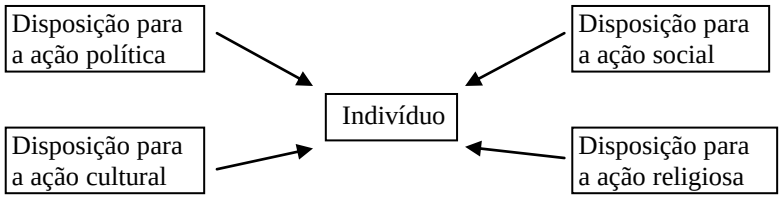


Figura 3 – A estrutura da análise dos fatores internos de ativação do cidadão-repórter
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Na Figura 3, apresentamos mais um quadro da configuração de nosso desenho teórico para explicar a influência das variações que os fatores internos de ativação – as tendências para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas – têm na formação das disposições do indivíduo que quer agir ativamente no jornalismo. Com a exceção da disposição para as práticas religiosas, que surgiu na segunda fase da pesquisa de campo, a das entrevistas em profundidade, as demais apareceram como resultado das duas etapas da parte empírica.

Consideramos a inclinação para a ação social como a mais importante para a construção dos esquemas disposicionais, acionados por cada individuo quando age ativamente, porque nas duas fases da etapa empírica uma parte significativa dos entrevistados revelou estar envolvida em atividades que foram motivadas por inclinações para o assistencialismo, a compreensão do sofrimento do outro e a busca de soluções dos problemas coletivos. Parte deles participava de entidades que representavam setores desses agrupamentos, seja pela realização de trabalho voluntário por iniciativa individual ou coletiva. Essas atividades sinalizam que a maioria do grupo tem uma forte tendência para o assistencialismo social, destinando parte de seu tempo a promover ações que podem beneficiar pessoas com as quais não há laço familiar.

Dos 20 entrevistados na primeira fase, 75% já realizaram algum tipo de trabalho voluntário. Na fase seguinte, todos os seis indivíduos analisados declararam tomar esse tipo

de atitude. Consideramos trabalho voluntário a ação executada espontaneamente dentro ou fora da comunidade, sem nenhum tipo de remuneração. Em relação à participação em entidades comunitárias, 35% afirmaram, na primeira etapa, ter frequentado reuniões e mobilizações. Alguns, inclusive, tinham atuado como diretores dessas entidades. Nas entrevistas em profundidade, todos afirmaram desenvolver trabalhos nas comunidades para buscar resolver problemas coletivos.

Nesta tese, a variável disposição para as ações sociais está relacionada às práticas dos cidadãos entrevistados em suas comunidades. A noção de comunidade[33] é uma das mais vagas da sociologia, podendo ser aplicada para descrever uma variedade de unidades sociais: de aldeias a organizações internacionais (NISBET, 1996). As comunidades são estruturas sociais nas quais os indivíduos podem ou não estar próximos fisicamente, mas constroem um sentimento de integração, interdependência e identidade (TURNER, 1999; GIDDENS, 2005; ANDERSON, 1991). Com a popularização da internet e o uso cada vez mais massivo do computador, a comunidade pode estar ancorada no mundo virtual[34].

Nesta pesquisa, a noção de comunidade pode ser aplicada nos dois sentidos: o da solidariedade, proximidade e afetividade, características da noção mais clássica, e o das relações interpessoais que acontecem nas comunidades virtuais. Isso porque na primeira fase, os entrevistados foram localizados a partir de um canal de interação que o Diario de Pernambuco criou na internet. Na segunda etapa, acompanhamos os indivíduos em suas atividades nas comunidades onde moram e trabalham.

Já a disposição para a ação política foi alçada a uma variável importante, fazendo parte do desenho de configurações para se estudar os fatores internos de ativação, porque a maioria dos entrevistados, nas duas etapas, expressou a importância de práticas relacionadas ao exercício da política de forma ampla, que procura melhorar a vida na sociedade. Desse grupo,

[33] Não é objeto central dessa tese aprofundar o conceito de comunidade, mas podemos citar algumas referências. O estudo de Tonnies (2009) foi um dos primeiros. Nele, a concepção de comunidade está vinculada à ideia de entendimento, um tipo ideal de relação social que viria a se contrapor ao conceito de sociedade. Para Weber (1987), a noção de comunidade se baseia na orientação da ação social, no sentido de solidariedade. Ela é criada a partir de qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional. Os conceitos de comunidade e sociedade não são excludentes. A noção de comunidade é utilizada para que se compreenda a transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna. À medida que as sociedades se tornam mais complexas, as populações se multiplicam e os movimentos migratórios se intensificam, as comunidades crescem. O efeito mais visível desta mudança são as comunidades criadas pela urbanização dos grandes centros, embora não fiquem restritas às cidades, também podendo ser encontradas no interior. Nesse contexto, para Bauman (2003), o conceito de comunidade não é o de um paraíso perdido, de uma zona de conforto, imagem que prevalece na memória coletiva. Estar em uma comunidade significa, segundo ele, administrar a liberdade em zona de conflito. A vida individual oferece riscos. A vida em comunidade é um lugar de segurança se resgatarmos a noção mais tradicional de proximidade e de afetividade entre parentes e amigos.

[34] No capítulo que trata sobre o jornalismo, abordamos o conceito de comunidade virtual, já que os indivíduos entrevistados foram localizados a partir de um fórum colaborativo existente na internet. Rheingold (1996) foi um dos primeiros estudiosos a usar o conceito de comunidade virtual.

apenas um não quis responder às questões relativas à prática política, como o exercício do voto. Três deles não votaram: um era estrangeiro e dois outros não tinham idade para tirar obrigatoriamente o título de eleitor, a partir dos 18 anos. Os demais declararam que faziam questão de escolher os seus representantes nos Poderes Executivo e Legislativo.

Assim, dos 17 cidadãos do grupo que, na primeira fase, responderam às questões do questionário relativas ao mundo político, 85% disseram que antes de votar avaliavam as propostas dos candidatos, 70% levaram em consideração a identificação pessoal com o candidato, 65% cobraram as promessas feitas durante a campanha e 40% procuraram se informar sobre o partido do candidato. Outro indicador que corrobora a importância da prática política é que 85% dos indivíduos pesquisados tinham o hábito de buscar informações sobre o tema na internet. Os seis entrevistados da segunda fase estão inseridos nessa estatística, três deles, inclusive, não descartam a possibilidade de, no futuro, vir a disputar um cargo eletivo.

A disposição para a ação política à qual nos referimos nesta tese está relacionada aos significados clássico e moderno da política. O primeiro é mais amplo, dizendo respeito a tudo o que se refere à cidade, ou seja, ao que é civil, urbano, público e social. O segundo é mais específico, tratando de conceitos que passaram a ser utilizados posteriormente, como o de ciência política, para indicar, de uma forma ou de outra, as atividades que estavam ligadas às ações de Estado (BOBBIO, 1986a).

A expressão prática política pode ser utilizada em vários sentidos. Nesta tese, contudo, está vinculada a ações que viabilizam a solução de problemas coletivos que podem trazer uma melhor qualidade de vida às comunidades. Nas entrevistas realizadas, parte dos indivíduos participa, como descrevemos anteriormente, de grupos que se reúnem para reivindicar políticas públicas e ações que funcionam como molas propulsoras do exercício da democracia representativa no mundo ocidental.

Para alguns teóricos da política, a participação deve ser limitada por controles institucionais com normas e estruturas organizacionais que poderiam criar uma sociedade mais justa. Outros, contudo, preferem argumentar que a sociedade civil[35] organizada é uma

[35] O conceito de sociedade civil foi criado para se contrapor à noção de sociedade natural e servir de sinônimo para sociedade política, o Estado. Para Hobbes e Kant, a sociedade civil nasce para estabelecer uma autoridade através de leis que nortearão as ações dos indivíduos. Depois, o conceito de sociedade civil adquire um novo significado, o de sociedade civilizada para se distinguir de sociedade de povos primitivos. Já Hegel compreende que a sociedade civil é um "Estado externo", possui algumas características de Estado, mas ainda não é isso uma vez que não tem uma organicidade forte. Marx trouxe um novo significado: a sociedade civil é a sociedade burguesa instituída pelas relações econômicas, estabelecendo a dicotomia sociedade-estado. Para Gramsci, também há uma distinção entre sociedade civil e Estado. Os organismos privados estão na sociedade civil e os organismos públicos, no Estado. Os dois grupos fazem parte da superestrutura. O significado que prevalece hoje é o da linha que demarca o que é privado do que é público. A sociedade civil é formada pelo indivíduo que é

etapa da evolução da participação popular, impulsionada por movimentos de partidos políticos ou de outros tipos de grupos sociais (CRICK, 1996).

Em relação à participação popular no processo de discussão de políticas públicas de Estado, a Constituição brasileira de 1988 foi um marco histórico na criação de mecanismos para estimular a ação dos cidadãos. A nova legislação redirecionou a responsabilidade dos investimentos públicos da União para os municípios. Com isso, a sociedade civil passou a ficar mais próxima das instâncias de poder que decidem como os recursos públicos serão aplicados.

Nesse contexto, o poder de pressão dos indivíduos cresceu. Para atender à demanda, o Estado instituiu alguns fóruns de discussões, que podem ser consultivos ou deliberativos, como o Programa do Orçamento Participativo (OP), adotado por diversas prefeituras brasileiras, como a do Recife entre 2001 e 2012. A maioria de nossos entrevistados mora na capital e parte dos que afirmaram participar de entidades comunitárias, também assiste às reuniões do OP. Isso indica que há uma interseção entre as disposições para as ações política[36] e social.

Já a definição da disposição para a ação cultural também considerou as manifestações dos indivíduos entrevistados nas duas etapas de nossa pesquisa. A maioria demonstrou que as práticas culturais, como a participação em grupos culturais e o consumo de bens culturais, a exemplo da leitura de livros, jornais e revistas e a frequência a shows e visitas a bibliotecas ou livrarias, são atributos importantes para a construção das disposições do agir ativamente no jornalismo.

Dos 20 entrevistados na primeira fase, 75% tinham o hábito da ler com frequência e 25% mais esporadicamente e 50% declararam ir a livrarias e bibliotecas com bastante assiduidade. Como a maioria desse grupo tinha uma renda individual de até três salários mínimos, o hábito de ir a locais que cobram ingressos, como cinema, teatro, show e museu, não era tão praticado em função da condição financeira.

---

independente e que se reúne a outro indivíduo pela vontade natural, contrapondo-se ao que é público, ao Estado. (BOBBIO, 1986b e KUMAR, 1996).

[36] O estudo da política tem início na Grécia, principalmente com Platão e Aristóteles, autores que abordavam esse tema de formas diferentes. Platão enfatizava a observação dos fenômenos políticos enquanto Aristóteles priorizava a análise das características dos valores da política através da teoria política (BLONDEL,1996). O mundo da política ganhou outra dimensão com o uso massivo da internet. Em um mundo conectado em rede, a política tem se transformado através das diversas possibilidades de participação política, que leva a diferentes graus de ação política. A internet proporciona uma maior aproximação entre a opinião pública e o mundo político. Esse debate, contudo, não é o objeto central dessa tese até porque só ele poderia servir como tema de pesquisa.

Uma parte desses indivíduos revelou que as atividades culturais estão associadas ao sentimento de pertencimento às comunidades, como é o caso de Pedro do Batuque, que participa de grupos musicais que retratam em suas letras a realidade do local em que vive. Assim como outros pesquisados, ele frequenta circuitos culturais alternativos nas comunidades onde mora e trabalha.

Para a sociologia, cultura é um termo que representa, de uma forma geral, ideias, práticas e objetos criados pelo homem. É resultado da capacidade que o indivíduo tem de transformar o ambiente natural, criando símbolos e valores que sejam compartilhados coletivamente para se estabelecer um estilo de vida. A cultura proporciona significados e fornece regras para a ação social sem os quais os indivíduos não poderiam compreender uns aos outros (HALL, 1996).

A cultura é observada através de comportamentos e objetos produzidos pelos atores. Existem variações culturais e não é possível promover comparações tentando estabelecer hierarquias (GIDDENS, 2005). Por isso, não devem ser compreendidas em função de uma determinada visão, mas a partir delas mesmas. A importância da dimensão da cultura cresceu a partir da segunda metade do século XX, quando a sociologia passou a analisar uma diversidade de fenômenos sociais resultantes do desenvolvimento do individualismo nas sociedades (JUNQUEIRA 2009; 2010).

Os estudos sociológicos sobre a cultura podem ser divididos, segundo Melo (2010), em dois grupos: os dos teóricos inscritos na sociologia da cultura e os dos inseridos na sociologia cultural. No primeiro, a cultura é considerada uma variável dependente. Para que possa ser compreendida, precisa ser analisada a partir de outras variáveis da estrutura social. Nele está a maioria dos pesquisadores: dos clássicos, como Durkheim, Marx e Weber, aos modernos, como Bourdieu. No segundo grupo, a cultura é uma variável independente ou determinante na estrutura social, gozando de relativa autonomia. Nele estão Alexander, Kane, Sztompka e Eyerman. Eles defendem a autonomia da cultura, partindo do pressuposto que nada existe fora dela. Alexander (1992; 2002) considera que esta é uma visão contemporânea e, por isso, é um campo em construção.

Esta tese não tem como objetivo central aprofundar os estudos acerca do conceito de cultura, mas reconhecer a importância de sua dimensão como um dos quatro fatores de ativação interna. A disposição para a ação cultural integra o nosso desenho de configuração para que possamos ter acesso às variações disposicionais que contribuem para que o cidadão, analisado nesta tese, queira ser coprodutor e produtor da informação.

Em relação à tendência para as práticas religiosas, essa variável só apareceu na segunda fase da pesquisa de campo, a das entrevistas em profundidade. Não havia nenhuma pergunta sobre o tema no questionário da primeira etapa. Essa variável foi alçada à condição de forte motivadora para as novas práticas jornalísticas do cidadão comum porque cinco dos seis entrevistados tinham, de forma permanente ou esporádica, o hábito de frequentar templos religiosos, seja por influência da família ou de amigos.

Evidenciou-se que há uma vinculação entre a ação de ajudar a comunidade com a doutrina do discurso religioso para "olhar o outro" e "fazer o bem ao próximo". Observamos que esse fator de motivação interna está conectado ao conceito de dádiva. Ele não se restringe à prática da religião em si, como a frequência às igrejas e aos templos e à realização de rituais específicos das diversas religiões, mas vai além. Está no subterrâneo da disposição de "olhar o outro" e de "fazer o bem". A ideia de "olhar o outro", expressa de diferentes formas pelos entrevistados, está vinculada, em parte, à necessidade de se fazer o assistencialismo social a partir da formação religiosa. Esta perspectiva de "olhar o outro", contudo, não se restringe aos efeitos do fenômeno religioso, transbordando-o, remetendo-nos à teoria da dádiva.

A base dessa teoria está na elaboração de uma obrigação moral que passa pela ação de dar, receber e retribuir. Apesar de existir certos padrões coletivos de moral, os atores não estão presos às obrigações. Eles têm a liberdade de entrar e sair das relações, mesmo que isso possa representar o rompimento de laços de afetividade. O principal sistematizador dessa teoria foi o antropólogo e etnólogo Marcel Mauss[37] (2003).

Esse modelo interpretativo do valor das relações sociais, estabelecidas através das interações entre os indivíduos na sociedade, ajuda-nos a refletir sobre as origens da ação do ser solidário e das alianças que são firmadas no mundo contemporâneo, que não podem estar restritas aos aspectos religioso e econômico. Isso porque na convivência social tudo é relevante: da aquisição de uma mercadoria a uma simples troca de sorrisos (MARTINS, 2005). Mauss enaltece que, para a elaboração de culturas, a troca de bens não tem um atributo apenas material, mas, sobretudo, simbólico.

Essa teoria tomou como base estudo de Mauss sobre as modalidades de trocas em sociedades arcaicas. Ele percebeu que o Estado e a relação econômica e os valores originados dela não são universais nem suficientes para substituir as antigas formas de os indivíduos estabelecerem vínculos entre eles em todas as sociedades. Observa-se, segundo Mauss (2003),

[37] O primeiro texto sobre essa teoria foi escrito em 1924 sob o título "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". Como não é objeto da tese aprofundar essa teoria, quem tiver interesse em conhecê-la melhor pode ler: CAILLÉ (1998), MARTINS (2002) e SANTOS (2000).

a existência de uma rede de reciprocidades de caráter interpessoal permeada por gestos e afetividades. As relações sociais de reciprocidade são anteriores às legislações e às regras de mercado.

De acordo com Martins (2005), a dádiva não tem compromisso com a democracia, está mais vinculada à noção de justiça social. O sistema de dádivas pode ser visualizado com mais frequência em comunidades menores, como as da família, dos amigos e dos vizinhos onde existem regras próprias, muitas vezes desvinculadas às lógicas do Estado e da economia de mercado. Ao longo das fases da pesquisa empírica, as variáveis disposições para a ação religiosa, social, política e cultural foram se fortalecendo como atributos que influenciam fortemente para que o indivíduo esteja motivado a agir ativamente no jornalismo.

1.1.4 Fatores externos de ativação para o agir ativamente

O quadro teórico a seguir mostra como esse mesmo indivíduo pode ser influenciado pelo contexto e pelas relações que mantém com os outros atores para acionar o seu esquema disposicional individual, forjado nos processos de socialização, e querer agir ativamente. Nesse sentido, o fato de o indivíduo ter acesso à internet e de interagir com a comunidade em que mora, por exemplo, termina estimulando-o positivamente para a construção desse quarto quadro teórico, que chamamos de fatores externos de ativação.

Chaves para a compreensão: fatores externos de ativação

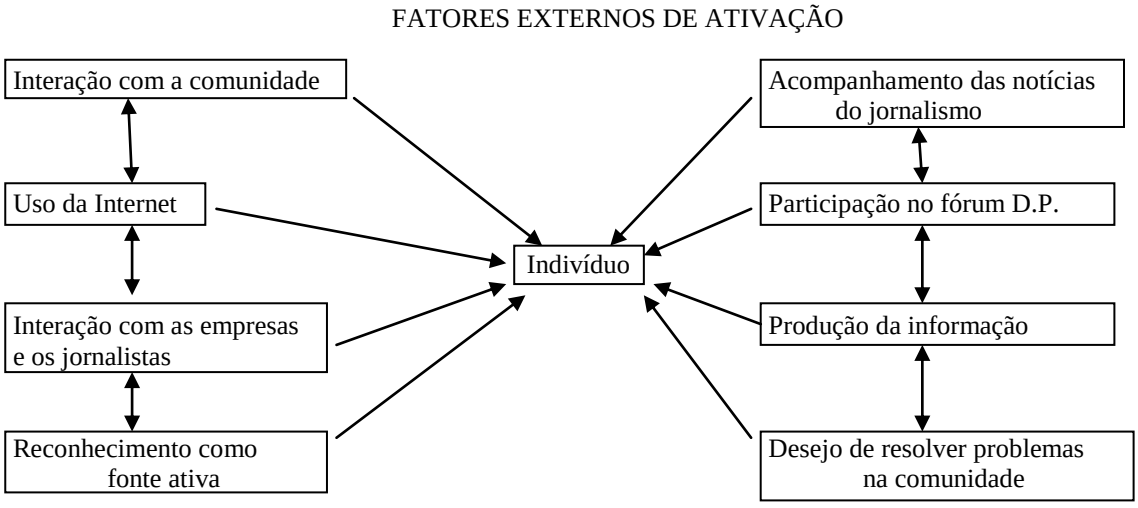


Figura 4 – A estrutura da análise dos fatores externos de ativação do cidadão-repórter
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Esses indicadores acima foram destacados em função das informações coletadas no questionário da primeira fase da pesquisa empírica. A maioria dos 20 entrevistados afirmou que tinha um envolvimento com a comunidade, como descrevemos anteriormente ao ressaltar a importância da disposição para a ação social como um dos fatores internos de ativação. Por conta disso, observamos que três fatores externos relacionados a essa tendência são importantes para o ator que estamos analisando: a interação com a comunidade, os pedidos para a solução de problemas da comunidade e o reconhecimento de seu comportamento ativo por parte de amigos e familiares.

O acesso à internet e o uso do computador para se comunicar também foram fatores importantes para que os cidadãos comuns entrevistados agissem ativamente, como iremos detalhar na análise. A partir deles, outras ações externas a esses indivíduos também foram ressaltadas como molas motivadoras de práticas jornalísticas: a interação com os jornalistas e as empresas de comunicação, a participação no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco e a produção de informação por meio de ferramentas surgidas com a internet. Independentemente da popularização da grande rede, todos os entrevistados tinham o hábito de se informar pelos veículos de comunicação mais tradicionais: jornais e revistas impressos, rádio e televisão.

Para elaborar o nosso esquema teórico, a partir da metodologia aplicada, defendemos que esses quatro quadros teóricos, apresentados até agora, articulam-se de forma dinâmica para que o indivíduo estudado possa acionar inconscientemente as variações disposicionais que o levam a adotar as práticas jornalísticas observadas.

Por isso, a maioria desses fatores de ativação (interna ou externa) está presente nas disposições dos atores que querem ser cidadão-repórter, apesar de cada um dos seis indivíduos estudados ter esquemas disposicionais únicos, deflagrados em meio ao emaranhado de variações dos processos socializadores. Na análise, verificamos como essas disposições se manifestaram nas trajetórias de cada um deles. A seguir, apontamos como esses fatores de inibição delineiam a configuração do repórter-amador.

1.1.5 Fatores de inibição para o agir ativamente

Nesta tese, o indivíduo que tem fortes disposições para agir ativamente pode ser levado a desempenhar outro papel: o de repórter-amador. Mas isso só ocorrerá se esse ator for submetido a fatores que representem o surgimento de algum tipo de problema no canal de comunicação criado entre ele, o jornalista e o veículo, como observamos nas duas fases da pesquisa de campo e iremos explicar com mais detalhes na primeira parte de nossa análise.

Neste estudo, chamamos essas interferências, que influenciam também para a ativação dos esquemas disposicionais, de fatores de inibição. Esses inibidores são originados a partir de aspectos contextuais e relacionais, como expomos a seguir.

Chaves para compreensão: fatores de inibição

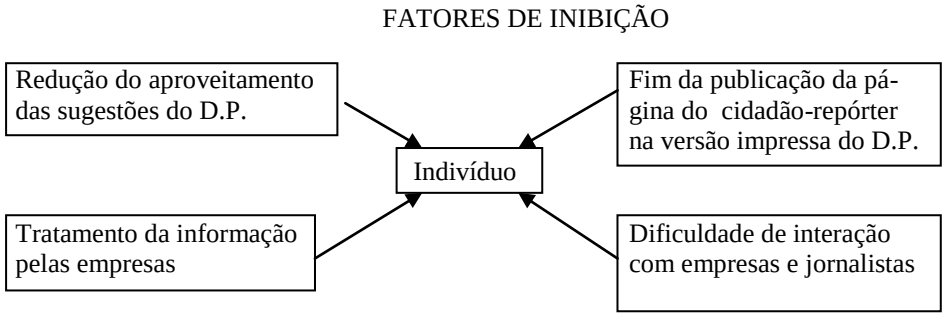


Figura 5 – A estrutura da análise dos fatores de inibição que agem no cidadão-reporter
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

1.1.6 Repórter-amador: chaves de compreensão para as variações disposicionais

É a confluência dos fatores de ativação – internos e externos – e de inibição, colocados, respectivamente, nas Figuras 4 e 5, que motiva o cidadão comum a querer desempenhar também o papel de repórter-amador. Isso porque todos os cidadãos que são produtores da informação também são coprodutores e essas duas ações formam a noção do agir ativamente. Esse processo pode ser configurado a partir do quadro teórico descrito adiante.

Chaves para compreensão: análise do repórter-amador

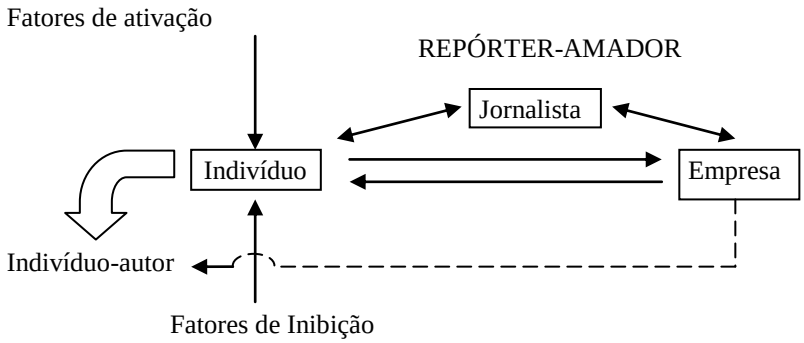


Figura 6 – A estrutura de análise do repórter-amador
Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

A partir dos seis quadros descritos anteriormente, que sempre estão conectados, vamos aproximar o nosso olhar para os seis indivíduos estudados. Na fase da análise, no próximo capítulo, observamos quais são as variações disposicionais que contribuem para entendermos como cada ator aciona os seus esquemas disposicionais, por meio dos quais processa o complexo mecanismo de suspensão/ação ou inibição/ativação das tendências que o leva a agir ativamente no jornalismo. Depois que identificamos fatores comuns entre os cidadãos observados, saímos em busca de ressaltar aspectos não só de homogeneidade, mas, sobretudo, de heterogeneidade.

Com base no desenho teórico de configurações das variações disposicionais, composto pelos seis quadros anteriores, pudemos reconstruir e ter acesso aos esquemas disposicionalistas de cada um dos cidadãos analisados para verificar como eles conseguem pensar e agir para desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador. Ao cumprir essas etapas, resolvemos o primeiro desafio que nos foi apresentado no início desta pesquisa. A partir do emaranhado de disposições que surgiram nos mundos sociais que observamos dos entrevistados, identificamos as variações que se mostraram mais significativas para motivá-los a realizar o jogo do agir ativamente. Encontramos as chaves de compreensão para que pudéssemos perceber essas variações.

O segundo desafio será cumprido na fase das entrevistas em profundidade, como veremos na segunda parte da análise disposicional, quando observaremos os aspectos consonantes e dissonantes das variações dos seis indivíduos analisados, realizando as comparações inter e intraindividuais.

Procuramos avaliar se as disposições diacrônicas e sincrônicas desses indivíduos, para interagir com os veículos de comunicação e para criar canais próprios de produção da informação, manifestam-se de forma socialmente constituída ou requisitada. As disposições constituídas levam o indivíduo a renunciar a algumas práticas, consideradas naturais, em virtude de exigências externas a ele, o que sinaliza para uma ação mais racional. E as requisitadas são identificadas nas práticas que ocorrem de forma mais voluntária, o que indica um comportamento de mais afetividade e inconsciente.

Quando analisamos as disposições sociais à luz dessas configurações, pudemos perceber ainda se alguns indivíduos passaram a interagir com as redações das empresas jornalísticas por conta de imposições econômicas, temporais e espaciais, forças externas, e, portanto, contextuais, que podem orientar a ação. Também identificamos se a participação ativa do indivíduo-colaborador pode ser indicadora de uma variação que se manifestou, por

exemplo, com a popularização da internet ou não, especificamente com o ingresso no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco.

Alguns dos indivíduos analisados já tinham interagido com outros veículos de comunicação, além do DP, enviando cartas à redação ou produzindo informação através de jornal de bairro e rádio comunitária. Nesse caso, a disposição pode ser considerada requisitada.

É a partir das interpretações dos comportamentos (instâncias de socialização) e dos pensamentos que podemos ter acesso ao esquema disposicionalista acionado, inconscientemente, pelo indivíduo quando age ativamente no jornalismo. Uma realidade que não pode ser observada diretamente, mas reconstruída indiretamente na pesquisa empírica. Essa é a metodologia da sociologia disposicional à escala do indivíduo.

Na sociologia da ação proposta por Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), o pesquisador, para captar a pluralidade interna dos indivíduos, precisa entrevistar e observar para poder reconstruir indiretamente as variações disposicionais. Em nosso estudo, fizemos uma entrevista simples na primeira fase por meio de questionário e três entrevistas em profundidade com os seis indivíduos que passaram para a segunda fase.

Na proposta metodológica de Lahire, quando as trajetórias dos indivíduos são reconstruídas, buscam-se as variações disposicionais por meio de longas entrevistas em profundidade, que devem ser feitas de formas sucessivas. Ao reconstruir os vários momentos das vidas dos cidadãos avaliados, procuramos compreender como as disposições que eles apresentam hoje, para ativar novas práticas no jornalismo, foram sendo ativadas ou apagadas conforme as suas trajetórias.

Identificamos, na análise, se as disposições para desempenhar os papéis de coprodutor e produtor prevalecem quando esses indivíduos estão atuando em todos os mundos sociais enfocados pela pesquisa – os das famílias original e formada, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo – ou só em determinados momentos. Realizamos as entrevistas, preferencialmente, nos locais de trabalho, de estudo ou de moradia dos atores observados. Isso contribuiu para investigar como determinados esquemas disposicionais são acionados pelo indivíduo e outros não, dependendo dos fatores contextual e relacional, e para mostrar o grau de heterogeneidade dos membros do grupo estudado.

2. O cidadão-repórter e o repórter-amador: a seleção do *corpus*

Sem negligenciar as variações inter e intraindividuais, procuramos identificar como as novas práticas do jornalismo foram sendo acionadas inconscientemente nos esquemas

disposicionais construídos por cada um dos seis cidadãos observados em nossa pesquisa, buscando as origens dessas disposições. Para produzir essa tese, tomamos como referência o cadastro dos indivíduos inscritos no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, criado em abril de 2007. Até novembro de 2010, os comentários e as sugestões de matérias encaminhadas pelos participantes podiam ser exibidos nas páginas do fórum na internet e no impresso. Depois daquela data, a página da versão impressa deixou de ser publicada.

O foco de nossa pesquisa era entrar em contato com indivíduos que interagiam frequentemente com aquele espaço disponibilizado pelo DP, uma vez que o objetivo dessa tese é investigar as disposições sociais que fazem os cidadãos agirem ativamente no jornalismo. Como o fórum do Diario continuou ativo na internet até a finalização deste estudo, tivemos que fazer um corte para selecionar os indivíduos que seriam analisados. Decidimos, inicialmente, observar o cadastro dos inscritos entre abril de 2007 e outubro de 2011. Nesse período, 4.633 cidadãos se alistaram no espaço.

Diante desse amplo universo, os coordenadores do fórum colaborativo do DP classificaram os indivíduos inscritos de acordo com o número de mensagens enviadas para o banco de dados. Assim, concederam medalhas de ouro, prata e bronze com a intenção de premiar publicamente os mais assíduos colaboradores e de incentivar os demais a intensificar a interação. Apesar do grande número de inscritos até outubro de 2011, apenas 33 indivíduos ostentavam, na época, a medalha de ouro, concedida aos mais ativos.

Para receber essa condecoração, o internauta do fórum tinha que postar, no mínimo, 200 mensagens a partir do ato de inscrição no fórum. Quem envia entre 200 e 50 *posts* ganha medalha de prata. Quem remete menos de 50 fica com a medalha de bronze. É necessário esclarecer que, antes de serem disponibilizadas *online* para todos os internautas, as mensagens são avaliadas pela figura do moderador, formado por profissionais daquela empresa jornalística que analisam os seus conteúdos. Isso evita que sejam visualizadas mensagens que desrespeitem o código de conduta do fórum[38].

Como o nosso objetivo é fazer uma análise disposicional dos indivíduos mais participativos, decidimos nos concentrar nos inscritos no fórum que receberam medalhas de ouro. Desse grupo, composto por 33 integrantes, excluímos um, que se revelou, segundo o cadastro do banco de dados do DP, uma empresa jurídica do setor público: a Companhia Pernambucana de Saneamento e Abastecimento (Compesa).

[38] No site do fórum colaborativo tem um link que explica o que pode e o que não pode ser remetido pelos internautas.

Funcionários daquela instituição participavam do fórum para responder às críticas feitas contra a Compesa e enviar sugestões de matérias. Não é objeto desse estudo analisar como uma empresa faz uso desse serviço oferecido pela imprensa para se aproximar do internauta. Por isso, o nosso grupo de referência para a pesquisa empírica passou a ser de 32 atores.

Os coordenadores do fórum colaborativo do Diario informaram os endereços virtuais fornecidos pelos próprios internautas, disponibilizados quando se cadastram naquele espaço. Utilizamos o correio virtual para convidá-los a participar da pesquisa. Cada um deles recebeu, no mínimo, quatro mensagens da pesquisadora por e-mail e quatro mensagens privadas remetidas, exclusivamente, pelo fórum. Existe uma ferramenta no fórum que permite a comunicação interna entre os inscritos, a mensagem privada.

Nessas duas formas de comunicação virtual, solicitamos os contatos telefônicos para que houvesse a possibilidade de se agendar um encontro presencial, quando iríamos aplicar o questionário da primeira fase da pesquisa de campo, etapa que nos ajudou a selecionar os seis cidadãos que permeneceram na fase seguinte, a das entrevistas em profundidade. Dos 32 indivíduos cadastrados como cidadãos de ouro pelo fórum, localizamos 21. Deste total, 20 concordaram espontaneamente em responder ao questionário da primeira fase. Os contatos e os encontros ocorreram entre os dias 7 de outubro e 23 de novembro de 2011.

Quem respondeu positivamente às mensagens enviadas pela pesquisadora, informou os números dos telefones celular e residencial para que o primeiro encontro presencial fosse agendado. Em sete casos, os indivíduos foram localizados com a ajuda de outros cidadãos, que terminaram intermediando os encontros. Percebeu-se que o espaço virtual tinha criado um núcleo de amigos que, a partir da interação no fórum, passou a se encontrar fisicamente para continuar a debater os assuntos explanados na internet.

Dos 20 entrevistados na primeira fase, apenas três não puderam conversar pessoalmente. Nesses casos, o questionário foi lido e respondido por telefone. Com cada um deles, os contatos foram realizados em três ocasiões para que se estabelecesse uma relação de confiança. Além dos telefonemas, também houve troca de mensagens por e-mail.

Ao conceder uma premiação para distinguir os mais ativos no fórum, o banco de dados criou uma espécie de ranking entre os próprios indivíduos que ganharam a medalha de ouro. Dos internautas que ostentavam a premiação, localizamos nove dos dez que estavam no topo da lista. Do início do fórum até o dia 2 de novembro de 2011, o internauta que estava em primeiro lugar tinha postado 12.074 mensagens enquanto o que estava no décimo tinha escrito 689 textos. Dos indivíduos que estavam entre a 11ª e a 20ª posição, conversamos com oito. O

número de mensagens deles ficava entre 313 e 671. Dos atores que estavam entre a 21ª e 32ª colocação, entrevistamos cinco, que enviaram entre 299 e 201 postagens.

3. A pesquisa de campo

Ao tomar como referência o programa de estudo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) para buscar reconstruir os esquemas disposicionais do cidadão-repórter e do repórter-amador através dos processos de socialização e de suas atualizações face aos fatores contextuais e relacionais, pudemos identificar as vantagens e as limitações dos diversos dispositivos metodológicos para essa investigação.

Em meio às alternativas encontradas, verificamos que, para realizar adequadamente a nossa pesquisa, a estratégia mais apropriada é a análise qualitativa. Dentro dela, iremos combinar duas técnicas: a da entrevista simples, realizada através da aplicação de questionário com perguntas fechadas e abertas, e a da entrevista em profundidade, feita de forma longa e sucessiva, seguindo o dispositivo metodológico do próprio Lahire.

Essas duas estratégias combinadas puderam nos disponibilizar ferramentas para perceber os motivos das variações inter e intraindivíduais que contribuem para que o indivíduo queira ser coprodutor e produtor da informação no jornalismo. Oferecem instrumentos para que percebamos as origens das múltiplas influências dos processos de socialização pelos quais o indivíduo passa, o que não aconteceria se optássemos pela pesquisa quantitativa.

Lahire (2006) destaca que o pesquisador não deve se concentrar em um único aspecto, mas observar o comportamento do indivíduo nos diferentes domínios culturais. Os indivíduos não têm um registro cultural único. Deve-se observar qual é a parte (ou as partes) dos esquemas de ação incorporados inconscientemente pelo indivíduo (no passado e no presente de suas socializações e das relações com outros indivíduos – em nosso caso com os jornalistas e empresas de comunicação) que é acionada para que o indivíduo queira ser coprodutor e produtor da informação.

> O erro interpretativo consistiria simplesmente em privilegiar os traços disposicionais estabelecidos ou mais ou menos explicitados pelos entrevistados negligenciando os traços disposicionais que podem ser extraídos de certas partes de seu discurso, mas que eles próprios não evidenciam e negligenciando estudar os outros elementos do material verbal que vêm, independentemente do entrevistado, contradizer ou nuançar as disposições gerais em questão (LAHIRE, 2004, p. 315).

Com esse dispositivo metodológico, mensuramos em que medida as disposições sociais dos indivíduos estudados são transferidas – atualizadas – ou inibidas a partir das análises dos aspectos contextual e relacional que colaboram, mais fortemente, para que ocorra o fenômeno social que observamos. Nesta pesquisa, o foco é o universo dos cidadãos comuns que agem ativamente. Para estudar as disposições desse ator, verificamos as suas atuações nos mundos das famílias original e formada, da educação, da comunidade, do trabalho e do jornalismo por meio dos quais identificamos, como já mostramos nesse capítulo, fatores de ativação interna e externa e de inibição que influenciam diretamente nas disposições do indivíduo que quer colaborar e produzir informação.

A partir do entrecruzamento dos seis quadros teóricos, descritos anteriormente, percebemos como cada um dos seis indivíduos analisados foi ativando e inibindo as suas disposições para agir ativamente no jornalismo. Os efeitos dos mundos sociais são retidos de diferentes maneiras em cada cidadão. Em nossa tese, observamos como o social é introjetado em escala individual.

A nossa investigação empírica foi dividida em duas fases. Na primeira, formulamos um questionário para traçar o perfil socioeconômico do grupo, composto pelos 20 indivíduos mais ativos do fórum do Diario de Pernambuco. Na segunda fase, escolhemos seis deles para realizar a etapa da investigação mais minuciosa.

3.1 A primeira fase: a aplicação do questionário

Decidimos aplicar o *survey* dentro de uma amostra intencional, ou seja, a nossa intenção foi convidar os 32 indivíduos que estão na categoria de medalhas de ouro do DP, os que mais postavam mensagens, para responder ao questionário. Deste grupo, localizamos 21 internautas e 20 deles concordaram em participar desse estudo de corte-transversal, isso porque o fórum continuou ativo, cadastrando internautas, após o fechamento de nosso *corpus*.

Esses atores responderam a um questionário com 122 perguntas – 33 delas abertas e 89 fechadas –, preenchido pela própria pesquisadora enquanto realizava as entrevistas. A maioria delas ocorreu em lugares públicos já que era nessa ocasião em que a entrevistadora e os entrevistados se conheciam pessoalmente. Até então, os contatos eram feitos por e-mails e telefonemas. Nesses encontros, o questionário era respondido em um tempo médio de uma hora.

Com as informações coletadas, procuramos descrever características gerais desses indivíduos, contemplando variáveis como sexo, idade, classe social e nível de escolaridade, mas também estado civil, renda individual e familiar, profissão e moradia. Perguntamos ainda

sobre aspectos relativos às práticas sociais e às atividades culturais, políticas e esportivas, assim como o uso da internet e dos veículos de comunicação mais tradicionais para buscar informações. Levantamos também a opinião do grupo sobre o fórum colaborativo do Diario, a participação de cada um deles no portal e o aproveitamento das opiniões emitidas e das pautas enviadas na versão impressa do jornal. Todos esses pontos serão aprofundados na primeira parte do capítulo da análise.

Embora o nosso *corpus* pareça fazer limitações para generalizações, não é objetivo de nosso estudo fazer generalizações. Além disso, ficou evidenciado que a ação individual se dirige e repercute na coletividade. A leitura dos dados coletados na primeira fase já sinalizava para a indicação de homogeneidades e heterogeneidades. Isso nos ajudou a começar a identificar as variações inter e intraindividuais dos membros desse grupo para que chegássemos aos seis indivíduos que estariam na segunda etapa.

Apesar de estarmos interessados nas dissonâncias, partimos do pressuposto que os seis cidadãos escolhidos para a fase seguinte deveriam ter algumas características em comum, como as descritas no quadro abaixo:

Quadro 1

Características gerais dos seis entrevistados
Colaborar ou já ter colaborado com outro veículo, além do fórum do DP;
Criar um canal de comunicação próprio alternativo à grande imprensa, como blog, ou ter externado essa vontade, mesmo que ainda não tivesse condições de fazê-lo;
Querer ser produtor de informação;
Demonstrar forte necessidade de se manter atualizado e informado, consultando, sobretudo, os canais disponibilizados pela grande imprensa nos seus diversos formatos;
Ter acompanhado, pelo menos por algum período, o aproveitamento das sugestões de pautas que eram publicadas na versão impressa do DP;
Continuar a mandar mensagens ou acessar o fórum do DP.

FONTE: Elaboração própria.

3.2 – A segunda fase: as entrevistas em profundidade

Para investigar o nosso objeto, utilizamos o dispositivo metodológico de Lahire 1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) para ter acesso aos esquemas disposicionais acionados pelo indivíduo que age ativamente no jornalismo, aproximando o nosso olhar das variações inter e intraindivíduais dos membros de nosso grupo de estudo. As concepções das entrevistas em profundidade também podem ser estudadas a partir dos trabalhos desenvolvidos por Queiroz (1991), Bauer e Gaskel (2002), Duarte (2005) e Bourdieu (1997). Eles nos auxiliam a entender como o problema levantado por nosso estudo pode ser trabalhado por essa técnica de pesquisa. Isso porque os dados coletados pelo

investigador não são apenas identificados, mas, sobretudo, interpretados e reconstruídos dentro de uma perspectiva crítica e realista, considerando sempre a fidelidade do contexto da entrevista.

As entrevistas em profundidade podem ser classificadas a partir de suas características: abertas, semiabertas e fechadas. Optamos pelo modelo semiaberto a partir do qual pudemos abordar ao máximo o assunto estudado, utilizando um roteiro-base[39] para garantir o foco da pesquisa. Isso não criou nenhuma camisa de força que pudesse impedir certa flexibilidade, já que os entrevistados, à medida que conversavam, traziam à tona novos tópicos de conexão com a nossa investigação.

Esse método foi importante para que pudéssemos responder à nossa questão central: quais são as disposições sociais, atualizadas em um universo relacional e contextual, que contribuem mais frequentemente para o indivíduo participar ativamente do mundo do jornalismo e como isso ocorre? Em relação à coleta do material da entrevista em profundidade, tudo foi documentado em questionários, cadernos de anotações e gravador. Apesar da evolução das ferramentas tecnológicas, com o surgimento de novos modelos de gravadores, as dicas de Queiroz (1991) foram importantes para que pudéssemos aguçar a nossa sensibilidade sem perder de vista o controle da situação.

Queiroz explica que o uso do gravador, como forma de captar o real, valoriza o relato oral. As gravações poderiam conservar a legitimidade do momento da entrevista, documentando emoções como entonação da voz e pausas, o que não acontecia quando a entrevista era registrada com a transcrição imediata para o papel. Para Bourdieu (1999), o pesquisador não deve tomar depoimentos de forma isolada. Em vez disso, precisa realizar entrevistas e compará-las. Isso não deve ser feito para relativizar, mas para fazer aparecer as diferentes visões de mundo a partir do confronto das informações coletadas.

Quando as entrevistas são feitas de forma isolada, como se fizessem parte de um conjunto autosuficiente, podem produzir dois efeitos: mostrar que lugares difíceis são difíceis de se descrever e sinalizar que é necessário substituir imagens simplistas e unilaterais por complexas e múltiplas.

Bourdieu (1999) argumenta que essa perspectiva não valorizaria um relativismo subjetivista, mas reconheceria a própria diversidade do mundo social, enfatizando os inúmeros pontos de vista criados em função de diferentes disposições, choques de interesses e

[39] Uma cópia do roteiro-base está no anexo nº 2.

estilos de vida que a própria convivência faz aparecer, principalmente quando o universo da pesquisa está inserido em análises de níveis menores.

Dentro da técnica da entrevista em profundidade, Lahire concebeu um dispositivo metodológico ainda mais específico, que vai contribuir de forma mais consistente para que o pesquisador possa aplicar o programa de estudo para a sociologia à escala individual. Lahire defende a realização de longas e sucessivas entrevistas com os indivíduos que estão sendo analisados. Nessa segunda fase, pudemos colocar em prática essa metodologia com cada um dos seis indivíduos escolhidos para que pudéssemos obter o maior número possível de informações sobre as disposições que eles acionam, mais frequentemente, quando agem ativamente.

Cada um dos seis cidadãos foi entrevistado três vezes. A primeira rodada de entrevistas ocorreu entre os dias 30 de janeiro e 4 de fevereiro de 2012. O roteiro-base tomou como referência os dados já levantados na primeira etapa. Em média, cada uma das entrevistas durou uma hora e 15 minutos. Só depois que o material foi decupado e analisado, juntamente com os questionários respondidos por eles na primeira fase, foi marcada a segunda rodada de conversas. As entrevistas foram realizadas entre os dias 14 e 23 de março de 2012. As gravações registram um tempo médio de uma hora e 20 minutos.

Para o agendamento da terceira e última rodada das entrevistas em profundidade, o ritual foi o mesmo. Antes do encontro com cada um dos entrevistados, o material registrado até aquele momento era analisado mais uma vez para que pudéssemos aprofundar pontos de relevância para a pesquisa e abordar outros temas que ainda não tinham sido tocados. Essa última rodada ocorreu entre os dias 2 e 10 de maio de 2012, com um tempo médio de uma hora e dez minutos.

Também foi com base na metodologia de Lahire que Sá (2010; 2011) utilizou a teoria disposicionalista e o programa à escala individual em suas pesquisas. “Trata-se de uma compreensão do mundo social e não da compreensão (psicológica-individual) dos atores. A ideia é compreender a sociedade por meio do estudo dos indivíduos” (SÁ, 2010, p.41). Em uma delas, traçou o perfil sociológico do homem de negócios do mundo contemporâneo. Na outra, investigou o complexo disposicional de trabalhadores informais que atuam como feirantes comercializando comidas e bebidas na Feira de Caruaru[40].

É importante ressaltar que, antes de realizar as entrevistas em profundidade, fizemos um mapeamento dos indicadores sociológicos utilizados por Lahire (2002; 2006a) em alguns

[40] A Feira de Caruaru é uma das maiores feiras livres do Nordeste do Brasil e uma das principais atrações turísticas de Caruaru, cidade da Região Agreste do Estado de Pernambuco.

de seus trabalhos. Lahire (2006a) sugere que o pesquisador estabeleça indicadores de análise para que identifique os elementos que, em muitos casos, não estão isolados, mas combinados. Tomamos como exemplo uma pesquisa que Lahire (2006a) realizou na França sobre práticas culturais em um grupo de indivíduos.

O primeiro indicador foi o da identificação de experiências socializadoras heterogêneas durante a infância e a adolescência. O segundo, mudanças importantes de condições materiais e/ou culturais de vida (ex.: mobilidade social). O terceiro, efeitos específicos e localizados de formações escolares muito especializadas. O quarto, relações ambivalentes com sua própria cultura familiar de origem.

O quinto indicador seriam as influências conjugais que podem modificar as disposições familiares adquiridas. O sexto, as relações de amizade que favorecem práticas distintas daquelas que são implementadas entre os cônjuges. O sétimo, as variações de laços de amizades que tornam possível uma distribuição de práticas heterogêneas. O oitavo seria o dos contextos bem delimitados do ponto de vista espacial e/ou temporal para se verificar os que são favoráveis ou não à ativação das disposições que estão sendo estudadas.

A partir dos trabalhos de Lahire, escolhemos os seguintes indicadores disposicionais para a nossa pesquisa: os efeitos das práticas e das ações vivenciadas pelos cidadãos analisados nos mundos das famílias (original e formada), da educação, da comunidade, do trabalho e do jornalismo, levando em consideração o contexto e as relações que eles mantêm com outros indivíduos. Como já especificamos nesse capítulo, a estratégia metodológica de Lahire nos levou a elaborar um desenho com seis configurações de variações disposicionais, quadros que se articulam entre si, a partir do qual pudemos ter acesso aos esquemas disposicionais de cada ator estudado. Revelaremos, no próximo capítulo, o da análise, a pluralidade das disposições dos cidadãos observados em seus universos, que vão para além do jornalismo, mas que influenciam nas práticas jornalísticas que adotaram e foram aqui observadas.

Capítulo 4
Portraits sociológicos

1. Socializações múltiplas e indivíduos singulares: o jogo do cidadão comum que entra e sai do jornalismo

Para analisar os universos dos seis indivíduos observados e compreender quais as disposições sociais que os levam com mais frequência a agir ativamente no jornalismo, realizamos neste quarto capítulo a análise disposicional. Observamos como cada um deles acionou ao seu modo os esquemas disposicionais para pensar, sentir e agir como cidadão-repórter e repórter-amador. Reconstruímos as trajetórias de vida desses atores para que possamos ter acesso aos complexos conjuntos de tendências forjadas ao longo dos processos de socialização.

Ao tomar a iniciativa de 1) continuar a consumir as informações divulgadas pela grande imprensa, 2) interagir com a imprensa para alçar a condição de coprodutor e 3) criar um espaço próprio de comunicação para ser produtor da informação, partimos do pressuposto que o cidadão estudado processa esquemas disposicionais que os motivam a deixar o papel de simples receptor da notícia. Esse fenômeno social observado é complexo porque é deflagrado pelo ator em meio ao emaranhado de tendências que influenciam a formação de seu universo particular. Ele se manifesta quando observamos as variações inter e intraindividuais do cidadão.

Ao ser indagado sobre as motivações para agir ativamente no jornalismo, o ator não sabe explicar claramente como começou a vontade de querer colaborar e produzir notícia. Por meio das entrevistas em profundidade, fomos buscar as origens dessas tendências porque não percebemos à primeira vista como esse esquema é construído e processado, mas visualizamos as práticas jornalísticas efetuadas pelo cidadão comum. Para que possamos ter acesso às origens desse esquema, temos que reconstituir a trajetória desse ator nos diversos mundos sociais, cruzando as fronteiras dos estados sociais desdobrado e dobrado.

Nesse contexto, estudamos se as tendências que motivam o ator a querer colaborar e produzir notícia são do tipo diacrônica (levam em conta o trajeto biográfico) e/ou sincrônica (levam em conta o contexto). Também se elas manifestam de forma constituída (um movimento com aspecto racional e quase obrigatório, a partir de fatores externos ao indivíduo) e/ou requisitada (um movimento mais voluntário e que envolve afetividade, como

se houvesse uma espécie de autoexigência por parte do próprio indivíduo). Consideramos, sobretudo, como esses movimentos são processados pelo indivíduo.

Todos os passos desta pesquisa, descritos anteriormente, foram executados com base 1) na relevância de se conhecer os universos dos cidadãos comuns que agem ativamente no jornalismo, 2) no programa de Lahire **(**2002; 2004; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) para uma sociologia à escala do indivíduo e 3) no percurso metodológico que possibilitou a elaboração de desenhos de configurações das disposições identificadas[41]. A análise disposicional foi dividida em duas etapas.

Na primeira parte, os dados gerais coletados na fase inicial da pesquisa de campo são avaliados. As respostas dos questionários nos ajudaram a traçar um quadro socioeconômico do grupo, sinalizando para as disposições mais gerais. Na segunda etapa, aprofundamos o estudo focando em seis cidadãos que participaram das duas fases. Como as disposições são complexas e mudam de indivíduo para indivíduo, a partir de contextos sociais e de relações que se estabelecem entre os atores, as respostas da primeira fase contribuíram para que elaborássemos as representações. Elas nos deram as conexões iniciais entre as disposições sociais que os cidadãos comuns processam inconscientemente e a nossa percepção sobre essas mesmas variações.

Parte – 1

2. As condições socioeconômicas: primeiras pistas para o agir ativamente

Como o questionário foi bastante extenso, para que pudéssemos fazer uma incursão exploratória, já que estávamos, na ocasião, levantando os dados gerais para os desenhos de nossas configurações teóricas, consideramos os pontos que se revelaram importantes para que pudéssemos identificar traços em comum, que estão na superfície, no que Lahire 1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b) chama de estado social desdobrado. O nosso objetivo inicial foi descobrir características gerais dos indivíduos mais ativos, antes de selecionar e analisar os seis cidadãos que passaram para a fase seguinte.

Essa radiografia contextual nos mostrou como algumas disposições se transformam em ações sob determinadas circunstâncias. Nesta primeira parte da análise, fizemos um estudo descritivo para descobrir algumas características do fenômeno observado, ou seja, dos atores

[41] Essas configurações foram apresentadas a partir do desenho de seis quadros que se articulam entre si, complementando-se no movimento de interdependência entre estrutura e indivíduo, que gera efeitos que perpassam os mundos sociais, detalhado no capítulo da metodologia.

que integram o grupo de internautas cadastrados como os mais participativos do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP).

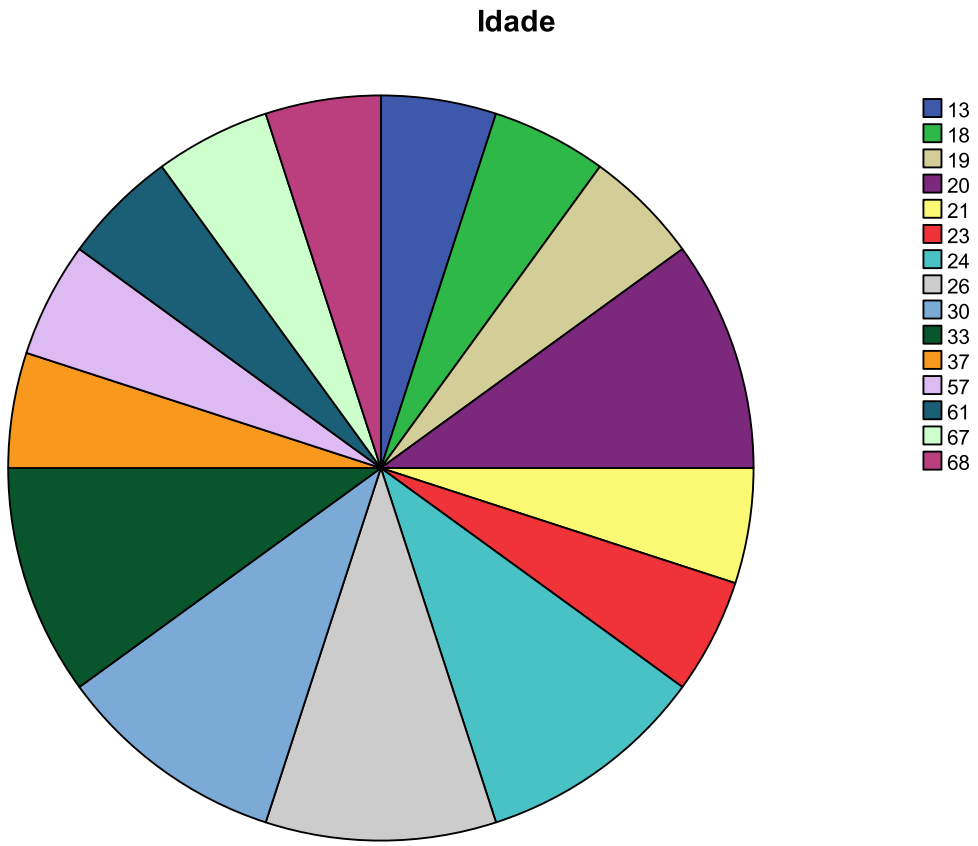
Nossa intenção foi buscar subsídios para definir os primeiros critérios de seleção dos seis indivíduos que passaram para a fase seguinte da pesquisa, a das entrevistas em profundidade. Nesse caso, ainda estávamos atentos à leitura das homogeneidades. Ao entrevistarmos 20 atores, obtivemos informações socioeconômicas de 62,5% do total dos cidadãos mais participativos do fórum colaborativo do DP, composto por 32 atores, como detalhamos na metodologia.

O grupo era formado majoritariamente por indivíduos do sexo masculino (90%). Dos 20 entrevistados, havia apenas duas mulheres. Isso sinaliza que os homens estão mais dispostos a disponibilizar parte de seu tempo à prática de buscar informação, interagir com os veículos de comunicação e enviar mensagens com temas que pudessem ser tratados pelos jornalistas, serviços disponibilizados pelo fórum do Diario. Esses atores, que disponibilizaram parte de seu tempo livre para participar do fórum, tinham idades entre 13 e 68 anos, assim distribuídas: nove pessoas tinham até 25 anos (45%), seis possuíam entre 26 e 35 anos (30%) e cinco tinham entre 36 e 68 anos (25%).

A maioria dos participantes tinha até 33 anos (75%). Isso sinaliza que os indivíduos que colaboravam com o canal interativo do DP eram em grande parte homens e jovens. O conceito de juventude[42] é complexo, envolve várias noções, como as de idade, de estado de espírito, de estilo de vida, de etapa de transição entre a infância e a fase adulta, ou seja, de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Esses aspectos quando cruzados podem gerar múltiplos sentidos. Esse conceito é elaborado a partir de um amplo debate e não é objeto de nossa pesquisa avançar nesse caminho.

[42] Para Bourdieu (1983b), juventude é apenas uma palavra porque ela não pode, por si só, dar uma unidade social, um aspecto homogêneo a um grupo, o que seria uma espécie de manipulação. As divisões entre faixas etárias têm variações internas. Não são dadas, mas construídas culturalmente. Essa noção só faz sentido se colocar os mais novos, os recém-chegados, em oposição aos mais velhos. O critério biológico não pode ser considerado isoladamente. O surgimento da categoria jovem se deve à escola (COLEMAN, 1961), que agregou indivíduos dentro de uma mesma faixa etária e contribuiu para dar uma noção de transição entre a infância e a fase adulta. Já para Áries (1978), essa transição foi categorizada pelas sociedades industriais. Hall e Jefferson (1993) foram além ao explicarem que esse conceito se desenvolveu em um cenário de aumento de mercado e de consumo no período pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, surgiu uma cultura jovem, impulsionada pelos meios de comunicação de massa. O conceito, para Margulis e Urresti (1996), não está relacionada apenas à idade, mas à geração de uma cultura que socializa os atores por meio de códigos específicos, que vai distinguir as gerações. Para Lahire (2006), a juventude não pode ser compreendida apenas como uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta, mas como uma fase de inúmeras imposições, que vem da escola, dos pais e dos grupos aos quais esses atores pertencem. O fator da idade, assim, situa-se em uma rede que gera relações de interdependência, influenciada por imposições mais ou menos harmônicas. Por isso, a juventude não é só uma palavra, mas uma condição de existência e de coexistência que surge a partir de uma tripla imposição: o meio social e cultural de origem, a situação escolar e o gênero.

A noção de juventude é abordada aqui de forma funcional em um questionário exploratório. Estamos utilizando o critério da idade de forma arbitrária em função de algumas condições, como os fatos de morarem com a família original, de não serem independentes financeiramente e de dedicarem muitas horas do dia à navegação na internet, o que revela uma disponibilidade de tempo. Como podemos verificar, há uma grande dispersão na distribuição dos indivíduos por faixa etária. A maior parte, porém, é formada por jovens que têm até 25 anos (45%), como podemos visualizar no desenho a seguir.



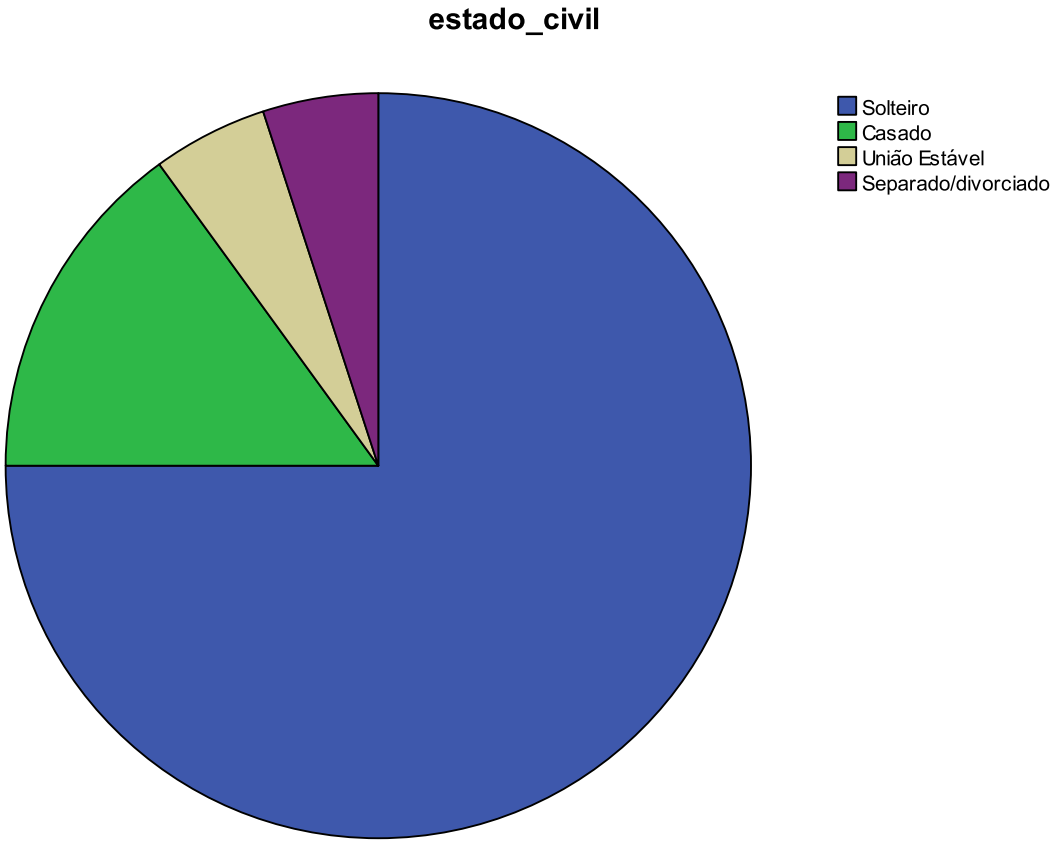
Configuração dos entrevistados por faixa etária

Desses 20 entrevistados, 15 nasceram no Recife, ou seja, 75% deles. Em relação aos demais, dois deles nasceram em cidades do interior de Pernambuco; dois, em municípios de outros Estados e um, em outro país, na Argentina. Apesar de alguns deles não terem nascido no Recife, todos moravam na Região Metropolitana. Por estar ancorado na grande rede, o fórum colaborativo do DP é facilmente acessado em qualquer lugar. Afinal, não está limitado a um espaço físico. Mesmo assim, os cidadãos mais ativos, como indica o ranking do próprio

fórum, residem em municípios que estão na mesma região, ou seja, estão no Grande Recife, nas cidades de Olinda, Paulista, Jaboatão dos Guararapes e Camaragibe, além da capital.

O quadro desenhado pelas informações coletadas até agora nos ajuda a encontrar pistas para a formação das disposições de variação diacrônica, que levam em conta o trajeto biográfico do indivíduo. Ele indica que a maioria dos atores mais ativos do fórum é formada por homens jovens que residem em centros urbanos.

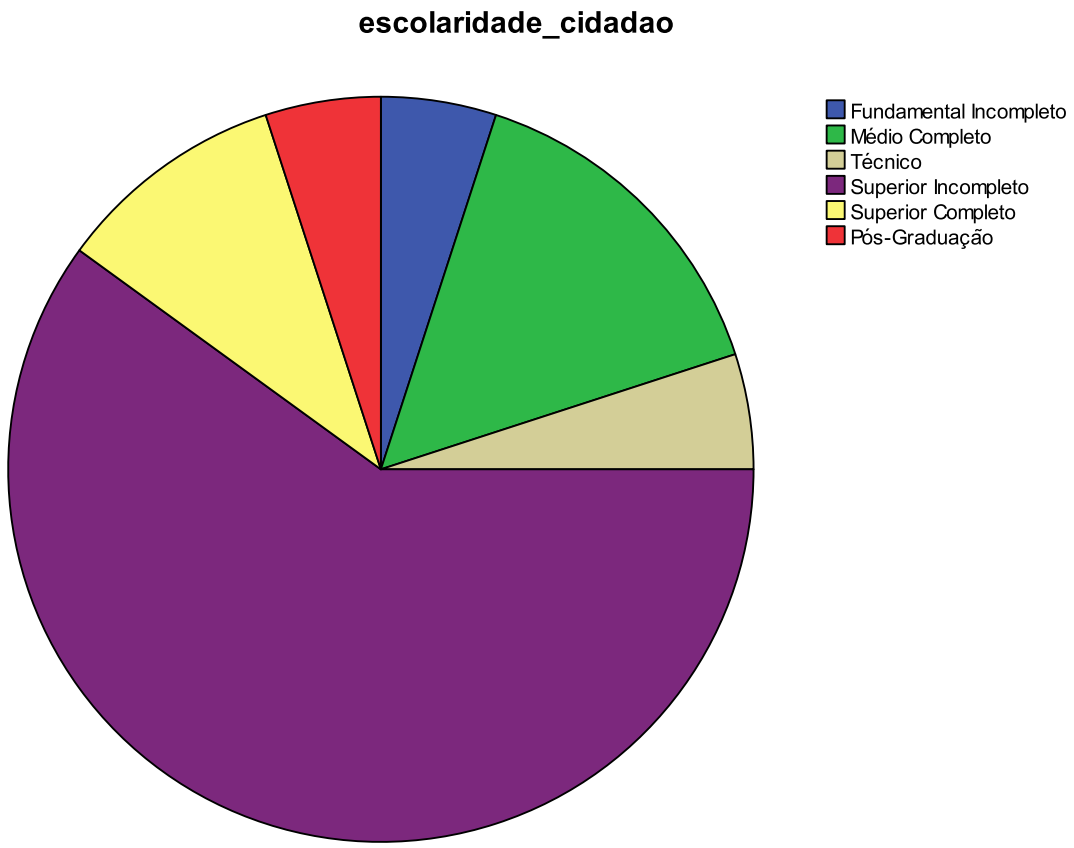
Em relação ao mundo da família, a maioria do grupo da primeira fase era solteira (75%) e residia com a família original: pais e irmãos. Um dos membros não morava com os pais, mas com avós e tios. Outro integrante residia sozinho. Desse universo, três constituíram as próprias famílias, que chamamos nesta tese de o mundo da família formada. Dos três casados, um deles morava com os filhos e dois outros só com a esposa. Um cidadão declarou que estava se separando, mas ainda residia com a família formada (esposa e filhos). Outro ator afirmou ter uma relação estável, mas morava com os pais. O quadro abaixo mostra essa distribuição.



Configuração dos entrevistados por estado civil

Os núcleos familiares desses indivíduos são pequenos: 80% são compostos por até quatro membros, 15%, por até cinco, e 5%, por mais de cinco atores morando na mesma residência. Com mais essa informação, avançamos no quadro indicativo das disposições diacrônicas. A maior parte é formada por homens jovens, solteiros e que tem núcleos familiares de até quatro membros. A relação que eles mantêm com esses atores influenciará na formação das disposições que analisaremos na segunda fase: as diacrônicas (processadas pelo histórico biográfico) e as sincrônicas (processadas a partir dos contextos).

Em relação ao mundo da educação, a maioria frequentou escola pública: oito de forma exclusiva e cinco estudaram também em instituições particulares. Sete dos entrevistados passaram a vida escolar na rede privada. Dos 20 cidadãos que responderam ao questionário, 12 estavam fazendo, na época, cursos universitários – a maioria em instituições particulares. Dois já estavam diplomados. Um deles afirmou ter pós-graduação e outro concluiu um curso técnico. Veja a distribuição no quadro a seguir.



Configuração dos entrevistados por nível de escolaridade

No questionário aplicado na primeira fase, indagamos o entrevistado sobre a escolaridade dos pais e só uma pessoa não forneceu a informação. Esse dado é importante para que possamos traçar o trajeto biográfico e analisar, na segunda fase, a influência que os pais exerceram na formação das disposições para ler, escrever, estudar e pesquisar. Nas entrevistas, eles vincularam essas tendências ao estímulo para procurar notícias, o que nos levará ao processo de constituição das disposições dos tipos diacrônicos e sincrônicos nas relações que os entrevistados estabeleceram com os pais. Na segunda fase, aprofundaremos esse aspecto, chegando ao incentivo educacional dado por outros indivíduos.

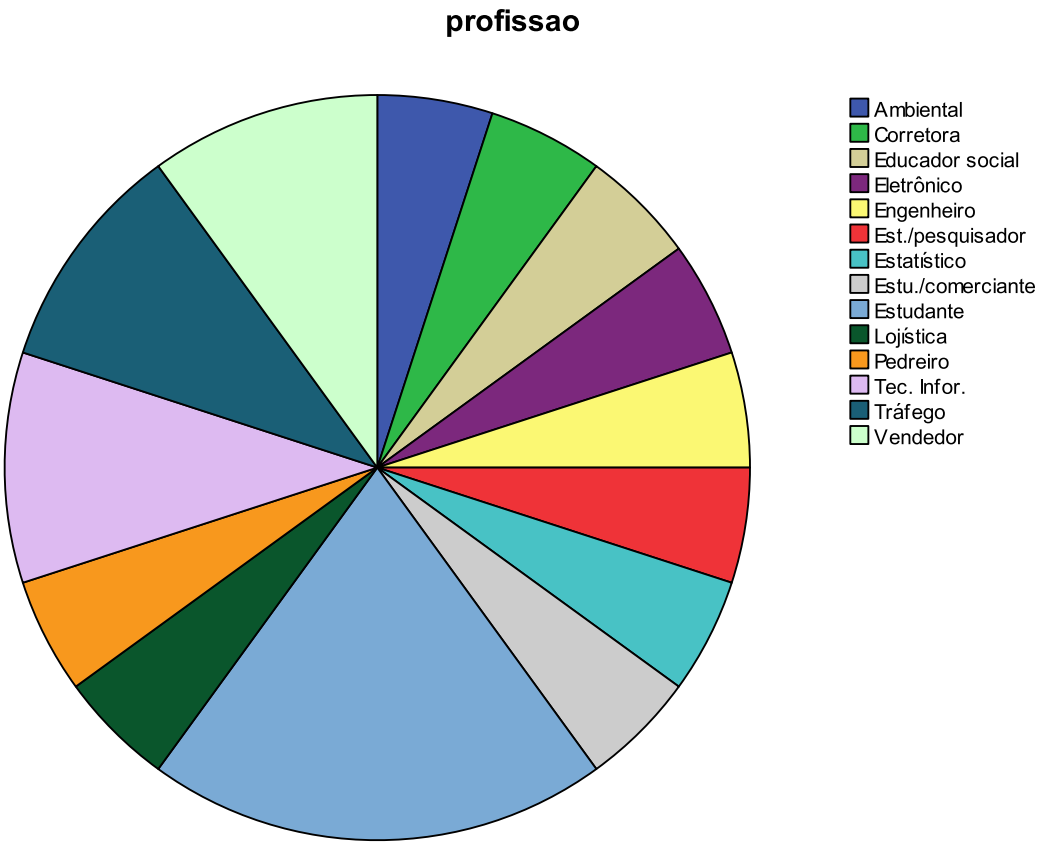
Em relação às mães, 25% concluíram o ensino fundamental, 20% estudaram até o ensino médio, 15% tinham o ensino médio incompleto, 10%, o ensino superior completo; 10% declararam ter pós-graduação, 5% ser analfabetas, 5% ter o fundamental completo e 5% possuir o superior incompleto.

Sobre os pais, 25% tinham o ensino médio completo, 20%, o ensino fundamental incompleto; 15%, o fundamental completo; 15%, o superior completo; 10%, o curso técnico; 5%, o superior incompleto; e 5%, pós-graduação. Também verificamos o nível de escolaridade dos cônjuges, já que três dos 20 entrevistados eram casados, um quarto tinha uma relação estável e outro ainda morava com a família, apesar de ter se separado. Dos cônjuges, 10% tinham superior incompleto, 5%, superior completo; 5%, pós-graduação; e 5%, curso técnico.

O perfil geral de nosso grupo ganhou mais dados para nos ajudar na segunda fase, quando iremos analisar quais são as disposições sociais que mais frequentemente motivam os cidadãos comuns a agir ativamente, adotando práticas jornalísticas. Nesta tese, o agir ativamente representa a conexão das noções de disposição com a de competência. O nível de escolaridade tem ligação com a competência para ler, escrever e buscar informação, que os cidadãos comuns procuram ter, como mostram os nossos entrevistados. Com mais essa informação, chegamos a um perfil mais detalhado do grupo: homens jovens, solteiros, de núcleos familiares de até quatro membros e com uma formação educacional de nível superior incompleto. A maioria das mães não chegou ao ensino médio, enquanto os pais têm melhor formação educacional.

Em relação ao mundo do trabalho, as profissões dos cidadãos entrevistados eram bastante variadas: quatro eram estudantes; um, comerciante; um, pedreiro; um, educador social; um, pesquisador; um, técnico em logística; dois, técnicos em tráfego; um, técnico em eletrotécnica; dois, técnicos em informática; um, técnico ambiental; um, estatístico; dois, vendedores; um, engenheiro; e um, corretor de imóveis. Como percebemos anteriormente, a

maioria dos entrevistados ainda não concluiu o ensino superior. Por isso, boa parte deles exerce atividades de nível médio e técnico, acumulando com o estudo. Outros só estudam. O mundo do trabalho também é responsável pela formação dos dois tipos de disposições que analisaremos na segunda fase: as diacrônicas e as sincrônicas. A distribuição das profissões está representada no quadro a seguir.



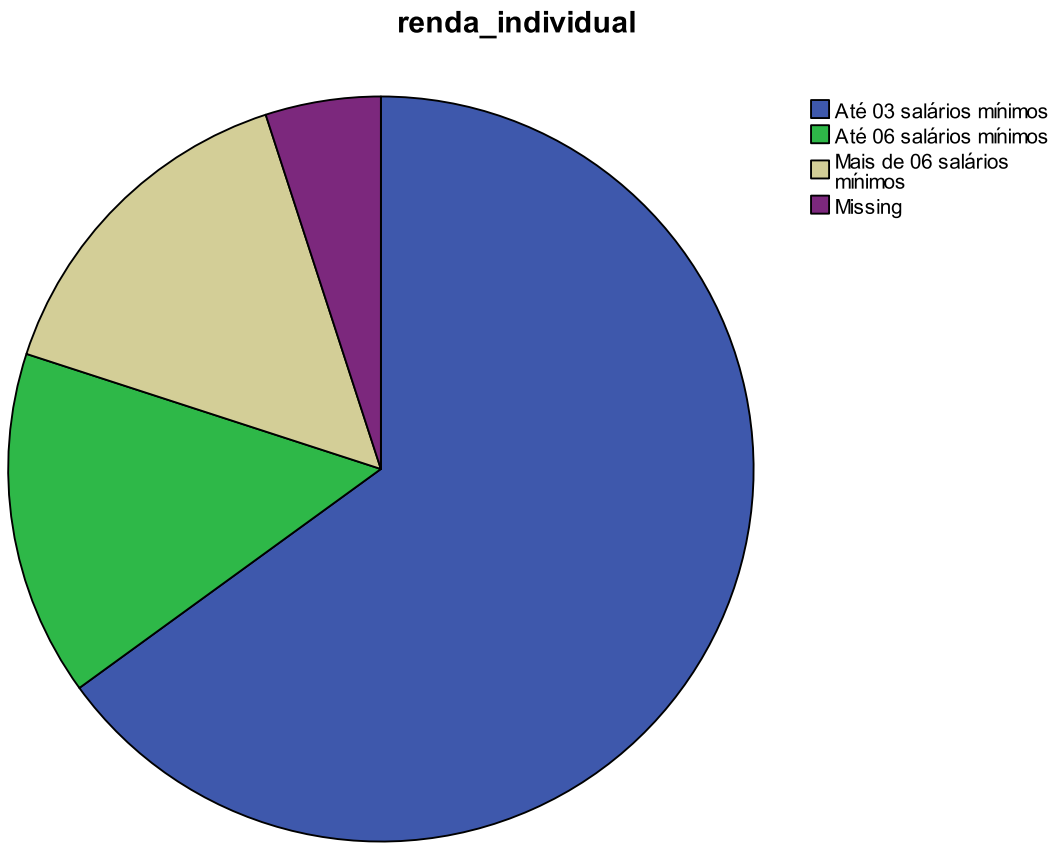
Configuração dos entrevistados por profissão

Dos 20 entrevistados, seis trabalhavam em empresas do setor privado; quatro, em instituições do setor público; quatro eram autônomos, dois atuavam no mercado informal e um era aposentado. Deste grupo, dois tinham atividades extras para complementar a renda da família: eram estudantes, mas tinham montado um negócio próprio.

O mundo das famílias original e formada, da escola e do trabalho também contribui, de forma relacional e contextual, para o processo de formação das disposições que podem se manifestar de maneira constituída ou requisitada. As tendências constituídas levam o indivíduo à renúncia de si em função de exigências externas, a tomar posições a partir de um

determinado contexto que pode inibir ou ativar as disposições. As tendências requisitadas são mais voluntárias, manifestam-se de maneira espontânea.

Em relação à renda individual, só um dos entrevistados não quis responder a essa questão. Dessa forma, 65% dos 20 indivíduos que participaram da pesquisa ganhavam até três salários mínimos[43] (incluindo bolsa ou mesada), 15% recebiam até seis mínimos e outros 15% percebiam acima desses valores. Os dados estão distribuídos no quadro abaixo.



Configuração dos entrevistados por renda salarial

Quando indagamos sobre a renda familiar, a situação financeira de parte deles melhora porque outros membros contribuem para o orçamento final do núcleo familiar. Nesse contexto, 40% das famílias dos entrevistados recebiam até seis salários mínimos (com a renda individual, esse percentual ficava em 15%), 30% perceberam mais do que seis mínimos (quando se considerou a remuneração do entrevistado, o índice era de 15%) e 25% continuaram a ganhar até três mínimos (no quadro anterior, o percentual era bem superior,

[43] Quando a primeira fase dessa pesquisa foi realizada, entre outubro e novembro de 2011, o valor bruto do salário mínimo era de R$ 540,00.

chegava a 65%). Um dos entrevistados não respondeu. Desse total, 85% moram em casa própria. Um dos pesquisados não forneceu essa informação.

Quando nos referirmos à questão financeira, estamos apontando para o capital econômico dos entrevistados, que foram agrupados, nessa fase exploratória, de acordo com a remuneração, calculada com base no valor do salário mínimo. O capital econômico, porém, é apenas um dos atributos para se definir o conceito de classe social. A maioria das análises sociológicas sobre classes sociais toma como referência os estudos clássicos desenvolvidos por Marx (2008) e Weber (2005). Bourdieu (1996; 1999a, 2003) foi além, considerou ainda que o princípio da diferenciação não leva em conta apenas o capital econômico, mas, sobretudo, os capitais cultural, social e simbólico.

Souza (2010) afirma que os critérios de classificação econômica para a diferenciação de classes sociais comumente utilizados, como nível de renda, posse de bens materiais, características de moradia e diferenças regionais, não oferecem uma leitura sociocultural da realidade. Diante da complexidade da sociedade moderna, no nosso caso da brasileira, Souza identificou a formação de uma classe de "batalhadores", composta por indivíduos que não têm o capital econômico das classes altas nem o capital cultural valorizado pela classe média. Os batalhadores compensam a falta desses dois capitais com o esforço individual para o trabalho.

Os batalhadores, em sua maioria, estudaram em escolas públicas, muitas delas de baixa qualidade, trabalharam desde cedo e não têm tempo para buscar o valorizado capital cultural. Eles enfrentam, de forma corajosa, os problemas pessoais para ganhar a vida, desenvolvendo disposições para superar os problemas, mudar de vida e olhar o sofrimento do outro, como os seis atores analisados nas duas etapas desta pesquisa.

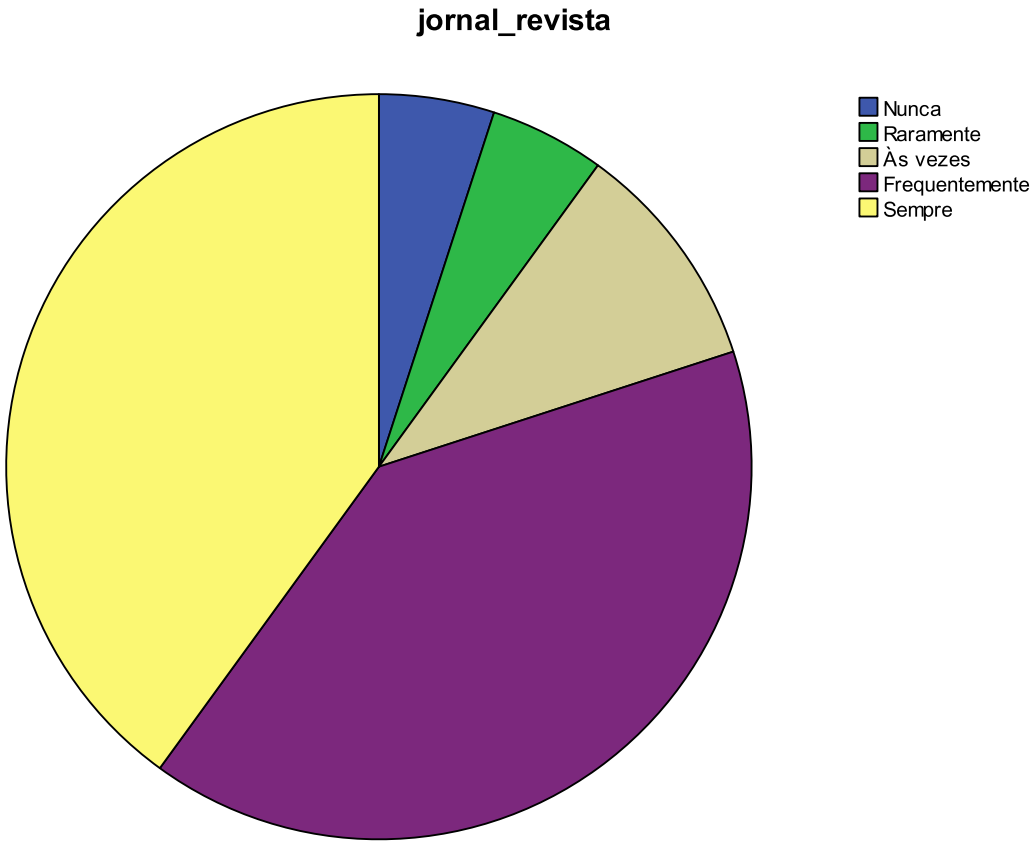
Nesta tese, esses seis cidadãos fazem parte da classe dos batalhadores, como veremos ao longo da análise. Apesar da instabilidade financeira, criaram inclinações para querer se informar por meio de notícias divulgadas na mídia tradicional e na internet, hábito que foi facilitado pela popularização do uso do computador e das conexões à grande rede.

O quadro desenhado até aqui nos mostra um perfil geral do grupo: homens jovens, solteiros, de núcleos familiares de até quatro membros e com uma formação educacional de nível superior incompleto, cujos pais têm uma formação educacional mais limitada. A maior parte das mães não chegou ao ensino médio, enquanto a maioria dos pais tinha ingressado no ensino médio. Apesar de 12 dos 20 entrevistados terem entrado na universidade, a maioria ainda não estava formada quando a pesquisa foi realizada. Por isso, uma boa parte deles exercia atividades profissionais equivalentes ao nível técnico.

Em relação à renda individual, 65% recebiam até três salários mínimos. Quando o orçamento era reforçado com a contribuição de outros membros da família, o poder aquisitivo aumentava. Nesse contexto, 40% dos entrevistados declararam contar com uma renda familiar de até seis salários mínimos.

2.1 Condições de interatividade: primeiras pistas das disposições para o colaborar ativamente com a grande imprensa

De uma forma geral, quando os entrevistados mais participativos do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) buscavam informações, os veículos mais tradicionais ainda eram amplamente consultados. Em relação à televisão, 75% tinham o hábito de assistir aos telejornais: 20% faziam isso às vezes e 5%, raramente. O rádio era muito usado. A metade deles recorria a essa mídia com frequência. Enquanto isso, a leitura de jornais e revistas impressas mobilizava 80% dos entrevistados. A distribuição pela tendência de se buscar informação em veículos tradicionais, como jornal e revista impressos, pode ser verificada no quadro a seguir.



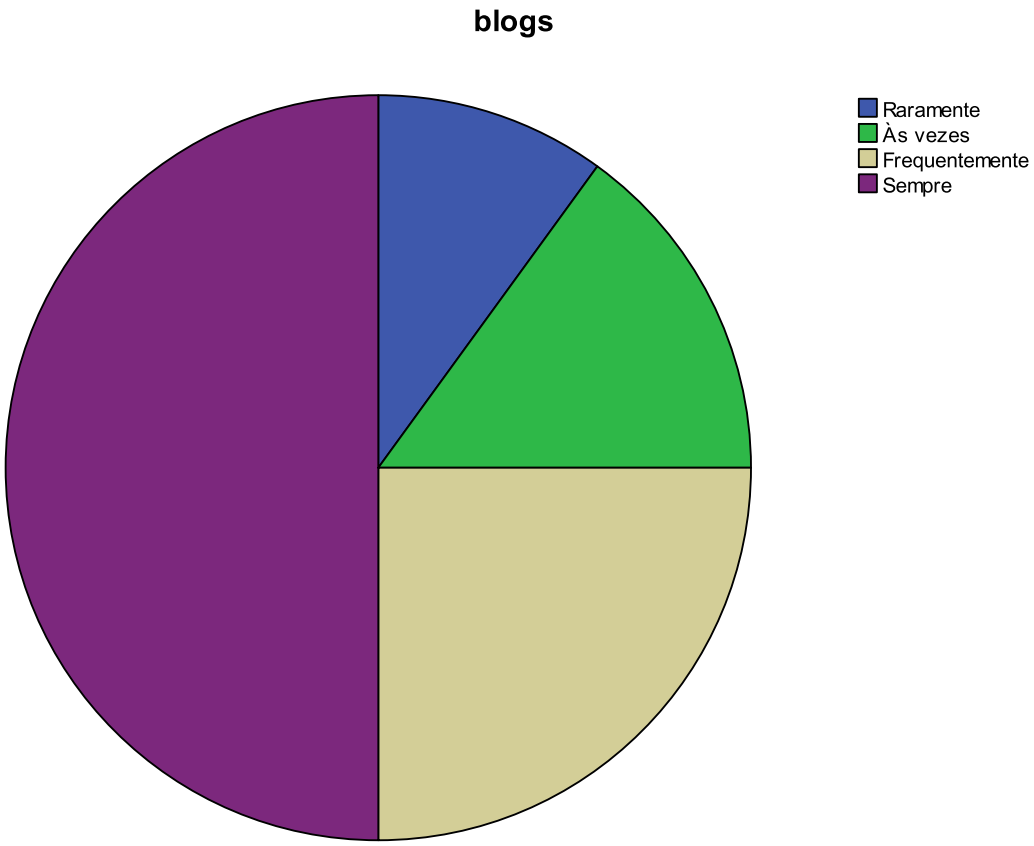
Configuração dos entrevistados pelo hábito de ler jornal e revista impressa.

Esses dados coletados sinalizaram que, antes mesmo da popularização da internet, já existia entre os integrantes do grupo de cidadãos comuns mais participativos do fórum colaborativo do DP uma forte disposição para se informar.

Na primeira fase, ainda estamos no estado social desdobrado, momento em que o ator falou sobre o que pensa e o que faz a partir de um questionário geral, ou seja, de forma mais superficial, já que foi o primeiro contato que tivemos com os membros do grupo. Só na fase seguinte, quando nos encontramos mais três vezes com seis deles, as respostas foram mais detalhadas. Afinal, tivemos a oportunidade de nos aproximar e perceber as variações inter e intraindividuais. O diálogo se tornou mais espontâneo e natural.

Os seis cidadãos da segunda fase foram indagados sobre as mesmas questões mais de uma vez e tiveram a oportunidade de refletir melhor e lembrar-se de momentos do passado. Tivemos o cuidado de registrar as posições reveladas ou ocultadas para que pudéssemos ter acesso aos esquemas disposicionais individuais que buscávamos estudar. Isso quer dizer que a disposição para o agir ativamente no jornalismo pode se manifestar de forma constituída ou requisitada. Dos 20 entrevistados, 12 declararam utilizar a grande rede por mais de três horas por dia. Do grupo maior, 13 deles revelaram gostar de acessar sites de veículos de comunicação para se informar: oito, sempre; cinco, frequentemente; cinco, às vezes; e dois, raramente.

Quando acessavam as redes sociais, 13 declararam preferir ler textos escritos por jornalistas. Essa preferência, porém, não os impedia de consultar outros blogs, como ressaltaram 15 entrevistados, de acordo com o quadro abaixo.



Configuração dos entrevistados pelo hábito de consultar blogs escritos por jornalistas

Dos 20 atores entrevistados, metade decidiu produzir um espaço próprio para divulgar as informações que lhes interessavam, o que apontou para a disposição de ser repórter-amador. Desse grupo que tomou a atitude de criar um blog autoral, alguns chegaram a manter mais de um endereço – um voltado para assuntos pessoais e outros para temas mais gerais que interessavam, por exemplo, às comunidades onde moravam ou trabalhavam. Todos apresentaram uma forte tendência para querer escrever o que desejavam, sem passar por nenhum filtro imposto pelos conglomerados de comunicação.

Não é objetivo dessa pesquisa fazer nenhum estudo de recepção sobre o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP), mas algumas informações reveladas por esses cidadãos acerca de suas participações nesse espaço foram importantes para se verificar que eles não apenas acessavam o espaço para obter informação na internet, mas para colaborar com o processo de produção da notícia do veículo. Através dessas informações, pudemos ter pistas sobre a força das disposições sincrônicas, processadas nas relações que são mantidas de

um ator com os outros. Neste caso, dos cidadãos que mais interagiam com os jornalistas daquele veículo e os demais participantes do fórum.

Dos indivíduos mais participativos, os chamados cidadãos-ouro, oito se cadastraram em 2007, quando o fórum foi criado; cinco, em 2008; cinco, em 2009 e dois, em 2010. De todos os assuntos listados no canal de interação entre o DP e os internautas, um concentrava as atenções dos participantes mais ativos: o tópico transporte e trânsito. Dos 20 pesquisados, 14 revelaram a sua preferência por este tema, até porque utilizavam o transporte coletivo.

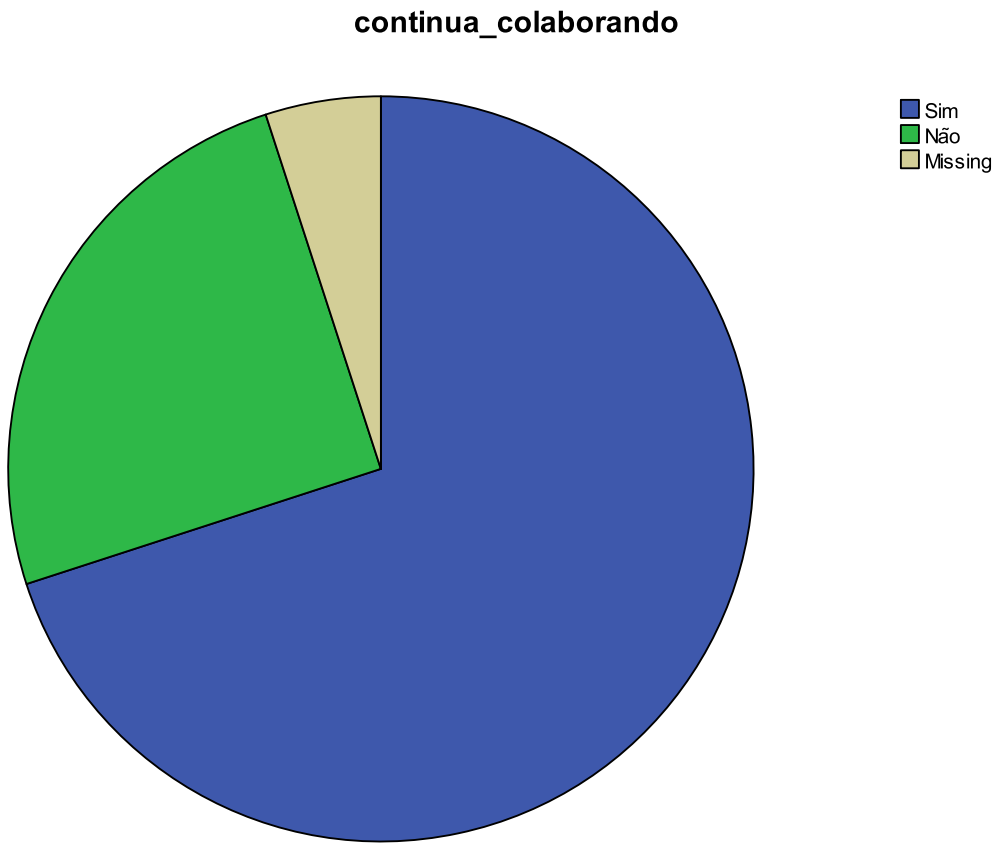
Desse grupo, doze colaboravam com assiduidade para o fórum do jornal: três, diariamente; quatro, semanalmente; e cinco, mensalmente. Os oitos restantes já foram parceiros constantes, mas afirmaram, no questionário, que deixaram de participar com frequência, preferindo apenas ler e acompanhar as discussões por motivos diversos, como 1) a falta de tempo para postar novidades, 2) o site lento, pesado e pouco atrativo, 3) as brigas entre os inscritos que resultaram em trocas de insultos, 4) a mudança gráfica na versão impressa do DP, que retirou a página exclusiva do cidadão publicada às terças-feiras, 5) a redução do aproveitamento das sugestões enviadas pelos internautas nas matérias publicadas pelo impresso, depois dessa mudança, 6) a dedicação maior ao blog pessoal e 7) a concentração dos debates no tópico transporte e trânsito.

Na fase seguinte, vamos verificar que esses motivos, citados por eles para diminuir o interesse de colaborar ou mesmo não enviar mais sugestões ou comentar com o jornal, podem ser considerados um fator de inibição para ação de interagir e participar do fórum, o que os incentivou a instituir um espaço autoral. Quando a disposição para colaborar com o processo de produção da notícia foi afetada, percebemos que uma parte do grupo se sentiu estimulada a criar um canal próprio de comunicação, completando assim o processo que nos levou ao conceito do jogo para o agir ativamente no jornalismo, como vamos aprofundar na segunda parte da análise.

Quando indagados se acompanhavam as notícias que eram produzidas na versão impressa do veículo, a partir das sugestões enviadas através do fórum, 15 indivíduos afirmaram ter esse hábito, já os outros não se interessavam em verificar o que era publicado, contentavam-se em participar da ação de interagir apenas no mundo virtual. Por isso, a mudança editorial do DP (o fim da página impressa intitulada Cidadão-Repórter) não foi percebida por todos. A maioria, contudo, notou: 16 entrevistados. Do grupo, 11 afirmaram que a retirada da página, publicada às terças-feiras, desestimulou a participação no fórum. Cinco discordaram e três não quiseram opinar.

Essa falta de estímulo estava ligada, segundo oito entrevistados, ao fato de o nome de quem remeteu a sugestão da pauta, no caso do cidadão comum, não aparecer de forma destacada nos textos e nas fotos publicadas, como acontecia anteriormente. Para nove indivíduos, o aproveitamento das sugestões diminuiu com a mudança. Não havia mais um espaço exclusivo para o cidadão que colaborava. De acordo com eles, o material foi aproveitado de forma desorganizada e pulverizada ao longo dos cadernos impressos do DP.

Mesmo com esses problemas apontados, 14 continuaram colaborando e lendo o material postado no fórum; cinco não quiseram mais postar e optaram por ler esporadicamente e um não quis opinar, o que indica, como mostra o quadro a seguir, que a disposição para continuar a colaborar com o processo de produção da notícia do DP, independentemente das mudanças descritas anteriormente, seguia forte.



Configuração dos entrevistados pela disposição de colaborar com o fórum colaborativo do DP

As mudanças nas disposições sincrônicas (contextuais) foram afetadas à medida que os atores, que não concordaram com a nova postura editorial do Diario de Pernambuco, não se sentiram mais motivados a enviar sugestões de pautas. Apesar disso, observamos que eles

continuaram a consultar o fórum e a interagir, mandando comentários, principalmente para outros cidadãos comuns que estavam inscritos. Essa informação foi relevante para que pudéssemos perceber a forma como as disposições se manifestavam em cada um dos seis indivíduos da segunda fase de maneira constituída ou requisitada. Elas se revelam pela interpretação dos comportamentos coerentes ou contraditórios do ator.

Outro dado importante para avaliar as práticas do cidadão comum no jornalismo foi o fato de parte dos entrevistados ter afirmado que interagiam com outros veículos. Dos 20 membros do grupo, 14 colaboravam apenas com o fórum do DP, mas seis já remetiam pautas para outras empresas de comunicação. Três entrevistados tinham, inclusive, participado ativamente de programas de rádios, dois deles contribuíram para a instalação de rádios comunitárias em seus bairros. Outro cidadão chegou a participar de um programa sobre os problemas da cidade em uma rádio comercial. Essas informações nos ajudaram a traçar os primeiros sinais para o estudo das disposições sincrônicas. Nela, observam-se os contextos nas quais as ações são realizadas e se elas são tomadas de forma recorrente.

A forte disposição para agir ativamente foi expressa ainda pela vontade que nove indivíduos afirmaram ter: o sonho de estudar jornalismo para exercer essa atividade de forma profissional. Apenas um deles ingressou em um curso de jornalismo, mas não continuou a estudar por problemas financeiros, como detalharemos adiante. Essa vontade está ligada à busca pela competência para participar do processo de produção da notícia.

O conceito de competência está relacionado a saberes ligados a uma circunstância ou a uma prática bem particular, inserida em um determinado contexto. Os conceitos de disposição e de competência estão próximos, contribuem para formar a nossa noção do agir ativamente. Essa expressão representa a conexão entre o estar disposto e o ter competência para que o cidadão comum acione inconscientemente os esquemas disposicionais que o motivam a ser produtor da informação.

Os noves integrantes do grupo que revelaram o sonho de estudar para ser jornalista vincularam essa vontade ao gosto pela leitura e pela escrita e ao desejo de informar os outros atores sobre os problemas das comunidades em que viviam. Observamos que eles conectaram o exercício do jornalismo às disposições para as ações políticas, sociais e culturais cotidianas. Por isso, esses fatores lastrearam três das quatro variáveis de ativação interna de nosso desenho de configurações disposicionais, exposto no capítulo que tratou da metodologia.

Os noves cidadãos que declararam ter vontade de entrar em uma universidade para cursar jornalismo exerciam outras atividades profissionais até mesmo o único que chegou a iniciar o curso. Eles revelaram que o curso de jornalismo poderia ser feito posteriormente,

como uma atividade secundária e não principal. Alguns gostariam de fazer o curso para se aprimorar na produção dos textos, que produziam para sugerir matérias e comentar as noticias que a grande imprensa veiculava, e também para produzir as informações que divulgavam em seus blogs pessoais.

2.2 O quadro geral da 1ª fase

Apesar de nosso *corpus* ser pequeno, lastreado em 20 entrevistas, o que traz limitação para generalizações, os dados coletados na primeira fase nos permitem identificar algumas características gerais do grupo. Elas contribuíram para subsidiar a análise mais profunda da fase seguinte, mesmo porque o objetivo principal desta tese é aproximar o foco dos universos dos indivíduos que acionam esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo, observando as variações inter e intraindividuais dos seis cidadãos que foram retratados sociologicamente na segunda parte da análise.

As informações do mapeamento geral jogaram luz em nosso trabalho, indicando as disposições deflagradas inconscientemente por esses atores ao longo dos processos de socialização, que foram ativadas pelo contexto e pelas relações mantidas entre eles.

O perfil majoritário dos internautas que mais participavam do fórum deliberativo do DP era de homens (90%). Do grupo, 75% são solteiros que ainda moram com as famílias originais (pais e irmãos), 80% delas formadas por núcleos de até quatro indivíduos. Há uma grande dispersão na distribuição dos indivíduos por faixa etária. A maior parte é formada por jovens que têm até 25 anos (45%). Todos residem no Recife e nas cidades da Região Metropolitana. A maioria nasceu no Recife.

Dos 20 entrevistados, 13 estudaram em escola pública. Mesmo enfrentando as dificuldades do sistema público de ensino, 11 entraram na universidade. Dos 13 egressos do ensino público, nenhum se formou ainda. Os pais de todos os membros desse grupo não têm o ensino superior, só uma mãe desses atores conseguiu entrar em um curso universitário. Em grande parte dos casos, os pais proporcionaram aos filhos o nível de instrução que não conseguiram obter. Como estamos considerando um quadro geral, não estamos citando a situação dos sete indivíduos que só frequentaram escolas privadas: dois deles se formaram e um terceiro obteve nível de pós-graduação.

A distribuição dos entrevistados por profissão também ficou muito dispersa. A maioria desempenhava funções de nível médio ou só estudava. Dos 20 entrevistados, a metade tem emprego formal – seis trabalhavam em empresas do setor privado e quatro em instituições do setor público. Os demais eram autônomo, estavam no mercado informal ou era aposentado.

Em relação à renda individual, 65% ganhavam até três salários mínimos quando o questionário foi aplicado entre outubro e novembro de 2011. Para 40% dos entrevistados, o orçamento familiar crescia e chegava a seis salários mínimos quando outros membros do núcleo colaboravam para as despesas da casa. Só 25% continuavam a ganhar o mesmo teto, de três mínimos.

Os 20 entrevistados na primeira fase expressaram ter necessidade de se manter informados, procurando mídias tradicionais e espaços da internet. Com relação ao uso da grande rede, doze passavam mais de três horas por dia navegando. A maioria consultava sites de veículos de comunicação e espaços nas redes sociais, sem se restringir aos que eram produzidos exclusivamente por jornalistas.

Em relação especificamente ao fórum do Diario de Pernambuco, 65% dos indivíduos mais participativos se cadastraram nos dois primeiros anos de funcionamento: 2007 e 2008. A maior parte deles chegou a colaborar com frequência, remetendo mensagens diárias e semanais. 30% deles também colaboravam com outros veículos. Apesar de alguns problemas que serviram para desestimular a interatividade de parte dos internautas com o fórum do DP, 70% deles continuavam colaborando ou lendo o material postado no fórum. Todos esses problemas juntos, além da discordância da forma como as matérias eram redigidas a partir de suas sugestões, levaram 50% dos entrevistados a criar canais alternativos para que eles pudessem produzir as próprias informações. As características predominantes nos indivíduos inscritos no fórum do DP e mais participativos podem ser resumidas no quadro geral da 1ª etapa da análise, mostrado a seguir.

Quadro 1

As características gerais da maioria dos indivíduos da 1ª fase da pesquisa empírica
Homem;
Solteiro;
Mora com a família original;
Tem núcleo familiar de até quatro membros;
Tem idade até 25 anos;
Nasceu e mora no Recife;
Estudou em escola pública;
Entrou na universidade, mas não tinha concluído até a realização da pesquisa;
Os pais chegaram até o ensino médio;
Trabalha em emprego formal;
Ganha até três salários mínimos;
A renda familiar é de até seis salários mínimos;
Leem notícias com regularidade;
Procuram as mídias tradicionais;
Passam mais de três horas diárias na internet;
Consultam sites de veículos de comunicação e redes sociais;

Cadastraram-se no fórum do DP nos dois primeiros anos;
Mesmo com as mudanças editoriais no DP, 70% continuavam interagindo através do fórum;
Metade dos entrevistados criou um canal próprio de comunicação.

FONTE: Elaboração própria

Com base nesses dados, podemos afirmar que há uma relação significativa entre o indivíduo que busca informação nos veículos de comunicação e a disposição de querer agir ativamente no jornalismo, como mostram as características dos cidadãos comuns estudados conforme o quadro a seguir.

Quadro 2

Características dos indivíduos que agem ativamente
Quer se expressar;
Buscar informação mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade;
Resolver problemas coletivos;
Mobilizar o outro;
Dialogar com jornalistas e veículos de comunicação;
Acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa;
Encontrar alternativas próprias de comunicação.

FONTE: Elaboração própria

Parte – 2

3. Os esquemas disposicionais motivadores do agir ativamente

Nesta segunda etapa da análise, quando realizamos os retratos sociológicos dos universos sociais dos seis cidadãos selecionados, investigamos como cada um deles foi acionando o seu esquema disposicional para ser repórter-amador, construído inconscientemente ao longo de suas trajetórias de vida. Esse esquema que nos revela o jogo do agir ativamente no jornalismo conseguiu conectar a disposição para se comunicar, que nasce na diversidade das fases de socialização, com a busca de competência para ler, escrever e se informar, que também é formada na pluralidade desse processo contínuo.

É no elo social desses dois movimentos que surgem as motivações para que o cidadão comum queira ser repórter-amador. Só podemos ter acesso ao esquema disposicional dos seis indivíduos analisados quando ultrapassamos o estado social desdobrado e chegamos ao estado social dobrado. Assim, observamos as variações inter e intraindividuais dos atores que estamos estudando, procurando identificar os tipos das tendências que eles mobilizam para agir ativamente no jornalismo.

Os tipos de disposições podem ser diacrônicas e sincrônicas, e elas se manifestam de forma constituída ou requisitada. No primeiro caso, levam o indivíduo a um comportamento

mais racional às vezes até planejado para que possa atingir um objetivo, o que pode gerar ascetismo. No segundo, as disposições são ativadas de forma mais voluntária e hedonista. Elas podem ser consideradas fortes se ocorrerem em vários momentos ao longo dos processos de socialização, ou fracas se acontecerem em determinados episódios, dependendo dos contextos e das relações sociais.

3.1 O quadro geral dos selecionados para a 2ª fase

Com base nas informações coletadas na primeira fase, estabelecemos alguns critérios para selecionar os internautas que passaram para a segunda fase da pesquisa empírica. Nela, realizamos três entrevistas em profundidade com os seis escolhidos para conhecer quais são as disposições sociais mais acionadas quando eles procuram desempenhar o papel de repórter-amador e como isso acontece na vida deles. Em função das informações coletadas na 1ª parte da pesquisa empírica, estabelecemos os seguintes critérios para escolher os atores dessa etapa, como explicamos no quadro a seguir:

Quadro 3

Os critérios de seleção para a 2ª fase
Ser medalhas de ouro do fórum colaborativo do Diário de Pernambuco;
Colaborar ou já ter colaborado com outro veículo;
Ter criado um canal de comunicação próprio, como blog, ou participado da produção de veículos alternativos, como jornais e rádios comunitários;
Ter acompanhado o que era publicado no DP;
Sentir necessidade de se manter atualizado e informado pela internet e pelos meios tradicionais;
Ter se interessado pela mudança editorial do DP que extinguiu a página impressa do Cidadão-Repórter;
Demonstrar que tem forte disposição para as ações sociais, políticas e culturais.

FONTE: Elaboração própria

A partir desse quadro, chegamos aos seis selecionados. Todos são homens. Procuramos as duas mulheres do grupo maior, mas elas não quiseram continuar na pesquisa. Dois desses atores do sexo masculino tinham até 25 anos, três entre 26 e 35 anos e um estava na faixa etária acima dos 36 anos. Só um deles nasceu no interior de Pernambuco, os demais, no Recife. Todos moravam, na ocasião das entrevistas, na capital pernambucana.

Em relação ao estado civil, três eram solteiros, um era casado e um quinto era separado, mas ainda morava com a família formada. O sexto era solteiro quando respondeu ao primeiro questionário, mas casou no andamento da pesquisa. Como o quadro geral da fase anterior tinha sido fechado, entrou na estatística dos solteiros. Nesse grupo, metade era

formada por núcleos de até quatro pessoas e a outra por núcleos que estavam acima desse número. Todos residem em casa própria.

Outro ponto em comum é que todos estudaram em escola pública, apenas um chegou a frequentar escola particular (até o 6º ano do ensino fundamental II). Esse grupo concluiu o ensino médio e quatro deles entraram na universidade, em instituições de ensino superior particulares, mas ainda não tinham concluído. Outro fez curso técnico.

Eles têm várias profissões. Um é estudante de administração, mas tem um mercadinho na garagem de casa para ajudar na renda da família. Outro é pedreiro, trabalha informalmente. O terceiro é educador social, estuda jornalismo, mas trancou e trabalha em uma instituição pública. O quarto é técnico em logística, estuda administração, também com o curso trancado. Estava trabalhando em empresa privada e deixou para se dedicar ao seu negócio: uma lanchonete. O quinto é técnico em tráfego, estudante de administração (trancado) e trabalha em empresa privada. O sexto é técnico ambiental e atua em instituição pública.

Em relação à situação financeira, três tinham rendimentos individual e familiar de até três salários mínimos e dois têm rendimentos individual e familiar de até seis salários mínimos. O sexto recebia até três mínimos, mas ao contabilizar os proventos de outros membros da família ao orçamento familiar chegava a seis mínimos. Os nomes dos entrevistados foram mantidos em sigilo para preservar a privacidade. Ao realizar as análises disposicionais de cada um deles, cumpriremos o segundo desafio ao qual nos submetemos nesta tese: observar as dissonâncias das disposições, o complexo mecanismo de suspensão e ativação dos esquemas disposicionais e realizar as comparações inter e intraindividuais.

4. Os perfis sociológicos dos repórteres-amadores

4.1 O universo de José do Interior[44]: pedreiro e líder comunitário

4.1.1 O perfil

José do Interior é pedreiro, não tem emprego fixo. Já exerceu várias atividades: foi vendedor ambulante, jardineiro, militar, policial, cobrador de ônibus, vigilante e porteiro. Em função do trabalho que realiza na comunidade em que mora, descobriu-se também líder comunitário. Trabalha desde criança, primeiro, para ajudar os pais e, depois, para sustentar a própria família. Só uma vez conseguiu a tão sonhada estabilidade financeira. Isso ocorreu quando realizou um concurso para a antiga Companhia de Transportes Urbanos (CTU), da

[44] O nome desse primeiro ator analisado, assim como os dos cinco demais, é fictício.

Prefeitura da Cidade do Recife (PCR). Dois anos após ter ingressado, foi demitido, segundo ele, por problemas na homologação do resultado do concurso.

Mesmo separado, vivia com a ex-mulher e dois filhos: um de 18 anos e outro, de seis anos. Nenhum deles tinha condições de pagar aluguel. Os dois, inclusive, já colocaram a casa onde moram para vender com o objetivo de dividir o dinheiro. A intenção de José é comprar outro imóvel na mesma comunidade, revelando ter forte identificação com o local onde mora.

Na época em que realizamos as entrevistas, entre o novembro de 2011 e maio de 2012, José tinha 57 anos, morava em uma comunidade[45] pobre, formada pela ocupação de uma área que fica em um bairro da Zona Oeste do Recife. Lá, construiu uma casa com a ajuda de familiares. Nasceu em um município da Região do Agreste. É o terceiro filho, o primeiro homem, de uma típica família do interior. Os pais tiveram nove filhos e adotaram mais um. Veio para o Recife com a família ainda criança.

O nosso primeiro contato com José foi por meio do correio eletrônico. O endereço dele estava registrado no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco como um dos mais participativos. Como sempre checava a sua caixa de e-mails, não demorou muito para nos retornar. Mostrou-se muito solícito para participar da pesquisa. Até o primeiro encontro, trocamos alguns e-mails nos quais explicamos os objetivos da pesquisa. Por iniciativa dele, o primeiro encontro foi marcado em local público, perto da casa dele, e durou pouco mais de uma hora. Ele respondeu a todas as perguntas do nosso questionário.

Os demais encontros ocorreram na casa dele e cada um durou uma hora e meia em média. Eles aconteceram entre fevereiro e maio de 2012. As conversas foram gravadas. À medida que nos encontrávamos, José ficava mais à vontade. Ele sempre respondeu a todas as perguntas, mas de forma muito objetiva. Às vezes, era lacônico. Ele só falava um pouco mais quando insistíamos na questão. Mesmo assim, foi extremamente colaborativo. Era muito cuidadoso com as palavras, fazia questão de expressar as ideias com clareza.

Remeto esse cuidado ao fato de ele já ter entrado com dois processos na Justiça por motivos diversos. Nos dois casos, porém, sentiu-se incompreendido e injustiçado. Ele falou claramente que sempre tinha o receio de ser mal interpretado. Por isso, tanto cuidado nas palavras quando fala e escreve e a admiração por quem tem o "dom da palavra". Adora assistir a missas e cultos para ouvir "palavras bonitas", o que o motivou a desenvolver disposições para querer escrever e falar adequadamente, duas características que pôde estimular quando retornou à escola na fase adulta.

[45] Para que não fosse identificado, já que é um líder comunitário do local, não colocamos o nome da comunidade.

Da primeira vez, deixou a sala de aula cedo aos 14 anos. Não tinha concluído o 6º ano do ensino fundamental I. Voltou a estudar aos 28 anos para cursar o ensino médio e tentar um emprego melhor. Viveu a ambivalência de transitar por mundos opostos ao longo de sua trajetória individual. Na primeira fase desse percurso, encontrava capitais culturais divergentes entre os mundos da família original e da escola. Na segunda fase, tinha disposições com variações inter e intraindividuais entre os mundos da família formada e da comunidade. Nesses dois momentos, lutou para encontrar equilíbrio entre esses mundos.

José gosta de política e já trabalhou como cabo eleitoral de alguns parlamentares. Tem dois sonhos: ser vereador do Recife e advogado. Identifica-se como pedreiro, mas trabalha 24 horas como líder comunitário. É nessa segunda atividade que encontra motivação para exercer o jogo do agir ativamente no jornalismo. Os seus esquemas disposicionais foram construídos inconscientemente ao longo de sua trajetória de vida para ser repórter-amador. Eles são acionados constantemente para que ele se expresse sobre os problemas que enfrenta na comunidade em que vive, mas essas disposições já tinham sido reveladas antes de ele participar ativamente do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco.

4.1.2 Mundo da família original: a pequena comunidade e a relação ambivalência com os pais

José morou em um município do Agreste de Pernambuco até os cinco anos. A família residia em um distrito, local que ficava um pouco afastado do centro da cidade. Os pais nasceram na mesma região. Eram de famílias de agricultores. Teve uma infância difícil com a família que era pobre. Nessa fase, possuía cinco irmãos. Era o terceiro, com duas irmãs mais velhas, mas tinha um papel importante por ser o homem mais velho.

Em uma família do interior, o filho homem mais velho tem a responsabilidade de ajudar o pai a mantê-la, cuidando da manutenção da casa e da criação dos irmãos menores. Foi o que aconteceu: ele foi preparado para assumir com o pai a condição de provedor.

Da primeira socialização, na infância, lembrou que era uma criança agitada, tendo brincado muito no campo com os irmãos e primos. As famílias dos pais moravam próximas. Confessou que as lembranças da infância no interior eram boas, mesmo com as privações. Disse que nunca passou fome, comendo o que se plantava no sítio. Os pais vendiam a produção no centro da cidade onde moravam.

Eles decidiram vir para o Recife porque queriam conquistar uma situação financeira melhor para que os filhos tivessem mais oportunidades para crescer e trabalhar. Seguiram os exemplos de dois parentes: um tio, irmão do pai, que morava em uma favela, na Zona Norte

da Capital, e não tinha filhos; e uma tia, também irmã do pai, que residia com os filhos em outra comunidade na Zona Norte.

Quando a família de José do Interior chegou ao Recife foi morar perto desses parentes. Trouxeram junto a avó paterna, que era viúva. Era com os filhos da tia do Recife que José brincava. A avó paterna ficou um tempo residindo com a família dele para ajudar os seus pais a cuidar das crianças. Depois, foi morar sozinha. A lembrança que tinha da convivência com a avó era que ela brigava muito por ele ser um menino agitado.

A maior parte da família continuou morando no interior. Por isso, de vez em quando, voltavam para visitá-los. A cada ano que passava, no entanto, essas viagens diminuíam. Isso ocorreu porque a família de José cresceu. No Recife, nasceram mais quatro filhos e os pais adotaram outro. José passou a ter nove irmãos: cinco irmãs e quatro irmãos.

O pai veio para aproveitar qualquer oportunidade de trabalho, apesar de ter experiência no campo e na comercialização do que plantava. A mãe ficava em casa, cuidando dos filhos e lavando roupa para outras famílias. Dessa forma, reforçava o orçamento. No trabalho doméstico, contava com a ajuda das filhas. Moraram perto dos tios até José completar 14 anos. Depois, a família foi para um bairro mais distante ainda na Zona Norte.

A lembrança da infância feliz de brincadeiras no interior foi substituída por uma outra, de muito trabalho. Foi obrigado a ajudar o pai a arrumar dinheiro para criar os irmãos. Era o filho homem mais velho e, nesta condição, tinha que trabalhar. Ele recordou que desde pequeno ouvia os pais dizerem que o dever do homem era prover a família, tinha que trabalhar para “ganhar a vida”. Disposição ascética que ativou assim que decidiu casar e formar a própria família.

O objetivo principal dos pais era que ele arrumasse trabalho e ganhasse dinheiro. O pai agricultor só estudou até o primário. José sinalizou que o pai não valorizava o estudo, achava que o homem deveria trabalhar sempre. O pai vivia para prover a família, não pensava em mais nada. Enquanto o pai ia para a rua, a mãe ficava em casa, não estudou, era analfabeta e vivia para cuidar dos filhos.

A imagem que José revelou dos pais foi de indivíduos batalhadores, que enfrentavam os desafios de uma vida muito sacrificada para criar a família. Os pais tinham disposição para o trabalho, o lado ascético da vida, como se não houvesse espaço para o hedonismo e o lúdico. Um exemplo disso é que a infância dele foi marcada pela imposição de auxiliar o pai a prover a família através de organização, disciplina e muito esforço. Essas características, ele levou para o resto da vida e sempre eram acionadas quando José atuava em outros mundos

sociais, como veremos mais adiante. Elas foram fundamentais para ele decidir se casar mais tarde, quando arranjasse um emprego fixo.

Quando chegaram ao Recife, José e o pai foram vender cachorro quente nas ruas. Depois, comercializaram outros produtos, como pipoca e bombom. O pai aproveitou seu conhecimento de agricultor para cuidar dos jardins de residências particulares. Ele conseguiu se estabilizar melhor quando arrumou um trabalho de jardineiro na Prefeitura do Recife por onde se aposentou. Era jardineiro da prefeitura e de residências particulares. José fez a mesma atividade que o pai na prefeitura, mas por pouco tempo.

Quem exercia o papel da autoridade da casa na família original era o pai, que decidiu levar José para ajudá-lo na rua. Isso ocorreu quando ele tinha apenas 10 anos. Na rua, trabalhava, comia e brincava, ocupando o dia. José passava mais tempo com o pai do que com a mãe.

Pela reconstituição da trajetória da infância e da juventude, o traço disposicional para querer cuidar da comunidade onde morava nasceu na própria família. De tão grande, era uma pequena comunidade. Tinha que dividir tudo com onze indivíduos: os pais e os nove irmãos. Nessa fase, a prioridade era trabalhar para resolver os problemas da casa e ajudar a criar os irmãos. O olhar era para a família, ainda que não fosse por uma escolha voluntária. Percebemos que, nessa fase, não havia nada além dessa pequena comunidade. Ele não recordou de momentos de lazer depois que começou a trabalhar com o pai.

José ficava mais próximo da mãe nos momentos em que a acompanhava ao culto evangélico, ainda cumprindo o papel do filho mais velho. Ela frequentava a Assembleia de Deus por influência de vizinhos. A obrigação terminou se transformando em um momento de prazer para ele. Era o seu tempo livre, quando José escapava da obrigação de ir para a rua com o pai trabalhar. Era o momento de deixar um pouco a responsabilidade de segundo provedor de lado para conhecer algo novo, fora do núcleo da família original.

Ele gostou de ouvir as palavras do pastor, que, segundo ele, “falava bonito”. Era diferente de tudo o que presenciava em casa. Apesar de já ter frequentado a escola, que abandonou muito cedo, não tinha até então cultivado essa admiração pelas palavras. Assim como trabalhar com o pai, a escola também era uma obrigação. Ir ao culto se transformou em um momento de lazer.

Confessou ter ficado fascinado com o jeito do pastor discursar e dominar as palavras. Por isso, passou a ler textos bíblicos. A nossa compreensão é que seus traços disposicionais para gostar de ler, de se informar e de falar com clareza começaram a surgir nesse momento. Foi como ele começou a ter acesso à cultura e interessar-se por buscar conhecimento.

Também foi o início do desenvolvimento de uma habilidade muito importante para o campo político: a oratória. Ele pretendia se candidatar a vereador no Recife.

José observou ainda que parte dos atores que frequentava o templo se ajudava uns aos outros em campanhas de arrecadação de alimentos e roupas para doação aos mais necessitados. Também havia um espaço para que as pessoas procurassem outros tipos de ajuda. Ele gostou do que viu. Nesse contexto, a disposição para colaborar com o outro poderia ir para além da família original. No início, apenas observava. Depois, integrou-se.

A mãe participava das campanhas, mas não era muito ativa. Tanto que, ao se mudar para um bairro mais distante, deixou de ser evangélica. A disposição da mãe era fraca e ocasional, mas essa tendência passageira dela marcou a trajetória de José.

Quando se mudaram para outro bairro, a mãe chegou a frequentar a Igreja Católica, que ficava perto da casa deles. José continuou a ir com ela e também gostou de ouvir o padre falar. A sua disposição para ajudar o outro e admirar uma boa oratória só cresceu, assim como a vontade de ler. Naquela ocasião, lia a Bíblia, praticamente o único livro a que tinha acesso. Ele se engajou nas campanhas da fraternidade dos católicos.

A mãe deixou de ir à missa, mas ele continuou a fazer isso por conta própria. Nas entrevistas, não conseguiu reconhecer que as disposições para ajudar o outro, buscar conhecimento e querer ler começaram a se desenvolver inconscientemente nessa fase.

> Gostava de ouvir o pastor e o padre. Puxei de minha mãe, ela me levou. Ela deixou e eu continuei. Não gosto de chamar palavrão. Gosto de ouvir (o padre e o pastor) porque a gente aprende (José).

Com essa lembrança, José vinculou a imagem da mãe a esses momentos de lazer, que fugiam das obrigações impostas pelos pais em outras situações, mas que também não deixava de ter disciplina, como o "não chamar palavrão". A mãe permitia que ele pudesse ter outras experiências, que não fossem as obrigações do dia a dia. Mesmo sendo lazer, a atividade estimulou o seu ascetismo pela obediência, organização e disciplina.

A mudança da família para uma grande cidade não representava só o fim das brincadeiras e o início das obrigações. José enxergou um novo mundo a ser explorado, que agregava prazer e desafio. Em 1984, a família se mudou de novo, continuando na Zona Norte. Dois anos mais tarde, nova alteração de endereço, ainda na mesma região. Ao longo das mudanças, moraram em casas alugadas. José residiu com os pais até casar aos 37 anos. Quando casou, José se viu desobrigado a ajudar financeiramente a família original. Tinha o próprio núcleo para fazer o que o pai ensinou: ganhar a vida para sustentar a família. Sem

perceber, ativou as mesmas disposições que foram construídas ao longo do processo de socialização com a família original. A instabilidade financeira dos pais, todavia, gerou uma disposição em José: só casou quando arrumou um emprego estável.

Com um salário fixo, não queria repetir a história do pai, que viveu durante um bom tempo de trabalhos temporários. José também não queria levar os filhos para ajudá-lo a ganhar dinheiro e sustentar a família. Com a morte dos pais e o casamento, José se voltou para o seu núcleo e se afastou um pouco da família original.

4.1.3 Mundo da educação: o despertar de José para a dissonância do agir ativamente

José teve uma trajetória escolar irregular, mas sempre em unidades da rede pública de ensino. Na condição de filho mais velho da família, tinha que ajudar o pai a ganhar a vida. A prioridade para José era o trabalho. O estudo estava em segundo plano e não era valorizado pelos pais. Ele entrou em uma sala de aula pela primeira vez aos nove anos, já com um atraso em relação às outras crianças. No ano seguinte, começou a trabalhar com o pai. Os pais acreditavam que ele não precisava se qualificar na escola para fazer o que o pai fazia. Chegou ao 6º ano com 14 anos. Como se cansava muito, decidiu abandonar a sala de aula.

Nessa primeira fase, a escola não o atraiu nem o estimulou a querer ler e escrever, apesar de já ter ficado fascinado com o dom da oratória de um pastor e de um padre. Foi o próprio José que teve a iniciativa de voltar a estudar. A vontade surgiu quando estava no Exército. Queria buscar conhecimento, uma vez que lá teve a oportunidade de ler jornais e revistas diariamente e gostou. Afirmou que procurava ler as notícias dos cadernos que retratavam a vida da cidade e do campo político.

É bom lembrar que José tinha passado por outra experiência ligada ao consumo da informação quando frequentava cultos evangélicos e missas católicas na infância e adolescência. Primeiro com a mãe, depois, sozinho, comportamento que foi sendo apagado depois que casou. José observou que no Exército poderia ativar as disposições que acionava inconscientemente quando frequentava os templos religiosos: a vontade de ler e de dominar a oratória.O gosto pela escrita foi sendo despertado com a leitura dos periódicos no Exército. Começou copiando os textos que lia.

> Lendo a gente aprende. Eu leio muito. Gosto de ler jornais. A gente vai aprendendo no dia a dia, também pesquisando na internet. Aí a gente vai aprendendo as coisas (José).

Depois, passou a resumir os textos que estava lendo, sem a orientação de ninguém. Foi procurar livros em bibliotecas. Disse que gostava de treinar a caligrafia. Como tinha ficado fora da sala de aula entre os 15 e 28 anos de idade, foi cursar o supletivo. Queria aprender mais para arranjar um trabalho melhor. Isso demonstra que o ascetismo para encontrar um emprego fixo foi a mola propulsora desse retorno ao colégio. Fez o supletivo em uma escola estadual por um ano, equivalente ao período do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II.

Nessa época, encontrou estímulo para ativar a disposição sincrônica para ler e escrever. Aos 29 anos, decidiu fazer o ensino médio normal em outra escola estadual. Concluiu com 34 anos. Repetiu duas vezes, mas não desistiu. Percebeu que só assim poderia crescer, como ele mesmo recordou em sua entrevista.

Nessa segunda fase da socialização na escola, quando retornou adulto, José foi estimulado a acionar a sua disposição para as ações culturais, quando passou a querer ler e escrever mais e melhor. Essa disposição começou a se formar na infância. Não foi pelo incentivo dos pais, mas pelo que presenciou nos templos religiosos. Ele passou a admirar a oratória. Depois, no Exército, quando teve acesso diário a jornais e revistas.

Nessa etapa, conheceu um professor de português e redação que o incentivou a escrever e ler de forma mais crítica. Começou a enviar textos para a sessão de cartas à redação de jornais e revistas, estimulado pelo professor que também tinha essa prática. Inicialmente, falava das dificuldades que encontrava na escola pública. Depois, dos problemas das ruas.

O professor o influenciou na ativação de disposições para as ações sociais, políticas e culturais e para buscar informação. José começou a perceber que os problemas que afetavam a sua vida também se relacionavam ao dia a dia da coletividade, da comunidade. O interesse para o social, que estava individualizado nele, ia para além da família original e das campanhas voluntárias das quais participava no Exército e nas igrejas.

Isso significa que José também estava sendo motivado a práticas políticas mais amplas que não ficavam restritas ao voto ou à vida partidária, mas estavam voltadas para a vida em sociedade. Por meio das cartas enviadas aos jornais, ele tornava públicos os problemas da escola e dos lugares por onde passava. Procurava contribuir para encontrar uma solução. Fazia como o professor ensinava. Lembrou que os seus textos naquela época já eram publicados.

> Essa coisa de reivindicar veio na comunidade (falando do lugar onde mora), mas começou mesmo com o professor. Falava do melhoramento da merenda, da escola, dos livros nas bibliotecas. Comecei a me preocupar com a educação (José).

É bom ressaltar que a disposição para ler e escrever foi estimulada pelo professor, não pela escola como um todo. O papel desse professor isoladamente foi muito importante para o acionamento das disposições para o jogo do agir ativamente no jornalismo. O professor ensinou as técnicas da escrita que ele utilizava quando escrevia para a grande imprensa, interagia com o fórum do DP e produzia os textos em seu blog.

O patrimônio disposicional para agir ativamente, construído inconscientemente nos processos de socialização da família original, da atividade profissional em sua passagem pelo Exército e na escola – e posteriormente levado para o jornalismo –, foi acionado com mais força anos mais tarde quando José ocupou um terreno em uma comunidade humilde. Foi morar lá com a família formada porque não tinha dinheiro para pagar o aluguel da casa onde residia, o que explicaremos mais adiante.

A atuação política do professor ia além da sala de aula e das práticas que adotava como cidadão participativo, lembradas por José. O seu mestre também chegou a disputar um cargo público eletivo, o de vereador do Recife, mas não se elegeu. Anos depois, José quis seguir os passos do professor, mas não conseguiu se candidatar. A disposição para fazer o assistencialismo na comunidade em que iria morar com a família formada levou José a ser cabo eleitoral e a querer ser candidato.

José disse que sempre foi curioso e tinha vontade de "conhecer as coisas" cada vez mais, sendo persistente e apresentando muita força de vontade. Seu sonho é fazer o curso de direito. Gosta de escrever sobre a comunidade e a política. Exerce um trabalho informal e não tem nenhum curso para atuar profissionalmente como pedreiro, exercendo o ofício pela prática. A experiência do retorno à escola contribuiu para que ele se preparasse para realizar atividades que demonstrou gostar mais de fazer na ocasião das entrevistas: ser líder comunitário e ser repórter-amador.

As leituras dos livros e dos jornais levados pelo professor de português, além do próprio exemplo de vida dele, foram importantes para a formação dos valores culturais de José. Como não podia comprar esse material, passou a frequentar bibliotecas para que tivesse acesso a ele. José não vai a museus, teatros ou cinemas. Quando teve a oportunidade de assistir a uma peça teatral com o filho mais novo, gostou. Se fossem mais acessíveis, disse que frequentaria esses lugares.

4.1.4 Mundo do trabalho: a ativação da disposição para a ação social

José começou a trabalhar com 10 anos. Ajudava o pai a vender cachorro quente e outras mercadorias nas ruas, como ambulante. Depois, foi auxiliá-lo na atividade de

jardineiro. Essa era a sua rotina até completar 18 anos quando se alistou no Exército, obrigatório para os homens no Brasil. Foi a oportunidade que encontrou para mudar de trabalho, mas continuou a ajudar a família com o salário que recebia como militar.

O Exército contribuiu fortemente para que ele pudesse ativar as disposições para fazer uma atividade assistencialista. Integrou-se socialmente ao colaborar nas campanhas promovidas pelos militares de forma voluntária, como vacinar animais em parceria com as prefeituras. Lembrou que, no Exército, socorreu os desabrigados da cheia de 1975 no Recife. Entrava nas casas e salvava móveis e objetos da população afetada. Ele contou que isso lhe trouxe muita gratificação.

Essa disposição começou a se desenhar inconscientemente na família original quando foi levado a ajudar diretamente o pai no papel de provedor, auxiliando-o na obrigação de sustentar financeiramente a mãe e os irmãos. Foi uma espécie de segundo pai para os irmãos. A disposição para as ações sociais foi ativada e ampliada para além do mundo da família de origem quando José decidiu, na adolescência, integrar campanhas de doações realizadas pelas Igrejas Evangélica e Católica que frequentou.

O Exército também foi importante na formação de seu capital cultural. Lá teve acesso a jornais e revistas com regularidade, despertando-lhe o prazer da leitura. Ele tentou seguir a carreira de militar, fazendo curso para cabo, mas não foram abertas vagas na corporação naquela época e ele acabou desligado. Em seguida, foi para a Polícia Militar. Ao todo, foram cinco anos entre o Exército e a PM. Como não se identificou com a corporação, saiu.

Ao ficar sem trabalho fixo, voltou a vivenciar a fase da instabilidade financeira. As disposições ascéticas construídas por influência dos pais foram inconscientemente acionadas, levando-o a arranjar um serviço como vigilante de uma empresa privada, atividade que tinha uma vinculação com suas experiências anteriores no Exército e na PM.

Com o trabalho de vigilante, José poderia voltar a estudar, uma disposição hedonista desenvolvida no Exército, quando passou a ler frequentemente jornais e revistas. Foi esse esquema que o levou a estudar para fazer as provas e que lhe permitiria continuar naquela força militar, o que acabou não acontecendo. Mesmo permanecendo no universo da família original onde não encontrava condições favoráveis – contextos e relações sociais – para acionar as disposições hedonistas para o estudo, José decidiu retornar à sala de aula. Queria se qualificar para encontrar um trabalho melhor.

Foi fazer o supletivo, apesar de só ter ficado na função de vigilante por quatro meses. Em seguida, encontrou uma vaga na empresa de limpeza urbana da Prefeitura do Recife, onde permaneceu por sete anos. Fazia um serviço semelhante ao do pai, cuidando de praças

públicas. Mesmo querendo se distinguir do universo da família de origem por ter um perfil dissonante aos dos pais e irmãos, tinha uma vinculação afetiva muito forte com esse núcleo. Quando deixou a limpeza urbana, voltou a ser vigilante. Desta vez, em um mercadinho. Ao longo de todo esse período, viveu uma vida dupla: trabalhava e estudava para recuperar o tempo perdido na infância.

No início dos anos 90, José fez um concurso para a então Companhia de Transportes Urbanos (CTU) do Recife e passou nas provas. A empresa CTU não existe mais. Exerceu a atividade de cobrador de ônibus. Ficou na função por quase três anos, quando houve um corte de pessoal e ele foi demitido em 1993.

Entrou na Justiça porque era concursado. Segundo ele, houve um problema na homologação do resultado do concurso. José e o grupo de demitidos contrataram advogados para recorrer, mas eles abandonaram a causa e perderam os prazos. Não avisaram a José e aos colegas. Ele não se conformou e recorreu sozinho. Mesmo sem nenhuma instrução em direito, não contratou advogado, e fez a própria defesa.

Escreveu todos os requerimentos copiando termos de outros processos. Passou vários dias dentro da biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho de Pernambuco, pesquisando para entender os termos jurídicos e escrever. Lia os acórdãos e copiava as nomenclaturas. Ganhou uma indenização, surpreendendo todos os amigos. Nessa época, tinha concluído o ensino médio e aprendido a lutar por seus direitos com o professor de português. Também tinha passado pela experiência de escrever para os jornais, denunciando os problemas da escola e das ruas do bairro onde morava, como iremos tratar a seguir.

Esse episódio da Justiça também marcou a vida dele, terminou estimulando-o a querer entender as leis e a estudar mais. Não queria sentir novamente a sensação de ter sido passado para trás, como ele mesmo disse, por não ter conhecimento e informação. Foi mais um fator importante para a formação do seu capital cultural.

Depois que saiu da CTU, passou a viver de trabalhos temporários. Nunca conseguiu ficar muito tempo em um emprego fixo nem ter carteira assinada. Nos últimos anos, tem atuado como pedreiro. O seu rendimento individual e familiar é de até três salários mínimos. Além de pedreiro, José do Interior tem trabalhado como cabo eleitoral de políticos, função que passou a exercer depois de ser reconhecido como líder comunitário do local onde mora. Utilizou o seu capital social para introduzir o político na comunidade e trabalhar a imagem dele, sendo remunerado por essa atividade.

Nessa mediação, conseguiu votos em troca de favores. Gostou tanto da atividade que queria ser candidato a vereador em 2012. Na Câmara, disse que poderia desenvolver a

oratória que tanto admirava, ajudar a sua comunidade e conseguir uma estabilidade financeira. Ele, porém, não contou com apoio do partido ao qual estava filiado.

A trajetória de José no mundo do trabalho fortalece o seu patrimônio disposicional para a construção inconsciente de esquemas de variações que o levaram a desenvolver práticas ligadas às disposições para ações sociais, políticas e culturais. Essas tendências estão na base para a construção de um esquema que vai incentivá-lo inconscientemente a querer agir ativamente no jornalismo, como veremos adiante.

4.1.5 Mundo da família formada: a grande mudança

José e a mulher se conheceram por intermédio de uma irmã dela. Em 1991, decidiram casar e alugaram uma casa em um bairro da Zona Sul. Pouco mais de um ano morando juntos, nasceu o primeiro filho, uma menina. Na época, ele era cobrador de ônibus. José só casou depois de ter passado em um concurso e conquistado a estabilidade financeira que procurava para exercer o papel de provedor. Pouco tempo depois, José foi surpreendido com a demissão.

Foi esse trabalho fixo, somente aos 37 anos, que o estimulou a formar o seu próprio núcleo familiar. Não queria repetir a história do pai, que teve dez filhos e passou boa parte da vida com problemas financeiros. A demissão ocorreu quando a filha dele tinha um pouco mais de um ano. Enquanto tentava outro trabalho, recorreu à Justiça para voltar ao serviço público, mas não conseguiu.

Por isso, não teve condições de continuar a pagar o aluguel. A solução encontrada foi ocupar em 1994 um terreno em uma comunidade humilde, que fica em um bairro da Zona Oeste. Com a ajuda da família da esposa, construíram a atual residência onde moram. Apesar de viver de trabalhos temporários, sua mulher tem emprego fixo. É balconista em um estabelecimento comercial. Ela chegou, inclusive, a iniciar um curso técnico, mas não conseguiu concluir. A filha, que já é maior de idade, também trabalha no comércio.

O casal está separado desde 2006, mas mora na mesma residência. Nenhum dos dois tem condições de pagar aluguel. O casamento começou a ter problemas quando foram para a comunidade. Eles começaram a brigar porque a mulher não apoiava o seu envolvimento com a mobilização dos moradores do local.

Nos primeiros anos na comunidade, José foi convidado a participar das reuniões da entidade do lugar. Viu uma oportunidade para ajudar a família e outros moradores. Empolgou-se, passou a se dedicar às reuniões e mobilizações, tornando-se popular. O seu esquema disposicional para o assistencialismo foi ativado pelo contexto e pelas relações que começou a manter com outros moradores.

Isso gerou ciúmes na mulher, que não queria participar e não apoiava as disposições dele para as ações sociais e políticas na comunidade. José deixou transparecer que não contava com o apoio da filha por influência da mãe. Ele afirmou que a filha também não gostava da atividade dele na comunidade.

José vivia uma variação disposicional dentro da família formada: queria trabalhar para sustentá-la, mas não gostaria de abrir mão da disposição hedonista acionada quando desempenhava as suas atividades na comunidade. Passava ao mesmo tempo de uma disposição a outra no mesmo espaço social.

Essa atividade comunitária não garantia estabilidade financeira, mas gerava reconhecimento por parte dos moradores do local. Isso chamou a atenção de políticos que começaram a contratá-lo como cabo eleitoral. Esse prestígio o estimulou a se dedicar cada vez mais à comunidade porque foi motivado pela relação que já mantinha com os moradores do local e agora com os políticos.

A mãe e a filha, segundo o entrevistado, tentaram inibir a disposição dele de atuar como líder comunitário, mas não conseguiram. Com o filho de seis anos, todavia, há uma identificação. Ele disse, com orgulho, que o filho o admirava. José gostava quando o menino brincava com os amigos na rua, como ele fazia na infância no interior, ou quando ficava com ele no computador de casa, navegando na internet ou jogando. José acredita que quando o filho crescer poderá acompanhá-lo no trabalho na comunidade.

Da forma como José narrou a sua história, ele e a ex-mulher tinham disposições opostas. Ela não possui, segundo ele, tendências para o assistencialismo e as práticas políticas. Pelo que contou, ela tinha traços disposicionais semelhantes aos membros de sua família original, que não se envolviam nessas atividades. Ela queria que ele trabalhasse de forma ascética para ajudá-la a cuidar dos filhos e a melhorar de vida. “É muito despolitizada”, falou, descrevendo a imagem que tinha dela. Complementou ainda que a filha era “do mesmo jeito”.

As duas não se interessavam em participar dos atos da comunidade e não o incentivavam a disputar um cargo eletivo. O sonho dele era ser vereador para “cuidar” da comunidade e de outros bairros e ter mais prestígio.

> Ela (ex-mulher) reclamava porque diz que não ganha nada nesse negócio. Só faz perder tempo, mas não se perde tempo não. A gente ganha muita coisa. A gente ganha conhecimento. Não é verdade? (José).

Apesar da forte motivação para ativar as disposições para as ações sociais e politicas, José se esforçava para manter a família formada unida e não desistiu de buscar estabilidade

financeira. Tanto que só concordava em vender a casa se conseguisse outro lugar fixo para os filhos morarem. Não queria repetir a trajetória dos pais que viveram a maior parte da vida em casa alugada e se mudando de bairro em bairro. Ele demonstrou vontade para se dedicar mais à família formada. Era ambivalente, tentando conciliar a vida entre a família e a comunidade.

O processo de socialização de José na família formada foi um divisor de águas. Ao se mudarem para uma comunidade mais carente, encontrou os fatores contextuais e relacionais para ativar o seu esquema disposicional, o que trazia satisfação hedonista. Passou de um homem ascético que só pensava em trabalhar para garantir o sustento da família, como o pai o ensinou, para ficar dividido entre o trabalho e a satisfação de atuar como líder comunitário.

4.1.6 Mundo da comunidade: por dentro dos problemas sociais

Ao não conseguir mais pagar o aluguel da casa onde morava com a família formada, José e a mulher decidiram ocupar um terreno em uma comunidade pobre na Zona Oeste, em 1994. Primeiro, levantaram um barraco para garantir o terreno, assim como outras famílias também fizeram. Depois, construíram a casa onde moravam até a época em que as entrevistas foram realizadas. Como não tinha dinheiro para contratar ninguém, ele fez o serviço com o auxílio do sogro.

De uma família humilde, José sempre morou em casas simples, mas sempre em bairros com certa estrutura. Logo que casou, também residiu em um local com padrões semelhantes. Ao ocupar o terreno na comunidade da Zona Oeste, depois de pouco mais de dois anos de casado, José se deparou com outra realidade.

O novo local tinha mais problemas do que os outros nos quais morou. Houve uma mudança não de classe social, mas de contexto. Apesar de estar sem emprego fixo, a família dele não chegou a passar fome. Naquela ocasião, várias famílias, que não tinham onde morar, estavam construindo as suas casas em terrenos naquela localidade. O lugar tinha muitos problemas de infraestrutura, como esgoto a céu aberto, luz a partir de gambiarras e falta de coleta de lixo, serviços de saúde ou escola.

José afirmou que antes de chegar à comunidade nunca havia se interessado em ajudar os vizinhos dos bairros por onde passou com as famílias original e formada. Ele evidenciou que não tinha consciência de já haver acionado disposições para auxiliar o outro em momentos de sua trajetória passada. Esquema que foi construído na própria família (uma pequena comunidade), nos templos religiosos que frequentou e no Exército.

Era um esquema disposicional que José ativava inconscientemente. Ele só considerou que estava ajudando o outro quando passou a trabalhar na busca de solução para os vários

problemas daquela comunidade. Essa disposição, contudo, não foi acionada prontamente. No primeiro ano de residência na nova comunidade, José só pensava em encontrar trabalhos eventuais para sustentar a família e buscar uma oportunidade que garantisse a tão sonhada estabilidade financeira: uma função fixa com carteira de registro de trabalho.

Tudo mudou quando José aceitou o convite dos diretores da associação de moradores do local, o que ocorreu dois anos depois de sua chegada à comunidade. Em dia de reunião, os diretores da entidade chamavam os moradores para participar. Foi em 1997 que José passou a frequentar a entidade. Ele declarou ter decidido agir ativamente no local porque quis contribuir para resolver os problemas que todos enfrentavam.

A partir das afirmações de José, consideramos que as disposições para a ação social e política foram ativadas em função de um contexto materializado para ele e a família: não havia perspectiva de deixar o local, já que José continuava sem trabalho fixo. Ele retomou disposições que estavam apagadas e passou a viver uma situação de ambivalência ao transitar entre os mundos da família formada e da comunidade, fazendo um jogo semelhante ao que iremos abordar mais à frente, o do agir ativamente no jornalismo. Isso porque, segundo José, a família não apoiava o papel que ele desempenhava na comunidade.

Em 1999 e 2002, José decidiu participar de uma chapa para concorrer à diretoria da entidade. Nas duas vezes, perdeu. Em uma delas, chegou a recorrer à Justiça porque encontrou, segundo ele, irregularidades que teriam dado a vitória à chapa adversária. Nunca conseguiu, de fato, exercer um cargo de direção na associação, que iria satisfazer a tendência dele de atuar politicamente. Foi nessa comunidade que amadureceu "a vontade de ajudar os outros" e, segundo ele, teve consciência que ninguém consegue nada individualmente: "tem que lutar de forma coletiva".

Na ocasião da entrevista, a entidade estava desativada. José, no entanto, conseguiu conquistar o prestígio que buscava, mesmo sem ocupar um cargo na direção da associação. Era reconhecido como líder da comunidade. Quando os moradores estão com problemas, procuram José, mas ele também toma a iniciativa de tentar resolver essas questões quando as observa. Não precisa ser sempre demandado, é uma tendência natural, que ele já acionava há muito tempo sem consciência.

Ele se identifica como um líder comunitário, uma espécie de articulador da comunidade. É um capital cultural tão valorizado que passou a ser cortejado pelos políticos que o convidaram a exercer a função de cabo eleitoral. Isso começou a ocorrer a partir de 2004. Assim, a sua forte disposição para agir socialmente o levou quase que naturalmente a

fortalecer suas tendências para as práticas políticas, que já vinham à tona quando estava exercendo o seu direito de reivindicar políticas públicas para o local em que morava.

Primeiramente, pedia melhorias para a comunidade via associação. Depois, começou a conviver com vereadores e deputados e descobriu como poderia resolver os problemas da comunidade por intermédio dos políticos. Nas duas situações, já acionava a sua disposição para agir ativamente no jornalismo, como detalharemos posteriormente. Desde os tempos do ensino médio, costumava escrever cartas para a imprensa para reivindicar a solução de problemas. Começou como cidadão-repórter e depois evoluiu para repórter-amador.

Com os recursos e os meios ofertados pelos políticos, passou a beneficiar os moradores da comunidade com cursos e a resolver problemas jurídicos através de advogados indicados pelos gabinetes dos parlamentares. Confessou que aprendeu a trocar favores e a praticar o assistencialismo, concedendo benefícios em troca de votos. Ele disse que ficava com raiva do morador que recebia os favores e terminava votando em outro candidato.

José era um cabo eleitoral do tipo tradicional, que estimula a política assistencialista. Disse ainda que ficava desapontado com os políticos quando eles não valorizavam os seus esforços. De acordo com o contexto em que vivia, essa era uma forma quase que naturalizada para adquirir capital social e o prestígio que buscava.

Na eleição de 2012, tentou viabilizar a sua candidatura a vereador do Recife, mas não conseguiu. Ele queria disputar para testar a sua popularidade. A votação que obteria, independentemente de uma vitória, poderia credenciá-lo para futuros projetos e valorizar o seu capital diante dos políticos. Segundo ele, o partido ao qual se filiou não ofereceu ajuda financeira. Sem dinheiro ou estrutura, como material de propaganda, terminou desistindo. Diz não ter contado nem com o apoio da família.

Reconheceu que depois que participou da associação dos moradores, mesmo sem ter cargo de direção, ganhou força e prestígio na comunidade. Com o tempo, passou a ter iniciativa de procurar diretamente os órgãos públicos, sem passar necessariamente pela imprensa ou pelas indicações dos políticos, aprendeu com os políticos o caminho burocrático para resolver algum problema, indo direto às instituições públicas. Se não resolver, procura a intermediação da imprensa. Ele afirmou que quando o problema é divulgado na mídia, as autoridades procuram solucionar mais rápido. Também coloca seus pleitos no canal próprio que criou na internet.

Ao longo de sua atuação na comunidade, orgulha-se em ter conseguido algumas ações, como iluminação pública e asfalto de rua. Fez isso por dois caminhos: 1) pela imprensa, não apenas pelo fórum do Diario de Pernambuco ao qual está cadastrado e era um dos

participantes mais ativos, mas por comentários enviados à seção destinada aos leitores e por sugestões de pautas remetidos aos veículos, e 2) pelos contatos que mantém com os políticos.

A prática política de José não está vinculada apenas à sua atividade na comunidade. Nas entrevistas, disse que sempre gostou de votar. No processo de escolha do candidato, leva em consideração o partido político, a identificação pessoal e as propostas. Antes de trabalhar com os políticos, que o transformaram em cabo eleitoral do tipo tradicional, já valorizava práticas políticas mais amplas, como o acompanhamento do dia a dia da cidade quando escrevia para os jornais com o objetivo de denunciar os problemas da escola.

Aprendeu a cobrar as promessas feitas pelos candidatos. Quando elas são cumpridas, isso influencia na sua disposição de continuar a votar nesses atores, mas quando isso não acontece deixa de votar. Se o político para quem ele está trabalhando prometeu alguma coisa e não fez, depois ele não colabora mais para a sua campanha. Isso já aconteceu e a imagem de José, como líder comunitário, ficou prejudicada. Desaprovou ainda o fato de parte deles só aparecer na comunidade às vésperas da eleição.

Fazia parte de sua rotina também buscar informações sobre o mundo político por meio da internet, dos conglomerados de comunicação e até dos sites mantidos por partidos e pelos próprios políticos. Costumava assistir aos programas de televisão que transmitem os trabalhos dos plenários das casas legislativas e acompanhar às propagandas partidárias que passam na TV, mesmo fora do período de campanha eleitoral.

O esquema disposicional para atuar ativamente na comunidade por meio de suas tendências para as ações sociais e políticas começou a ser acionado de forma rotineira desde que José foi morar nessa comunidade da Zona Oeste. O contexto e as relações com os atores de lá só contribuíram para ativar esse complexo esquema, assim como os aspectos econômico (a dificuldade financeira), temporal (mais tempo para a comunidade) e espacial (o próprio lugar em si).

4.1.7 Mundo do jornalismo: o professor como espelho para o agir ativamente

José do Interior começou a ter acesso a jornais e revistas quando estava no Exército. Naquela ocasião, criou o hábito de ler notícias todos os dias. Preferia ler informações referentes à política e ao dia a dia da cidade. Quando saiu do Exército, como nem sempre era fácil encontrar jornais e revistas pelos lugares por onde passava, às vezes comprava. Era mais comum procurar periódicos em bibliotecas para ler.

> Quando comprava, gostava de ler mais de um. Não lia ele todo, lia as partes mais interessantes. Ainda compro até hoje. Na internet, a gente vai tentar abrir e não abre então compro (José).

José não se recordou de ter rotina semelhante com a família original, como a de assistir ao noticiário na televisão ou ouvir no rádio. A socialização com os pais e os irmãos não contribuiu, segundo ele, para ter esse hábito, que o levaria a sentir necessidade de se informar. Em relação à socialização no mundo da família, as disposições de José foram sempre ambivalentes e dissonantes.

Depois que saiu do Exército, foi no ensino médio onde recebeu o incentivo de um professor para continuar a estudar, escrever e se informar. Este professor mostrou que José poderia não só ler, mas interagir com os veículos para comentar alguma informação ou fazer denúncias. O próprio professor fazia isso, tentava ter acesso ao fechado campo do jornalismo.

Percebeu que, por meio das cartas à redação, a imprensa revelava os problemas que ele vivenciava e relatava. Dessa forma, segundo ele, a solução era encontrada com mais rapidez porque o fato se tornava público, todos comentavam e as instituições não queriam ficar com as imagens afetadas. Além de ler jornais e revistas, ele passou a assistir telejornais e a ouvir o rádio. Essa disposição para se manter atualizado e interagir com os veículos de comunicação não era ativada nem pelas relações que mantinha com família original nem com a família formada.

Ressaltamos que a interação com a grande imprensa ocorreu inicialmente por meio de cartas e telefonemas. Depois, pelos canais de comunicação criados pelos veículos e pelas redes sociais, ambos na internet. A forma de interagir com os veículos de comunicação mudou em 2002 quando conseguiu comprar um computador e se conectar à grande rede em casa. Antes, tinha que levar os textos para os veículos de comunicação por meio de carta ou pessoalmente. Era mais trabalhoso, mas não deixava de fazê-lo. Agora, por e-mail ou outros canais de interação, como o fórum colaborativo do Diario, tudo foi facilitado.

Mesmo acessando a internet por mais de três horas diárias, não deixou os veículos mais tradicionais de lado. Na internet, preferia espaços escritos por jornalistas. Além disso, tem conta em várias redes sociais. Cadastrou-se no fórum colaborativo do Diario em 2007, logo que o espaço foi criado. Os tópicos com os quais mais interagia eram os de cidadania e de comunidade. Ele enviava mais mensagens escritas do que imagens, colaborando mensalmente, mas só postando quando tinha novidades. Ele explica como usa o canal do Diario de Pernambuco:

> Colaboro porque isso ajuda a minha comunidade. Ela cresceu muito e tem problemas. Tento primeiro resolver. Depois, uso o fórum para pressionar. É um canal aberto para a comunidade se comunicar com o poder público (José).

Ele disse que gostava muito quando as sugestões enviadas por ele eram aproveitadas e se transformavam em notícia. Não acompanhou a mudança editorial do DP que acabou com a página exclusiva do Cidadão-Repórter na versão impressa.

Como poucas famílias têm internet e computador na comunidade, para informar-lhes sobre o que faz, ele imprime o material que publica e mostra aos moradores. José não ficava o tempo todo comentando as postagens do fórum do DP, preferindo parte do tempo que tinha livre para escrever em seus blogs, que funcionavam, para ele, como um arquivo, onde coloca todo o seu trabalho. Orgulha-se em ter enviado mensagens até para o gabinete da presidente da República, Dilma Rousseff, na gestão que foi de 2011 a 2014.

Ele diz que não pretende ser jornalista, mas é repórter-amador quando produz notícia nos blogs para ajudar os moradores da comunidade. Admitiu que busca projeção pessoal e reconhecimento de seu empenho para a solução dos problemas.

José do Interior não recebe nenhum tipo de remuneração para colaborar com a grande imprensa e desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da notícia. Ele entra e sai do campo do jornalismo a todo instante, faz o jogo do agir ativamente. O que produz no jornalismo, contudo, fortalece o seu capital social porque valoriza as disposições para as ações sociais e políticas, ou seja, fatores que estão relacionados com a atividade de líder comunitário. Ele colabora não só com o Diario, escrevendo também para o Jornal do Commercio, a Folha de Pernambuco, a Folha de S. Paulo, o Estado de S. Paulo, a Rádio Jornal e a TV Jornal.

Ao observar que nem tudo que enviava era utilizado pelos veículos de comunicação e que na internet existiam espaços onde as pessoas poderiam escrever livremente, sem a mediação das empresas de comunicação, decidiu criar três blogs: dois deles são uma espécie de canal de informação sobre a comunidade em que mora. Assim, ele completou os dois movimentos que o levaram a fazer o jogo do agir ativamente no jornalismo, abalando a organização de produção da informação pelos conglomerados de mídia. Ele não se considerava um porta-voz da comunidade em que reside, mas um ator que fazia a mediação entre os moradores, as empresas de jornalismo, os jornalistas e os outros internautas que estão na grande rede.

> Sou um intermediário. Não vou dizer que sou a voz da comunidade. Sou assim um articulador que tem coragem de levar ao conhecimento público as coisas, os fatos e as pendências sociais da comunidade. Agora, não posso dizer que sou isso (porta-voz). Ninguém pode ser maior do que o outro. A gente só resolve as coisas com todo mundo unido. Se eu falar assim, vou ser um ditador (José).

Quando escreve nos blogs ou envia mensagens aos conglomerados, José tem a preocupação de ser claro para que seja compreendido. Seu receio é se expor para não ser ameaçado ou mal interpretado. A competência para o agir ativamente no jornalismo, que complementa a ação do estar disposto, foi perseguida na escola, no ensino médio, quando se esforçava para escrever sem erros de português.

Ele revelou ainda que não escrevia no blog ou mandava sugestões de pauta apenas para relatar problemas de sua comunidade. Quando passava em algum lugar e via um problema, tentava ajudar e denunciar. Não conseguia entender por que os outros indivíduos não faziam o mesmo.

Ele não tinha consciência de que era essa disposição para agir ativamente que o levava a ir além da crítica. José buscava soluções e acionava os seus esquemas disposicionais para colaborar com o processo de construção da notícia e para produzir a própria informação, que o impulsionava a agir e a não ser passivo. Ele não soube descrever como começou essa vontade, não tinha consciência de quais eram as molas propulsoras da ação para o agir ativamente, como as disposições para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas.

José teve essas tendências acionadas como uma variação disposicional, já que ele representa uma dissonância, foge para além das disposições de seus processos de socialização: famílias original e formada que não o incentivavam a ler, escrever e participar. Vivia uma ambivalência, ia de um ponto a outro. Em muitas oportunidades, terminava ficando sozinho porque não encontrava semelhanças com os atores com os quais se relacionava nas famílias e nos trabalhos temporários.

Apesar dos processos de socialização que o colocaram em situações de ambivalência, José acionava as disposições que o levaram a agir ativamente como repórter-amador sem receber nenhum tipo de remuneração para fazer isso. Disse que tomava iniciativa de realizar essa prática pelo prazer de ajudar, escrever e de ver os problemas resolvidos. Ele, contudo, ganhou prestígio pessoal pelo reconhecimento deste seu trabalho.

> A vontade de agir vem de dentro de mim, não sei como. A maioria das pessoas passa, vê os problemas e não liga. Seria tão bom se todo mundo denunciasse, quisesse resolver. Tem gente que só sabe criticar. Tem gente que tem medo de escrever. Mas nem todo mundo que escreve, aparece no jornal. Você sabe disso. Vou no Diario e coloco, fica postado ali, as pessoas leem e sabem do que está acontecendo (José).

4.1.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Para que pudéssemos ter acesso aos estados desdobrados e dobrados de José do Interior com o objetivo de compreender como ele foi ativando, de forma inconsciente, esses esquemas disposicionais para realizar o jogo do agir ativamente e atuar como repórter-amador, reconstruímos a trajetória de vida dele, narrada a partir das suas vivências nos mundos das famílias original e formada, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo.

Ao observar as múltiplas socializações, percebemos que as disposições de José foram sendo construídas a partir de suas experiências coletivas. E isso começou desde a família original, um núcleo composto por 12 pessoas – os pais e os nove irmãos. As disposições diacrônicas foram sofrendo influências dessa pequena comunidade na qual as tendências que nascem mais fortemente são as do tipo constituídas, a partir de um movimento de quase obrigatoriedade e imposição. Por conta de imposições econômicas (a difícil situação financeira da família original) e de um aspecto cultural (ser o filho homem mais velho), ainda criança, José teve que ajudar o pai no trabalho.

Ele foi precocemente chamado para ser o segundo pai dessa grande família. A autoridade do primeiro pai não era, pelo que pudemos perceber, questionada ou colocada à prova. Na configuração familiar, José era o segundo provedor. Isso contribuiu para que ele tivesse um forte ascetismo em relação à busca de trabalho e ao cuidar do outro. Neste caso, dos irmãos, o que influenciou também em outras características disposicionais, como a disciplina, a autonomia e a necessidade de encontrar soluções para os problemas com os quais se defrontou ao longo da vida. Ao nosso ver, tendências importantes que o motivaram a querer agir ativamente no jornalismo.

A disposição sincrônica do passado (o contextual) e as relações com os pais levaram José a deixar as brincadeiras e a escola de lado para priorizar o trabalho, uma prática naturalmente delegada ao adulto e não à criança. Neste momento, o sentimento de ser útil para aquela pequena comunidade estava na obrigação, mesmo inconsciente, de ajudar o outro. Nessa fase, começou a construir tendências para a sensibilidade e a compreensão do sofrimento do outro, a superação de problemas pessoais e a mudança de vida, inclinações que

acionará nas fases de socialização nas igrejas Evangélica e Católica, no Exército, na escola e na comunidade onde mora com a família formada.

Esses fatores, somados ao acesso à internet, criaram as condições para que se sentisse motivado a querer ser repórter-amador, mas essa rede de interdependência não pode ser considerada a única mola propulsora para José realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Outras variáveis precisam ser consideradas, até porque os indivíduos vivem em âmbitos socializadores heterogêneos e convivem com outros atores que têm disposições distintas das que eles incorporaram. José passou por socializações que o fez desenvolver variações intra e interindividuais.

A nossa percepção foi que o primeiro olhar para ajudar o outro de José partiu de uma obrigação moral, ancorada na ação de dar, receber e retribuir. Ou seja, da noção de dádiva, colocada pelos pais e operada por ele, que exerceu o papel de ser o segundo provedor da família original. Isso fez com que ele permanecesse nessa trajetória até quando entrou no Exército, período em que passou a contribuir com o dinheiro que recebia do governo federal. Foi no Exército, contudo, que ele pôde conviver em outro ambiente que o fez começar a sair dos limites permitidos pelos pais, no mundo da família original.

A noção da dádiva seria ampliada quando participou no Exército de campanhas de doações e de socorro às vítimas de enchentes. A atuação nas igrejas Evangélica e Católica, iniciadas ao lado da mãe, também o fez participar de atividades organizadas fora do eixo família-trabalho. Ele começou a ajudar indivíduos com os quais não tinha laços de parentesco. O sentimento de ser útil socialmente foi redimensionado, passando do ambiente da família para o de outros grupos sociais.

A tendência de olhar para o outro foi da disposição constituída à requisitada, acionada de forma mais voluntária e hedonista. As inclinações para as ações sociais, como a assistencialista e a compreensão do problema do outro, começaram a ser formadas na associação das práticas de ajudar os indivíduos da família e de outros grupos. Até este período na trajetória de vida de José, a disposição para o agir ativamente no jornalismo era uma variação intraindividual praticamente despercebida. Estava em formação, mas ainda não tinha sido concretamente visualizada em ações.

Até este momento no universo de José, ainda não tínhamos encontrado contexto que favorecesse a ele acionar os seus esquemas disposicionais para desempenhar os papéis de cidadão-repórter e, em seguida, o de repórter-amador. O jogo para o agir ativamente no jornalismo combina duas variáveis: a disposição para querer ser e a competência para exercer essas duas práticas (que ele foi encontrar com um professor do ensino médio).

O mundo da escola para José foi dividido em duas etapas. Na primeira, ele estudou até os 14 anos, quando abandonou a sala de aula para trabalhar com o pai. Disse que não se sentia estimulado a ler, escrever e tão pouco a buscar conhecimento pelos professores e pela instituição. A disposição para a leitura e a escrita aconteceu fora da escola, na socialização religiosa. O fator cultural que, para José está ligado ao consumo de livros e à necessidade de se manter informado, teve início com a sua admiração pelo conteúdo dos discursos do pastor e do padre.

Na tendência para as ações religiosas, José foi desenvolvendo as inclinações para a orientação do outro a partir do próprio exemplo, a mobilização da coletividade, a liderança e a buscar de informações mesmo que isso envolvesse algum grau de dificuldade. Essas disposições foram sendo ativadas na segunda experiência dele no mundo da escola, quando tomou a iniciativa de voltar à sala de aula, conciliando o trabalho e a escola.

José do Interior passou a ter um novo olhar para esse mundo social, que se transformou em uma mola propulsora fundamental para o esquema do agir ativamente no jornalismo que acionaria mais à frente. Inicialmente, o impulso de retornar à escola partiu de uma disposição ascética: queria se qualificar para encontrar um emprego melhor e conquistar estabilidade financeira, preocupação precocemente ativada em função da relação com os pais. Depois, começou a ter prazer em estudar, incentivado por um professor.

Esse professor alimentou o seu hábito de ler jornais e revistas, iniciado durante o serviço militar no Exército. Com a ajuda dele, passou a ler, interpretar e escrever textos de forma crítica. A disposição constituída de produzir textos em sala de aula, como obrigação de uma disciplina, transformou-se em disposição hedonista. José descobriu que os textos produzidos por ele poderiam ser publicados na imprensa. Assim, começou a colaborar com os veículos de comunicação, publicando as suas primeiras notícias. Os esquemas disposicionais, construídos ao longo dos processos de socialização, foram acionados e puderam ser visualizados através de uma ação concreta.

O contexto para essa ativação foi elaborado a partir da relação dele com o professor de português e com os jornais nos quais publicou textos na seção de cartas à redação, espaço ampliado com os canais de interação surgidos por meio da internet. Esse cenário mostrou que o esquema disposicional para querer se expressar, buscar informações, ajudar a resolver problemas coletivos e mobilizar o outro, que estão na base para o agir ativamente no jornalismo, estava sendo amadurecido.

A tendência para agir ativamente nasce de uma combinação de disposições diacrônicas (originadas do trajeto biográfico) e sincrônicas (originadas do contexto), que se manifestam

de forma requisitada, ou seja, com forte componente de prazer e voluntarismo, e se materializam quando o contexto e as relações sociais favorecem a ativação dos esquemas disposicionais que estão no subterrâneo das motivações para querer ser cidadão-repórter e repórter-amador.

José é um caso de dissonância. Um indivíduo que não contou com o incentivo da família original para estudar e ler porque os pais não eram detentores desse capital cultural e, portanto, não o transmitiram para os filhos, como o próprio José revelou ao contar sua trajetória de vida. Havia uma variação interindividual forte. Foi com o professor de redação que ele sentiu afinidade.

A complexidade do estudo das disposições de José para agir ativamente pôde ser visualizada quando essas tendências foram colocadas em estado de latência. Isso ocorreu quando ele se casou e mostrou essa variação intraindividual. Ao formar a própria família, José deixou vir à tona com força as disposições ascéticas, criadas por influência dos pais.

A preocupação em buscar estabilidade financeira para manter a família e mudar de vida fez com que priorizasse o trabalho, promovendo certa renúncia de si mesmo, e as disposições para agir ativamente entraram em crise. Além do mais, a mulher, para José, não demonstrava ter nenhum traço disposicional para querer interagir com a imprensa ou estimulá-lo a continuar a colaborar com a mídia

A mudança para uma comunidade mais humilde em função de problemas financeiros poderia ter apagado ainda mais essa tendência, já que a sonhada estabilidade advinda de um trabalho fixo ficava distante. Esse deslocamento, contudo, serviu para que ele fosse acionando o esquema disposicional que estava em latência. O contexto dos problemas enfrentados na comunidade e as relações sociais mantidas com os moradores e, posteriormente, com os políticos, contribuíram para que houvesse quase uma autoexigência de pensar e agir como cidadão-repórter e, com a internet, como repórter-amador.

Os processos de socialização de José, que foram plurais e singulares, levaram o nosso cidadão comum a formar disposições para ações sociais, políticas, culturais e religiosas, fatores que consideramos de ativação interna. Nesse emaranhado de tendências, ele se descobriu líder comunitário, o que o levou a criar uma zona de interface entre a disposição ascética da obrigação de ganhar dinheiro, por meio do trabalho de cabo eleitoral, e a disposição hedonista de ter prazer em atuar como um mediador de conflitos da comunidade, por meio de sua atuação como cidadão-repórter.

Quando pôde ter um computador em casa, ampliou o seu grau de interatividade com a imprensa pela internet. Ele criou então o próprio espaço para escrever: três blogs. A notícia

que ele produzia não precisava passar por nenhum filtro imposto pela imprensa ou por qualquer outra instância, estava desempenhando o papel de repórter-amador. Essa disposição para completar o movimento do agir ativamente, instituindo um espaço autoral, foi estimulada ainda por fatores de ativação externa: interação com a comunidade onde mora, pedidos e reconhecimento da comunidade para a solução de problemas, acesso à internet e uso do computador, interação com jornalistas e empresas de comunicação, participação no fórum do DP e acompanhamento das notícias.

Nesse complexo mecanismo de ativação e suspensão também existiram fatores de inibição que levaram José a querer ter um espaço próprio para fazer notícia: a redução do aproveitamento das pautas que eram enviadas pelos internautas do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco para a publicação da versão impressa e a discordância na forma como as informações eram aproveitadas e editadas pelos jornalistas daquele periódico.

Identificamos que as disposições diacrônicas e sincrônicas de José para querer ser e ter competência para participar do processo de produção da noticia, consumindo, colaborando e produzindo informação, manifestam-se de forma requisitada, que o leva a ter uma satisfação motivada pelo prazer de buscar informação, se expressar publicamente e ser reconhecido. Na ocasião da entrevista, esse quadro indicou que essa era uma variação intraindividual e interindividual acionada de forma geral, ou seja, em vários momentos da sua vida, que está construída em torno da comunidade.

As disposições formadas ao longo dos processos de socialização levaram José do Interior a ser um caso dissonante pela sua própria história de vida. Um pedreiro que passou por muitas dificuldades até conseguir criar as condições para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo, entrando e saindo dos mundos sociais para atualizar as suas tendências, fortemente manifestadas a partir do contexto e das relações mantidas na comunidade para onde se mudou com a família formada.

Para chegar até aqui, realizando as práticas que observamos, a de ser repórter-amador, José foi fazendo escolhas, mesmo inconscientemente. Para adquirir capital cultural, absorveu o que pôde das oportunidades que foram sendo dadas a ele, inicialmente nas igrejas e depois no Exército. Não buscou ser um trânsfuga de classe, mas resolver sempre o principal problema que se apresentou durante a sua trajetória: a instabilidade financeira, o que o impulsionou a retornar ao colégio.

As tendências para as práticas sociais e políticas foram sendo ativadas ao longo de todo o processo. São disposições hedonistas que podem satisfazer o seu ascetismo se encontrar estabilidade financeira através de um emprego fixo, almeja ser vereador e

advogado. Nesse sentido, o jogo do agir ativamente no jornalismo pode contribuir para mostrar publicamente a sua capacidade de dominar a oratória, de se articular politicamente e de ser líder, assim como o de ter inclinações para orientar o outro a partir de seus exemplos, praticando o assistencialismo e tentando mudar de vida.

Nos episódios em que recorreu à Justiça, demonstrou firmeza e capacidade de superação. Atravessou todas as fases de socialização enfrentando dificuldades, mas mesmo assim se destacou em meio aos grupos sociais que transitou ao longo de sua vida. Não quer ser jornalista, mas utilizar a grande imprensa e as redes sociais para se expressar e ajudar a sua comunidade, conquistando projeção e prestígio no seu grupo. Abaixo um resumo dos principais pontos da análise dos esquemas disposicionais de José do Interior.

José do Interior
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Disposição ascética, como filho homem mais velho foi alçado à condição de provedor. Não compete com a autoridade do pai e ajuda a mãe e os irmãos. Com a mãe, socializa-se na religião. Procurou muito mais um vetor cultural e político do que o dogma religioso. Passou a admirar a oratória e o conhecimento do pastor e do padre. Disposições para a ação social em campanhas de ajuda voluntárias. Duas características da prática política.
Escola	Disposição ascética para se qualificar e encontrar emprego estável, assim resolveria o problema da instabilidade financeira. Encontrou disposição hedonista para ler e escrever de forma crítica com um professor. Começou a interagir com a grande imprensa.
Trabalho	Disposição ascética para ser provedor, mas procurou variações hedonistas. Ao descobrir o prazer da leitura e da escrita, passou a buscar um equilíbrio, que poderia vir se conseguisse exercer as atividades de vereador e de advogado.
Família formada	Ascetismo para prover financeiramente o próprio núcleo familiar, colocando em latência o jogo do agir ativamente já iniciado. Não encontra apoio na ex-mulher, assim como na família original. Muda-se para uma comunidade e passa a viver uma vida dupla: entre o ascetismo da família e o hedonismo de ser líder comunitário.
Comunidade	A partir das relações com os moradores e dos problemas que encontra no novo local, tem o contexto favorável para acionar os seus esquemas disposicionais que o levam a ativar tendências para as ações sociais, políticas e culturais. Volta a interagir com a grande imprensa e cria canais próprios de comunicação. Busca o equilíbrio entre o ascetismo e o hedonismo no exercício da atividade de líder comunitário. Quer ser político e advogado.
Jornalismo	Passou a ter acesso ao jornal impresso quando foi para o Exército, antes não tinha estimulo para ler e escrever nem acompanhar as notícias. Lia o jornal diariamente, preferia as seções sobre política e a vida na cidade. Sem dinheiro para comprar um periódico, passou a frequentar bibliotecas. Voltou para a escola e no ensino médio encontrou um professor que o ensinou a fazer uma redação e a enviar o texto para ser publicado nos jornais. Passou a ser cidadão-repórter, enviando comentários e sugestões de pautas antes da internet. Ao conhecer a grande rede, ampliou o seu universo de consulta aos jornais e a interatividade com a grande imprensa. Criou dois blogs para se expressar e produzir notícias.

Fatores de motivação internos e externos

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo	Trabalhar pela comunidade, ser reconhecido pelos atores, divulgar informações nos jornais, gostar de buscar informação e escrever em seus blogs.
O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	Redução do aproveitamento das pautas pelo DP e discordar da forma como as informações eram aproveitadas.
Fatores de ativação interna (disposições)	Tendências para as ações políticas (mundos da escola, da comunidade e do jornalismo), culturais (mundos da escola, comunidade, trabalho e jornalismo), sociais (mundos das famílias original e formada, da escola, do trabalho, comunidade e do jornalismo) e religiosa (mundo da família original).
Fatores de ativação externa (aspectos relacionais e contextuais)	Interação com a comunidade, pedidos para solucionar problemas, reconhecimento dos atores, acesso à internet, uso do computador, interação com empresas de comunicação e jornalistas, participação no fórum do Diario de Pernambuco, produção da informação e acompanhamento das notícias.

4.2 O universo de Antonio Empreendedor: universitário bolsista e comerciante

4.2.1 O perfil

Antonio Empreendedor nasceu quando os pais tinham uma condição financeira equilibrada. Sempre moraram no mesmo bairro, na periferia do Recife, mas tinham uma situação confortável: casa própria, carro e tempo e dinheiro para o lazer. Quando realizamos as entrevistas, entre novembro de 2011 e maio de 2012, ele tinha 21 anos. Pelo que narrou, sempre se distinguiu dos garotos de sua geração. Apresentava variações disposicionais que o colocavam como um ator destoante dos demais.

Diferentemente do pai, dos dois irmãos mais novos e da maioria dos amigos, envolvia-se nas mobilizações realizadas pelos moradores do bairro e pelos professores e funcionários da escola quando buscavam resolver os problemas que afetavam a vida da comunidade. Seguia os exemplos da avó materna e da mãe, que tinham disposições para as ações sociais e políticas. Os avós moravam naquela comunidade há mais de 40 anos.

Estudante universitário bolsista e dono de um mercadinho instalado na garagem da própria casa, ele demonstrava ser muito disciplinado para atingir os seus objetivos pessoais. Mesmo assim, destinava parte de seu tempo para participar dos atos promovidos pela comunidade. Demonstrava disposição para colocar os seus projetos em suspense se tivesse que ajudar o outro. Não ocupava nenhuma função na entidade do bairro, mas era procurado e

reconhecido como um líder. Era chamado de corajoso porque denunciava o que incomodava a coletividade.

Quando o pai ficou desempregado, a vida da família de Antonio mudou. Para não ter que pedir dinheiro aos pais e, ao mesmo tempo, ajudá-los, foi em busca de trabalho ainda na fase da infância. Apesar disso, não deixou os estudos de lado. Foi o ator mais jovem entrevistado nesta pesquisa.

Antonio morava com a família original, na mesma casa onde nasceu. Na época das entrevistas, era solteiro. É o filho mais velho. Tem um casal de irmãos: um garoto de 19 anos e uma garota de 18 anos. É estudante de administração de empresas em uma instituição particular. Concorreu a uma bolsa de estudos e ganhou 50% de desconto. Tentou uma instituição pública, mas não conseguiu. Toda a trajetória escolar anterior foi na rede pública de ensino.

Na época em que realizamos as entrevistas, Antonio tinha conseguido o seu primeiro estágio no departamento administrativo de uma faculdade particular, que não ficava onde ele estudava. Mesmo com um segundo horário preenchido, não deixou de tomar conta do pequeno mercadinho. Quer concluir o curso de administração para melhorar o negócio e arranjar um trabalho fixo na mesma área. Apesar desses projetos, ainda pensa em um dia cursar jornalismo. Adora ler, escrever e buscar informações. Colabora com a grande imprensa e tem dois blogs nas redes sociais, um pessoal e outro destinado à comunidade em que mora.

Encontramos Antonio no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP). Antes da primeira entrevista, marcada na sede da faculdade onde estudava, trocamos mensagens eletrônicas. Neste primeiro encontro, durante mais de uma hora, respondeu a tudo o que foi perguntado no questionário introdutório, sem mostrar resistência até mesmo para as questões pessoais. As duas outras conversas ocorreram por decisão dele no centro da cidade do Recife, cada uma delas durou aproximadamente uma hora e meia. O último encontro aconteceu novamente na universidade onde estudava.

4.2.2 Mundo da família original: diferenças com o pai e afinidades com a mãe

A trajetória de vida de Antonio Empreendedor foi construída em torno de uma sólida base familiar. Os pais eram vizinhos, moravam em ruas próximas. Quando casaram decidiram permanecer no mesmo lugar. As inclinações para o sentimento de pertencimento ao bairro, tão fortes em Antonio, vieram da família. Segundo ele, os membros dos dois núcleos familiares conviviam em harmonia. Cresceu ao lado dos avós, tios e primos, apesar de se identificar mais com a família da mãe. Formavam uma grande rede social.

Ao falar da família original, Antonio expressou admiração pelos pais, mas demonstrou mais afinidade com a mãe a quem atribuía a influência decisiva para a construção de muitas de suas disposições sociais, como as inclinações para o assistencialismo e o olhar para o coletivo. A mãe dele nasceu em um município da Zona da Mata Sul de Pernambuco. Chegou ao Recife com 12 anos e foi morar naquele bairro.

A família dela poderia ser considerada uma pequena comunidade, eram dez irmãos. Todos casaram e continuaram no mesmo local. Antonio brincou que parte do bairro em que morava era quase toda ocupada por parentes. A imagem da mãe traçada por Antonio é a de uma mulher batalhadora, amorosa e dedicada à família, que sempre conquistou tudo com muito sacrifício. A família dela veio do interior em busca de melhores oportunidades na capital.

A mãe dele não concluiu o ensino médio, cursou até o primeiro ano. Foi trabalhar cedo. Começou como vendedora de uma loja em um shopping. Depois, arrumou emprego de assistente em duas fábricas. Em uma delas, aprendeu a fazer bichos de pelúcia. Antonio recordou que quando era criança a mãe ainda trabalhava fora. Para ficar com os filhos, passou a fazer os bichos de pelúcia em casa. Ela vendia o material na rua, mas foi deixando de fazer com o tempo por falta de encomenda.

Antonio disse que incentivava a mãe a voltar a estudar porque era um dos sonhos dela, uma vez que foi levada a abandonar os estudos para ajudar financeiramente a família. Os avós maternos ainda eram vivos. O avô tinha problemas de saúde. Antonio relatou que ajudava a mãe e a avó a cuidar dele, levando-o ao médico. Era uma forma de retribuir tudo o que o avô já tinha feito. Ele sempre deu muita assistência à família. Essa declaração nos ajuda a compreender a formação das disposições de Antonio para as ações assistencialistas. Elas começaram na própria família e, no caso dele, foram ampliadas para fora do núcleo familiar.

O pai de Antonio nasceu no Recife. Antes de chegar ao atual bairro onde morava, tinha passado por outros dois na mesma região. O pai dele também veio de uma família grande, de dez irmãos. Os avôs paternos nasceram em um município da Mata Sul de Pernambuco. As duas famílias de Antonio são provenientes da mesma região, mas de cidades diferentes e não se conheciam até se encontrarem na capital. Todos os irmãos do pai ainda moravam no mesmo bairro, como os tios maternos.

O avô paterno faleceu quando o nosso entrevistado tinha cinco anos, mas a avó ainda estava viva. O pai de Antonio é motorista. Não concluiu o ensino fundamental II e não pensava em retornar à sala de aula. Antonio brincou que as duas famílias juntas fundaram a parte do bairro onde moravam. Isso sinaliza que as socializações na família original e na

comunidade se confundiam porque o núcleo das famílias dos pais já formava uma pequena comunidade, definida por laços de sangue e de proximidade física.

Antonio mostrou orgulho ao lembrar que o pai aprendeu a dirigir sozinho, observando o trabalho de amigos em uma oficina. Aos 10 anos de idade, frequentava a oficina para ajudar no conserto dos carros. Foi assim que começou a atuar em seu campo de trabalho. Mesmo afirmando que recebeu mais influências da mãe, uma das fortes disposições de Antonio vem justamente da profissão paterna. Ele tinha fascínio por transporte e trânsito, dois assuntos que estimulavam as conversas entre pai e filho. Elas eram temas de comentários e sugestões de pautas que Antonio enviava para o fórum do DP e de notícias que postava em seus blogs.

Apesar de ser motorista profissional, o pai não quis ensinar Antonio a dirigir. Ele recordou que aprendeu sozinho, observando outros motoristas e repetindo a história do próprio pai. Antonio explicou que o pai havia tomado essa atitude para incentivá-lo a ser independente e a ter iniciativa para conseguir atingir os seus objetivos. Isso demonstra que, diferentemente do que Antonio avaliava, a figura paterna teve uma forte influência para a formação de suas inclinações para o agir ativamente no jornalismo. O pai o impulsionou a deixar de ser passivo diante do contexto social que se apresentava.

Em relação aos irmãos, Antonio afirmou que conviviam em harmonia, mas não dividiam os mesmos interesses. Eles brincavam juntos quando eram pequenos. Aliás, passaram toda a vida deles no bairro, só saíam quando os pais iam passear. Tudo acontecia no bairro, o “Recife” era um lugar distante. O fato dos parentes morarem próximos fazia com que eles convivessem com os primos. Pelo que Antonio narrava, havia um forte laço afetivo e um sentimento de pertencimento à comunidade.

À medida que cresceram, no entanto, cada um dos irmãos foi formando o seu grupo social. Apesar de terem passado por processos de socialização semelhantes, moravam e estudavam nos mesmos lugares, tinham disposições diferentes. Os irmãos não gostavam, por exemplo, de uma das tendências mais fortes de Antonio: a inclinação para a ação social, aprendida por treinamento com a avó materna e a mãe.

Na infância, Antonio passou por um episódio que marcou a trajetória dele, influenciando em suas disposições diacrônicas, formadas no passado ao longo da socialização no mundo da família original. Antonio estava com cinco anos quando o pai perdeu o emprego fixo que tinha como motorista de uma empresa. O fato não tinha sido dito por Antonio nas duas primeiras entrevistas, só veio à tona na terceira, quando ele se sentiu mais à vontade para falar sobre sua trajetória de vida.

Para ele, era difícil abordar um assunto que marcou a família e o levou a trabalhar cedo. Mesmo que o pai não tivesse delegado a ele essa responsabilidade pela condição de ser o filho mais velho, a tendência se desenvolveu quase como uma imposição natural. Ele não queria depender dos pais.

Esse episódio, segundo Antonio, não foi tão importante para os outros irmãos porque só ele teve, em função da idade, percepção da mudança que levou a família de uma situação equilibrada à instabilidade financeira. Isso afetou as relações entre ele, o pai e a mãe. Antonio afirmou que nasceu quando o pai tinha um bom emprego por meio do qual comprou e mobiliou a casa da família e adquiriu um carro. Bens materiais que, de uma forma geral, são almejados por todos os indivíduos que decidem formar uma família, independentemente de classe social.

Antonio lembrou que, na época, o pai tinha um rendimento que os colocavam em uma posição financeira de destaque porque ficava acima da média das famílias do lugar onde residiam. Ele não verbalizou isso objetivamente, mas deu a entender que estava tomando como referência os tios e primos, já que todos moravam no mesmo local e tinham estilos de vida semelhantes.

Essa situação financeira dava conforto e segurança à família de Antonio. Ele citou, por exemplo, uma ação que tinha sido interrompida: os passeios. Durante a semana, saíam à noite quando o pai chegava do trabalho. Nos fins de semana, viajavam para praias distantes. Os pais gostavam de promover festas em casa para reunir parentes e amigos, cenas que ficaram registradas na memória afetiva de Antonio.

Quando o pai ficou desempregado, foi um choque, disse ele. A família passou a viver de empregos informais. Nessa fase, eles contaram com o apoio dos parentes. Ele lembrou da postura do avô materno, que passou a dividir com o pai a responsabilidade pela manutenção da família. Essa situação permaneceu assim por quase 17 anos. O pai só conseguiu um emprego de motorista com carteira assinada dois anos antes das nossas entrevistas, o que restaurou a sensação de estabilidade financeira na família.

4.2.3 Mundo da comunidade: os exemplos da mãe e da avó materna

A família da mãe morava há mais de 40 anos no mesmo bairro. A avó materna sempre participou das mobilizações feitas pelos líderes comunitários para buscar mais qualidade de vida para os moradores do lugar. Antonio, contudo, não considerou que essa participação poderia conferir à avó o titulo de líder comunitária. Ela respondia positivamente à ação tomada por outros indivíduos. Estimulada pela avó, a mãe dele desenvolveu as mesmas

tendências, costumava frequentar as reuniões da entidade do bairro. Algumas tias maternas criaram essa disposição, mas não a acionavam tão frequentemente como a mãe dele.

Antonio lembrou que desde criança costumava ver a mãe chamando os vizinhos para que todos fossem às reuniões da associação. A maioria, segundo ele, só comparecia quando havia algum documento importante para ser assinado. A avó e a mãe se mobilizavam para tudo. Os vizinhos não iam com os filhos, não era comum. Ele, porém, gostava de fazer companhia à mãe, era uma exceção.

A posição de ambivalência disposicional de Antonio em casa e na comunidade começou a partir desse comportamento. Na própria família original, considerava-se diferente. O pai e os irmãos nunca queriam se envolver. Entre os vizinhos, não seguia o perfil dos outros garotos da mesma idade que ficavam em casa enquanto os pais estavam nas reuniões.

Quando Antonio não podia comparecer, sempre perguntava à mãe sobre o que tinha sido debatido, o que já sinalizava para a formação de sua disposição em querer buscar informação. Ou seja, manter-se atualizado. Já havia a sinalização para as disposições que o levariam a desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador.

Apesar dessa forte tendência para a ação social e, consequentemente, para a ação política, ele nunca exerceu cargo de direção na entidade do bairro e não expressou nenhum desejo nesse sentido. Além das reuniões da associação, ele e a mãe frequentavam os encontros convocados pelos integrantes do Orçamento Participativo (OP), programa desenvolvido pela Prefeitura do Recife entre 2001 e 2012, por meio do qual a população vota e elege as obras que, para ela, são prioritárias para o bairro.

Antonio afirmou ter herdado da avó e da mãe a tendência de querer resolver os problemas coletivos. Segundo ele, a própria mãe reconhece que dos três filhos ele é o único que desenvolveu essas inclinações recorrentes para as práticas social e política, beneficiando não só a família dele, mas os demais moradores. Apesar de gostar dessas atividades, ele admitiu ficar frustrado porque não vê resultado imediato, ou seja, a solução dos problemas reivindicados. Mesmo assim, continua participando das mobilizações.

> Eu penso sempre assim. O problema na rua não é meu, é nosso. Mas todo mundo chega e reclama: - Ah! Meu Deus tem um buraco na rua. Tem um buraco na rua. Sim e não vai fazer nada? Então assim, talvez, de tanto escutar isso, eu disse não alguém vai ter que fazer alguma coisa. E esse alguém vai começar por mim porque se eu não fizer quem vai fazer? Por que assim uma andorinha só não faz verão, né? Estou sempre incentivando as pessoas no que dá para fazer (Antonio).

A família da mãe de Antonio também realizava trabalhos voluntários, arrecadando alimentos e roupas. O material coletado era distribuído a parentes e amigos que ainda

continuavam morando no interior. Ele revelou que esses indivíduos enfrentavam muitas dificuldades, maiores do que as dele. Apenas nessas ocasiões, o pai e os irmãos colaboravam, mas não era uma disposição recorrente. Antonio considerava que os irmãos eram "individualistas e materialistas" porque não tinham um olhar para o coletivo. "Quando são chamados para participar das coisas, não vão, têm preguiça para tudo". Ele disse que, para participar de atos como estes, deixa todo o cansaço de lado.

No esquema disposicional de Antonio, as tendências para as ações sociais estão diretamente ligadas às inclinações para as práticas políticas. Mesmo inconscientemente, ele passou a fortalecer a sua atuação politica quando uma professora de história e geografia do 9º ano do ensino fundamental II despertou nele a importância de se ter leitura crítica e de se mobilizar para conseguir melhorias para a escola. Essa motivação reforçou as disposições que tinham sido adquiridas na família para o assistencialismo e a preocupação com o social. A participação das reuniões na associação e no OP são ações políticas. Ele confessou que todos esses fatores o levaram a querer chegar logo aos 16 anos para votar, o que não era muito comum entre os irmãos e os amigos.

Desde os 16 anos, Antonio vota e quando escolhe os seus candidatos leva em consideração as propostas e a identificação pessoal, às vezes também o partido. Cobra as ações dos políticos. Sempre procura informações sobre política na internet. Nas campanhas eleitorais, busca os sites dos candidatos e dos partidos e assiste às propagandas dos candidatos na TV e no rádio.

> Hoje, depois que eu passei a votar, eu paro... tem dia mesmo que eu digo: não hoje eu vou assistir para ver o que aquele candidato vai falar. Aí eu comparo, às vezes eu escrevo, guardo tudo na minha mente. Quando não, eu escrevo mesmo... sempre tem, assim, umas contradições. Eu vejo o passado do candidato. Eu vou fundo mesmo, entro no site deles quando eles têm. Procuro ver se aquilo que ele fez é mesmo verdade. É um conjunto para poder formar o voto (Antonio).

A disposição para a liderança de Antonio na comunidade é identificada pelos moradores que o procuram, pedindo ajuda para resolver problemas ou para fazer denúncias. Em função dessa tendência para atuar ativamente e não querer ficar exercendo um papel semelhante ao daquele cidadão que só reclama e fica na posição passiva, já foi lembrado para representar o bairro em campanha política. Ele não descartou essa possibilidade.

O universo de Antonio era constituído por disposições dos tipos diacrônicas, que levam em conta a trajetória biográfica do passado, e sincrônicas, que são acionadas pelo contexto presente. Os esquemas disposicionais se formaram inconscientemente em meio a um

emaranhado de tendências que se cruzaram, mas que tinham dois fortes fios condutores: as disposições para as ações sociais e políticas, formadas na família e na comunidade.

Toda a trajetória de Antonio tem como referência as variações disposicionais a partir desses dois mundos. Ele praticamente só deixa a casa materna e o bairro onde mora para ir à universidade e ao estágio. Tudo é resolvido por ele na própria comunidade.

O problema financeiro da família e as suas tendências para buscar trabalho com o objetivo principal de não pedir dinheiro aos pais poderiam tê-lo conduzido para a formação de disposições mais individualistas e ascéticas, focadas mais no núcleo familiar em detrimento da comunidade. Não foi o que ocorreu. Entre os parentes, ele cultivava tendências que já indicavam que o seu perfil era dissonante: o de um jovem com disposições para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

4.2.4 Mundo da educação: a professora que deu asas à imaginação

Mesmo quando estava com a vida financeira equilibrada, o pai de Antonio tinha decidido que não colocaria os filhos em escola particular. Como trabalhava em uma empresa privada, tinha medo de perder a renda e precisar tirá-los da escola de uma hora para outra. Um receio que terminou se concretizando, o pai perdeu o emprego com os filhos ainda pequenos. Por isso, Antonio sempre estudou em escola pública, assim como os irmãos.

Até o ensino médio, a trajetória escolar de Antonio foi vivenciada no bairro onde mora, sempre em instituições perto de sua casa. O ensino fundamental I foi cursado em uma escola da rede municipal do Recife. Depois, foi para um estabelecimento maior onde ficou até concluir o ensino médio. O estímulo para estudar, segundo Antonio, partia mais da mãe do que do pai. A paixão pela leitura ainda não tinha sido despertada, comportamento ligado à conquista do capital cultural que vai ser valorizado por ele mais à frente.

Em relação ao hábito de se atualizar por meio das notícias divulgadas pela grande imprensa, Antonio lembrou que os pais costumavam acompanhar o noticiário da televisão. Ele, porém, não expressou nenhuma motivação em realizar a mesma ação. Na época, não se interessou. Foi uma professora de história e geografia que o influenciou. Nas aulas, levava, como material didático, textos de jornais impressos.

A professora abriu uma janela no universo de Antonio para que ele tivesse uma visão mais crítica sobre o que estava aprendendo. Explicou o contexto da rede social em que ele vivia, apontou características que ele passou a perceber em sua comunidade. Levou jornais para as atividades em sala de aula, oferecendo uma ligação entre o assunto ensinado e a realidade vivenciada. Foi nessa ocasião que teve contato quase diário com os periódicos.

Ele gostou da experiência e passou a ler os jornais na escola, uma tia paterna trabalhava na secretaria da escola. Ela permitia que ele entrasse na sala dos professores para ler as notícias. Em função da situação financeira dos pais, não podia comprar jornal. Passou também a pedir jornais a uma tia materna que trabalhava como empregada doméstica e levava aqueles que os patrões tinham consumido. Ela costumava pegar esses periódicos para usar na limpeza da casa. O interesse de Antonio era outro, a notícia.

Ele aproveitou todos os recursos disponíveis para ter acesso às matérias jornalísticas. Diante do interesse de Antonio, a professora externou publicamente o seu contentamento. Ela falava, segundo ele, que "apostava" em seu potencial. Assim, nasceu a disposição para buscar informação, que atravessou o mundo da educação, passando para os demais mundos sociais, estimulando-o a ser repórter-amador.

Os pais incentivavam a leitura, compravam livros quando podiam, mas tudo era direcionada para as tarefas da escola. Não existia o hábito de acompanhar as notícias de forma crítica, como a professora ensinou. Percebemos que o fator de ação cultural se concentrou no consumo de notícias e, posteriormente, na busca por complementar as informações em livros. Nunca foi a cinema ou a show, raramente visitou museus e teatros. Um dos motivos era o ingresso, que ele disse achar caro. O outro era a dificuldade de ir de ônibus à noite para o Centro do Recife. Gostava, porém, de frequentar bibliotecas e livrarias.

Além de estimular o hábito da ler e escrever de forma crítica, a professora ensinou a turma de Antonio a utilizar esses dois domínios culturais para outra finalidade: reivindicar melhores condições de ensino para a escola pública. Incentivou Antonio a reforçar as suas disposições para as ações políticas, fator que já fazia parte de seu patrimônio disposicional desde que participava com a mãe e a avó materna de ações envolvendo a mobilização por melhor qualidade de vida para o bairro onde moravam.

Com a influencia da professora, Antonio passou a integrar os movimentos organizados pela escola em prol de melhorias para a instituição e para os professores e funcionários. Lembrou que participou de muitos protestos. De acordo com Antonio, a maioria dos amigos, assim como os seus irmãos, nunca tinham tempo para apoiar essas mobilizações.

Antonio está cursando administração de empresas em uma faculdade particular, ganhou uma bolsa que oferecia 50% de desconto na mensalidade. Isso só foi possível porque ele agiu ativamente quando viu uma propaganda sobre a bolsa da faculdade na internet. Inscreveu-se, passou e ganhou. Começou em 2011 e deve concluir em 2014. Está fazendo o primeiro estágio em uma outra faculdade, ajudando na parte administrativa.

Como gostava de ler e escrever, assim como acompanhava o noticiário através dos jornais impressos e da televisão, a primeira opção de curso para o vestibular foi jornalismo. Tentou a universidade pública duas vezes, não passou. O curso de jornalismo em uma universidade particular era muito caro, disse ele.

A segunda opção era o curso de administração de empresas que acabou conseguindo fazer por intermédio dessa bolsa. Afirmou, contudo, que ainda pretende fazer jornalismo. Isso indica que as disposições para realizar o jogo do agir ativamente, motivadas pelas tendências para as ações sociais, políticas e culturais, são variações fortes que começaram na família e se aprofundaram na comunidade e na escola.

O curso de administração está relacionado a outro sonho de Antonio: investir na carreira de empreendedor. Tem um pequeno comércio em casa e pretende ampliá-lo. Está sendo muito estimulado, segundo ele, pelos professores da universidade. Todo esse patrimônio é mobilizado para que acione os seus esquemas disposicionais, formados inconscientemente, e atue como repórter-amador.

4.2.5 Mundo do trabalho: o desemprego do pai e a disposição para ir à luta

Antonio tinha apenas 21 anos quando participou da pesquisa. Apesar de ser jovem, possuía experiência no campo do trabalho, o que não era muito comum entre garotos de sua idade. Desenvolveu atividades temporárias e informais que lhe renderam um pouco de dinheiro, nada que fosse assegurar o sustento da família, mas proporcionavam muita satisfação pessoal. Os próprios pais diziam, segundo ele, que não queriam que essas atividades prejudicassem os estudos.

Os trabalhos temporários encontrados por Antonio mostraram que os esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo começaram a ser aprofundados quando ele enfrentou os problemas financeiros da família e decidiu buscar soluções. Esse comportamento de Antonio revelou que o seu jeito de pensar, sentir e agir oscilava em relação aos perfis dos irmãos que tinham participado dos mesmos processos de socialização que ele, mas preferiram permanecer nos papéis de atores passivos.

O filho mais velho não chegou, pelo que percebemos, a contestar a autoridade paterna de provedor, mas quis construir um caminho que o levasse a uma situação de equilíbrio financeiro e independência. O nosso entrevistado demonstrou disposição para agir ativamente a partir das influências que recebeu do contexto familiar, que sempre teve grande relevância na sua trajetória, e das relações que mantinha com os atores da família, da comunidade e da escola.

A disposição de Antonio para o trabalho em busca de estabilidade financeira era do tipo sincrônica, ativada pelo contexto, mas que se manifestava de forma requisitada, ou seja, voluntária. Isso porque nem o pai nem a mãe pediam para ele parar de estudar e trabalhar. Os pais queriam, segundo Antonio, que se dedicasse aos estudos, mas ele era afetado diretamente pela situação financeira da família.

Ao reconstruir a sua trajetória de vida, percebemos que as disposições para as ações sociais e políticas, internalizadas desde cedo pelo processo de socialização na família original, ativadas em função dos problemas financeiros dos pais, fizeram Antonio construir e acionar esquemas disposicionais para o empreendedorismo. Ela era mobilizada desde que completou 10 anos, quase cinco anos após o pai ter perdido o emprego.

Na época, Antonio teve a ideia de recolher material reciclado para vender. Tinha um vizinho que comprava para comercializar. Antonio percebeu que parentes e amigos faziam isso, colaboravam com esse vizinho e decidiu agir da mesma forma. Em função da idade, a atividade era muito mais interpretada como uma brincadeira de criança do que uma obrigação. Assim, ganhava alguns trocados de forma lúdica, como ele mesmo dizia. Isso contribuiu para que Antonio vinculasse, ao longo de sua trajetória, as outras iniciativas de trabalho ao prazer e não à obrigação ascética de ganhar dinheiro.

Dois anos depois, teve outra ideia. Durante as férias escolares, foi trabalhar com um tio como cobrador de kombi de lotação, transporte alternativo. A mãe, contudo, proibiu com medo de que Antonio se afastasse da escola. Para não contrariá-la, colocou em prática outro projeto: o de transformar a garagem da própria casa em uma mercearia.

Desde janeiro de 2003, decidiu vender material de limpeza e de higiene pessoal, além de alimentos e doces. Era com o dinheiro que recolhia desse empreendimento que pagava as suas despesas. Os pais permitiram a iniciativa, mas alertaram que ele não poderia tirar a atenção do colégio. Os pais não tiveram tantas oportunidades para estudar e queriam que os filhos obtivessem um nível educacional melhor.

Na época das entrevistas, a família ganhava por mês até três salários mínimos, renda obtida com o que o pai ganhava no trabalho. O dinheiro que Antonio recebia no mercadinho não entrava no orçamento da família. O lucro do mercadinho era pequeno, só permitia que Antonio gastasse com ele próprio, mas admitiu que, uma vez ou outra, pagava algumas contas domésticas. O empenho para o mercadinho dar certo e crescer foi tanto que nos momentos de lazer, Antonio gostava de ir ao shopping e aos supermercados para ver os negócios dos outros e pesquisar preços. Depois que encontrou um estágio, passou a dedicar um tempo menor ao mercadinho.

4.2.6 Mundo do jornalismo: a disposição para agir ativamente foi ativada na escola

Antonio lembrou que a família já tinha o hábito de acompanhar o noticiário produzido pela grande imprensa. Ele costumava com frequência ver o avô materno e o pai assistindo às noticias na televisão. Recordou que esse mesmo avô tinha o hábito de ouvir o noticiário pelo rádio. Todas essas cenas fazem parte da memória afetiva de Antonio. As fortes disposições para agir ativamente no jornalismo por meio das quais fez dois movimentos – interagiu com a grande imprensa e produziu um espaço próprio na internet para escrever notícias – começaram a ser estimuladas na infância. Foi, contudo, no período da escola que começou a se interessar por buscar notícias da atualidade, querendo ler e escrever de forma crítica, resgatando os hábitos do pai e do avô.

Essa disposição foi despertada no sentido diacrônico em função de um contexto, de uma professora que utilizou os jornais impressos em sua didática de sala de aula. No início, isso ocorreu por uma imposição metodológica da professora, mas Antonio gostou e essa tendência passou a se manifestar de forma requisitada, ou seja, de maneira voluntária e hedonista. Isso o fazia mobilizar as disposições para as práticas sociais, políticas e culturais. Por meio da imprensa, poderia, por exemplo, tornar públicos os problemas do seu bairro, como já fazia, mas em outra dimensão, quando participava dos atos promovidos pela associação da comunidade.

Ele criou o hábito de ler quase diariamente os jornais impressos e assistir aos noticiários da TV. Como não podia comprar, consultava os que ficavam na sala dos professores da escola e os que uma tia trazia do trabalho. Preferia ler informações sobre cultura, dia a dia da cidade, carros e economia. Antonio chegou a afirmar que quando estava lendo um jornal, perdia "a noção do tempo".

Antes de criar os seus blogs e de interagir com os veículos de comunicação, Antonio quis produzir um jornalzinho e um programa de rádio na escola. Na época, estava no ensino médio. Ele não encontrou ninguém com tempo para dividir os dois projetos. Quando surgiu a internet e conseguiu instalar um computador em casa, ficava mais de três horas por dia navegando.

Ao procurar na grande rede um espaço para debater com outros internautas os problemas de seu bairro, conheceu o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco e a página do Cidadão-Repórter na versão impressa do periódico. Percebeu que outros atores tinham "a mesma vontade" que ele e se inscreveu no fórum em 2009. Até o início desta pesquisa, era um dos primeiros do ranking do canal interativo do DP, que registrava a participação dos internautas. Colaborou com outros veículos também, tanto jornais impressos, a exemplo do

Jornal do Commercio e do Aqui PE, como de canais de televisões, a exemplo da TV Globo e da TV Jornal, todos com sedes no Estado de Pernambuco. Fazia comentários e sugeria matérias.

> Sinto necessidade de colaborar, de fazer. Gosto de lutar pelo direito de todos, divulgar os problemas e resolver. Gosto de lutar pelas soluções (Antonio).

Antonio falava de seus motivos para interagir, mas não tinha consciência dos esquemas disposicionais que ativava para querer participar do processo de produção da notícia. De uma forma geral, sempre buscou informações na internet sobre diversos assuntos, preferindo espaços escritos por jornalistas. Utilizava as redes sociais.

Com a mudança editorial na página impressa do DP, Antonio afirmou não se sentir mais estimulado a participar, mesmo assim continuou colaborando. Não gostou do fim da página na versão impressa que destinava um espaço exclusivo para matérias editadas a partir das sugestões dos internautas cadastrados no fórum colaborativo. Após essa alteração, as pautas dos colaboradores não eram tão aproveitadas quanto antes. Além disso, não entendia por que uma pauta era escolhida para se transformar em reportagem e não a dele. Ou seja, não compreendia quais eram os critérios de seleção da notícia, que não eram colocados pelo Diario de Pernambuco de forma clara e objetiva, o que também ocorre com todas as empresas de comunicação.

Antonio, então, buscou novas formas de se comunicar e produzir informação. Ao seguir dicas dadas por amigos, criou dois blogs: um pessoal e outro para a comunidade. No âmbito das mudanças na estrutura do campo do jornalismo, o comportamento de Antonio, assim como o dos outros cidadãos analisados nesta tese, contribui para quebrar o poder dos conglomerados de mídia que querem manter a exclusividade do papel de mediar a informação entre o cidadão comum e os demais campos sociais. O repórter-amador que consome, colabora e produz notícia ajuda a romper com esse padrão imposto pelas indústrias da informação, mas não é objeto desta pesquisa aprofundar esta questão, apesar de perpassá-la.

Antonio revelou que gostaria de ser jornalista. Era uma vontade que, segundo ele, "vem de dentro" porque gosta de ler e escrever. Antonio se considerava um jornalista, mas do tipo que "não faz nada para receber salário", mas "por amor" à produção da informação, sinalizando para o nosso conceito de repórter-amador, detalhado nos capítulos anteriores. Ele faz o jogo do agir ativamente no jornalismo, quando sai e entra no campo ao colaborar com as grandes empresas. É repórter-amador, quando cria um espaço que fica na interface entre o

campo e o mundo do jornalismo, sem receber salário. Consegue realizar empiricamente alguns procedimentos de apuração de notícia, como o da entrevista com atores envolvidos nos episódios que narrava em seus blogs.

Ele não entendia de onde vinha essa vontade, quais foram os tipos de disposições – diacrônicas ou sincrônicas – e como elas foram ativadas para que pudesse realizar as práticas jornalísticas observadas nesta pesquisa. Elas se manifestavam, contudo, de forma requisitada, ou seja, de maneira voluntária e hedonista, que o leva a ter vontade e satisfação para ser cidadão-repórter e repórter-amador.

Antonio disse que o seu trabalho no blog é reconhecido pela família, pela comunidade e até pelos jornalistas. Lembrou que já foi citado por veículos de comunicação porque publicou uma informação em primeira mão, referindo-se a um jargão muito utilizado no jornalismo, o do furo, quando um veículo divulga uma notícia antes dos demais.

> Como moro próximo à BR-101 (Sul), vai não vai tem acidente, muitas vezes a imprensa não chega. Aí eu entro. Uma vez mesmo eu fiz. Lá na rua de casa aconteceu um acidente. Aí eu fiz uma matéria, botei no meu blog. Teve uma pessoa de outro blog, de outro lugar, que tem um jornal que publicou. Eu fiquei feliz, né? Deram credibilidade. Foi uma coisa que causou muita repercussão porque parou a Zona Sul do Recife em peso. Foi na hora do almoço, aquela agonia toda (Antonio).

Afirmou gostar de fazer denúncias sobre o que considera errado. Por isso, era chamado de corajoso. Com o blog, disse que faz matérias e se comunica com órgãos públicos e privados para criticar e enviar sugestões. Lembrou já ter registrado um prefeito inaugurando uma obra duas vezes em seu bairro e foi a maior repercussão.

Quando a mãe participava das reuniões na comunidade e ele não podia comparecer, sempre perguntava o que tinha ocorrido para escrever no blog. Eles conversavam muito, dividiam as informações. A mãe, segundo ele, era uma espécie de repórter de seu blog. Ela acompanhava o trabalho dele e o incentivava. O pai, contudo, era indiferente. Segundo Antonio, ele só escutava os comentários e não se posicionava.

Como muitos repórteres não frequentam o seu bairro, Antonio disse sentir-se o repórter de sua comunidade. No blog, divulgava tudo o que acontecia. “Eu passo na rua vejo alguma coisa, boto no blog”, afirmou. Em uma viagem a um município da Mata Sul, observou alguns problemas nas ruas e procurou o prefeito. Não foi atendido, mas insistiu, mandou mensagens por e-mail e obteve as respostas que buscava. Colocou tudo no blog.

> Explico que não sou repórter, sou um cidadão-repórter (para a nossa tese, um repórter-amador) que qualquer um pode ser. Para quem já está dentro, é uma coisa normal. Para quem está de fora, tem uma coisa, assim, assustadora (Antonio).

Depois que começou o estágio, estava encontrando dificuldades para conciliar o tempo de tudo o que já fazia com a produção dos blogs. Pensou em desativá-los porque não tinha como atualizar as páginas, já que os atores preferem ver notícias, segundo ele, novas. Procurou outro indivíduo para dividir a responsabilidade do blog, ainda não encontrou. Os familiares e amigos que convidou não tiveram interesse em ajudar a resolver os problemas da comunidade. "É cada um por si", ressaltou. Isso indica que essa disposição para agir ativamente no jornalismo, mesmo forte e duradoura, pode entrar em crise.

4.2.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Ao reconstruir a trajetória de Antonio Empreendedor, perpassando o seu estado social desdobrado para chegar ao estágio mais profundo, o dobrado, observamos que temos que dedicar uma importância relevante à socialização no mundo da família, ou seja, às disposições do tipo diacrônica, formadas por meio do percurso biográfico.

A família representou o núcleo mais forte dos mundos sociais que Antonio perpassou, influenciando decisivamente para que ele começasse a construir as tendências para o assistencialismo, a compreensão do problema do outro, a superação e a mudança de vida, a partir das dificuldades encontradas no dia a dia. A família tinha uma forte ligação com a comunidade, o que fez Antonio desenvolver, ainda na infância, o sentimento de pertencimento ao lugar onde nasceu, que redimensionaria a sua ação para ser útil por não ficar restrita ao núcleo familiar.

Na visão de Antonio, a família e a comunidade eram quase um só mundo social. A família da mãe reside no bairro há mais de 40 anos, tem uma forte identidade com o local, o do pai também, apesar de ter chegado depois. Isso explica a tendência da avó materna e da mãe para as ações sociais e políticas na comunidade. A partir de iniciativas individuais estavam imbuídas do sentimento do assistencialismo, da ajuda ao outro. Inclinações que foram introjetadas em Antonio.

O contexto e as relações que foram sendo estabelecidas entre os membros dessa grande e unida família foi gerando uma matriz que formou disposições duradouras em Antonio. Ele, porém, direcionou esse patrimônio disposicional para realizar o jogo do agir ativamente, tendência dissonante dos outros membros da familia. Por meio da interação com a

grande imprensa e do espaço criado na internet, o nosso repórter-amador acionou as disposições para mobilizar o outro, se expressar e buscar informações para resolver os problemas da coletividade, seguindo as inclinações da avó materna e da mãe.

Esses esquemas disposicionais fortes e duradouros foram se desenvolvendo a partir de tendências que surgiam para as ações sociais, políticas e culturais. As duas primeiras começaram a ser internalizadas por influência da família original. A terceira, por treinamento a partir da iniciativa de uma professora, apesar dos pais e do avô paterno terem o hábito de assistirem aos telejornais durante a infância dele.

Esse cenário permitiu a Antonio revelar um perfil dissonante dos padrões de comportamentos de grande parte do núcleo familiar. Mesmo que a avó e a mãe tivessem inclinações para as práticas sociais e políticas, elas não direcionavam essas disposições para se sentirem motivadas a agir ativamente no jornalismo. Ao longo de sua plurissocialização, Antonio foi apresentando variações disposicionais se compararmos o seu comportamento ao do padrão externado por irmãos e amigos da mesma faixa etária, que não costumavam se interessar por assuntos da comunidade.

Desde a fase da infância, ele acompanhava as reuniões da associação de moradores para debater os problemas do bairro. Por meio da reconstrução de sua trajetória, não percebemos que essas disposições foram manifestadas de forma constituídas, como se fosse quase uma obrigatoriedade, uma imposição. Ele tomava a atitude de participar e de se interessar pelo coletivo, com naturalidade e espontaneidade.

Na própria família original, ativava esquemas diferentes e até contraditórios em função dos diversos momentos. Antonio tinha um comportamento ambivalente. Com a mãe e a avó, poderia acionar as disposições para o assistencialismo e a ajuda ao outro. Com o pai e os irmãos, não encontrava condições para ativá-las. Antonio transitava por esses dois polos, o que o fazia apresentar variações intra e interpessoal porque não queria deixar de ter uma relação harmoniosa com o pai e os irmãos.

Com o pai, Antonio costumava conversar sobre assuntos de que os dois tanto gostavam: carros, transporte público e trânsito. Anos depois, ele desenvolveu tendências para gostar de ler e escrever sobre esses temas, o que o estimulou a criar um blog para debaté-los. Com os irmãos, no entanto, Antonio não identificava inclinações que os aproximassem e os definia como “individualistas” ao observar que não tinham disposições para olhar o outro, como ele. Só participavam de alguma atividade comunitária quando a família arrecadava doações para distribuir no interior, mas era uma disposição temporária do tipo sincrônica

(contextual) que se manifestava de forma constituída, uma imposição externa da mãe e dele próprio.

Os fatores de ativação interna para agir ativamente foram fortalecidos e atualizados na escola. Uma professora passou a motivá-lo a reivindicar melhores condições para a instituição e os professores. Ela o influenciou a criar disposições para as ações culturais, representadas pelo prazer de ler e de escrever sobre temas da atualidade, voltados para a realidade de seu bairro.

Nesse momento, as disposições diacrônicas para o olhar social e o agir ativamente foram influenciadas pelas disposições sincrônicas, o contexto. Isso porque Antonio foi apresentado ao conteúdo das notícias veiculadas nos jornais impressos e observou que, se divulgassem os problemas do bairro, poderiam torná-los públicos e encontrar soluções. Antes mesmo de conhecer a internet, tentou acionar o esquema para agir ativamente quando quis produzir um jornal comunitário e um programa de rádio. Não encontrou nenhum ator disposto a dividir com ele essa prática.

Antonio não queria só ver os problemas e criticá-los, queria ter uma postura mais participativa. Ele tentava incluir na agenda da imprensa os temas que despertavam a sua preocupação, a maioria deles ligados ao local que pertencia. A mãe e a avó não tinham disposições para acompanhá-lo nessa vontade de querer ultrapassar as fronteiras do bairro através dos veículos de comunicação, mesmo que ele identificasse na mãe, particularmente, todas as credenciais que a levaria a ser repórter-amadora como ele.

O jogo do agir ativamente, colaborar com a grande imprensa e produzir notícia em um espaço próprio, estava se delineando como o melhor caminho para ativar disposições que foram construídas lá trás, principalmente na infância e na adolescência, no mundo da família original, e fortalecidos na socialização do mundo da escola.

Apesar de revelar que esses esquemas não tinham conexão com as influências recebidas pelo pai, um episódio provocado por ele, ao nosso ver, estimulou Antonio a desenvolver disposições de empreendedor, que o ajudaram a ser ainda mais ativo, postura que vai para além do jornalismo. Até os cinco anos de idade, a família dele tinha uma situação financeira confortável. Depois, o pai perdeu o emprego fixo e passou a viver de empregos temporários, gerando uma sensação de instabilidade que vai permear boa parte da trajetória de Antonio.

Esse contexto o levou a ter disposições para querer, desde cedo, ser provedor, buscar estabilidade financeira para mudar de vida. Ele não vinculou essa tendência a nenhuma obrigação, ou seja, a uma disposição constituída. Isso porque os pais sempre disseram, como

ele narrou, que a obrigação de trabalhar para sustentar a família era do pai e não dele. No papel de filho, Antonio tinha que estudar para construir uma carreira profissional. Mesmo assim, ele desenvolveu tendências para o trabalho.

Como não havia a pressão para que isso ocorresse como uma obrigação, Antonio desenvolveu disposições hedonistas para a busca da estabilidade financeira. Essas inclinações para construir esquemas disposicionais que estivessem vinculados ao prazer e ao voluntarismo se manifestavam constantemente ao longo de sua trajetória, partiam da família original e se refletiam nas ações que realizava nos outros mundos sociais. Assim, as tendências acionadas inconscientemente por Antonio para querer agir e pensar como repórter-amador carregam um forte componente de hedonismo.

Percebemos que as disposições que marcaram a trajetória de Antonio nasceram na família, que tinha uma forte identidade com o bairro onde ele morava. Esse limite geográfico foi ampliado quando ele comprou um computador e teve acesso à internet. A descoberta de canais de interação com os veículos de comunicação, abertos pela grande imprensa para que as empresas se aproximassem da audiência que estava escapando para o mundo virtual, foi um elemento definidor para que os esquemas disposicionais para o agir ativamente no jornalismo fossem atualizados e fortalecidos.

Além desses fatores de ativação externa, outros elementos colaboraram para que Antonio fosse estimulado a agir ativamente: os pedidos da comunidade para a solução de problemas, o reconhecimento da comunidade em relação ao seu papel de mobilizador, a sua participação no fórum do DP e o acompanhamento das notícias. O passo seguinte que completaria a disposição para agir ativamente veio com a decisão de criar um espaço próprio. Ele foi tomado a partir da observação de fatores, que definimos como de inibição para a colaboração com a grande imprensa.

Antonio decidiu criar dois blogs para escrever as suas notícias quando percebeu que o DP reduziu o aproveitamento das pautas enviadas pelos internautas cadastrados em seu fórum colaborativo. Discordou da forma como as informações eram aproveitadas, já que o DP acabou com a página exclusiva publicada no impresso com reportagens realizadas a partir das sugestões dos internautas.

O conteúdo das entrevistas nos ofereceu instrumentos para perceber que o perfil de Antonio não poderia ser considerado homogêneo, geral e regular. Ele tinha um perfil dissonante dentro do núcleo familiar e dos amigos. Os seus esquemas disposicionais foram fortemente influenciados pela socialização na família original, que, por sua vez, estava centrada na vida da comunidade.

Antonio realizou o jogo do agir ativamente no jornalismo, a partir da revelação de disposições para a ação social, política e cultural. Estamos nos referindo às tendências para o assistencialismo, a compreensão do sofrimento do outro, a superação de problemas pessoais, a mudança de vida, a mobilização, a liderança, o gosto pela leitura e pela escrita, o querer se expressar, o buscar informações mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, o diálogo com os veículos de comunicação, a atualização da informação por meio de veículos tradicionais e do mundo virtual e a criação de alternativas próprias de comunicação.

Os efeitos socializadores dos mundos da família, da comunidade, da escola e do trabalho construíram esquemas disposicionais socialmente requisitados, ou seja, que se manifestaram de forma voluntária e afetiva. Eles sinalizam que a tendência para agir ativamente no jogo de entrada e saída do jornalismo é indicador de uma variação geral, que se pode observar em vários momentos da vida de Antonio.

Essas disposições podem entrar em crise se ele não encontrar tempo para continuar a exercer o papel de repórter-amador, isso porque começou a realizar um estágio e está pensando em dedicar mais tempo ao novo desafio. É importante considerar, no entanto, que Antonio deixa evidente que, em algum momento de sua trajetória futura, poderá entrar em um curso de jornalismo. É um projeto que revela a força de seu esquema para querere agir ativamente e realizar práticas jornalísticas. A seguir um resumo dos principais pontos da análise dos esquemas disposicionais de Antonio Empreendedor.

Antonio Empreendedor
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Construiu disposições hedonistas para as ações sociais e políticas. Foi socializado em uma pequena comunidade, formada pelas famílias dos pais, que tinham identidade de pertencimento com o bairro onde moravam. Era o universo particular de Antonio. Do pai, adquiriu o interesse por temas que, inicialmente, o levaram a interagir com a grande imprensa: transportes e trânsito. A instabilidade financeira com o desemprego do pai marca fortemente a trajetória dele, motivando-o a ser mais ativo, a buscar alternativas para empreender e ajudar a família, sem perder o foco no social. Não compete com a autoridade do pai. Quando a internet chega em sua casa e toma conhecimento do fórum colaborativo do DP, inicia a interação com a grande imprensa. Depois, aciona os seus esquemas disposicionais para escrever as suas próprias notícias em dois blogs.
Comunidade	O bairro da periferia onde nasceu e cresceu é o seu lugar de pertencimento no mundo, onde encontra fatores favoráveis para acionar os seus esquemas disposionais que os leva a ser assistencialista e a atuar politicamente em prol do bairro. Sofreu influências da avó e da mãe que já tinham essas disposições, diferentemente do resto da família. Quando começa a interagir com a grande imprensa e a ter os seus blogs é reconhecido pela comunidade, isso o estimula ainda mais a desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador.
	As disposições hedonistas para ações culturais são estimuladas por uma professora e

Escola	não pela instituição em si. Ela o apresenta aos jornais e o incentivar a ler e escrever de forma critica. Cria contexto e relações favoráveis para fortalecer as tendências para as práticas sociais e políticas. Quer criar um jornal e uma rádio comunitária, mas não encontra ambiente favorável porque nenhum colega quer participar dos projetos.
Trabalho	Disposição hedonista, apesar da instabilidade financeira da família. Como não se sente responsável por dividir com o pai a função de provedor, mesmo sendo o filho mais velho, busca alternativas para ter dinheiro para as suas despesas. Constrói um caminho que o leva a ter satisfação nas diversas atividades. Monta uma mercearia em casa para conciliar o perfil empreendedor com os estudos e não contrariar os pais, principalmente a mãe. O ambiente fica mais harmonioso quando o pai consegue, após 17 anos, um emprego fixo. Quer investir no curso de administração para melhorar o próprio negócio, mas não esquece do sonho de entrar para o curso de jornalismo.
Jornalismo	A família tinha o hábito de acompanhar o noticiário da televisão, mas ele só foi despertar para a necessidade de se manter atualizado quando foi estimulado por uma professora. Com ela, passou a ler de forma crítica as notícias. Como a família não tinha dinheiro para comprar jornal, lia o que encontrava na sala dos professores e pedia para uma tia trazer do trabalho. Quis criar um jornal e uma rádio comunitários, mas não encontrou amigos que quisessem participar do projeto. Com a internet, passou a colaborar com a grande imprensa e criou dois blogs para escrever notícias, um deles sobre a comunidade em que mora. Tentou entrar em um curso de jornalismo, mas não conseguiu passar no vestibular.

Fatores de motivações internos e externos

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo	A necessidade de lutar pelos problemas da comunidade, o prazer de escrever e revelar informações do bairro, o reconhecimento dos familiares, moradores do bairro e internautas, a solução de problemas, divulgar informações nos jornais e escrever em seus blogs.
O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	Redução do aproveitamento das pautas pelo DP, discordar da forma como as informações eram aproveitadas e fim da página do cidadão-repórter na versão impressa do DP.
Fatores de ativação interna (disposições)	Disposições para as práticas políticas (mundos da família, da escola e da comunidade), culturais (mundos da escola e do jornalismo) e sociais (mundos da família, da escola, da comunidade e do jornalismo).
Fatores de ativação externa (aspectos relacionais e contextuais)	Interação com a comunidade, pedidos para solucionar problemas, reconhecimento de amigos e familiares, acesso à internet, uso do computador, interação com empresas de comunicação e jornalistas, participação no fórum do Diario de Pernambuco, produção da informação e acompanhamento das notícias.

4.3 O universo de Carlos do Som: educador social, filho de pedreiro e ex-empregada doméstica

4.3.1 Perfil

A trajetória de vida de Carlos do Som esteve sempre permeada por episódios que fortaleceram e ativaram as suas disposições diacrônicas e sincrônicas para a comunicação.

Esses traços disposicionais se revelaram desde que era criança, mas não foi fácil enfrentar as resistências do pai e as variações de um mundo familiar repleto de comportamentos ambivalentes.

Na mãe, Carlos encontrava apoio, carinho e estímulo para participar de atividades que o levavam a ter fortes tendências para se integrar a ações voltadas para a comunidade, a política e a cultura, que se manifestavam de forma requisitada, ou seja, voluntariamente. No pai, percebia o estranhamento de um homem que não entendia a sua necessidade de se expressar, interagir e cultivar relações sociais que mobilizassem disposições não valorizadas por ele.

A mãe foi empregada doméstica durante muitos anos. Acionou as suas tendências ascéticas para manter a família, mas nunca deixou de sonhar. Desejava voltar a estudar e construir outra carreira, ligada ao capital intelectual. Já o pai era um homem de disposições ascéticas, forjado para o trabalho braçal. Carlos dizia que não identificava tendências hedonistas no pai. Era um pedreiro reconhecido e queria que o filho fosse o seu herdeiro. Carlos reconhecia ser o pai que sustentava financeiramente esse núcleo familiar.

Em função do bom desempenho do pai na profissão, a mãe deixou o emprego de doméstica para perseguir o seu sonho. Transformou-se em educadora social e entrou em um curso universitário de pedagogia para ser professora, caminho que ela trilhou por influência das disposições do filho, sempre envolvido em práticas que estimulavam as tendências dele para a comunicação, que passavam por disposições para o assistencialismo, a compreensão do outro e a superação de problemas pessoais.

Foi nesse cenário que conversamos com Carlos, um educador social que na época das entrevistas tinha 24 anos. Ele é um caso claro de variação disposicional dentro do mundo da família original. Sem o apoio da mãe e o incentivo de atores com os quais se relacionou no mundo da escola, teria sido ainda mais difícil para ele superar as posições ambivalentes dos pais e acionar os seus esquemas disposicionais para ser repórter-amador.

Entrevistamos Carlos entre novembro de 2011 e maio de 2012 a partir de contatos que fizemos através do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP), canal em que ele se inscreveu em 2007. No início, contou que ficava *online* 24 horas por dia, interagindo com os jornalistas e os outros internautas cadastrados. O primeiro contato que tivemos com ele foi por mensagem eletrônica. Antes do encontro, falamos algumas vezes por telefone. Ele ocorreu na sede de uma organização não governamental, no centro do Recife, para a qual Carlos realizava alguns trabalhos como educador social. Ele já tinha feito, como aluno e monitor, oficinas de rádio e trancado o curso de jornalismo no 4º período.

Curioso e falante, as entrevistas com Carlos eram longas. Algumas duraram mais de duas horas. Ele sempre se mostrou disponível para responder a todas as indagações formuladas. O segundo encontro foi em uma repartição pública da Prefeitura do Recife, uma vez que Carlos realizava um trabalho para o município. Os dois últimos encontros ocorreram na sede da ONG. A cada entrevista, Carlos ficava mais à vontade para discorrer sobre a sua trajetória, mas sempre se mostrou reticente para falar do pai. Os encontros o fizeram relembrar de episódios, como ele mesmo chegou a dizer, que estavam adormecidos em sua memória afetiva.

4.3.2 Mundo da família original: as disposições ascéticas do pai e hedonistas da mãe

Carlos nasceu no Recife. Até a finalização de nossas entrevistas, era solteiro e morava com os pais e as irmãs em uma casa, construída pelo pai, em um bairro da Zona Oeste da capital pernambucana. Era o segundo filho e único homem. A diferença de idade para a irmã mais velha era de cinco anos e para a irmã mais nova, de dois. Pelo que narrou, era mais próximo da irmã mais nova com quem brincava muito na infância.

A irmã mais velha dividia com a mãe a responsabilidade de dar assistência aos irmãos, já que, na infância, a mãe passava o dia no trabalho. Eles ficavam sozinhos. A mãe ainda tinha que se dividir entre o trabalho e os cuidados com a avó materna, que estava doente. Quando a irmã mais velha começou a trabalhar, Carlos e a mais nova passaram a fazer quase tudo sozinhos, isso, segundo ele, o fez amadurecer mais rápido.

Carlos falou com carinho das irmãs, mas deixou claro que elas não apresentavam as mesmas disposições para se motivarem a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo, como ele. Apesar de passarem por processos de socialização semelhantes na família e na escola, as irmãs não tinham tendências para a compreensão do outro e para o assistencialismo, assim como para as atividades políticas e culturais que ele realizava dentro e fora da comunidade onde morava. São essas inclinações que, ao nosso ver, estão na base dos esquemas disposicionais acionados inconscientemente por Carlos para que pensasse e agisse como repórter-amador. Na escola, elas não se envolveram, por exemplo, em atividades extra-classe, como as oficinas de arte e de comunicação.

Os pais de Carlos não nasceram no Recife. A mãe é natural de Buenos Aires, Mata Sul de Pernambuco. O pai veio do Estado vizinho, da Paraíba, mas ele não soube informar de qual município. A mãe chegou ao Recife com 14 anos para trabalhar em casa de família. Os irmãos mais velhos dela já estavam empregados na capital. Todos procuraram deixar o interior para tentar melhorar de vida. Ela tinha nove irmãos.

Já o pai veio com a família. Foram morar na Torre onde residiam até a realização das entrevistas. Carlos falou muito pouco sobre a família do pai e não soube, ou não quis, responder a respeito do casamento dos pais para explicar como eles se conheceram. Deixou transparecer que não entendia como dois indivíduos com disposições tão diferentes tinham decidido formar uma família. Mostrou resistência para comentar sobre o perfil do pai, sinalizando que a relação dos dois era conflituosa.

Quando os pais casaram, alugaram uma casa que ficava próxima à dos avós paternos, na Torre. Quando tinha meses de nascido, a família se mudou para o Rio Grande do Norte. O pai recebeu um convite para trabalhar em uma usina de cana-de-açúcar, ficaram por dois anos. O pai exercia a função de porteiro da usina. Nas horas vagas, trabalhava como pedreiro, a atual profissão dele.

Ao retornarem ao Recife, a família foi morar em uma casa, construída pelo pai, em um terreno comprado pela avó materna, que ficou viúva e decidiu deixar o interior com os filhos menores, os mais velhos já estavam estabelecidos na capital. Todos construíram as suas casas no mesmo local, nesse bairro da Zona Oeste onde residiam até a realização das entrevistas.

Carlos não chegou a conhecer o avô materno, mas descobriu que tinha muitas afinidades com ele. A partir de seu relato, compreendemos que as disposições da mãe para a comunicação foram forjadas na socialização com o pai dela. A mãe contou que o avô dele ouvia muito rádio. No interior, uma das diversões da população era acompanhar a programação radiofônica. Carlos disse que os tios identificavam as semelhanças entre ele e o avô. O estímulo da mãe para que ele construísse tendências para gostar de ler e acompanhar as notícias surtiu efeito, essas inclinações estão nas origens da construção dos esquemas disposicionais acionados por ele para o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Parte da família materna ainda mora no interior, na Mata Norte. Por isso, de vez em quando, ele viaja para visitar os parentes. A avó materna já faleceu. Carlos expressou que sempre teve uma ligação maior com os parentes da mãe, que estavam mais presentes em seu cotidiano. Afinal, todos residiam no mesmo bairro. A avó passou por uma doença que precisava fazer hemodiálise e isso os aproximou ainda mais. A mãe dele dava muita assistência à avó, percebemos que essa relação contribuiu para que ele construísse as tendências ao assistencialismo e o olhar para o outro.

As disposições diacrônicas de Carlos que o impulsionaram a gostar de ler e escrever, sempre de forma crítica, como gostava de deixar claro, foram herdadas da mãe. Carlos tinha muitas afinidades com ela, que criou um contexto favorável para ele pudesse construir os

esquemas disposicionais que o motivou a ser repórter-amador, essa tendência é tão forte que ele chegou a entrar em uma universidade para cursar jornalismo, mas trancou.

Ele e a mãe tinham o hábito de conversar muito. Ele chegou a expressar que a mãe "era o seu porto seguro". Carlos frisou que essas suas disposições para ler e escrever foram percebidas pela mãe desde a infância. Na época, ela trabalhava como empregada doméstica e levava os jornais dos patrões para casa, mesmo que fossem antigos. Ele ainda não sabia ler, mas ficava admirando as imagens. Depois que aprendeu a ler, afirmou que consumia "tudo o que via pela frente".

Em função do ritmo de trabalho, a mãe, segundo ele, não tinha tempo para ler muito, mas sempre assistia aos telejornais para se informar. Carlos explicou que ela gostava de se manter atualizada, o que sinaliza que tinha herdado as disposições diacrônicas do avô materno. A mãe, contudo, segundo Carlos, não se sentia motivada a canalizar essas tendências para o agir ativamente no jornalismo, como aconteceu com ele. Ela não encontrou um contexto favorável para desenvolvê-las, talvez inibidas pela disposição ascética de cuidar da família.

Para Carlos, a mãe percebeu as suas disposições para a comunicação e tratou de incentivá-lo a estudar. Dos três filhos, ele era o único que se interessava em ficar por dentro das notícias. Por isso, mesmo com o orçamento apertado, a mãe comprava os jornais de vez em quando para que ele pudesse ler, principalmente aos domingos.

A mãe deixou de trabalhar como empregada doméstica quando ele tinha 16 anos. O pai estava conseguindo bons trabalhos como pedreiro e passou a tirar um rendimento maior ao final do mês. Ela então decidiu correr atrás de seu sonho, foi estudar mais. Completou o ensino médio e fez o magistério. Entrou em uma faculdade particular para cursar pedagogia. Na ocasião das entrevistas, ela tinha até conseguido um estágio. A mãe era, assim como ele, educadora social.

O pai, segundo Carlos, não quis investir nos estudos. Parou no 5º ano do ensino fundamental I e não demonstrava nenhuma vontade de voltar à sala de aula. Carlos fez questão de frisar que os dois eram bem diferentes, revelando desapontamento em relação ao pai e admiração pela mãe. Carlos, contudo, admitiu que na área em que ele trabalhava, o pai era um dos melhores, reconhecido por todos como um bom pedreiro. Nesse ponto, Carlos tinha semelhanças com o pai, mostrava interesse em investir muito em tudo o que fazia para se destacar, assim como o pai. Cada um, em sua atividade.

Carlos expressou um grande orgulho pela trajetória da mãe, que veio do interior para o Recife para ser empregada doméstica, mas não se acomodou. Ele afirmou que ela tem

disposições naturais para ser líder. Quando ele era adolescente e frequentava as reuniões dos fóruns das juventudes, como iremos descrever mais à frente, a mãe o acompanhava. Primeiro, porque ele era jovem. Depois, continuou porque se interessou pela atividade. Segundo ele, foram essas reuniões que estimularam a mãe a "dar um novo rumo à vida dela".

4.3.3 Mundo da educação: disposições para o agir ativamente fora da sala de aula

Carlos sempre estudou em escola pública até concluir o ensino médio. Aos nove anos de idade, foi convidado por um professor da rede de ensino da Prefeitura do Recife para participar de uma colônia de férias, lá mesmo na instituição. Começou a se integrar aos grupos de teatro e de dança e gostou das atividades ligadas à cultura. Depois dessa experiência, procurava participar das apresentações, mobilizando colegas e professores. As atividades extraclasse eram mais atraentes do que as realizadas em sala de aula.

A partir do ensino fundamental II, foi para uma escola maior, mantida pelo governo do Estado. Lá, teve a possibilidade de participar de outras atividades. Em função de seu jeito comunicativo e da iniciativa em ser proativo e se integrar aos grupos culturais, formados nas inúmeras atividades extraclasse que o colégio oferecia, foi escolhido para ser líder de turma. Dessa forma, teve reconhecidas as suas disposições para ser líder, qualidade relacionada à oratória e à capacidade de mobilizar o outro, que fazem parte das inclinações para as práticas sociais e políticas. Foi nessa época que começou a fazer as oficinas de rádio comunitária. Nelas, conheceu uma rede de mobilização de atores que participavam ativamente dos movimentos populares nos bairros.

Carlos encontrou, nessas oficinas e eventos, o contexto favorável para que as suas disposições para as ações sociais, políticas e culturais começassem a ser ativadas e se manifestassem de forma requisitada, ou seja, de maneira voluntária como se fossem quase uma autoexigência. Por meio das oficinas de rádio comunitária, Carlos criava as condições necessárias para ativar todas essas inclinações, que o motivaria a ser repóter-amador.

As oficinas despertavam em Carlos o interesse de falar sobre a realidade das comunidades e de conversar com os moradores sobre a melhoria das condições de vida no bairro, ações que estavam relacionadas às disposições para orientar e mobilizar o outro. Carlos disse que "se encontrou" nas atividades desenvolvidas fora da sala de aula. Desde então, passou a ter certeza que era esse tipo de trabalho que queria fazer: uma comunicação voltada para o social, como iremos aprofundar mais adiante.

Nesse período, conheceu um professor de geografia que aplicou uma didática de ensino que envolvia a comparação de notícias. Para verificar como as mesmas informações

eram trabalhadas por diferentes veículos de comunicação, os alunos tinham que ler e assistir à noticia sobre um determinado fato, editada em jornais impressos e na televisão. O que contribuiu para aguçar ainda mais o senso crítico de Carlos. Ele, porém, já tinha o hábito de se atualizar por meio dos jornais, introduzido pela mãe. Como não tinha dinheiro para comprar os periódicos, lia as notícias dos jornais que ficavam na sala dos professores.

Ao final do 9º ano, Carlos tinha conseguido acumular uma certa experiência nas oficinas de rádio comunitária. Com isso, passou de aluno para monitor. Como a atividade era desenvolvida na rede pública, os servidores da Prefeitura do Recife, que atuavam no setor, observaram as habilidades dele e o chamaram, como voluntário, para fazer a locução em rádios comunitárias que operavam com o apoio do município.

A escola também começou a indicá-lo como o seu representante para participar de encontros de jovens que debatiam sobre educação, uma vez que sempre se engajava nas atividades da instituição. Nesses eventos, a escola colocava um ônibus para transportar alunos e professores. A mãe sempre o apoiava e autorizava as suas viagens.

Como se destacava nesses encontros, passou a ser convidado diretamente pelos organizadores dos fóruns que realizavam debates sobre educação pública. Na ocasião das entrevistas, Carlos estava participando de vários movimentos que lutavam pelo acesso à universidade pública e pelo direito à comunicação. Conquistou um espaço nesses fóruns, o que contribuiu para fortalecer ainda mais as suas disposições para agir ativamente no jornalismo, atualizadas nos contextos e nas relações que ele passou a manter com atores que tinham interesses em comum.

Percebemos que ele procurava se aproximar de atores que tinham disposições semelhantes à dele, como a mãe que não acionava os esquemas para agir ativamente no jornalismo, mas construía um contexto favorável para o filho seguir esse caminho.

Nas rádios comunitárias, Carlos começou a participar ativamente do processo de produção da notícia e entrava em contato com a grande imprensa para falar dos problemas da comunidade. Esse movimento teve inicio antes mesmo de ele conhecer a internet e ter acesso ao computador, fatores de ativação externos que facilitaram a sua interação com a grande imprensa por meio da qual comentava notícias e enviava sugestões de pautas. Nas rádios, encontrou uma situação favorável para ser repórter-amador e, com a sua tendência para a comunicação, tornou-se fonte para a grande imprensa.

Carlos não era um ativista isolado dentro do colégio, participava de um grupo que reunia outros amigos. A maioria morava na mesma comunidade. Para ativar essas disposições, tinha que levar uma espécie de vida dupla e ser ambivalente, transitar entre a família e esse

novo mundo que se abria e com o qual tinha muitas afinidades. Na família, o pai o pressionava para que seguisse o seu ofício, o de pedreiro. Não entendia, segundo Carlos, o seu envolvimento com esses movimentos. Ele contava, porém, com o apoio da mãe e de amigos.

Com o tempo, todavia, os amigos foram deixando essa prática para seguir outras trajetórias, mas Carlos continuou. Ele se esforçou para conciliar a atividade na rádio comunitária com o trabalho como educador social. Carlos tentou se preparar para entrar profissionalmente no campo do jornalismo e ingressou em uma faculdade particular para se capacitar. Trancou o curso no 4º período porque não conseguia mais pagar a mensalidade. Quer seguir a profissão de jornalista, não apenas por amor, mas como campo de trabalho, o que ainda não conseguiu.

4.3.4 Mundo da comunidade: o comunicador do bairro

De líder na escola à condição de líder na comunidade onde morava foi um pulo, mas Carlos não queria que a sua disposição para a liderança fosse confundida com a de um líder tradicional. Para ele, o líder comunitário mais tradicional era um cabo eleitoral, ou seja, um indivíduo que usa o seu prestígio na comunidade para ganhar dinheiro junto aos políticos, trocando favores por voto, o que, para Carlos, seria pensar mais nele do que no coletivo.

Era justamente essa política assistencialista que Carlos queria combater, preferia desenvolver tendências para a orientação mais pedagógica e para a luta por uma vida melhor. Por meio de sua inclinação para liderar e mobilizar o outro, gostaria de conscientizar os moradores da comunidade que eles próprios tinham poder para exercer pressão popular e conseguir ações públicas para o local. Não precisariam dever favor a nenhum político. Carlos se descreveu como um líder que não corria atrás de vantagens para si, mas de melhorias para a coletividade.

Carlos costumava acionar inconscientemente as suas disposições para as práticas sociais e políticas quando participava das mobilizações no bairro onde morava. Fazia trabalho voluntário, também com o incentivo da mãe. Ela integrava um grupo de mulheres que promoviam atividades relacionadas à cultura e ao lazer na comunidade. Por discordar da forma como os diretores da associação do local trabalhavam, utilizando, segundo ele, a instituição para ganhar dinheiro e trocar favores por voto, Carlos decidiu disputar a eleição que escolheria a nova direção da entidade. Foi compor a chapa de oposição.

A disputa repercutiu na própria família porque um tio paterno fazia parte da chapa da situação, que queria renovar o mandato. A família terminou se dividindo. Uma parte, de acordo com ele, apoiou o tio. A outra, Carlos. A mãe ficou ao seu lado, mas ele perdeu a

eleição. Depois dessa disputa, não quis concorrer novamente. Ele e os amigos descobriram que poderiam mobilizar a comunidade através de outros caminhos, atuando na rádio comunitária e criando outra entidade. A rádio do bairro já existia quando Carlos começou a colaborar com a sua programação. Por conta das fortes disposições para o jogo do agir ativamente no jornalismo, tomava a iniciativa de participar constantemente.

A nova entidade surgiu porque ele e os amigos discordaram da interferência de políticos na organização de um arraial junino na comunidade. Os políticos queriam apadrinhar o evento e ter o nome deles estampados em faixas. Tradicionalmente, os dirigentes da associação costumavam buscar dinheiro com políticos para promover essas festas. Carlos preferia que a prefeitura, como instituição pública, chegasse à comunidade e não um político em particular virasse padrinho da comemoração do São João.

O grupo que Carlos criou com os amigos tinha por objetivo promover o direito à cultura, à arte e à informação. Por meio dele, nosso repórter-amador acionava as suas disposições para as práticas sociais, políticas e culturais, promovendo, por exemplo, encontros entre os grupos de teatro e os jovens da comunidade.

Em relação às práticas culturais, ele se sentia motivado a consumir bens culturais quando estava na escola e na comunidade com os amigos, também quando exercia funções em projetos vinculados à Prefeitura do Recife e às organizações não governamentais em que atuava. Externou uma variação disposicional nesse setor porque, apesar de gostar da leitura de uma forma geral, admitiu não ler livros, preferir jornais e revistas.

Não era estimulado a ler e escrever por todos os membros da família, só pela mãe. No tempo livre, gostava de acompanhar as notícias em jornal e revista, preferia as versões impressas às digitais. Sempre frequentava bares com os amigos, mas raramente ia ao cinema, teatro, museu, livrarias e bibliotecas, optava por eventos do circuito alternativo da comunidade em que vivia, muitos deles protagonizados pela entidade que ajudou a criar. Por ser arte-educador, tem uma forte disposição para as práticas culturais, apesar de demonstrar variações no consumo desses bens.

As tendências para as ações sociais na comunidade começaram a se manifestar em Carlos quando ele participava dos eventos que debatiam os movimentos sociais, a educação e a comunicação. Ele se envolveu cedo com atos ligados ao grupo político que administrava a Prefeitura do Recife. As atividades nas rádios comunitárias e as relações com os seus atores mostraram um caminho quase natural para ele: o da filiação a um partido político. Em função de sua vinculação com a prefeitura, inscreveu-se no PT, legenda que administrou a prefeitura da capital de Pernambuco por três gestões seguidas, de 2000 a 2012. Mesmo assim, ressaltou

que tinha independência para criticar os gestores da prefeitura. Dizia que não devia nenhum favor a político.

> Olhe, meu vínculo político partidário é uma coisa. Na comunidade ou em qualquer outro espaço, eu não atuo pela questão política-partidária, não vai me influenciar de jeito algum. Todo mundo na minha comunidade conhece que eu trabalho na prefeitura, mas, na hora em que eu vou criticar, critico. Deixo muito bem claro tanto para a comunidade como para o partido (Carlos).

Ao lado da mãe, Carlos participava das reuniões de um programa da prefeitura chamado de Orçamento Participativo (OP) por meio do qual opinava sobre as ações que o município deveria realizar no bairro. Disse que era militante de mobilização, fazia o trabalho social para conscientizar os indivíduos de seus direitos.

> Hoje, eu tenho uma intervenção na prefeitura. No governo do Estado, pouquíssimo, mas de vez em quando a gente consegue intervir. Mas é porque o meu formato de liderança é outro. Eu não quero status para mim. Eu quero status para a minha comunidade, para onde eu estou. Os problemas da comunidade estão acima de tudo. Se é para criticar a Prefeitura do Recife mesmo trabalhando na gestão, critico. (Carlos).

Apesar de suas disposições para a ação política, quando vai votar nem sempre leva em consideração o partido nem a identificação pessoal com o candidato. Afirmou preferir verificar as propostas, mas admitiu que não cobrava as promessas feitas pelos candidatos em quem votou. Disse, contudo, que sempre buscava informações sobre política na internet, acessando sites de partidos e de políticos. Costumava assistir à propaganda na TV e acompanhava as televisões fechadas que transmitiam as sessões do Poder Legislativo. Na campanha de 2012, chegou a cogitar a possibilidade de disputar um cargo para a Câmara de Vereadores do Recife, mas desistiu.

As fortes tendências de Carlos para as ações relacionadas às práticas sociais, não só à sua comunidade, e às políticas o levaram a participar de seis grupos, incluindo redes presenciais e virtuais, uma parte deles voltada para o direito à educação. Carlos afirmou que essa motivação "não está no sangue, mas no contexto social". Não conseguia perceber as influências do avô materno e da mãe, que foram introjetadas inconscientemente. O seu trabalho na comunidade também o fez acionar disposições para a ação religiosa, construídas a partir de tendências identificadas nas ações da mãe.

Carlos afirmou que era um "católico ecumênico" porque transitava por várias religiões, como as evangélicas e as de origem africanas. Como a mãe era católica, levava os filhos, quando crianças, aos domingos para a missa, também para a pastoral da criança e da juventude, da qual participava como voluntária. Carlos recebeu os sacramentos do batismo, da

primeira comunhão e da crisma. Ele reconheceu que a religião contribuiu para estimular as inclinações para olhar o outro e ser solidário. Ao crescer, afastou-se do dia a dia da igreja.

4.3.5 Mundo do trabalho: conciliar disposições requisitadas e constituídas

Carlos se identificava como educador social. Era contratado para fazer trabalhos temporários através de projetos ligados a organizações não governamentais e instituições públicas. Desde que começou a fazer oficinas de rádio e a participar de eventos organizados pelos movimentos populares, construiu uma relação de proximidade com atores vinculados ao PT e à Prefeitura do Recife.

Aos 16 anos, encontrou o primeiro trabalho. Incorporou-se à equipe de comunicação da PCR, realizando um estágio como arte-educador. Era monitor das oficinas de rádio ministradas para crianças e adolescentes. Quando completou 18 anos, foi contratado. Ficou até 2010 nessa função, administrando oficinas. De 2010 até 2011, foi para a Secretaria de Ação Social também exercendo a função de arte-educador. De 2011 a 2012, na Secretária de Saúde, mudou de atividade. Fez parte de um programa focado em jovens usuários de drogas.

Já esteve vinculado a uma organização não governamental, integrando projetos de mobilização e educação social em comunidades e entidades dos movimentos sociais. Promovia oficinas de teatro, rádio e artes em geral. Em todas essas atividades, o rendimento individual de Carlos ficava sempre em torno de três salários mínimos, valor semelhante ao do orçamento familiar, sempre colaborou em casa com o pagamento de algumas contas, mas não chegava a ser uma obrigação.

Passou pela experiência também de fazer locução em carros de som nas comunidades. Segundo ele, era a "internet" dos bairros da periferia. Usava os carros de som pelo menos uma vez por mês tanto para divulgar os projetos de seu grupo comunitário como os de outras entidades. Como apresentou desde criança disposições fortes para atuar na área de comunicação, a partir de ações que deflagrou nos movimentos sociais e culturais na escola e na comunidade onde morava, Carlos conseguiu montar estratégias que atualizavam sempre as suas tendências para agir ativamente no jornalismo ao longo de sua trajetória de vida.

Ao reconstruir o seu retrato sociológico, percebemos que os fatores contextuais e relacionais terminavam sempre o levando a acionar inconscientemente os seus esquemas disposicionais para que atuasse como repórter-amador. O desempenho e o interesse nas oficinas de rádio, realizadas ainda no ensino fundamental II, mostraram que ele tinha habilidades para ativar essas disposições. Ao participar de fóruns sobre rádios comunitárias,

educação e comunicação pública, foi fortalecendo esses esquemas. A Prefeitura do Recife percebeu e começou a convidá-lo para os seus eventos.

Ao se destacar, foi chamado, aos 19 anos, para uma experiência na Rádio Criatividade, que era comercial. Revelou que foi uma "missão" que recebeu da prefeitura. Ficou seis meses como voluntário, participou de um programa transmitido aos sábados. Ele não deu maiores detalhes sobre o conteúdo desse programa.

Esse fato ocorreu antes de se integrar à rádio comunitária de seu bairro. Depois, foi para a Rádio Morada FM, ficou dois anos, participando de um programa que falava de cultura e que tinha grande inserção em sua comunidade. "Fazia por prazer", disse, completando que não recebia remuneração. Essa participação, porém, foi importante para a formação de seu capital cultural, que influenciaria na construção de sua disposição para ser líder na comunidade.

Ficou claro que as três experiências em rádio passavam pela ligação dele com a prefeitura, porque havia uma influência do Poder Executivo no conteúdo das programações dessas emissoras, até porque a prefeitura deveria repassar verbas para esses veículos. Apesar de admitir que se filiou ao partido, Carlos negou ter sido utilizado como garoto propaganda das gestões por ser jovem e se comunicar bem. O fato é que ele ocupou cargos comissionados nas gestões do PT na Prefeitura do Recife.

Na rádio da comunidade, não tinha um programa pré-definido. Quando possuía informação que julgava importante, Carlos gravava a sua entrada, apresentando-se como repórter. Ele afirmou que não recebeu remuneração para isso, fazia voluntariamente. Era parte de suas disposições para as ações social e política na comunidade. Carlos, porém, era remunerado pela prefeitura que estimulava as suas tendências para a construção da imagem de líder na comunidade e entre os jovens, uma ação terminava influenciando a outra, por mais que ele não quisesse admitir.

As inclinações para atuar como repórter-amador já eram construídas e ativadas por Carlos desde a época do colégio, mas o pai, segundo ele, fazia pressão constante para que deixasse em estado de latência essas disposições para agir ativamente no jornalismo. Ele preferia que o filho seguisse a sua profissão de pedreiro. Queria tê-lo como herdeiro. Percebemos que o pai ativava as suas disposições ascéticas para estimular o filho a buscar estabilidade financeira, uma vez que não compreendia como as atividades que Carlos desenvolvia poderiam levá-lo a conquistar esse objetivo econômico.

Carlos, porém, posicionava-se contra, afirmando que continuaria investindo em trabalhos ligados aos movimentos sociais e à comunicação. Ele disse ao pai que não

trabalharia em uma coisa de que não gostasse ou com a qual não se identificasse, referindo-se à profissão de pedreiro. O pai, de acordo com o filho, construiu disposições ascéticas para o trabalho, planificando todas as suas tendências na busca por ganhar dinheiro para sustentar a família.

O pai não entendia o fato de as disposições sociais do único filho homem levá-lo a um caminho oposto, que, para ele, não trazia garantias de um capital econômico ao final do mês. Todas as atividades realizadas por Carlos ao longo da vida até a nossa pesquisa sempre estiveram ligadas a cargos que passavam por indicação política e por trabalhos temporários e informais.

Na ambivalência disposicional dos pais, Carlos encontrava apoio na mãe, que, ao nosso ver, termina deixando-o seguro para não fazer com que as suas tendência para o agir ativamente no jornalismo entrassem em crise em função da pressão paterna. Para Carlos, a mãe foi um exemplo. Inicialmente, acionou as disposições ascéticas para sustentar os filhos quando exerceu as funções de empregada doméstica. Depois, em um outro momento, teve condições de ir atrás de seus sonhos e acionou as suas disposições hedonistas. De empregada doméstica, passou a ser educadora social e a cursar pedagogia.

4.3.6 Mundo do jornalismo: as fortes disposições para atuar como repórter-amador

Com todo o aprendizado obtido nas oficinas de rádio e nos fóruns sobre comunicação, Carlos já realizava, antes mesmo do surgimento da internet, o jogo do agir ativamente, acionando os seus esquemas disposicionais para ser cidadão-repórter e repórter-amador. Ele perpassava todos os mundos sociais nos quais era socializado sem deixar de ficar atento às oportunidades que poderiam surgir para ativar essas tendências. Na fase inicial de sua trajetória, isso ocorria por meio das oficinas de rádio. Depois, na sua atuação na comunidade com o estímulo da Prefeitura do Recife.

Carlos dizia que o seu “jeito comunicativo” chamava a atenção da imprensa. Assim, mostrava os problemas da comunidade. Conseguia colocar o bairro na agenda dos assuntos que eram debatidos pelos veículos. Lembrou que, com o seu prestigio, deu visibilidade a um problema de segurança pública na comunidade, através de um programa popular de televisão, que discutia a violência. Nesse sentido, colaborava para a produção de pautas e de notícias da grande imprensa. Antes de mesmo de conhecer a internet e de ter um computador, interagia com os veículos pelo telefone. Já era um cidadão-repórter.

Quando descobriu que poderia ter um espaço próprio para fazer a notícia, além dos programas de rádio, criou um blog para colocar os assuntos que achava interessante, sem ter

que passar pelos filtros impostos pelos conglomerados de comunicação, o que contribui para abalar o campo do jornalismo . Em um episódio, ele observou que a reportagem produzida por uma emissora de televisão abordou o problema de uma rua de sua comunidade, aproveitou o mesmo tema para dizer, em seu blog, que transtorno semelhante era enfrentado por moradores de outras ruas. A comunidade via tudo, gostava e passava a reconhecer ainda mais as disposições de Carlos.

Com esse episódio, ele mostrou a sua capacidade de fazer o jogo do agir ativamente, transitando entre o campo e o mundo do jornalismo, mas dando ênfase ao blog, ferramenta que criou para ficar na interface entre aqueles dois espaços. Ele entrou no campo do jornalismo quando interagiu como cidadão-repórter para divulgar uma informação e saiu dele quando procurou aprofundar o tema, escrevendo no blog.

Nessas duas ocasiões, Carlos fez questão de ressaltar que "quem apareceu não foi ele, mas os moradores". Ele esclareceu que não procurava capitalizar esses atos para si, apesar de ser reconhecido por eles, mas envolver a comunidade para que ela se sentisse coparticipante da ação. O blog transformou-se em uma ferramenta importante na construção da imagem dele como produtor de notícia, uma vez que por meio desse espaço passou a ser fonte para os jornalistas. Disse que usava o blog para divulgar os problemas da comunidade. A internet também facilitava a mobilização porque os jovens do bairro se comunicavam por meio das redes sociais.

Ele começou a utilizar a internet diariamente desde 2007 quando passou a acessá-la de casa, buscando informação pelas redes sociais e outros espaços do mundo virtual, mas nunca deixou de assistir aos telejornais, escutar rádio e ler jornais e revistas. Quando conheceu o espaço do cidadão-repórter do Diario de Pernambuco, chegou a ficar conectado ao fórum durante o dia inteiro, postando mensagens escritas, raramente mandava imagens. Colaborava semanalmente, preferia remeter denúncias e reclamações.

> É uma forma de comunicação. Colaboro porque sou cidadão praticante. Uso todos os espaços possíveis, coloco informação mesmo que não seja aproveitado pelo DP. Acho que o material é aproveitado, principalmente quando é reclamação de serviço público. Coloco muitas sugestões de pauta de minha comunidade e dos movimentos que estou participando (Carlos).

Carlos avaliou que a mudança do Diario de Pernambuco, que extinguiu a página exclusiva do Cidadão-Repórter, terminou desestimulando a participação dos internautas no fórum. Nas matérias que eram publicadas pelo impresso, após essa reestruturação editorial,

não estava claro, segundo ele, se a pauta era do jornalista ou do cidadão-repórter. Mesmo assim, continuou interagindo.

Ele considera que é o "cidadão-repórter da comunidade", utiliza os canais abertos pelo DP e outros veículos para colocar na agenda da grande imprensa os indivíduos que estão fora dela, como os moradores de seu bairro. Para Carlos, há uma diferença entre o jornalista e o cidadão comum que produz notícia. "O repórter faz aquele texto com começo, meio e fim, ouve outras pessoas. O cidadão sente e coloca lá, reclama, denuncia", explicou. O cidadão escreve a notícia sem ter aquela preocupação de ouvir o outro lado, "fazendo da forma dele".

Carlos avaliou que a notícia elaborada pelo cidadão é mais real do que a do jornalista, uma vez que o cidadão está "vivenciando a comunidade". Além do mais, no blog, ele tem liberdade para escrever: "Ninguém modifica". O cidadão comum que consegue alçar a condição de repórter-amador, como estamos chamando nesta tese os atores que realizam o jogo do agir ativamente, contribui para, o que Carlos considera, "um jornalismo mais democrático". Carlos opinou, contudo, que não era qualquer indivíduo que poderia produzir notícia. Esse cidadão tem que ter determinadas qualidades, como senso crítico, estar bem informado e viver na comunidade em que mora e trabalha. O ator que tem essas competências, segundo Carlos, é quem está fazendo a mediação entre a população e o jornalista.

Ele colabora não só com o DP, mas com outros veículos, enviando informações não apenas da sua comunidade, mas de todos os lugares por onde passa. Diz que faz isso porque gosta. Declarou que queria investir na profissão de jornalista não só para ganhar dinheiro, mas porque gosta de compartilhar e discutir temas que o interessam. A internet, para Carlos, facilita o trabalho de quem quer buscar e produzir informação. Os indivíduos podem ir diretamente às fontes.

4.3.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Ao reconstruir a trajetória de vida de Carlos, por meio de entrevistas em profundidade e sucessivas, realizadas ao longo de seis meses, compreendemos que a construção de seus esquemas disposicionais, acionados por ele para que pudesse,

inconscientemente, agir ativamente no jornalismo, foi sendo formado a partir de disposições sincrônicas e diacrônicas manifestadas de forma voluntária desde criança.

Ao atravessar o estado social desdobrado e chegar à fase dobrada, percebemos que essas disposições receberam forte influência das tendências maternas. A mãe de Carlos transferiu para o filho os seus elos de disposições para a ação social, política, religiosa e cultural que, ao nosso ver, estão na base de uma força propulsora que faz o individuo pensar e querer ser mais ativo. Em nosso caso, realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Precisamos, inicialmente, entender as variações disposicionais de Carlos a partir da posição que ele ocupa dentro da configuração familiar. Ele foi o único filho homem de um casal formado por um pedreiro e uma ex-empregada doméstica. Carlos cresceu em meio ao emaranhado de tendências ambivalentes dos pais. Ao longo dos anos, ele foi desenvolvendo uma capacidade de transitar de um polo a outro.

De um lado, conheceu um pai ascético, educado para ser o provedor da família. Esse pai encontrou na profissão de pedreiro a oportunidade de realizar um projeto racional e planificador: obter estabilidade financeira. Pretendia estendê-lo ao único filho homem, que seria o seu herdeiro. Do outro lado, contudo, estava uma mãe, que terminou exercendo um poder de dominação sobre Carlos. Ela conseguia ir do ascetismo ao hedonismo, administrando os estágios de sua vida a partir dos contextos enfrentados, o que serviu de exemplo para o filho não desistir de seus projetos pessoais.

A mãe também tinha posturas ascéticas. Veio do interior para a capital com o objetivo de alcançar o seu sonho: estudar e ter uma profissão. Enquanto isso não acontecia, foi trabalhar de empregada doméstica e continuou a exercer esse ofício até que os filhos cresceram e o marido pôde prover a família. Quando o marido conquistou uma estabilidade financeira, ela pôde partir para realizar o seu sonho: voltar a estudar.

A mãe, ao reconhecer no filho as suas disposições para os gostos pela leitura, pela escrita, pelo estudo e por práticas sociais e culturais, não deixou que as inclinações racionais do marido apagassem as tendências hedonistas de Carlos. Afinal, era o que tinha ocorrido com ela quando casou e teve os filhos.

A partir dos depoimentos de Carlos, entendemos que essa mãe o influenciou fortemente para que construísse e ativasse os esquemas disposicionais que o motivariam a, desde criança, agir ativamente no jornalismo. As tendências para querer se expressar, buscar informações e dialogar com as empresas de comunicação, que contribuiriam para ele alçar a condição de repórter-amador, manifestavam-se inicialmente no avô materno, que Carlos nem

chegou a conhecer. O avô materno tinha o hábito de escutar o rádio, disposição que foi herdada pela mãe.

Quando a situação da família melhorou financeiramente, a mãe tomou a iniciativa de ter em casa a assinatura de uma TV fechada para ter acesso a outros canais de informação, um investimento alto para uma família que vivia de forma simples em um bairro de periferia. Essas disposições de Carlos, construídas na família original, foram fortalecidas e atualizadas nas escolas em atividades dentro e fora da sala de aula.

Em função desse contexto, aos 14 anos, ele participava ativamente de oficinas de comunicação, de rádios comunitárias e de atividades sociais, políticas e culturais na comunidade. Nessas oficinas, Carlos foi estimulado a orientar o outro a partir de seu exemplo, mobilizar, ser líder, expressar-se, buscar e transmitir informação, comunicar-se com as empresas de comunicação e criar espaços próprios para dialogar com outros atores, o que ocorreu inicialmente através de rádios comunitários e depois pelas redes socais.

O perfil de Carlos era singular e dissonante das duas outras irmãs, que tiveram as mesmas referências nos processos de socialização da família e da escola. Em relação à família, ele não tinha um sentimento de forte pertencimento, mas uma ligação especial com a mãe. Sentia mais satisfação hedonista quando estava na escola e nas atividades extraclasse do que com a família original.

Em relação aos amigos, Carlos encontrava características semelhantes em alguns que estudavam com ele e moravam na mesma comunidade. Por isso, não se sentia isolado ou sozinho. Ele procurou, de forma inteligente e criativa, conseguir as condições contextuais e relacionais necessárias para manter ativadas e atualizadas as disposições para o agir ativamente no jornalismo, o que a maioria dos amigos não obteve.

Ele aproveitou ao máximo todas as situações que se apresentaram ao longo de sua trajetória de vida, uma vez que a mãe deu a segurança afetiva necessária para ele não desistir de seus projetos, todos ligados à comunicação, como o pai queria. Assim, ocupou o espaço que a Prefeitura do Recife ofereceu para ele desenvolver os seus esquemas, para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. A maioria dos amigos que também desejava desempenhar os mesmos papéis sociais não conseguiu. Sem um contexto favorável de atualização, eles desistiram. Esse contexto estava relacionado à busca por alternativas para trabalhar e ganhar a vida.

Percebemos que Carlos conseguiu harmonizar dois movimentos aparentemente contraditórios: as disposições requisitas que davam satisfação hedonista e as constituídas que traziam um movimento de quase obrigatoriedade, de imposição. Isso ocorreu quando passou a

exercer as funções de educador social e de comunicador, estimuladas pelas funções que desempenhava na prefeitura. Conseguiu assegurar um espaço onde poderia ter tempo para ser cidadão-repórter e repórter-amador. Ele não era remunerado pelos conglomerados de comunicação, mas pela prefeitura que o levava a desenvolver atividades na área de comunicação com os jovens.

Ao longo das entrevistas, essas duas posturas, aparentemente antagônicas, não geraram nenhum tipo de contrariedade nas tendências hedonistas que acionava para realizar as práticas jornalísticas que observamos. O conflito maior de Carlos era com o pai. A mãe, contudo, não permitiu que as inclinações para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas do filho entrassem em estágio de latência, eram elas que estavam na base do esquema disposicional dele para agir ativamente no jornalismo. Ele sinalizou que esse esquema era forte e geral porque permaneceu sendo atualizado pelos fatores contextuais e relacionais.

Os aspectos econômico (um pai provedor), temporal (atividades profissionais que facilitavam o jogo do agir ativamente) e espacial (as escolas, as comunidades e os trabalhos) também criaram uma conjuntura que favoreceu o fortalecimento das tendências de Carlos para que ele conseguisse desempenhar, em grande parte da trajetória de sua vida, os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador, o que lhe trouxe satisfação hedonista.

Analisamos que o jogo do agir ativamente no jornalismo, impulsionado por disposições para as ações social, política, cultural e religiosa, manifestavam-se quando Carlos acionava os seus esquemas a partir de inclinações para o assistencialismo, a sensibilidade do sofrimento do outro, a superação de problemas pessoais, a orientação a partir do próprio exemplo, a mobilização, a liderança, o gosto pela leitura e pela escrita, o querer se expressar, o buscar informações, o diálogo com os veículos de comunicação e instituição de espaços próprios de comunicação. Abaixo um resumo dos principais pontos da análise dos esquemas disposicionais de Carlos.

Carlos do Som
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Conseguiu construiu na infância os seus esquemas disposicionais para a comunicação com a ajuda da mãe, a grande referência. Eles foram ativados de forma hedonistas nas oficinas de rádio. Adquiriu tendências para o agir ativamente por meio de disposições para a ação social, política, cultural e religiosa. Foi socializado por um núcleo familiar pequeno, apesar de morar próximo à família da mãe. Tinha identidade de pertencimento com o bairro onde morava. Do pai, herdou, de forma inconsciente, a disciplina e a dedicação para querer ser o melhor naquilo que fazia. Havia uma certa competição entre eles, mas o pai dava a estabilidade financeira para Carlos arriscar e ter novas experiências. O pai tentava apagar os seus esquemas disposicionais para o

	jogo do agir ativamente no jornalismo e isso provocava uma crise na relação dos dois. A mãe estava no lado oposto e sempre o apoiava em tudo. Foi dela que herdou a vontade de se comunicar e se manter atualizado, disposições que tiveram origem no avô materno.
Comunidade	Tem um forte sentimento de pertencimento à comunidade onde cresceu. Lá, além de morar, era o lugar onde ficavam as suas escolas. Construiu laços com os amigos. No bairro, foi estimulado a ter disposições para a ação social. Participava do dia a dia do lugar, utilizava uma rádio comunitária para atuar e construir a sua imagem de líder comunitário. Chegou a disputar uma eleição para dirigir a entidade do bairro, mas perdeu. Fundou então um grupo que agia na comunidade sem precisar da interferência dos líderes mais tradicionais.
Escola	Inicialmente, não são as atividades em sala de aula que vão impressionar Carlos e estimulá-lo a agir ativamente. As disposições hedonistas para agir culturalmente são desenvolvidas por meio de oficinas, ou seja, de atividades fora da sala de aula, que o levou a abraçar a profissão de arte-educador. Também houve uma professora, que o ensinou a ter uma visão comparativa dos veículos de comunicação e uma leitura crítica. Cria contexto e relações favoráveis para fortalecer as disposições para a ação social, cultural e política. Participa de rádios comunitárias. Tem um sonho: concluir o curso de jornalismo, trancado porque não tem como pagar as disciplinas.
Trabalho	Carlos foi encontrando contextos favoráveis para aliar uma atividade remunerada com o seu prazer de se comunicar. A relativa estabilidade financeira da família, permitia que ele seguisse em frente nessas experimentações. Não quer ser o herdeiro do pai, quer construir o seu caminho. Suas experiências estão ligadas geralmente à Prefeitura do Recife. O viés político é forte, que o leva a ativar as disposições para a ação política, cultural e social.
Jornalismo	Os pais costumavam acompanhar o noticiário, principalmente a mãe, que percebeu o interesse do filho pelas matérias dos jornais. Quando era doméstica, levava os jornais dos patrões para ele. Em algumas ocasiões, chegava a comprar. Por meio de atividades extraclasse, começou a fazer oficinas de rádio comunitária. Como não tinha muitos recursos, lia os jornais do colégio. Já colaborava com a grande imprensa, mesmo antes da internet. Com a grande rede, passou a ter mais possibilidade de se comunicar com os jornalistas para falar sobre os problemas de sua comunidade. Criou dois blogs no mundo virtual e participava ativamente da rádio comunitária de seu bairro. Entrou em uma universidade para cursar jornalismo, mas trancou por falta de dinheiro para pagar a mensalidade.

Fatores de motivação interno e externo

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo	Poder ser um instrumento para a população se expressar, ajudar a encontrar soluções para os problemas, reconhecimento dos indivíduos, a interatividade com os jornalistas e repercussão da informação.
O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	Redução do aproveitamento das pautas do DP, discordar da forma como as informações eram aproveitadas e fim da página do cidadão-repórter no DP.
Fatores de ativação interna	Disposições para a ação política (mundos da família, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo), cultural (mundos da família, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo), social (mundos da família original, da escola, da comunidade e do trabalho) e religiosa (mundos da família e da comunidade).
Fatores de ativação externa	Interação com a comunidade, pedidos para solucionar problemas, reconhecimento de amigos e familiares, acesso à internet, uso do computador, interação com empresas de comunicação e jornalistas, participação no fórum do Diario de Pernambuco, produção da informação e acompanhamento das notícias.

4.4 O universo de João do Ônibus: agente ambiental, servidor público e líder comunitário

4.4.1 Perfil

A separação dos pais foi decisiva para João do Ônibus começar a construir os seus esquemas disposicionais, que foram acionados inconscientemente para que pudesse realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Aos 14 anos, houve um grande deslocamento em seu padrão de vida. Foi da estabilidade à instabilidade financeira, quando a mãe descobriu que o marido tinha outra família. De uma infância tranquila, passou a viver uma adolescência turbulenta e cheia de brigas, envolvendo amigos e o próprio pai. A mãe assumiu o papel de provedora e enfrentou muitas dificuldades para manter os filhos.

Em função dos problemas financeiros, João teve que deixar a escola privada na qual tinha estudado até aquela idade para ocupar uma vaga na rede pública estadual. Disse que sempre andava de carro e de condução escolar particular, mas, de uma hora para outra, teve que enfrentar um ônibus lotado. Sentiu-se abandonado pelo pai de quem herdou, segundo ele, as disposições que o fizeram querer ser cidadão-repórter e repórter-amador, como o "jeito comunicativo" e o "lado contestador".

Inconformado com a situação da família original, chegou a abandonar durante um ano a sala de aula. Queria arrumar qualquer tipo de emprego para ajudar a mãe, que era dona de casa, não trabalhava, não tinha nenhum rendimento e ficou sem a assistência financeira do pai, que foi morar com a outra família.

Tudo isso ocorreu às vésperas, segundo João, da família mudar de vida. Os pais tinham decidido sair da comunidade na periferia, onde viviam, para um bairro de classe média, na Zona Sul do Recife. Era o sonho da família. Além dessas duas casas – a que eles moravam e a que o pai tinha comprado – , havia um terceiro imóvel, um apartamento em outra cidade da Região Metropolitana do Recife. Quando ocorreu a separação, o pai vendeu todos os imóveis, menos a casa onde os filhos moravam. Pouco tempo depois, ficou desempregado, o que trouxe mais problemas financeiros.

João passou por uma grande variação disposicional porque até concluir o ensino médio, não apresentava quase nenhum traço disposicional que o motivaria a querer colaborar com a grande imprensa e produzir informação. Sempre viveu na mesma comunidade, mas nunca tinha olhado para os problemas do coletivo, até que começou a sentir as mesmas dificuldades que os outros vizinhos, como andar em ônibus lotado, que não chegava ao ponto de retorno no horário.

Apesar desse processo ter sido enfrentado também pelos dois outros irmãos, apenas João construiu esquemas disposicionais que o fizeram ter um perfil singular em meio às influências dos processos de socialização recebidas pelos mundos da família original e da escola. O casamento também contribuiu para João ativar as suas disposições para as ações sociais, políticas e religiosas. É casado e pai de dois filhos. Como ele mesmo falou, quando formou o próprio núcleo familiar, sentiu-se ainda mais motivado a lutar por um bairro que pudesse dar mais qualidade de vida aos filhos. A sua participação ativa nas mobilizações da comunidade o levou a ser reconhecido como um líder no bairro.

Mesmo dividindo o tempo entre os mundos das famílias formada e do trabalho, João encontrava tempo para participar ativamente do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) na grande rede e produzir um blog de notícias, voltado para o transporte público. O ônibus que tanto detestava passou a figurar como o tema preferencial do blog que gostava de escrever no tempo livre. Chegava a entrar pela madrugada para redigir os textos e fazer pesquisa.

Ele disse que consultava diariamente mais de 30 sites de veículos de comunicação para se informar. Entrevistamos João quatro vezes entre novembro de 2011 e maio de 2012. Três desses encontros foram realizados em seu local de trabalho, uma policlínica da Prefeitura do Recife. A quarta conversa ocorreu na associação de seu bairro da qual fazia parte da diretoria, ficava perto da casa onde morava com a família formada. Extrovertido e comunicativo, João concedeu entrevistas longas e profundas. Nunca se negou a responder a nenhuma questão que lhe foi colocada, nem quando o assunto era a separação dos pais e a sua relação com o pai com quem contou ter muitas afinidades.

4.4.2 Mundo da família original: oscilação entre uma infância estável e uma adolescência conturbada

Quando realizamos as entrevistas, João tinha 33 anos, morava no mesmo bairro onde tinha nascido, na periferia da Zona Sul do Recife. Era o segundo filho. O irmão mais velho dele tinha, na época, 38 anos, e o mais novo, 31 anos. Em relação ao mais velho, as disposições de João oscilavam. Por um lado, tinha uma admiração pela dedicação dele aos estudos. Por outro, decepcionava-se porque ele era muito focado nele, não tinha, como João, um olhar voltado para o outro.

Enquanto o irmão mais velho estudava, João brincava e ficava na rua. Como resultado de tanto estudo, o irmão fez um concurso e passou. Conseguiu um bom emprego público, ocupava um cargo na Aeronáutica. Foi para o Rio Grande do Sul, casou, teve um filho.

Depois, separou e voltou para o Recife. Na ocasião da entrevista, estava morando com a mãe. Foi justamente a partir dessa época que a imagem que João tinha do irmão mais velho mudou.

A admiração se transformou em decepção porque, segundo ele, o irmão tinha uma situação financeira confortável e não ajudava a mãe, que continuava com um orçamento apertado. Mesmo ganhando bem menos do que ele, João disse que não deixava de contribuir com a mãe, comprando alimentos e pagando contas, apesar da despesa que tinha em casa com a família formada. Pelo que João contou, o irmão tinha uma disposição individualista, muito dissonante do perfil que o nosso repórter-amador possuía na ocasião das entrevistas, voltado para o coletivo, tendência formada após as dificuldades financeiras da família original.

A relação com o irmão mais novo era diferente. João se mostrou mais distante, mesmo sem citar nenhuma passagem de conflito. Ele não gostava de estudar, assim como João. Casou e passou a viver de comprar e vender imóveis e de emprestar dinheiro aos vizinhos. O irmão mais novo tinha uma postura que o incomodava por não ajudar a mãe financeiramente, mesmo tendo um padrão de vida semelhante ao mais velho.

A partir das retomadas de João nas entrevistas, ele revelou que a vida da família sofreu um forte abalo com a separação dos pais. Isso porque, quando saiu de casa, o pai já tinha outra família e um quarto filho, que na ocasião das entrevistas tinha 24 anos. A mãe não casou de novo, residia na mesma casa que ela e o ex-marido compraram quando casaram.

A história da família original de João, inclusive, tem uma forte ligação com a comunidade onde ele morava. Os pais se conheceram naquele espaço social, residiam em ruas próximas. Pelo que ele relatou, as famílias materna e paterna eram originárias do Recife e sempre moraram nesse bairro, mas não tinham inclinações para a vida na comunidade, não integravam nenhum movimento para reivindicar ações e políticas públicas para o local. Não chegou a conhecer os avôs que tinham falecido quando nasceu, apenas as avós.

A família da mãe era mais numerosa. A avó materna teve 14 filhos, a mãe dele era a mais velha. A lembrança que tinha da avó, era a de uma mulher calma e lutadora, assim como a mãe dele. Todos moravam na periferia, mas uma parte decidiu se mudar para o centro do Recife em função do negócio que mantinha. Isso ocorreu na adolescência dele. A família da mãe vivia de fazer e vender lanches em carrocinhas no centro da cidade.

Os demais membros da família continuaram a morar na periferia. Ele tem uma vinculação forte com a família da mãe, que esteve ao lado de João e dos irmãos após a separação dos pais dele. Por conta desse comportamento do núcleo materno, ele se preocupava com o futuro dos tios, que estavam envelhecendo. Eles nunca contribuíram para a previdência com o objetivo de assegurar uma aposentadoria.

A família do pai ainda vivia na comunidade. Os avôs tiveram três filhos, o pai de João era o mais velho. Ele já tinha convivido muito com esse núcleo, mas, depois da separação, houve um afastamento. Isso porque, segundo ele, a avó paterna sabia que o pai mantinha outra família e a mãe dele não perdoou. A avó também não ajudou na fase em que o pai deixou de contribuir financeiramente para sustentar a primeira família. O afastamento foi inevitável tanto que ele quase não comentava nada sobre esse núcleo paterno.

Os pais dele ficaram casados por mais de 20 anos e se separaram em 1993. Durante o casamento, o pai tinha um bom emprego. Era analista de sistema de uma empresa privada. A família possuía três imóveis: a casa onde moravam, outra em um bairro de classe média do Recife e um apartamento na cidade de Paulista, no Grande Recife. O plano era se mudar para o bairro que oferecesse uma melhor qualidade de vida à família, mas ocorreu a separação.

João tinha uma relação de proximidade e admiração com o pai – a quem atribuiu a origem de muitas de suas disposições, como a de ser comunicativo –, mas se afastou. Na ocasião da pesquisa, frisou que tinha retomado a afetividade com o pai e conversava com o meio irmão, até tinha arranjado um emprego para ele. João não queria, contudo, encontrar com a esposa do pai. Foi para ela que João direcionou a responsabilidade de todas as perdas que teve após a separação dos pais.

Ao lembrar daquela fase, João enumerou as mudanças pelas quais passou na adolescência em função da separação. Chegou a dizer que, se ela não tivesse ocorrido, a sua vida teria tomado um outro caminho. Ou seja, talvez não tivesse encontrado as motivações que o levaram a construir e aprofundar os esquemas disposicionais que ele acionava inconscientemente para querer ser cidadão-repórter e repórter-amador. João se referiu ao seu percurso nos mundos da família original, da escola e do trabalho, que iremos abordar mais adiante.

O pai de João não tinha concluído nem o ensino fundamental II, como a mãe, mas conseguiu um emprego que o remunerava bem na área de informática. Quando se separou, não deu nenhuma assistência financeira à família. Logo após a separação, o pai perdeu o emprego. Na ocasião da entrevista, estava aposentado. Para sustentar os três filhos e manter a casa, a mãe teve que fazer comida para vender, recorrendo à tradição da família dela: comercializar lanches no centro da cidade.

Uma sinalização do traço disposicional que João, a princípio, julgava não ter, o olhar para o outro, pôde ser visto quando ele, entre os três filhos, foi o mais afetado pela situação da mãe. Isso porque ela teve que deixar a sua zona de conforto de dona de casa para, segundo

João, “correr atrás das coisas”. Ele foi o único filho que quis trabalhar para ajudá-la, chegou a ficar um ano fora da sala de aula.

A imagem da mãe, para João, era a de uma mulher cuidadosa, que vivia para os filhos. Ele mostrava sentir-se protegido por ela. Por isso, para ele, a mãe era “uma guerreira”. João confessou que, mesmo voltando a conversar com o pai, não o perdoava. Os problemas enfrentados pela família fizeram com que ele observasse também as dificuldades além do mundo da família original, o que não fazia quando andava de carro e vivia uma outra vida. Foi justamente de tanto reclamar da qualidade do transporte público e da situação das ruas que acabou se envolvendo com a associação do bairro.

Apesar dos problemas de relacionamento com o pai, após a separação, João se considerava mais parecido com as disposições dele: explosivo e comunicativo. Mesmo com esse perfil, o pai nunca se envolveu com as questões da comunidade, como ele.

João admirava a mãe por ela ter educado os filhos sozinha na fase mais difícil da vida deles. Vendia lanches para sustentá-los, acabou colocando uma barraquinha no terreno da própria casa. A mãe também ajudava a família dela. Parte do que conseguia arrecadar, mandava para as irmãs mais novas, após o falecimento da avó materna. A família da mãe formava uma pequena comunidade e João foi socializado interagindo com esse núcleo. Ele, entretanto, era o único membro da família original que conseguia transpor os limites desse mundo social para direcionar as suas disposições assistencialistas e de solidariedade para o ator que estava fora dele, como os moradores do bairro onde todos os parentes moravam.

4.4.3 Mundo da educação: variações entre as escolas privada e pública

As disposições construídas por João ao longo de sua trajetória mudaram quando a familia começou a enfrentar problemas financeiros, como já narramos, o que afetou o contexto e as relações sociais que construíu no mundo da escola. Com a separação, João e os irmãos tiveram que trocar a escola privada por uma pública. Na fase em que a família estava unida, lembrou que os pais sempre fizeram questão de estimular os filhos a estudar. Queriam que eles tivessem mais oportunidades.

João lembrou que gostava do ambiente e dos professores da escola particular. Recordou que no último ano daquele colégio privado, conheceu um professor, o de geografia, que o estimulou a desenvolver disposições para a leitura e a escrita. Esse professor, e não a escola, foi responsável por motivá-lo a consumir bens culturais, que mais à frente se manifestaram com as leituras de sites e espaços em redes sociais na internet. Ele raramente vai ao cinema, ao teatro, ao museu, às livrarias e às bibliotecas. Disse que gostaria de ter essa

prática se aqueles locais fossem mais perto e cobrassem ingressos mais baratos. Por isso, terminava assistindo aos filmes em casa.

João afirmou que esse professor debatia temas do dia a dia dos alunos, como a vida na comunidade. Ele não percebeu que, naquele momento, começava a desenvolver internamente as disposições para olhar o coletivo, construindo as suas tendências, que se manifestariam com força mais tarde, para as ações sociais, políticas e culturais. O professor mexeu com a autoestima de João. "Ele viu o meu potencial", recordou. Esse professor mostrou as primeiras noções de como a sociedade funciona com as suas estruturas e os seus atores.

João ficou matriculado em uma instituição privada até o 7º ano do ensino fundamental. Depois, teve que encontrar uma vaga na rede pública. Inicialmente, não se adaptou porque os professores, segundo ele, faltavam muito. Terminou abandonando e ficando um ano fora da sala de aula, o que contribui para atrasar os seus estudos.

Naquele período, arrumou um trabalho em um armazém de construção, foi o primeiro dos irmãos que tomou essa atitude, deflagrou as inclinações para superar os problemas pessoais e tentar mudar de vida. Ele estava seguindo o exemplo da mãe, que procurava alternativas para manter a casa e criar os filhos. Essas tendências também tinham vinculação com a sensibilidade para o sofrimento do outro e o assistencialismo. O pai quando soube, não gostou e pediu para ele voltar a estudar, o que só ocorreu no ano seguinte.

O exemplo do irmão mais velho, que era estudioso e continuou o ritmo de estudo apesar das deficiências da rede pública, motivou João a retornar para a escola. Conseguiu se matricular em um colégio estadual de referência que ficava no bairro onde mora. Conheceu outro professor importante, o de matemática, que o estimulou a participar de atividades políticas na escola, como as eleições para a escolha de novos diretores, e a estudar para fazer escola técnica.

Ele lembrou que, naquela eleição escolar, empenhou-se para eleger a professora de português e redação, que o ensinou a utilizar métodos para escrever textos, os mesmos que ele aplica quando está redigindo pautas para a grande imprensa e notícias para o seu blog. Nessa eleição escolar, mostrou as disposições para a ação social e política por meio de inclinações para a mobilização do outro, a liderança e o querer se expressar, a oratória.

Nessa fase de sua trajetória social, João encontrou as condições contextuais e relacionais para desenvolver tendências para a ação religiosa, que tinham começado na infância com a mãe, que era católica. Ele lembrou que a mãe sempre o levava para as procissões, mas não havia o hábito de frequentar a igreja. Esse hábito foi estimulado por uma

amiga do colégio, que o introduziu aos eventos sociais organizados pelos jovens da Igreja Evangélica. Sentiu-se motivado a participar de forma voluntária.

As disposições diacrônicas e sincrônicas para a ação religiosa não se manifestavam de forma constituída, como se houvesse uma imposição, semelhante ao que relatou sentir quando a mãe o levava para a Igreja Católica**.** Nessa prática religiosa, João foi estimulando as suas disposições para a ação social, o olhar para o outro e o dar e receber, sentimentos que estão vinculados à noção da dádiva, que vai além do doutrinamento religioso. A base dessa teoria está na elaboração de uma obrigação moral que passa pela ação de dar, receber e retribuir.

Apesar de existir certos padrões coletivos de moral, os atores não estão presos às obrigações. João, no entanto, revelou que as regras da Igreja Batista estavam bastante introjetadas nas formas de manifestação da disposição para a ação religiosa. Ele disse que ainda frequenta a Igreja Batista para onde levou a mulher e os filhos.

Ao concluir o ensino médio, João conseguiu ser aprovado na escola técnica, mas se desestimulou, enfrentou muitas dificuldades para acompanhar a turma, o que revelou as deficiências da escola pública. Mesmo assim, continuou para conquistar o capital social que seria reconhecido pelo diploma de nível técnico. Formou-se em técnico de saneamento ambiental, mas não construiu a sua carreira profissional na área. Ele avaliou que, se tivesse permanecido na escola particular, o futuro teria sido diferente, poderia ter recebido uma melhor qualificação para entrar na universidade, o que não conseguiu.

4.4.4 Mundo da família formada: disposições para não repetir a história do pai

João casou em 1999 e teve um casal de filhos. Na época das entrevistas, a menina tinha 12 anos e o menino, cinco. Moravam em casa própria, construída no terreno da residência da mãe dele. A relação com os filhos era harmônica. A menina já tinha o hábito, segundo ele, de navegar na internet. Assim como João, vivia nas redes sociais e até tinha criado um blog onde falava de moda. O filho estava na fase das brincadeiras de rua.

Ao falar da mulher e dos filhos, revelou que o seu núcleo familiar formado era unido. No início do casamento, no entanto, teve problemas, mas, segundo ele, a igreja o ajudou a encontrar a harmonia que buscava. Não queria repetir a história do pai, causando nos filhos o sofrimento que viveu com a separação dos pais. A crise da família original foi marcante em sua trajetória de vida, sempre voltava à tona. João revelou que, para superar esse problema, construiu disposições para a ação religiosa.

Ele conheceu a mulher no colégio, no mesmo ano em que decidiu entrar para a Igreja Evangélica. Ela morava em outra comunidade, mas tinha ido estudar na mesma instituição

que ele porque o estabelecimento era de referência no ensino médio. Ela entrou no último ano do ensino médio, também era egressa da escola particular. O pai dela enfrentou problemas financeiros e não pôde mais pagar a mensalidade. A instabilidade financeira das duas famílias era um traço em comum entre os dois.

Em menos de um ano de namoro, ela engravidou e se casaram. Na época das entrevistas, a mulher cursava biologia, queria ser professora, já era agente ambiental da Prefeitura do Recife, assim como João. Antes disso, tinha atuado no comércio.

Em função da instabilidade financeira das famílias originais deles, o segundo filho do casal só nasceu quando conquistaram um emprego público. Não queriam correr o risco, mais uma vez, de enfrentar problemas econômicos para manter a família que formaram. Por isso, desenvolveram disposições ascéticas para ganhar a vida. A renda individual de João era de três salários mínimos, mas com o salário da mulher o orçamento familiar subia para até seis mínimos.

João afirmou que a mulher não gostava de suas atividades na comunidade, principalmente porque os moradores costumavam ir à casa deles para que João resolvesse os problemas do local. Em relação às suas atividades como cidadão-repórter e repórter-amador, João afirmou que, apesar de ela não se identificar, o incentivava porque assim ele permanecia em casa e tomava conta dos filhos. Ou seja, a partir de suas tendências ascéticas, a mulher não tentava inibir os esquemas disposicionais de João para que ele realizasse o jogo do agir ativamente no jornalismo.

4.4.5 Mundo do trabalho: variações disposicionais para ganhar a vida

João construiu tendências para agir de forma mais ativa no trabalho por conta dos problemas financeiros da família original. Foi o primeiro entre os irmãos a desenvolver as inclinações para ganhar a vida logo cedo, o que sinaliza para mais variações interindividuais entre os irmãos. Como João lembrou, a mãe não chegou a pedir que ele encontrasse um trabalho para contribuir com o orçamento familiar, tinha apenas 14 anos na época. A situação da família, contudo, o motivou a acionar disposição para superar os problemas pessoais, compreender o sofrimento da mãe e mudar de vida, tendências que levaria para o jogo do agir ativamente quando passou a ter esse mesmo olhar para a comunidade. Isso não ocorreu com os dois irmãos que passaram por experiências socializadoras semelhantes.

Além desse esquema disposicional, o fato de ter se desestimulado com a escola pública também o influenciou a abandonar o colégio e conseguir um emprego em um armazém de construção, o pouco que recebia, entregava à mãe. Mesmo voltando para a sala

de aula, continuava realizando trabalhos temporários e informais para buscar algum rendimento. Um vizinho conseguiu, por influência política, que ele fosse nomeado para a Prefeitura do Recife como agente de endemia. João não tinha nem 18 anos. Era um contrato de emergência em função da epidemia da dengue, lembrou. Pouco tempo depois, saiu.

Em outras oportunidades, voltou para ser agente de endemias, cumprindo contratos temporários em função das relações que construiu na prefeitura. Foi para essa função que, mais tarde, fez um concurso público e passou. Em época de campanha eleitoral, procurava trabalhos informais como cabo eleitoral. João era comunicativo, tinha as inclinações para se expressar, ser líder e mobilizar o outro, referências que o credenciavam a desempenhar essas duas funções: agente de endemias e cabo eleitoral.

Como agente de endemias, visitava as comunidades, indo de casa em casa para verificar se havia ou não focos de dengue. Atuava no próprio bairro e em áreas próximas. Foi assim que fortaleceu as suas disposições para a ação social, política e religiosa. Estamos nos remetendo às tendências para o assistencialismo, a compreensão do sofrimento do outro, a orientação a partir do próprio exemplo, a mobilização e a capacidade de liderança. Essas inclinações foram redimensionadas, uma vez que estavam sendo formadas inconscientemente no mundo da família original por influência da mãe que ajudava as irmãs como a filha mais velha. A família da mãe formava uma pequena comunidade, eram 13 irmãos.

Quando casou, para assumir a condição de provedor principal da família formada, João acionou as suas disposições ascéticas para o trabalho, encontrando outro emprego no turno da noite. Trabalhava de dia na prefeitura e à noite, em uma lanchonete. Em 2000, no ano de nascimento da filha, o contrato com a prefeitura foi suspenso, mas logo encontrou outro contrato para voltar.

Essas disposições ascéticas para o trabalho foram sendo atualizadas em função dos contextos. Na família original, ocupou o espaço deixado pelo pai, era o provedor ao lado da mãe. Na família formada, era o provedor principal. As tendências para pensar e agir ativamente no jornalismo estavam sendo construídas, mas ainda não tinham sido direcionadas para as práticas jornalistas, que tinham como objetivo resolver os problemas da comunidade em que morava e abordar um tema que também favorecia um grupo ainda maior: a mobilidade urbana.

Em 2001, foi estimulado a fazer um concurso para ocupar, de forma efetiva, o mesmo cargo desempenhado na prefeitura de forma temporária. Passou. Pouco tempo depois, foi afastado porque havia uma polêmica em torno da efetivação das nomeações. Decidiu comandar um grupo que entrou com uma reclamação no Ministério Público para pedir na

Justiça a efetivação da posse dos cargos. O processo se arrastou até 2006, quando ganharam a causa. Ele aciona, mais uma vez, as suas inclinações para mobilizar o outro e a capacidade de liderança.

Nesse período em que ficou fora da prefeitura, João foi vivendo de trabalhos informais. A mãe tinha uma lanchonete no terreno da própria casa e ele foi trabalhar com ela, vendendo lanches nas ruas. Começou a participar das reuniões da associação da comunidade. Pouco tempo depois, era alçado a condição de líder e de diretor da entidade.

O trabalho na prefeitura representou um caminho quase natural para a atividade dele na comunidade, deflagrava as suas tendências para as ações social e política. As disposições ascéticas o fizeram construir tendências hedonistas para o trabalho porque ele conseguiu vincular as obrigações da rotina do agente de endemias às motivações espontâneas para o assistencialismo e a busca de soluções dos problemas coletivos.

4.4.6 Mundo da comunidade: ativações das disposições para agir ativamente

Quando os pais tinham uma condição financeira estável e tranquila, João disse não se interessar pelos problemas da comunidade em que morava. Ele lembrou que pensava assim: "a comunidade que se quebre". O importante para ele, na fase da pré-adolescência, era ter conforto, carro na garagem e passear com os pais. Ele acredita que essa disposição continuaria se os pais não tivessem se separado e se a família estivesse em outra condição econômica, até porque eles não se envolviam com a comunidade.

De acordo com o que João narrou, as suas tendências para as ações sociais e políticas no bairro, como o assistencialismo, a mobilização do outro e a capacidade de liderar, não foram desenvolvidas com a interferência das famílias, apesar de ver o exemplo da mãe que auxiliava a família dela. Nenhum parente, todavia, atuava na associação comuntária ou participava de qualquer manifestação realizada voluntariamente para reivindicar ações ou políticas públicas para o local onde todos moravam.

João, pelo que ele descreveu nas entrevistas, era um caso de dissonância na família original. Os parentes até se ajudavam entre eles, formavam uma pequena comunidade. As inclinações para o assistencialismo, todavia, não eram transferidas para o outro, ou seja, para os moradores do bairro que não tinham laços de sangue com a família dele.

Os parentes não realizavam nem trabalhos voluntários, só a mãe, segundo João, apresentava essas tendências, mas as direcionava à própria família. Ele tanto passou a trabalhar na comunidade, como a promover ações sociais na escola pública. Integrava um projeto que organizava jogos de futebol de salão para as crianças.

Como nasceu e cresceu no mesmo bairro, João tinha muitos amigos na comunidade, grupo social que se ampliou quando ele foi estudar na escola pública de referência do local. Sem condições financeiras para passear como antes, passou a viver o bairro intensamente e a criar um sentimento de pertencimento em relação ao espaço social e aos moradores. Antes da crise financeira da família original, a comunidade representava o local onde poderia brincar nas ruas. Depois, passou a ter outra dimensão social, foi alçado ao lugar onde viveria com a mãe e a família formada.

Essa vivência no bairro fez com que João percebesse problemas que não notava antes, como o do transporte público. Como tinha disposições para ser comunicativo e contestador, começou a reclamar dos problemas e falar com outros atores. Foi então que João foi convidado a se integrar às mobilizações da associação comunitária. Nessa fase, já estava trabalhando como agente de endemia e conhecia muitos moradores do local. Além do transporte público, preocupa-se com os amigos que residiam em locais de risco, nas encostas das barreiras dos morros do bairro.

> Eu não me conformava. Tinha amigos meus que moravam na barreira quando estava chovendo não conseguiam dormir direito. A gente pedia lona plástica e não chegava. Eu dizia vamos reclamar (João).

No início, ficava criticando e reivindicando uma atuação mais forte da associação. Com o tempo, começou a acionar os seus esquemas disposicionais para desempenhar o papel de líder comunitário. Ele acionou as suas tendências para mobilizar o outro e ensinar por meio do próprio exemplo quando decidiu coletar assinaturas entre os moradores para um documento pedindo melhorias nas paradas de ônibus. Percebeu que não adiantava ficar reclamando sozinho. Tinha que se unir ao grupo da associação porque o movimento coletivo daria mais respaldo às reivindicações. Conhecia o trabalho da associação desde 1998, mas só começou mesmo a participar de algumas reuniões em 2000. Nessa época, tinha 20 anos. Ele estava casado e a filha tinha acabado de nascer.

As disposições diacrônicas para ajudar o outro foram surgindo no trabalho de agente de endemias e se manifestando de forma espontânea na comunidade, sendo deflagradas a partir da imposição de um fator econômico: conseguir dinheiro para ajudar a mãe e a família formada. Essas disposições diacrônicas se transformaram em sincrônicas em função de um contexto específico que favoreceu o acionamento dos esquemas disposicionais, mesmo inconscientemente, para a ação social: o convite da associação para participar das mobilizações.

O convite representou o reconhecimento de seu capital social de líder no bairro, conquistado por seu trabalho como agente de endemias. Além do mais, a comunidade passou a ter uma importância maior porque era o lugar em que sua família estava sendo formada e seus filhos cresceriam. Diferentemente de seus pais e de outros parentes, atuou para contribuir na busca de soluções para os problemas do lugar.

A cada ano que passava, João se envolvia mais nas mobilizações e isso estava ocupando o seu tempo, antes voltado apenas para o trabalho e a família. Em função de seu envolvimento, cada vez maior, João não contava com o apoio nem da família original nem da família formada. O trabalho, contudo, contribuía porque a sua função na prefeitura era exatamente visitar as casas e conversar com os moradores.

Em 2004, foi chamado para integrar uma chapa e disputar a eleição da associação. Não aceitou. Em 2006, contudo, terminou integrando a diretoria. Foi nomeado pelo presidente da época, mesmo sem ter sido eleito, pelo reconhecimento de sua colaboração com a entidade. Em 2008, entrou formalmente em uma chapa e ganhou. Na ocasião das entrevistas, estava exercendo um cargo na diretoria e pretendia disputar a reeleição.

As disposições de João para a ação social atualizavam e fortaleciam as suas tendências para a prática política. Ele já pensava e agia como um ator que exercia a política em seu aspecto mais amplo quando foi trabalhar na função de agente de endemia e se envolvia com o problema do outro. Na associação, a sua prática política ganhou uma nova dimensão porque também se voltava para a atuação partidária.

João admitiu que os líderes da associação ganhavam muita coisa: respaldo, respeito e projeção política. Poderiam até indicar indivíduos para ocupar cargos comissionados na prefeitura. Os líderes mais tradicionais atuavam como cabos eleitorais e trabalhavam para ajudar a eleger os seus candidatos. Isso passava por uma troca de favores que resultavam em votos para o político.

Ele já tinha sido cabo eleitoral na adolescência para ajudar um líder comunitário e ganhar dinheiro com o intuito de contribuir para o orçamento da família original. Agora, estava mais estimulado porque tinha amadurecido as suas disposições para a ação social e política. Não era mais uma tendência manifestada de forma imposta, constituída, mas uma inclinação ativada de forma voluntária porque ele queria fazer isso espontaneamente.

João gostou de seu trabalho na associação, mas continuava “ganhando a vida” como agente de endemias da prefeitura. Nessa fase, tinha conseguido ser nomeado no concurso público. Apesar do prestígio e do papel tradicional de cabo eleitoral, não se dedicava integralmente à associação, trabalhava para sustentar a família formada e a ajudar a mãe.

João era filiado ao PCdoB quando foi entrevistado na pesquisa. Pretendia, contudo, migrar para o PT. Estava no PCdoB desde 1997, foi para lá por influência de um secretário de saúde da prefeitura com quem fez amizade quando era funcionário temporário. A filiação foi um gesto de gratidão em resposta ao apoio que recebeu desse secretário quando enfrentou problemas internos com alguns funcionários da prefeitura.

Caso decidisse trocar de legenda partidária, João assegurou que levaria com ele 50 indivíduos que moravam na sua comunidade, o que mostra a força de seu capital social. As entidades comunitárias mais tradicionais contavam com o respaldo de partidos, que, muitas vezes, mantinham o trabalho dos líderes comunitários, pagando-lhes como cabo eleitoral.

Mostrando uma variação disposicional contraditória, João confessou que ao votar, para escolher os membros dos Poderes Executivo e Legislativo, não levava em consideração o partido do candidato. Preferia observar a identificação pessoal e as propostas. Independentemente de legenda, entrava em contato com os eleitos para cobrar ações. Dependendo do retorno, votaria de novo ou não.

Para mostrar que tem uma disposição forte para a ação política, afirmou que tinha o hábito de procurar informações sobre política na internet, mas raramente acessava sites de partidos e candidatos. Gostava de ver programas de partidos na campanha e fora dela, assim como os guias eleitorais na TV e no rádio.

Pelo reconhecimento de seu trabalho na comunidade, foi diversas vezes convidado a ocupar cargo comissionado na Câmara de Vereadores do Recife, mas nunca aceitou. Preferia permanecer no seu emprego na prefeitura, conciliando esse trabalho com a atividade na comunidade, onde poderia atuar como líder. No início, afirmou ter trabalhado para os políticos sem receber nada. Depois, passou a ganhar dinheiro pela votação que os políticos recebiam no bairro.

João não era só um líder na comunidade, também era líder no trabalho. Estava ocupando um cargo de chefia na ocasião da entrevista, tinha a sua inclinação para a mobilização e a organização reconhecida pelos secretários da prefeitura. Disse que gostava de dialogar com os outros atores da comunidade e “resolver os problemas deles”.

Pelo que percebemos, as disposições para o agir ativamente no jornalismo foram aprofundadas na comunidade e no trabalho, mas foram ativadas, de fato, quando começou a interagir com a grande imprensa, antes mesmo de conhecer o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco. Quando foi eleito para a direção da associação de moradores em 2008, passou a procurar os veículos de comunicação para sugerir matérias na comunidade.

A associação tem uma rádio comunitária cuja programação é veiculada através de caixas de som colocadas em postes. Muitos moradores gostavam de ouvir música e os comunicados que, segundo João, estimulavam o funcionamento da rádio, apesar de considerar que aquele era um meio de comunicação "um pouco ultrapassado".

João era um internauta, navegava mais de três horas na internet, como veremos mais adiante. Ele disse que a entidade tinha um blog que não era muito utilizado. Se disputasse a reeleição e fosse vencedor, um dos projetos era atualizar essa ferramenta para mobilizar e convidar os jovens a integrar a associação. Nesse caso, adiantou que pretendia ainda reativar um jornal impresso que associação teve. Por meio desses veículos, declarou que pretendia passar a prestar contas do trabalho da associação em prol do bairro, já que não consegue divulgar esse tipo de informação na agenda da grande mídia.

4.4.7 Mundo do jornalismo: atualizações para a ação do repórter-amador

Quando era criança, João tinha o hábito de procurar informações na grande imprensa sobre esportes, acompanhando uma prática realizada pelo pai. Juntos liam as revistas especializadas e os jornais, ouviam as resenhas do rádio e assistiam ao noticiário da televisão. Ele gostava tanto da resenha do rádio que pensou, naquela época, em criar um programa para realizar a mesma prática dos jornalistas. Disse gostar da forma como as informações eram transmitidas, o que já sinaliza para o desenvolvimento de suas disposições de querer se manter atualizado, se expressar, buscar um canal de diálogo com a grande imprensa e criar um espaço próprio de comunicação. Essas tendências foram surgindo, mas ficaram inibidas, até que apareceu um contexto favorável na trajetória de João, como a sua integração nos movimentos organizados pela associação do bairro e a descoberta de formas de interação com os veículos através da internet.

Observamos que as tendências para agir ativamente no jornalismo foram construídas por influência do pai, de quem diz ter herdado ainda a inclinação para a comunicação. Os dois tinham uma convivência harmoniosa até a separação dos pais. Por isso, esse episódio foi tão importante no mundo de João, influenciou o aprofundamento de suas disposições e o levou de um polo a outro, inibindo inclinações internalizadas pela socialização com a figura paterna. Quando os dois se afastaram, os hábitos introduzidos pelo pai foram abandonados, como o acompanhamento das notícias esportivas. Nesse contexto, passou a ficar mais perto da mãe com quem criou uma relação de solidariedade. Ela não tinha os mesmos hábitos.

João afirmou que só voltou a ler jornal impresso quando ficou desempregado. Comprava aos domingos para ver os classificados de emprego. Assim, passou a acompanhar

as notícias da cidade, não apenas as vinculadas ao setor de esportes, como fazia até a adolescência sob influência do pai. Aos poucos, estava retornando a ter o hábito de buscar informação na imprensa.

Ao acionar as inclinações para a ação de ler e de se atualizar através das notícias, João não tinha consciência de estar retomando disposições que foram formadas na infância com o pai. Agora, na fase adulta, quando queria ver ou rever uma notícia que tinha sido veiculada na TV, chegava até a acessar os sites das empresas de comunicação na internet.

Quando foi entrevistado nesta pesquisa, João revelou que a internet era a sua principal fonte de informação. Ficava mais de três horas por dia navegando, preferia sites e espaços em redes sociais escritos por jornalistas. Acessava diariamente mais de 30 sites de veículos de comunicação. Isso ocorria, normalmente, quando chegava em casa após o trabalho.

João descreveu ter "necessidade de se manter atualizado", retomando com força essa disposição. Ele comparou essa tendência a uma caracteristica que, ao seu ver, é comum entre os jornalistas: estar bem informado. Por isso, declarou: "Sou quase um jornalista". Como contamos anteriormente, os seus esquemas disposicionais para colaborar com as empresas de comunicação foram ativados quando exerceu um cargo de direção na entidade do bairro, encontrando o contexto e as relações sociais favoráveis para realizar o primeiro passo para o agir ativamente.

Ao exercer o papel de líder comunitário, respaldado institucionalmente pela entidade, João sempre chamava a imprensa quando promovia atos públicos na comunidade, para reivindicar alguma melhoria para o bairro. Queria dar mais publicidade às ações sociais e políticas realizadas pela associação. Criou um canal de interação com as empresas de comunicação, antes mesmo de participar do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco na internet.

A receptividade e o reconhecimento dos jornalistas se transforaram em fatores externos de ativação dessas inclinações para o jogo do agir ativamente no jornalismo. A internet, contudo, facilitou esse diálogo. Não precisava mais telefonar ou ir pessoalmente aos veículos, poderia mandar comentários e sugestões de pautas pela grande rede. Em 2009, conheceu o fórum do Diario e se cadastrou. Como gostava de conversar sobre transporte público e trânsito, passou a ser reconhecido por participar de um grupo que só discutia esses assuntos.

Quando a página exclusiva do Cidadão-Repórter era editada na versão impressa do Diario de Pernambuco, com notícias produzidas a partir das sugestões dos internautas, seu material foi publicado quatro vezes. "Os repórteres do DP ligaram e foram lá. Repercutiu e foi

muito bom", afirmou. Ele acompanhava sempre as matérias veiculadas no impresso. A extinção da página contribuiu para desestimular a sua participação no fórum: "Agora, tem que procurar e esperar a sorte de ver a notícia da gente". Ele se referiu ao aproveitamento das pautas e comentários dos internautas, que passaram a ser publicados de forma pulverizada ao longo da edição, dificultando o reconhecimento da fonte da informação. Em nosso caso, da pauta produzida pelo cidadão colaborador.

João interagiu assiduamente com o fórum do DP entre 2009 e 2010, escrevia semanalmente. Depois, passou a acessar apenas para acompanhar as informações. Afirmou que os membros do fórum não mandavam mais notícias, queriam apenas fazer comentários, o que reduziu o seu interesse. Mesmo sem estar colaborando constantemente com os internautas e os jornalistas do DP na ocasião das entrevistas, João estava na relação dos cidadãos mais ativos daquele canal de comunicação.

Se, por um lado, todos esses motivos serviram como fatores de inibição para a participação de João no fórum do DP, por outro, eles funcionaram como estímulo para que o nosso entrevistado fosse além, até alçar o segundo nível do jogo para agir ativamente: criar um canal próprio de comunicação. Ele produziu um blog no qual escreve a sua notícia.

Mostrou que tinha disposições diacrônicas e sincrônicas para agir ativamente no jornalismo, entrando e saindo do campo e do mundo do jornalismo por meio de um espaço que ficava na interface entre essas duas configurações. São indivíduos como João que estão sacudindo a estrutura do campo do jornalismo. Sem nenhuma formação especializada, criam disposições para consumir, colaborar e produzir notícia, driblando as barreiras impostas pelos conglomerados de mídia.

João acionava esse esquema a partir das tendências que desenvolveu para as ações sociais, políticas, religiosas e culturais, mas só realizava essas práticas jornalísticas em seu tempo livre porque ganhava a vida em outro campo profissional. Mesmo assim, apresentou satisfação hedonista para escrever no blog que elaborou para produzir textos sobre transporte público. Ele explicou que o seu blog repercutia, era muito consultado, porque estava sendo atualizado diariamente.

É muito bom informar, é útil para a sociedade. No início, o fórum só tinha notícia boa, dava muitas respostas para as reclamações. Depois, as pessoas passaram a discutir. Decidi abrir o meu próprio blog (João).

Para escrever no blog, João diz que vai para a rua fazer matéria, acompanhando tudo o que acontece no setor de transporte público. Entrevista os passageiros, conversa com as

empresas de ônibus e até procura especialistas na área, obedecendo, mesmo intuitivamente, aos rituais do processo de apuração da noticia. João afirmou ter passado a ser admirado pelo trabalho que realizava. Chegou a receber de internautas verbas para custear a locomoção que fazia para realizar as entrevistas. Esses recursos não foram repassados por empresas de comunicação, mas por atores que, segundo ele, admiravam o seu blog de notícias.

João tentava conciliar a sua atividade profissional de agente ambiental com a sua prática jornalística como repórter-amador, o que não era fácil. Por isso, queria um dia poder encontrar patrocinadores para o seu blog com o objetivo de dedicar mais tempo para o jogo do agir ativamente no jornalismo. Isso porque para executar essas duas atividades tinha que transitar por vários mundos, entrando e saindo a todo instante deles, o que o levava a ter variações disposicionais para se dedicar à família, ao trabalho, à comunidade e ao blog.

Além de produzir informações, João também postava em seu blog notícias editadas em outros sites, até mesmo as veiculadas pela grande imprensa. Disse que publicava mais noticias sobre transportes do que os jornais impressos de Pernambuco. As suas disposições para agir ativamente no jornalismo eram tão fortes que já chegou a descer do ônibus para registrar um problema na rua.

Quando estava desempenhando o papel de repórter-amador, João afirmou que realizava as entrevistas se apresentando como líder comunitário. Observou que, dessa forma, tinha livre acesso a vários ambientes nos quais os jornalistas não conseguem entrar. Nessas ocasiões, não queria ser chamado de repórter-amador. De forma inteligente e criativa, encontrou uma estratégia para circular sem sofrer nenhum tipo de resistência ou enfrentar barreiras.

Como líder comunitário, por exemplo, entrava nas empresas de transportes para buscar informação e produzir notícia. João participava de reuniões sobre transporte público como líder comunitário e colocava tudo no blog, ou seja, de forma inédita, informações que, segundo ele, ainda não tinham chegado à grande imprensa. Na cultura profissional do jornalismo, essa prática é chamada de furo.

Ele redigia as notícias como se estivesse fazendo uma redação de escola. Lembrava do que havia aprendido com os professores de redação, fazia os textos organizando-os em cinco tópicos principais para que estivessem, segundo ele, claros e precisos. Esses rituais também são perseguidos pelos jornalistas.

Os familiares não acompanhavam o trabalho de João. A mulher, contudo, gostava porque o blog fazia com que ele ficasse em casa à noite para escrever e cuidar dos filhos, enquanto ela estudava. O maior estímulo, segundo ele, vinha mesmo dos internautas.

4.4.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Por meio das quatro entrevistas longas e sucessivas feitas com João do Ônibus em seis meses, conseguimos reconstruir a trajetória de vida dele e observar o jogo disposicional que realizou inconscientemente nos quais observamos as variações intra e interindividuais. Os seus esquemas disposicionais mudaram em relação às suas próprias tendências diacrônicas (histórico biográfico do passado) e sincrônicas (atualizadas ou apagadas de acordo com o contexto do presente), manifestadas de forma constituídas (imposição externa e obrigatoriedade) e requisitada (quase uma auto exigência, um voluntarismo) quando os pais se separaram. Esse episódio fez com que João vivesse situações ambivalentes: nas famílias original, na escola e na comunidade.

Na infância, antes da separação dos pais, apresentava disposições individualistas. Não externava atitudes em solidariedade ao outro, apesar de ter internalizado as inclinações da mãe que tinha tendências assistencialistas para ajudar os parentes. Ela era a mais velha entre 14 irmãos. Essa disposição, contudo, não se ampliava para o coletivo, o bairro. A família de João, mesmo morando no local há muitos anos, não vivenciava os problemas da comunidade nem participava das mobilizações promovidas pela associação do lugar.

Com a separação dos pais, João passou a conviver não só com os problemas da família original, como com os da comunidade também, desenvolvendo um sentimento de pertencimento ao bairro, estimulado pela socialização na escola pública do lugar, ou seja, pelas relações que construiu com professores e alunos. Sem carro, passou a andar de ônibus. Essas viagens contribuíram para tirá-lo da zona de conforto e provocá-lo a ver os problemas de mobilidade que os vizinhos tinham. Foi quando começou a formar as suas tendências para as ações social e política, que estão na base do esquema para agir ativamente no jornalismo.

O próprio João chegou a admitir que se não fosse a crise financeira da família, a sua trajetória teria sido outra. Os traços disposicionais que o levaram a agir social, política e religiosamente não se manifestariam. Ele provavelmente mudaria de bairro, como a família tinha planejado antes da separação dos pais, e teria, segundo ele, investido em uma profissão diferente da atual, a de agente de endemias.

João captou os efeitos socializadores dos seus deslocamentos, diferentemente dos irmãos e da própria mãe, que continuaram, segundo ele, sem manifestar disposições para o

assistencialismo e para o sofrimento alheio. Os modelos de comportamento dos amigos e dos vizinhos também foram decisivos para abrir o universo de João, que passou a ter acesso a âmbitos socializadores mais amplos, do que os da família original e da escola.

Consideramos que o fator cultural passou a ter influência quando ele procurou consumir notícias para se atualizar, foi acionando esquemas que começou a construir por influência do pai na infância e na adolescência. Os dois costumavam acompanhar o noticiário esportivo. Essa influência da figura paterna foi importante, por mais que João queira se manter distante dele agora. Afinal, foi do pai que diz ter herdado as inclinações para gostar de se comunicar e contestar. Assim, acabou sendo levado a desenvolver inconscientemente os seus esquemas para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo que ativaria mais tarde.

As disposições para a leitura e a escrita foram aprofundadas na escola particular, mas passaram por uma fase de inibição na rede pública. Ele não se sentiu mais motivado a estudar, tanto que abandonou a sala de aula por um ano. Foi com uma professora da rede pública, entretanto, que diz ter aprendido a escrever um texto, estratégia de organização utilizada para produzir as pautas que envia para a grande imprensa e as notícias que publica no blog.

Na rede pública, dois fatos foram significativos para a formação das inclinações de João para o assistencialismo, a mobilização do outro e o desenvolvimento de sua capacidade de liderança. O primeiro foi a participação ativa dele no processo de eleição para a direção do colégio, no qual ativou a tendência para a ação política. O segundo foi o convite feito por uma amiga para frequentar a Igreja Evangélica, que contribuiu para desenvolver as suas inclinações para as ações religiosas.

O canal de interação do Diario de Pernambuco e o acesso à internet foram dois fatores externos que favoreceram a ativar os esquemas para agir ativamente no jornalismo, mesmo que já tivesse sido acionado inicialmente quando João procurava a imprensa, como lider comunitário, para informar sobre os atos que a entidade, da qual fazia parte, promovia. Nessas reuniões, ele e outros líderes pediam ações emergenciais e políticas públicas para o bairro. Com a cobertura da imprensa, os fatos poderiam ter mais visibilidade.

Até essa fase, João realizava o primeiro movimento do jogo do agir ativamente no jornalismo, colaborava e interagia com as empresas de comunicação. O passo mais adiante, que completaria o movimento, o de instituir um canal autoral para produzir a própria noticia, só ocorreria depois, quando ele passou a utilizar a internet e criou um blog.

Mesmo desenvolvendo disposições ascéticas para o trabalho, quando o pai não ajudou mais financeiramente a família e ele teve que colaborar com a mãe e sustentar o próprio núcleo familiar, João conseguiu deflagrar as suas tendências hedonistas para realizar esse jogo

do agir ativamente, que o fazia ter uma vida dupla. De um lado, trabalhava na área de saúde para receber o salário que pagaria as suas despesas. Do outro, colaborava com a grande imprensa e escrevia em seu blog.

Ao colaborar, tentava resolver os problemas de sua comunidade. Ao editar o seu blog, escrevia sobre a sua paixão: os ônibus e o transporte público. Mostrava assim toda a amplitude de suas variações disposicionais que o fazia ter um comportamento ambivalente. Era um perfil dissonante que se destacava dos outros atores com os quais ele se relacionava nos mundos das famílias, da comunidade e do trabalho.

João sinalizou, a partir de sua trajetória, que cada ator é único e múltiplo. É um produto individual das influências sociais que o cidadão recebe nas diversas experiências de plurissocialização. Quando destacamos as variações intraindividuais de João, percebemos o alcance das diferenças interindividuais.

Foi por conta das dificuldades que enfrentou na família original que tanto o afetaram, mais do que aos irmãos, que João pôde descobrir os problemas da comunidade em que nasceu e morou toda a vida. Surgiu então um sentimento de pertencimento ao local por meio do qual conseguiu, em primeira instância, ir construindo as suas tendências para a ação social, política, religiosa e cultural que o levaram, em segunda instância, a formar esquemas disposicionais motivadores do jogo do agir ativamente no jornalismo.

Estamos nos remetendo às disposições para o assistencialismo, a compreensão do sofrimento do outro, a superação dos problemas pessoais, a mobilização do outro, a capacidade de liderança, o gosto pela leitura e pela escrita, o querer se expressar e buscar informações, o diálogo com os veículos de comunicação, a atualização da informação por meio de veículos tradicionais e do mundo virtual e a criação de alternativas de comunicação envolvendo as redes sociais.

As práticas jornalísticas aqui observadas passaram a se manifestar de forma geral (em vários momentos de sua trajetória) após a sua participação nas mobilizações da comunidade. Elas foram surgindo de forma espontânea e hedonista. João confessou que gostaria de se dedicar profissionalmente ao blog para exercer o papel de repórter-amador em tempo integral. Precisaria, segundo ele, encontrar patrocinadores para transformar o seu espaço nas redes sociais em um negócio.

Mesmo sem atingir esse nível de profissionalização, João já contribui para quebrar as regras impostas pelo campo do jornalismo quando mostra que produz a própria notícia, sem precisar da intermediação da grande imprensa. Ele sinaliza para a importância de se estudar as disposições do cidadão comum que quer fazer parte desse campo fechado ao qual só tem

acesso quem domina os valores e as normas de sua cultura profissional. A seguir, um resumo dos principais pontos da análise dos esquemas disposicionais de João.

João do Ônibus
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Disposição hedonista para acompanhar com o pai o noticiário esportivo. Identifica-se com a figura paterna de quem diz ter herdado características como as tendências para se comunicar e contestar. Procura se afastar da imagem do pai após a separação. Começa então a se aproximar da mãe, que promove o assistencialismo dentro da família. Entra na fase da instabilidade financeira, que o leva a criar disposições para a ação social e política. Cria tendências ascéticas para o trabalho, procura ajudar a mãe e assume o papel de segundo provedor.
Escola	Disposição hedonista na escola privada, que só passa a valorizar depois que os pais não podem mais pagar a mensalidade. Entra na escola pública e se decepciona. Deixa a sala de aula por um ano. Volta a estudar pela admiração da capacidade de estudo de um dos irmãos. Desenvolve atividades voluntárias e participa de eleições para diretor, ativando disposições para a ação política e social. É estimulado a ler e escrever por alguns professores, mas nenhum em especial lhe marcou. Por influência de uma amiga, entra para a Igreja Evangélica.
Trabalho	Com a separação dos pais, desenvolve disposições ascéticas para o trabalho. Procura ajudar a mãe e depois a família formada para ter estabilidade financeira. Sente-se seguro quando ele e a mulher conseguem passar em um concurso público. Mesmo após se casar, continua a ajudar a mãe, diferentemente dos irmãos. A função de agente de endemias contribuiu para ativar e atualizar as suas disposições para a ação social e política. Assim, passa do ascetismo ao hedonismo. Sonha, contudo, em viver do trabalho do blog.
Família formada	Tem convivência harmoniosa com a mulher e os filhos. Ela reconhece o seu esforço no trabalho, mas não valoriza as suas atividades na comunidade e no jogo do agir ativamente no jornalismo. Gosta, contudo, que ele escreva no blog porque fica em casa e cuida dos filhos enquanto ela trabalha e estuda. Em função desse comportamento da mulher, vive uma vida dupla na família formada.
Comunidade	Passa a olhar o coletivo a partir do problema financeiro da família, provocado pela separação dos pais. Passa a viver à comunidade e a ter um sentimento de pertencimento, que o distingui dos demais membros de suas famílias original e formada. De tanto reclamar, é convidado por líderes comunitários a se engajar na associação do bairro. É reconhecido pelo trabalho e é alçado a condição de líder. O trabalho de agente de endemias também ajuda a criar essas disposições. O contexto e as relações com os moradores são molas impulsionadoras dos esquemas disposicionais acionados para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.
Jornalismo	Foi com o pai que começou a acompanhar as noticias voltadas para o esporte. Escutava as resenhas do rádio, lia as reportagens no impresso e assistia ao noticiário da TV. Depois, só voltou a ler quando foi procurar emprego. Com a internet, passou a ler mais de 30 sites de veículos de comunicação por dia, interagia com a grande imprensa e criou dois blogs para produzir notícias.

Fatores de motivação interno e externo

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo	Trabalhar pela comunidade, ser reconhecido pelos atores, ser escutado pelos órgãos oficiais, divulgar informações nos jornais, gostar de buscar informação, virar fonte de informação e escrever em seu blog.

O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	Redução do aproveitamento das pautas pelo DP, discordar da forma como as informações eram aproveitadas e o fim da página do Cidadão-Repórter do DP.
Fatores de ativação interna	Disposições para a ação política (mundos da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo), social (mundos da escola, do trabalho, da comunidade e do jornalismo), religiosa (mundos da família original e da escola) e cultural (família, escola e jornalismo).
Fatores de ativação externa	Interação com a comunidade, pedidos para solucionar problemas, reconhecimento dos atores, acesso à internet, uso do computador, interação com empresas de comunicação e jornalistas, participação no fórum do Diario de Pernambuco, produção da informação e acompanhamento das notícias.

4.5 O universo de Tom da Lanchonete: comerciante e evangélico

4.5.1 Perfil

Tom é um homem disciplinado, determinado e ascético. Com os pais, aprendeu desde criança que tinha que estudar e trabalhar muito para conquistar o que queria. A família atua no comércio. Os pais tinham uma barraca em feira pública, mas conseguiram montar um mercadinho, trabalhando de domingo a domingo. Conquistaram uma melhor condição econômica, mas nada que os fizessem mudar de padrão de vida ou até de bairro. Moram e trabalham na mesma região, na periferia do Recife.

Quando eram crianças e adolescentes, os filhos ajudavam os pais na feira e no mercadinho. Com o tempo, cada um foi abrindo o seu próprio ponto comercial. Todos, contudo, estavam instalados na mesma comunidade. As disposições ascéticas dos pais contribuíram para que a família instituísse um modelo de negócio próprio, como se fosse uma cooperativa. Todos colaboravam uns com os outros para atingir um objetivo comum: conquistar um rendimento ao final do mês que gerasse estabilidade financeira.

Os pais educaram os filhos para que eles fossem independentes financeiramente. A vida no morro onde moravam não era fácil. Os casos de jovens que não obtinham sucesso na escola e no trabalho eram mais comum. Eles queriam, segundo Tom, que as histórias dos filhos fossem diferentes. Com as suas tendências ascéticas, deram o exemplo, contribuíram para que os filhos tivessem disciplina e determinação.

O núcleo da família original de Tom era unido. De acordo com as informações dele, a mãe exercia uma forte influência em todos, até pelo seu exemplo. Veio do interior, de um município da Zona da Mata Norte. Vivia em um sítio ao lado dos pais e de 10 irmãos. Chegou

ao Recife para morar com o pai de Tom sem casar oficialmente, o que não era muito comum naquela época. Ainda mais para uma mulher originária de uma família do meio rural, mundo social mais religioso e tradicional. Tornou-se uma mulher bem-sucedida ao construir uma família e ter uma profissão. Mesmo após a separação dos pais, os membros da família de Tom continuaram a colaborar mutuamente.

A mãe influenciou na composição dos esquemas disposicionais de Tom acionados inconscientemente para agir ativamente no jornalismo. Era determinada e atuante. Só Tom, porém, sentia-se estimulado a ser repórter-amador, apresentou um perfil sociológico dissonante do grupo ao qual pertencia. Ele criou tendências hedonistas para colaborar com a grande imprensa e produzir notícias, indo além do ascetismo do trabalho.

Para não se sentir sozinho na própria família, pois nenhum outro parente tinha a mesma inclinação, começou a manter laços de amizade com quem apresentava variações semelhantes a partir do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) na internet. Nesse canal interativo, conheceu um grupo de amigos que passou a encontrar fora do mundo virtual para conversar sobre transporte público, terminou criando um blog para escrever notícias.

De todos os indivíduos que localizamos por meio do fórum do DP, Tom foi um dos que colaboraram mais com este estudo. Ao receber as mensagens enviadas pelo correio eletrônico, entrou em contato, prontificando-se a se engajar na pesquisa e ainda nos ajudou a encontrar outros internautas. Conversamos com ele entre outubro de 2011 e maio de 2012.

O primeiro encontro foi em um local público, a praça de alimentação de um shopping no centro do Recife. A entrevista durou mais de uma hora. Tom respondeu ao questionário da primeira etapa sem problemas. Os três encontros seguintes demoraram um pouco mais. Eles ocorreram na lanchonete de Tom, no horário de intervalo entre o almoço e o jantar, quando o local estava fechado para a manutenção. Nessas ocasiões, pudemos conhecer os seus pais e alguns dos amigos do fórum do DP.

4.5.2 Mundo da família original: as origens das disposições ascéticas

Tom tinha 33 anos, era solteiro e morava com a mãe e um irmão. Havia terminado um noivado há pouco tempo. Disse que ela era ciumenta e que não queria se sentir cobrado, bastava a figura da mãe, que era dominadora. À primeira vista, essa característica materna não parecia incomodá-lo. A mãe exercia forte influência sobre as disposições de Tom e dos outros irmãos. Ele nasceu no Recife, sempre morou na mesma comunidade, em uma área de morro na Zona Norte da capital. Ele era o filho mais velho. Tinha dois irmãos e um meio irmão, do segundo casamento do pai.

Residia em casa própria, comprada pelos pais quando tinha aproximadamente 10 anos de idade. Os pais se separaram em 2003, após 22 anos de casados. A mãe descobriu que ele tinha um outro relacionamento. Os pais brigaram, mas depois voltaram a conversar. Eram ascéticos, tinham um negócio e filhos em comum. Ela não casou novamente.

Pelo que Tom descreveu, a separação não fragilizou a união da família, construída em uma configuração que envolvia também o mundo do trabalho. Tom tinha uma relação amistosa com o pai, que possuía um depósito de bebidas e fornecia os produtos para a lanchonete do filho. Os pontos comerciais ficavam em um bairro vizinho ao que moravam.

Os pais de Tom se conheceram em uma festa na cidade da mãe. Namoraram por uns meses. Em menos de um ano, decidiram casar. O pai de Tom era do Recife, assim como toda a família dele, sempre residiram na mesma comunidade. Quando os pais casaram, sem realizar uma cerimônia tradicional, os avós paternos cederam uma parte do terreno onde moravam para que eles pudessem construir a primeira residência.

O ramo do pai sempre foi o do comércio. Estudou até o 9º ano do ensino fundamental. Antes de abrir o depósito de bebidas, trabalhou em uma rede de combustível na parte administrativa e com a ex-mulher no mercadinho idealizado por ela. A imagem que Tom tinha do pai era a de um homem forte e trabalhador.

A mãe dele era de uma cidade da Mata Norte. Só conseguiu estudar até o 7º ano do ensino fundamental, lá mesmo no interior. Chegou à capital com 18 anos já para se casar. A família materna era numerosa. Os avós tiveram 16 filhos, mas só 11 estavam vivos. Todos moravam em um sítio, enfrentavam problemas para sobreviver.

Tom conheceu os tios maternos, uma vez que a mãe sempre manteve um laço forte com a família dela. Mesmo depois de casar e ter filhos, ela fazia questão de voltar pelo menos três vezes por mês ao sítio. Por conta das dificuldades financeiras, levava alimentos e roupas para distribuir com os parentes. Esse foi um hábito que perdurou durante toda a infância e a adolescência de Tom, e que influenciou na formação das suas disposições para ajudar o outro, para ser sensível e solidário com o sofrimento alheio.

Essas tendências foram construídas com base na noção da teoria da dádiva, da ideia de olhar o outro, da necessidade de se fazer o bem, independentemente da formação religiosa. Seria uma obrigação moral de dar, receber e retribuir. No caso de Tom, essa tendência para pensar e agir assim foi fortalecida com a prática religiosa, como veremos mais à frente.

Apesar das dificuldades dos avós maternos, os pais de Tom nunca voltavam para casa sem um presente. Traziam os alimentos que a família da mãe plantava no sítio. Tom recordou da aventura que era ir para o interior. Para chegar ao sítio, tinham que pegar trem e ônibus.

Provavelmente, a paixão dele por ônibus e transporte público começou nessa fase, uma recordação afetiva da infância. Era uma forma de Tom se divertir, já que a infância, como ele próprio narrou, foi marcada por um forte ascetismo, período em que construía inclinações para a disciplina porque tinha que priorizar o estudo e o trabalho.

Na ocasião da entrevista, Tom tinha uma irmã de 30 anos, que era casada e tinha um filho pequeno; um irmão de 27 anos, que morava com ele e a mãe; e um meio-irmão de seis anos, do segundo casamento do pai. A relação dos três irmãos do primeiro casamento era harmoniosa. Os pais sempre prezaram pela união dos filhos. A família era evangélica por influência de Tom, que foi o primeiro a se converter e "aceitar a doutrina" na adolescência.

A irmã mora perto da casa da mãe e tem uma loja de doces que administra com a ajuda do marido. Era ela quem criava as receitas. Chegou a fazer, inclusive, um curso técnico para se especializar nesse ramo. Ela também fornecia parte dos doces que Tom vendia na lanchonete. Os dois pontos comerciais ficavam na mesma rua. O irmão também possuía uma lanchonete, menor do que a de Tom. Aliás, foi Tom que a organizou e passou para o irmão. Os estabelecimentos de todos ficavam no mesmo bairro e em ruas próximas. Segundo Tom, não havia competição direta entre eles, mas colaboração. O diferencial da lanchonete dele era que fornecia refeições no almoço e no jantar.

Tom também tinha outra profissão, além do comércio, formou-se em técnico de logística. Chegou a fazer estágios no Porto de Suape. Tentou conciliar, mas desistiu. No inicio das entrevistas, ele ainda se dividia entre os dois trabalhos. Depois, decidiu se dedicar ao próprio negócio, que estava crescendo e dando certo. As nossas entrevistas foram realizadas lá e pudemos ver a movimentação intensa dos moradores.

As disposições para os irmãos colaborarem uns com os outros foram influenciadas pela mãe, que repetia em casa o que sempre tinha presenciado na família dela, no sítio. Os avós maternos de Tom tiveram muitos filhos e todos trabalhavam desde criança no campo, ajudando na plantação, na colheita e na comercialização dos produtos.

A imagem da mãe, para Tom, era a de uma mulher batalhadora, que veio do interior correndo todos os riscos porque não conhecia nada e construiu uma família empreendedora. Em função das dificuldades que passou no campo, não conseguiu avançar na escola. Por isso, queria que os filhos priorizassem os estudos. As disposições diacrônicas de Tom, construídas ao longo das socializações do passado, estavam direcionadas para a escola e o trabalho, os dois pilares que proporcionavam a estabilidade financeira conquistada pela família original. A mãe dizia, segundo Tom, que queria dar a eles uma vida que não teve.

> Tiveram (a família da mãe) uma infância muito sofrida, passavam por secas, um monte de coisas e aí se uniram para que tudo desse certo. A família se unia em torno daquele empreendimento (Tom).

Em função das dificuldades que enfrentou no interior, a mãe dele chegou ao Recife determinada a crescer e melhorar a condição de vida dos pais e dos irmãos dela. Como não queria depender do marido, foi trabalhar por conta própria. A partir da experiência que trouxe do meio rural, montou uma barraca na feira livre de um bairro próximo ao qual morava. Enquanto os filhos estavam na escola, ela estava comercializando frutas e verduras.

A mãe dividia com o pai o papel de provedor da família. De acordo com Tom, ela tinha uma inclinação para dominar e característica que ressaltava a capacidade de liderar. Essa última tendência foi herdada por Tom, que exerceu o mesmo papel quando atuava na comunidade e na igreja. Essa dominação da figura materna não provocou revolta em Tom, pelo menos não demonstrava isso. O sentimento era de conformação e concordância. Inconscientemente, Tom repetia os traços disposicionais da mãe. Ele tinha um autocontrole das tendências ascéticas.

Tom e os irmãos tiveram uma convivência maior com a família do pai, até mesmo porque eram vizinhos. Ele lembrou que a avó era benzedeira. Por isso, era muito procurada pelos moradores da comunidade. Tom contou que os moradores quando tinham qualquer problema batiam na casa dela. Ela atuava como se fosse uma líder comunitária, promovendo harmonia e solucionando os problemas, mas não chegava a se envolver com as mobilizações sociais promovidas pelas associações comunitárias do local. Exercia um papel que mesclava as figuras profissionais de uma médica e de uma psicóloga.

Ao relembrar desses episódios, Tom sorria. Recordou que a avó era benzedeira, mas também era católica praticante, de frequentar missa. Em função de sua ética protestante, do rigor do doutrinamento que recebeu na Igreja Batista, como veremos mais adiante, ele não concordava com as práticas religiosas dela. Na época, não dizia nada porque era criança. A mãe dele não se envolvia, mas respeitava. A convivência entre as duas, segundo Tom, era tranquila.

Mesmo sem concordar com as prátivas da avó, as disposições diacrônicas dele para a ação religiosa, que acionaria mais adiante, tinham começado a se formar nessa fase, assim como o seu interesse em se envolver com a comunidade, tendências estimuladas ainda pelo exemplo da mãe, que praticava o assistencialismo para ajudar parentes e amigos do interior.

Quando os pais se mudaram para uma nova casa, em outra rua, mas no mesmo bairro, a mãe decidiu realizar um sonho: abrir uma mercearia, que passou a funcionar em parte do

terreno da própria residência. Esse ponto comercial continuava aberto quando realizamos as entrevistas.

Tom lembrou que os pais trabalhavam muito, mas sempre estimularam os filhos a buscarem o conhecimento. Compravam livros e revistas e os apoiavam nas tarefas escolares. Tom frisou que a mãe o ensinou a se preocupar com o outro, a fazer a diferença e a olhar para a comunidade. A mãe já tinha essa disposição a partir da educação que recebeu dos pais no meio rural, onde todos colaboravam em casa e no trabalho. Esses dois mundos sociais, inclusive, confundiam-se. A mãe dele repetiu essa mesma configuração quando formou a sua família. Ela também procurava sempre resolver os problemas de vizinhos e amigos do bairro.

Tom afirmou que era muito parecido com a mãe, identificava-se com as disposições dela, que o influenciou a gostar de se comunicar e de interagir com o outro. Ela sempre esteve, segundo ele, muito presente. Conversavam bastante. A mãe ajudava os outros espontaneamente, mas Tom disse que ela nunca se vinculou a nenhuma entidade de bairro, como ele. As disposições da mãe para o assistencialismo eram, segundo Tom, voluntárias, ou seja, tendências diacrônicas manifestadas de forma requisitada. Tom, diferentemente dos irmãos, seguiu os passos dela e foi influenciado ainda pela avó paterna.

4.5.3 Mundo da comunidade: as disposições hedonistas para ajudar o outro

Aos 12 anos, Tom começou a frequentar as reuniões da associação dos moradores do bairro, acompanhava tios, primos e vizinhos. O pai e os irmãos não se envolviam, participavam esporadicamente, apenas quando havia reunião importante, mas não faziam isso de forma espontânea. Ao contrário de Tom, que tinha tendências para atuar de forma voluntária. Na ocasião das entrevistas, declarou que estava sem tempo para ir aos encontros, mas fez esse ritual de forma rotineira até dois anos atrás.

Durante quase 20 anos, ficou acionando as inclinações para a mobilização do outro e o assistencialismo, frequentava regularmente as reuniões e os atos promovidos pela entidade, sem nunca ocupar cargo de direção. Em função de sua qualificação escolar, orientava os diretores da associação na redação de documentos e de projetos que apresentavam a políticos e instituições para resolver os problemas da comunidade.

Tom se reconheceu como líder, mas não aquele tradicional que, segundo ele, troca favores por voto e ainda ganha dinheiro com esse trabalho de cabo eleitoral. De forma voluntária, mobilizava amigos e parentes. Nunca assumiu nenhum posto de direção porque queria ter liberdade de ação para entrar e sair desse mundo social quando quisesse.

Dentro ou fora da entidade, procurava resolver o problema do outro, tinha inclinações para reagir ao ver o sofrimento alheio. Disse que gostava de agir politicamente de forma ampla, contribuindo para buscar políticas públicas que melhorassem a vida de sua família e de outros atores, mas não possuía filiação partidária. Tom explicou que sempre fez questão de votar, escolhendo candidatos a partir do partido, da identificação pessoal e das propostas. Afirma ter disposições para cobrar o que eles prometeram, até entrava em contato com os políticos para lembrar das propostas que fizeram. As respostas deles influenciavam o seu voto.

De acordo com nosso repórter-amador, uma parte da família tinha forte tendência para a ação comunitária, atuando em entidades do bairro e realizando ações sociais voluntárias. A avó paterna, por exemplo, recebia os moradores na própria casa para rezar e aconselhar, apesar de não frequentar a associação. A mãe dele auxiliava no que podia, distribuindo alimentos e outros produtos de seu mercadinho. Outros parentes, como tios e primos, frequentavam as reuniões da associação do local, mas não tinham inclinações para realizar práticas jornalísticas que buscassem a solução desses problemas coletivos.

As disposições de Tom para agir ativamente na comunidade foram sendo construídas nos exemplos dados pela avó, pela mãe e por outros familiares. Tom acionava os seus esquemas disposicionais diacrônicos (socialização do passado) e sincrônicos (socialização do presente) para atuar em duas comunidades: a que ele morava e a que ele tinha o seu negócio, eram vizinhas. "É o meu porto seguro, conheço todo mundo", disse.

Tom passou boa parte de sua trajetória entre esses dois bairros em morros da periferia da Zona Norte do Recife, deslocava-se apenas para trabalhar quando arranjou um emprego em uma empresa de ônibus que ficava em Olinda, na Região Metropolitana. Nessa empresa, da qual já se desligou, fez amigos que permaneciam se comunicando com ele até o período em que o entrevistamos.

4.5.4 Mundo da educação: a ativação da disposição para a ação religiosa

Tom fez um curso técnico para operador de logística, concluído em 2010. No mesmo ano, conseguiu entrar em uma faculdade particular para fazer o curso de administração de empresas, mas ele estava trancado, não encontrava mais tempo para continuar. O início de sua trajetória escolar foi na rede privada. Até o 4º ano do ensino fundamental, frequentava uma instituição particular perto de onde morava.

Com o nascimento dos outros dois irmãos, os pais não puderam continuar pagando a mensalidade, matriculando-o na rede pública, onde permaneceu até terminar o ensino médio.

Durante o ensino fundamental, conheceu dois professores que o estimularam a ter uma visão mais crítica da realidade. Eles mostraram conteúdos de disciplinas, vinculando-os à comunidade na qual vivia. Assim, Tom começava a ter uma compreensão da sociedade, observando-a a partir de seu lugar nessa grande estrutura, levando em consideração as questões contextuais e relacionais.

> Você tinha que ler e viver na rua, no mundo, aquilo que você aprendia em sala de aula. Dava a aula teórica e agora vamos para a aula pratica no meio da rua (Tom).

Pelo que Tom narrou, o papel da escola como instituição ficou em segundo plano, o que ficou retido nele, a marca desse mundo social, foram as iniciativas desses professores. Apesar da importância deles, Tom avaliou que se tivesse tido a oportunidade de permanecer na rede particular, teria mais chances profissionais. Mesmo reconhecendo as falhas do ensino público, ele revelou que os professores contribuíram para a formação de suas tendências para a leitura e a escrita, complementando uma ação tomada também pela família original.

Tom declarou que todo o cidadão comum que quer ser repórter-amador precisa ter disposições para gostar de ler e de escrever e de buscar informação. Ele tinha forte disposição para a ação cultural, ou seja, para o consumo de bens culturais. Tinha o hábito de frequentar livrarias e bibliotecas, ler livros e ir a shows. Os bairros onde morava e trabalhava, segundo ele, ofereciam muitas atividades culturais. No tempo livre, gostava de viajar.

Também foi no colégio que Tom encontrou um contexto favorável para acionar os seus esquemas para a ação religiosa. Uma amiga o convidou a conhecer a Igreja Batista, foi para participar de atividades esportivas, terminou gostando, fazendo amigos e ficando. Ele influenciou toda a família, a maioria era católica. Afirmou que na prática religiosa a preocupação com o outro ficou mais forte: “As pessoas eram mais próximas”.

Tom esclareceu que os evangélicos o motivaram a crescer em todos os aspectos, sinalizando que tinha encontrado uma maneira de acionar as suas disposições ascéticas para o estudo e o trabalho com o objetivo de ganhar a vida. Na Igreja Batista, chegou a ser líder de grupos de jovens. Disse que foi “doutrinado” para ser um ator transformador. Essa declaração nos remeteu a uma outra afirmação, dita pela mãe, quando o incentivava a “fazer sempre a diferença” na comunidade. Isso o motivou a querer se destacar em relação aos demais atores.

> A minha educação foi muito voltada para essa ação de você querer fazer algo em beneficio de alguém. A minha formação tanto educacional quanto familiar é cristã. Dentro da minha formação religiosa já se apregoava a atitude de ajudar o próximo como sendo uma ação, um ato divino. Quer dizer, você tem por obrigação que amar a Deus e ao próximo, transformando tudo isso em atitudes (Tom).

Na religião, Tom também foi incentivado a admirar e a dominar as estratégias da retórica, uma das características do campo político, convencer por meio de argumentos. Era uma inclinação que ele acionava não só na igreja, mas na comunidade, na atividade do comércio e quando atuava ativamente no jornalismo.

4.5.5 Mundo do trabalho: as disposições ascéticas para o comércio

Mesmo ocupando a posição na configuração familiar de filho mais velho, Tom afirmou não ter enfrentado pressões por parte dos pais para que assumisse a função de terceiro provedor. Lembrou, inclusive, que eles pediam aos filhos para priorizar sempre o estudo, já que não tiveram oportunidades semelhantes.

Os pais demonstraram valorizar o capital cultural que os filhos iriam conquistar com os estudos, mas terminaram levando todos para o universo do trabalho deles, até porque os mundos da família e do trabalho se confundiam. Essa conexão se aprofundou ainda mais por uma decisão tomada pela mãe, que fechou a banca que possuía na feira pública para abrir um mercadinho na própria casa. Para Tom, participar do trabalho dos pais era uma disposição quase obrigatória, extremamente ascética e natural.

Nada precisava ser dito claramente, a mensagem era decodificada prontamente, pela interdependência do funcionamento da própria configuração família-trabalho. Como todos estavam no mesmo espaço social, os filhos terminavam se envolvendo, já que os pais trabalhavam de domingo a domingo. Independentemente de ter consciência ou não dessa disposição, Tom repetia as práticas dos pais. A influência deles era tão forte na construção das tendências para o trabalho que Tom escolheu o comércio, como campo profissional, apesar de ter realizado um curso técnico de logística e entrado em uma faculdade particular para cursar administração de empresas. São cursos, todavia, que têm conexão com o comércio.

Em uma década, Tom tinha conseguido abrir duas lanchonetes. Uma delas ficou para o irmão mais novo. A segunda, ele ampliou, passando a fornecer refeições no almoço e no jantar. Os pais também mostraram aos filhos que, além de trabalhar, era preciso ter ousadia para buscar a independência e o equilíbrio financeiro.

Tom identificou que a sua forte disposição para o trabalho veio da mãe que, segundo ele, desde criança ajudava os pais dela no sítio. Ela, inclusive, estabeleceu, mesmo

inconscientemente, um ritual semelhante para os filhos. Era natural, para ela, que a família se unisse em torno das mesmas práticas com o objetivo de superar as dificuldades e alcançar uma estabilidade econômica, o que ela nunca teve na família original. A diferença era que, no interior, a mãe não teve oportunidade de estudar e quis conceder esse privilégio aos filhos.

Com o volume de tarefas do novo empreendimento, Tom decidiu trancar o curso. Quis priorizar, de forma ascética, o seu trabalho, assim como os pais sempre fizeram. Ele, porém, encontrava um tempo para fazer uma atividade que lhe dava prazer e mostrava a sua variação disposicional em relação à própria vida e às tendências dos parentes: o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Para ativar as disposições hedonistas para querer ser cidadão-repórter e repórter-amador, deixava as suas tendências ascéticas em suspense. Entrava e saia do campo do jornalismo para colaborar com os grandes veículos e escrever em seu blog.

O primeiro emprego de Tom com a carteira de trabalho assinada não foi na feira ou no mercadinho com os pais, mas em uma companhia de seguros. Isso ocorreu quando tinha 18 anos, ficou na função por dois anos. Aos 20 anos, foi trabalhar em outro estabelecimento. Desta vez no setor de transporte, passou por duas empresas de ônibus. Apaixonou-se pelo setor, retomou as disposições hedonistas das viagens que tinham sido elaboradas quando, na infância, acompanhava a mãe para visitar os avós maternos no campo. Como queria ter uma remuneração maior, abriu a lanchonete.

Ele ficou quatro anos se dividindo entre a empresa de ônibus e a lanchonete. Nessa empresa, passou a trabalhar com computador e conheceu a internet. Os amigos do trabalho o estimularam a debater assuntos que o apaixonavam: transporte público e rotas de viagens. Em 2007, porém, decidiu sair do emprego para se dedicar ao próprio negócio. Durante o ano de 2011, arranjou um estágio na área de logística, que tinha ligação com o seu curso de administração. Ficou trabalhando em uma instituição privada no Porto de Suape. Era prestador de serviço.

Durante o trajeto até Suape, percorrido às vezes em mais de três horas diariamente entre a ida e o retorno ao Recife, Tom interagia com os internautas do fórum colaborativo do Diario de Pernambuco e escrevia em seu blog. Disse que colocava no blog a situação do trânsito que enfrentava ao longo do percurso: de casa para o trabalho em Suape. No segundo semestre de 2012, deixou o trabalho no Porto e trancou a universidade para se dedicar ao seu comércio, que estava crescendo. Tom tem um perfil empreendedor, assim como os membros de sua família.

A renda individual e familiar era de até seis salários mínimos. Mesmo buscando uma situação financeira mais equilibrada e estável, Tom nunca pensou em se mudar e deixar as duas comunidades por onde transitava. Afinal, nasceu e cresceu por lá. Tinha um forte sentimento de pertencimento aos bairros.

Percebemos que, ao longo dessa trajetória no mundo do trabalho, Tom desenvolveu inclinações para a comunicação, gostava de se expressar para ser bem compreendido. Tinha aprendido a admirar e a dominar a oratória na Igreja Evangélica. Sempre preferiu atividades que interagissem com o público: vendendo produtos na feira, atendendo no mercadinho da família, vendendo seguros, atuando no controle de tráfego de ônibus e comercializando os produtos de sua lanchonete.

Em meio às suas tendências ascéticas, Tom encontrou uma forma de sentir satisfação com uma atividade na qual poderia conectar as inclinações para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas, que estão, ao nosso ver, na base de seus esquemas para o jogo do agir ativamente.

4.5.6 Mundo do jornalismo: as disposições hedonistas para o agir ativamente

Apesar da família viver com um orçamento apertado, Tom se recordou que os pais assinavam o Diario de Pernambuco quando era criança. Também havia o hábito de ouvir as notícias no rádio e assistir aos telejornais. Ele acompanhava o noticiário porque estava ali, à sua mão. Se não estivesse, provavelmente não se esforçaria para ler o jornal em outro lugar ou comprar.

Depois dessa fase da infância, Tom comentou sobre o seu fascínio pela internet e pelas possibilidades de conseguir as informações com facilidade e rapidez. No período da escola, ele não teve a experiência do uso do jornal, do rádio ou da TV como estratégia didática do professor para o debate em sala de aula e fora dela.

Os esquemas disposicionais acionados inconscientemente por ele para agir ativamente no jornalismo foram deflagrados quando teve acesso ao computador e à internet. Eles já tinham sido formados pouco a pouco na socialização na família, na escola e na comunidade. Nesses mundos, Tom foi construindo as inclinações para o assistencialismo, o gostar de ler e escrever, a compreensão do sofrimento alheio, a superação de problemas pessoais e a mudança de vida.

Esses fatores internos de ativação foram as molas propulsoras da ação para ele querer ser cidadão-repórter e repórter-amador, estimulando-o a se comunicar com as redes de amigos que formou no mundo virtual para debater assuntos da cidade e, sobretudo, os relacionados

com transporte público e trânsito. Era como se ele tivesse começado a ativar disposições hedonista para exercer o papel que queria: promover debates em torno de assuntos que o mobilizava e reunir indivíduos que possuíssem o mesmo interesse. Ele retomou tendências que tinham sido iniciadas com os pais, quando eles apresentaram a Tom, na infância, o hábito de se atualizar com as noticias. Naquela época, não percebeu o quanto essa ação social ficou retida para estimulá-lo a criar disposições para querer se comunicar.

Tom conheceu a internet em 2001, mas começou a ter acesso diário à grande rede em 2005. Naquele ano, passou a usá-la em casa, no trabalho e na universidade. Ficava mais de três horas por dia navegando. Isso colaborou para ele começar a ter interesse em se atualizar, interagir com a imprensa e produzir informação. No ano seguinte, comprou um notebook e a interação se ampliou porque ele poderia se locomover, estar em outro lugar que conseguiria passar informação.

Na internet, acessa sites e espaços em redes sociais escritos por jornalistas. Retomou a disposição de querer ficar informado, mas, desta vez, de forma hedonista. Na infância foi diferente, a motivação ascética para consumir informação foi ditada pelos pais, que tinham o hábito de querer se atualizar. Procurava com frequência sites de veículos de comunicação. Além do mais, voltou a ler jornais e escutar programas de rádio. Na infância, as disposições diacrônicas se manifestaram de forma constituída, como se houvesse uma obrigação, uma imposição dos pais. Agora, a escolha de ler, se informar e escrever notícias era dele.

Em 2007, Tom conheceu o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco e se inscreveu. Enviava mensagens semanalmente, mas há quase um ano deixou de postar. Só acessava para ler e acompanhar os comentários. Ele fez uma crítica ao fórum porque estavam ocorrendo muitas discussões entre os internautas. Ele lembrou que tinha conseguido publicar mais de 30 textos entre matérias e notas na página do DP exclusiva para o cidadão-repórter.

> Quando o fórum começou, tinha um propósito claro, gerar matérias para o impresso. Faltou moderação e as pessoas começaram a se agredir. A ideia era compartilhar informação e buscar solução para os problemas apresentados, que afetam as comunidades (Tom).

Foi essa proposta que motivou Tom a deixar de ser um leitor passivo, que consumia a notícia, para colaborar com a grande imprensa e ir mais além, alçando a condição de repórter-amador. Em função de suas disposições para as ações sociais, religiosas, políticas e culturais, observou que o canal do DP seria importante para tentar resolver os problemas que afetavam as duas comunidades em que vivia e trabalhava. Por falta de tempo, não colaborava com outro veículo, mas gostava de ser o “elo” entre a imprensa e as comunidades.

Era reconhecido por esse capital social, que conquistou pela capacidade que teve de realizar o jogo do agir ativamente. Ele entrava e saía do campo do jornalismo, enviava as informações a partir do que considerava importante. Não tinha no jornalismo a sua atividade principal. Por isso, ficava mais à vontade para ir de um lugar a outro, de maneira voluntária.

Ao descrever as características que percebia nos outros atores que eram cidadãos-repórteres como ele, Tom revelou que a base da motivação para querer colaborar com a imprensa era a "ajuda ao próximo". Na essência, referia-se ao mesmo assistencialismo que praticava com a mãe quando doavam produtos no interior, e na comunidade quando procuravam resolver os problemas que afetavam a todos.

Com o tempo, ele percebeu que, apesar da receptividade dos jornalistas no canal de interação, os filtros impostos pelas empresas de comunicação não permitiam que todas as sugestões enviadas pelos internautas fossem trabalhadas na versão impressa do DP nem que todos os ângulos sugeridos por eles fossem reproduzidos. Esses fatores externos o inibiram a continuar a colaborar com o DP, mas terminaram incentivando-o a criar um espaço autoral onde poderia escrever a notícia como quisesse, prática que está levando o campo do jornalismo a mudar o sistema de produção e de distribuição da informação.

Mesmo ressaltando que "não se sente repórter", Tom queria fazer o que classificou de "jornalismo comunitário", aquele que, segundo o nosso entrevistado, "não tem vínculo com ninguém". O jornalismo feito pelos conglomerados de comunicação, segundo ele, "tem um interesse maior, quer audiência e rentabilidade". Todas as notícias que coloca em seu blog tratam, preferencialmente, de temas ligados ao transporte público, ao tráfego e às rotas de viagens.

De acordo com a narração de Tom, as disposições para querer ser cidadão-repórter e repórter-amador foram acionadas inconscientemente quando se sentiu motivado a fazer matérias jornalísticas a partir do ponto de vista da comunidade. Ele chegou a dizer que fazia um jornalismo livre. Não escrevia para ganhar dinheiro, mas para debater ideias e informar outros indivíduos, aproximando-se do papel dos jornalistas da fase inicial do jornalismo.

4.5.7 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Ao reconstruir a trajetória de vida de Tom da Lanchonete, observamos

que durante os seus processos de socialização nos mundos da família original, da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo, ele foi internalizando as disposições que o levaram a querer realizar práticas jornalísticas. Essas influências ocorreram com mais força na primeira socialização, ou seja, na família, quando foi sendo treinado para se informar, ajudar o outro e fazer a diferença. Essas tendências foram explicadas por ele:

> Bem, sempre (em casa) tive esse estímulo de buscar o outro, o conhecimento, a decisão de ajudar o próximo. Assim, de uma certa forma, buscar alguém de valor dentro da comunidade que está inserida. De não ser apenas mais uma pessoa. Ser, de fato, alguém que fizesse a diferença no contexto em que estava vivendo (Tom).

Os esquemas disposicionais que o levaram a querer fazer a diferença foram sendo construídos inconscientemente por influência da família original, principalmente pela determinação ascética da mãe que o ensinou a desejar superar os problemas pessoais para mudar de vida. Ela veio do interior, de uma família pobre, para a capital. Quando casou, fez um deslocamento social porque passou a ter melhores condições de vida. Não que o pai dele fosse de uma família abastada, mas tinha um pouco mais de recursos econômicos do que a família da mãe.

Essa experiência não foi vivenciada diretamente por Tom, que nasceu e viveu a partir desse segundo padrão de vida dos pais, mais equilibrado. Ele, porém, foi influenciado por essa mulher dinâmica, lutadora e controladora, que queria vencer e dar mais qualidade de vida aos filhos. A mãe estimulou Tom a criar e a aprofundar as suas disposições ascéticas, priorizando sempre os mundos da escola e do trabalho. No início, ela criou os filhos vendendo produtos na feira livre. Depois, montou um mercadinho em casa, tornando mais fácil conciliar o trabalho com os papeis de esposa, mãe e dona de casa.

O segundo núcleo que o influenciou na criação dos esquemas para agir ativamente no jornalismo foi a escola. Naquele espaço social, conheceu dois professores que o fizeram ter uma visão crítica da sociedade para que pudesse entender o contexto e as relações sociais que ele mantinha na comunidade onde morava. Tom tinha um forte sentimento de pertencimento ao bairro. Foi ainda na escola que ele conheceu a amiga que o apresentou à Igreja Batista, onde atualizou e aprofundou, por exemplo, as suas disposições para o assistencialismo e para a liderança. O ingresso no mundo evangélico contribuiu para que ele consolidasse os valores da moral e da ética, ensinados por sua mãe na socialização na família para que ele pudesse "fazer a diferença" nos mundos sociais pelos quais transitassem.

> Na Igreja, você é instruído, é doutrinado a ser um cidadão exemplar dentro do seu contexto. Você deve fazer a diferença onde você está. Mostrar para as pessoas que você não está ali por acaso ou pelo destino. Você é um agente de transformação daquele espaço (Tom).

Ao atravessar os estados sociais desdobrados e dobrados de Tom, acessados por meio das interpretações das entrevistas que ele concedeu, percebemos que foi a partir de tendências ascéticas forjadas nas ações social, política e religiosa, ativadas nos contextos e nas relações sociais mantidas na família, na comunidade e na igreja, que Tom era motivado a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo para resolver problemas do coletivo.

As disposições para o assistencialismo e a solidariedade realizadas por Tom nas atividades da igreja, começaram a ser desenhadas no mundo da família. A mãe ajudava os parentes mais humildes e a comunidade, apesar de não se envolver com a associação comunitária do bairro, como o filho fazia. A avó paterna também não pertencia a nenhum grupo na comunidade, mas exercia um papel de liderança e até político quando era muito procurada para dar conselhos. Era benzedeira. O pai e os irmãos de Tom não desenvolveram essas tendências. Ele era o único que tinha um perfil dissonante. Todos tiveram influências semelhantes, mas apenas Tom se sentiu motivado a querer ser coprodutor e produtor de notícia.

Era na confluência das disposições para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas que Tom deflagrava inconscientemente os esquemas de variações disposicionais, que o motivavam a querer colaborar com a grande imprensa e alçar a condição de repórter-amador. Essas disposições encontraram um contexto favorável para serem acionadas, inicialmente, quando ele teve acesso ao computador e à internet. Ele era um ator que agia ativamente nos diversos mundos nos quais foi socializado, mas no jornalismo só vieram à tona quando pode interagir com os veículos de comunicação através das facilidades de contato proporcionadas pela grande rede, desde então, de forma contínua e duradouro.

Mesmo com o ascetismo extremo que desenvolveu para o trabalho, Tom encontrava tempo para fazer o que dizia ser um *hobby*, utilizava esse termo para definir as práticas jornalisticas porque assim as diferenciava das ações ascéticas que ele mantinha no mundo do trabalho. Isso o distinguiu da família original, revelando as suas variações inter e intraindividuais em relação aos parentes e aos amigos.

Apesar de ter esse perfil dissonante, ele não se afastou das posições que ocupava nas configurações da família e da comunidade. Ele ativava esses papéis ambivalentes que os faziam ir de um campo a outro para conciliar as inclinações ascéticas e hedonistas, como se fossem vários Tons em um só.

As disposições ascéticas para o estudo e o trabalho foram sendo planificadas para todos os outros mundos nos quais ele transitava, misturando disciplina com doutrinação. As inclinações hedonistas vieram à tona e com força, todavia, quando ele decidiu realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Quando colaborava com a grande imprensa e produzia noticia em seu blog, Tom ativava os esquemas disposicionais para fazer o assistencialismo, praticar a oratória, ter atitudes e pensamentos ativos e ser empreendedor, mas de forma voluntária e prazerosa. Transformou as tendências ascéticas em hedonistas porque fez a escolha de pensar e agir diferente do velho *script* social que tinha sido traçado para ele.

As múltiplas influências serviram de instrumentos para que ele procurasse fazer a diferença e se destacar nesse jogo disposicional, entrecruzando, de forma criativa e inteligente, as suas tendências ascéticas de ganhar a vida no trabalho com as suas inclinações hedonistas para realizar as práticas jornalísticas que observamos. Por isso, para Tom, querer ser coprodutor e produtor da notícia se transformou em hobby por meio do qual poderia ajudar o outro, resolver os problemas da coletividade e, mesmo assim, fazer a diferença, como a mãe o havia treinado.

Ao não ganhar dinheiro com o jogo do agir ativamente, estava vivendo uma vida dupla. Entrava e saía do campo do jornalismo, onde colaborava, para instituir um espaço que ficava na interface entre o campo e o mundo do jornalismo. Ao não ser remunerado, ele se protegia de transformar a tendência hedonista para produzir informação em ascética para o trabalho. Isso porque o ascetismo estava muito vinculado a uma atividade remunerada, como tinha aprendido com os pais na família original.

Tom atualiza o blog diariamente, sempre reserva um tempo em meio ao corre-corre do dia a dia. Ele percebeu que o seu poder para ajudar outras pessoas se ampliava, apesar das críticas que fazia à grande imprensa pela forma como as informações enviadas pelos cidadãos comuns eram tratadas. No seu blog, entretanto, editava as notícias a partir de seus critérios pessoais, mesmo que tomasse como referência o formato e a linguagem das matérias jornalísticas elaboradas pelos veículos de comunicação.

Pela trajetória de vida de Tom, o blog pareceu ser o grande motivador de suas disposições hedonistas em meio ao emaranhado de disposições ascéticas (a disciplina, a organização e a prioridade para o trabalho), aprendidas pela socialização na família. Com o blog, ele se permitiu fazer o que gostava, debater os problemas dos bairros e o transporte público. Ele, contudo, não queria negar as origens ou se afastar da família, transformando-se em rebelde ou um trânsfuga de classe. Tom desejava, pelo que observamos, encontrar algo

que pudesse proporcionar prazer e satisfação fora do circuito família-trabalho-religião-comunidade.

Por isso, para Tom, o blog era um *hobby*. Ele não queria ser repórter ou ter qualquer vínculo profissional com uma empresa de comunicação, o que o remetia às tendências ascéticos e obrigatórias para o trabalho. O repórter-amador, para ele, era uma prática espontânea. Apesar de querer fazer essa distinção entre atividades ascéticas e hedonistas, Tom admitiu que pretendia, no futuro, transformar o blog em um canal de notícias que contaria com a colaboração de outros repórteres-amadores. A princípio, todos exerceriam as atividades de forma voluntária, mas não descartou a possibilidade de vir a remunerá-los.

Tom tem fortes disposições para pensar e agir como um indivíduo que precisa ser útil socialmente, o papel do repórter-amador é desempenhado por ele nesse sentido. Entendemos que essa prática foi realizada como um resultado da multisocialização pela qual ele passou nos mundos da família, da escola, do trabalho, da comunidade e do jornalismo. Aliás, foi essa plurissocialização que formou as suas tendências para o assistencialismo, a compreensão do sofrimento do outro, a superação de problemas pessoais, a mudança de vida, a orientação a partir do próprio exemplo, a mobilização do outro, a liderança, o gosto da leitura e da escrita, o querer se expressar, o buscar informações, o diálogo com os veículos de comunicação e a criação de alternativas próprias de comunicação.

Essas disposições estão na base do esquema disposcional que Tom aciona para se sentir motivado a colaborar com a grande imprensa e produzir notícia em seu espaço autoral. Nesse processo, ele foi se interessando cada vez mais em realizar práticas jornalísticas para que pudesse resolver problemas da coletividade, como podemos resumir nos quadros a seguir que identificam os principais fatores internos e externos de ativação que o fizeram ter um perfil singular e, ao mesmo tempo, plural.

Tom da Lanchonete
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Construiu disposições ascéticas para procurar estabilidade financeira e equilíbrio. Teve forte influência da mãe, o elo de ligação entre os membros da família. A separação dos pais não comprometeu o modelo de negócios da família. Todos atuam no comércio e se ajudam mutuamente. A mãe foi a principal indutora de suas disposições ascéticas para estudar e trabalhar. As tendências para a ação social e política foram forjadas na socialização com a mãe e a avó paterna. O pai também era batalhador e disciplinado. Tinha uma boa relação com os irmãos. Apesar de terem passado por contextos de socialização semelhantes, eram diferentes. Foi com os pais, na infância, que ele conheceu o jornal impresso. Eles tinham o hábito de se atualizar,

	ler, ouvir e assistir ao noticiário. Tom não se interessou pelo universo do jornalismo, só anos mais tarde. Isso ocorreu quando teve acesso ao computador e à internet. Inscreveu-se no fórum do DP e passou a interagir com a grande imprensa. Criou um canal próprio de comunicação.
Comunidade	Nasceu e cresceu no mesmo bairro, passou a trabalhar em outra comunidade quando instalou a primeira lanchonete, os dois locais são vizinhos e ficam na periferia do Recife. Tem um forte sentimento de pertencimento a essas comunidades. Participou da associação de moradores de forma ativa, frequentava as reuniões. Em função do trabalho, afastou-se mais. Ele, contudo, sempre estava agindo para resolver os problemas que afetavam os moradores dos dois locais. A disposição para a ação social levava-o à ação política. Era reconhecido pelas comunidades por sua liderança.
Escola	O mundo da escola contribuiu para o fortalecimento das disposições ascéticas. Dedicou-se ao estudo, como a mãe orientou. Preparou-se para o mundo do trabalho. Na escola, conheceu professores que o ajudou a ter uma visão crítica da sociedade e a entender os problemas das comunidades. Foi estimulado a ler e consumir bens culturais. Por meio de uma amiga de classe, conheceu a Igreja Batista. Esses dois fatores o levaram à ação cultural e religiosa, esta última construída de forma ascética a partir da disciplina e da doutrinação. A escola e a igreja contribuíram ainda para fortalecer as suas práticas sociais e políticas. Ingressou em uma universidade e fez estágio, voltados para o setor do comércio.
Trabalho	Os mundos do trabalho e da família eram quase um só. Nasceu em uma família de empreendedores, que tinha na mãe a principal incentivadora. Quando ela decidiu abrir um mercadinho em uma parte da casa, o entrecruzamento desses dois universos tornou-se quase natural. Tom trabalhou informalmente para ajudar os pais desde criança, mas não abandonou os estudos nem foi levado a ser o terceiro provedor. Trabalhou em seguradora, empresa de ônibus, fez estágio na área de logística, mas sempre em paralelo com a sua lanchonete. Quando o negócio cresceu, decidiu se dedicar a ele. O trabalho na transportadora ajudou a fortalecer as disposições já construídas. Conheceu a internet e passou a gostar de trocar informações sobre transporte público. Fatores que contribuíram para querer realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. A disposição ascética para o trabalho o levou à tendência hedonista para o jornalismo.
Jornalismo	Mesmo com o orçamento apertado, a família original dele assinava um jornal impresso e acompanhava o noticiário na TV. Ele não ficou estimulado na época, só foi despertado para a necessidade de se manter atualizado, ativando disposições construídas na infância, quando começou a utilizar a internet. Voltou a consumir informação e foi além quando passou a interagir com a grande imprensa. Criou um blog para debater com outros internautas sobre mobilidade urbana.

Fatores de motivação interno e externos

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo	A receptividade dos jornalistas, a oportunidade de expor a opinião e ter voz, colocar as reclamações dos atores, o retorno da população e o reconhecimento, a solução dos problemas apresentados.
O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	A exposição pública e o baixo aproveitamento das matérias por parte da grande imprensa.
Fatores de ativação internos	Disposições para a ação religiosa (mundos da família e da escola), política (mundos da família, da escola, da comunidade e do jornalismo), cultural (mundos da família, da escola e do jornalismo) e social (mundos da família, da escola, da comunidade e do jornalismo).
Fatores de ativação externos	A interação com a comunidade, os pedidos da comunidade para a solução de problemas, o reconhecimento de amigos e familiares, o

	acesso à internet e o uso do computador, a interação com empresas e jornalistas, a participação no fórum do DP, a produção da informação e acompanhamento das notícias no jornalismo.

4.6 O universo de Pedro do Batuque: músico e controlador de tráfego

4.6.1 Perfil

De menino tímido, que ficava dentro de casa porque a mãe não o deixava brincar na rua com medo de perdê-lo para a violência do bairro, a jovem contestador, que expressava nas letras de suas músicas as disposições para a mudança de vida, a superação de problemas do coletivo e a compreensão do sofrimento alheio. Pedro do Batuque conseguiu dar um salto e ultrapassar os limites do mundo da família original quando se descobriu na música. Em casa, ficava ouvindo o rádio. Na rua, frequentava os ensaios de grupos que tocavam canções de protesto semelhantes às que ele escutava no rádio.

As canções e as atitudes desses grupos traduziam as suas disposições para pensar e agir em prol da comunidade. Ao acionar inconscientemente os seus esquemas disposicionais para atuar ativamente no jornalismo ou fora dele, mostrava as suas fortes tendências para as ações sociais, religiosas, culturais e políticas, atualizadas de acordo com os contextos e as relações que mantinha com os outros atores.

Pedro não queria só ouvir aquelas músicas, mas falar para a comunidade, localizada em um dos morros da periferia do Recife, na Zona Norte. Pelo que contou, essa era uma inclinação diacrônica, latente nele desde pequeno e que o estimulou a realizar o que chamamos de jogo do agir ativamente a partir das influências que recebeu na família original, na escola, na comunidade e no trabalho que realizava nas rádios comunitárias.

Na configuração da família, ele era o caçula, o protegido pela mãe. Na configuração da comunidade, era o mobilizador que buscava ensinar aos outros e conscientizá-los da necessidade de se unirem e reividicarem políticas públicas. Ele lembrou que o seu desejo, naquela época, era que os moradores da periferia pudessem se ver na mídia e que fossem percebidos pela sociedade, o que não acontecia.

Quando conheceu o trabalho de uma organização não governamental que passou a atuar em seu bairro, Pedro logo se engajou nas oficinas. Os responsáveis pela entidade queriam mostrar aos moradores que eles deveriam se organizar para resolver os problemas do lugar. Naquela época, antes mesmo das facilidades que a internet trouxe para a livre expressão

do cidadão comum, ele já participava de iniciativas que criavam canais próprios de comunicação para o bairro por meio de jornais e rádios comunitários.

O esquema disposicional de Pedro para agir ativamente no jornalismo foi acionado inconscientemente nessa fase. Depois, foi atualizado e fortalecido quando decidiu levar para uma comunidade vizinha o mesmo projeto. Os pais e o irmão mais velho tiveram muita influência nas formações das tendências de Pedro. Todos, de alguma forma, tinham inclinações para as ações social, cultural, política e religiosa. O pai era espírita, exercia um papel importante no terreiro de candomblé do qual fazia parte, atividade realizada também pelo irmão, que dançava afoxé. A mãe, cirandeira, vinha de um município do interior, berço de muitos grupos culturais ligados ao maracatu e à ciranda.

Com essa configuração familiar, Pedro superou a timidez e acionou os esquemas disposicionais que o fizeram ser um jovem comunicativo e contestador. Descobriu os caminhos que poderiam levá-lo a interagir com a grande imprensa, que se somavam aos canais alternativos de comunicação que já tinha construído na comunidade. Ao conhecer o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP), encontrou outra forma de tentar colocar em pauta os problemas da comunidade e trocar informação com os internautas. Não criou nenhum blog para produzir informação, mas era um projeto para o futuro.

As nossas entrevistas com Pedro foram realizadas entre outubro de 2011 e maio de 2012. Era um dos cidadãos mais ativos do fórum, mas demorou a responder a nossa mensagem eletrônica. Foi por intermédio de um outro ator que o localizamos. O primeiro encontro foi em uma padaria perto do trabalho dele, conversamos nesse mesmo local por mais de uma vez, sempre após o expediente. A terceira entrevista foi realizada na lanchonete que ficava ao lado da casa dele. O último encontro foi na praça de alimentação de um shopping no centro do Recife.

O curioso foi que ele só nos revelou que tinha casado na terceira entrevista, até então tinha declarado que era solteiro. Ele explicou que estava brigado com a namorada, mas que depois voltaram a se relacionar e a se entender. Não casaram formalmente, decidiram viver juntos porque tinham uma filha, que na ocasião estava com três anos.

4.6.2 Mundo da família original: origens das disposições para as ações culturais, sociais, políticas e religiosas

Quando realizamos as entrevistas, Pedro do Batuque tinha 26 anos, morava com a esposa e uma filha na casa que pertenceu a uma tia, no mesmo bairro em que nasceu e cresceu. Era filho único, mas possuía um meio-irmão, de 39 anos, filho do primeiro

relacionamento da mãe, que era casado e tinha dois filhos. Pedro contou que o seu pai sempre tratou o irmão como se fosse filho legítimo. Pedro considerava que os dois tinham muitas características em comum, mas não demonstrou ciúmes.

A diferença de idade entre os irmãos era grande, 13 anos. Pedro cresceu vendo o mais velho sair e participar de atividades culturais com o pai, por conta da idade não podia ir junto. Isso gerou dois movimentos disposicionais: o primeiro era o de admiração pela relação entre o pai e o irmão, e o segundo era o de confronto com a mãe por não permitir que ele acompanhasse. Ela tinha medo da violência no bairro onde moravam.

Pedro ficava revoltado, sentia-se sufocado. Por isso, descreveu-se como uma criança tímida, que não conseguia se expressar. Até os 10 anos, ficava em casa, brincando com os seus carros. Nessa fase, lembrou que ouvia muito rádio, principalmente emissoras que tocavam rock. As canções que mais atraíam a atenção dele eram as que expressavam sentimentos que motivassem o indivíduo a mudar, a superar problemas e a olhar o outro.

A relação de Pedro com o irmão era, segundo ele, de cumplicidade e admiração. Na ocasião das entrevistas, o irmão era casado, e morava na mesma comunidade. Trabalhava como *office boy*. Depois que os sobrinhos nasceram, Pedro disse que ele passou a se preocupar mais em trabalhar para manter a família formada e não tinha tempo para participar do grupo de afoxé, como antes. A responsabilidade em sustentá-la fez com que essa disposição ficasse adormecida. Percebemos, como iremos analisar mais adiante, que Pedro estava passando pela mesma situação.

Apesar das diferenças de idade e de atividade profissional, eles procuravam se encontrar e conversar diariamente. Pelo que Pedro narrava, o irmão era quase um segundo pai. Ele se espelhava nele. Não havia, pelo que observamos a partir da reconstituição indireta dessa relação entre os irmãos, um sentimento de inveja ou de competição, certamente houve ciúmes quando ele era criança, que não chegou a afastá-los.

O pai de Pedro nasceu e cresceu no Recife. Até casar, morava em um bairro vizinho ao que a família de Pedro residia na ocasião das entrevistas. Os dois lugares ficavam na periferia da capital, áreas de morro da Zona Norte. O pai concluiu o ensino médio, conseguiu passar em um concurso público e era auxiliar administrativo de uma secretaria da Prefeitura do Recife. A família morava em casa própria.

Os pais estavam casados há mais de 35 anos. Eles se conheceram por intermédio do avô paterno, casado com a irmã da mãe de Pedro. Eles foram apresentados na casa do avô para onde a mãe ia nos finais de semana. Durante a semana, ela dormia no trabalho. Era empregada doméstica, veio do interior para tentar conseguir uma melhor qualidade de vida na

capital. Quando chegou ao Recife, ela ficou na casa de uma tia, a mesma que a ajudou a cuidar dos filhos.

Uma das melhores lembranças que Pedro disse ter da infância eram os passeios que fazia com o pai, uma tradição aos domingos. Eles andavam de ônibus para conhecer os bairros do Recife e as cidades da Região Metropolitana. Era uma forma de compensar, já que Pedro reclamava de passar muito tempo dentro de casa. Aquela também era uma oportunidade para que os dois se aproximassem e conversassem, já que nem a mãe nem o irmão os acompanhavam. Pedro reconheceu que era uma forma encontrada pelo pai para mostrar a realidade de outras comunidades. Era uma aula de sociologia.

> Meu pai me levava para conhecer os lugares, mas meu olhar era outro. Eu queria conhecer as casas, observar as pessoas e ver a geografia das comunidades (Pedro).

Esse comportamento do pai foi importante para que ele desenvolvesse as suas disposições para as ações sociais e políticas. Ele começou a fazer comparações entre a vida que levava na comunidade e a situação de outros bairros que conhecia nesses passeios, observando atores e espaços sociais. Quando pode, Pedro gosta de voltar a esses lugares para ver as mudanças sociais.

O pai forneceu as ferramentas básicas para que o filho fosse construindo disposições para a comunicação e a mobilização social, que seriam ativadas por ele anos depois. Pedro foi formando um discurso crítico sobre a realidade em que vivia, já que conhecia o dia a dia de outros mundos sociais.

Quando passeava com o filho, o pai também realizava uma outra prática que o marcou profundamente. Ele traçava rotas para que pudesse mostrar o trajeto que faziam até chegar aos bairros ou às cidades que visitavam. Pedro explicou que o pai fazia isso porque tinha medo que ele se perdesse. Ao mostrar a rota que seguiam, contribuía para que o filho começasse a se localizar no mundo social. Caso se perdesse, poderia encontrar o caminho de volta. O pai foi o primeiro GPS[46] de Pedro.

Essa experiência da infância foi decisiva para que ele acionasse mais tarde duas disposições diacrônicas que se manifestavam de forma espontânea e voluntária e que traziam um sentimento de hedonismo, carregadas de uma afetividade da infância. A primeira era o seu envolvimento com a comunidade, não só com os atores que moravam e viviam lá, mas com o

[46] GPS é uma sigla que abrevia o nome de um equipamento, chamado em inglês de Global Positioning Sistem. O GPS é um sistema de rádio navegação baseado em satélite que permite qualquer indivíduo saber a sua localização em qualquer ponto da Terra.

espaço físico, o ambiente. A segunda, a paixão por traçar rotas de ônibus, tanto que era essa a profissão que Pedro tinha escolhido quando fizemos as entrevistas: era controlador de tráfego de uma empresa de ônibus.

Ele integrava a equipe que criava e acompanhava as rotas de ônibus dessa empresa, até em seu tempo livre Pedro estudava rotas. Era, ao mesmo tempo, um trabalho e um lazer. Ele relatou que costumava chamar alguns amigos para andar de ônibus e procurar outros caminhos que driblassem os congestionamentos. A disposição diacrônica encontrou contexto para ser ativada e se transformar em sincrônica porque era acionada no momento presente. Os passeios com o pai se transformaram em trabalho e obrigação, mas qualquer tendência ascética para o exercício da profissão era prontamente suplantada pelo prazer, que vinha da memória da infância.

O pai influenciou até na escolha da religião de Pedro. Ele frequentava os terreiros de candomblé, tinha uma posição ativa e também dançava afoxé. Às vezes, ficava toda a noite no terreiro e isso gerava brigas com a mãe. Por isso, ela não queria que Pedro também fizesse parte dessa religião, uma vez que o filho mais velho já acompanhava o marido.

A mãe era católica e queria impedir que o filho mais novo tomasse o mesmo caminho do pai. Então, ela levava Pedro para a igreja e o fazia participar de todos os rituais católicos. Ele foi batizado e fez a 1ª Comunhão. Nas entrevistas, disse que isso o irritou. Dessa fase, o que mais o marcou foi a campanha da fraternidade. Quando ela começava, a igreja realizava algumas atividades na comunidade. Ele gostava de participar porque ativava as suas disposições para a ação social.

A mãe tentou inibir as disposições de Pedro para a prática do candomblé, mas não surtiu efeito. Quando ele cresceu e se tornou mais independente, deixou o catolicismo e passou a ser, como ele define, espírita. Depois de alguns anos, afirmou que até a mãe terminou se convertendo e virou espírita. A mulher de Pedro e a família dela eram evangélicas, mas conviviam bem.

Não foi apenas o pai que teve um papel decisivo na formação disposicional de Pedro para que quisesse agir ativamente no jornalismo e em outros mundos sociais, a mãe também. Ela era do interior, de um município da Mata Norte de Pernambuco. Tinha 11 irmãos que, aos poucos, também foram migrando para o Recife. Estudou até o 7º ano do ensino fundamental. Não teve condições para continuar. Muito cedo precisou trabalhar para ganhar a vida.

Ela chegou ao Recife com 11 anos de idade e foi trabalhar em casa de família, como empregada doméstica. O emprego foi arranjado por uma amiga dos pais dela. Durante a semana, dormia no trabalho. Nos finais de semana, ficava na casa de uma tia, irmã da mãe

dela, que morava no Recife e não tinha filhos. Essa tia criou a sobrinha como se fosse uma filha, já que os pais dela continuaram morando no interior. A mãe de Pedro não podia visitar a família com frequência por conta das condições financeiras.

A mãe permaneceu nessa profissão até se aposentar por invalidez. Teve um problema nas articulações dos braços. Na época, Pedro tinha 16 anos. Ele recordou que a acompanhou várias vezes ao INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), órgão responsável pela concessão da aposentadoria. Disse que foi difícil para a mãe ter direito ao benefício. Ela sentia muitas dores e não podia realizar trabalhos domésticos.

Quando a mãe casou, foi essa tia dela que a ajudou a criar os filhos. Quando realizamos as entrevistas, Pedro morava com a família formada dele na casa herdada da tia, já falecida. Pedro recordou ainda que quando era criança costumava viajar com a mãe e o irmão para a cidade natal dos parentes maternos. Adorava pegar o ônibus para passear, tinha o hábito de fazer isso com o pai aos domingos.

Lembrou ainda que foram marcantes as apresentações culturais às quais assistiu no interior. A mãe e a família dela gostavam de participar de grupos de maracatu, uma tradição cultural da cidade dela. Isso ficou na memória de Pedro. Quando podiam, ele e a mãe assistiam aos espetáculos de maracatu no Recife, principalmente no Carnaval. Pedro demonstrou ter uma relação muito próxima com a família da mãe, mais do que com a do pai que era da capital.

A mãe, pelo que Pedro descreveu, tinha expectativas mais ascéticas para o filho mais novo, que o levasse a ter uma segurança financeira. Isso porque ela passou por uma trajetória difícil: de uma vida de privações no interior à outra não menos sacrificante na capital. O filho mais velho trabalhava de *office boy* e passava por problemas financeiros. Ela desejava um outro estilo de vida para Pedro, que ele tivesse mais oportunidades.

Por isso, tentou afastar Pedro do candomblé, do afoxé e dos grupos musicais. Ou seja, das áreas de dominação do marido, temendo que ele deixasse o estudo de lado. A mãe queria que Pedro encontrasse um curso que pudesse levá-lo a uma profissão estável. Ela própria e o marido conseguiram construir uma estrutura financeira tranquila para o filho mais novo. Com a aposentadoria dela e o emprego efetivo do marido no serviço público, eles puderam, como percebemos através das entrevistas, dar uma sensação de segurança a Pedro, o que fez a diferença para ele acionar as suas disposições para o agir ativamente no jornalismo e em outras áreas também.

Nessa fase antes do casamento, ele esboçou preocupação em deixar as suas atividades sociais e culturais e buscar um emprego estável com salário garantido para ajudar na

manutenção da casa. Os pais não imputaram nele essa obrigação. Essas disposições mais ascéticas começaram a surgir quando ele constituiu a própria família.

Naquela ocasião, Pedro disse que não estava mais encontrando tempo para atuar ativamente como antes tanto na comunidade como no jornalismo. O contexto era outro. Na configuração familiar, passou do papel de filho mais novo ao de provedor, mas para não abandonar as suas disposições, que foram sempre majoritariamente hedonistas, Pedro escolheu uma profissão em que pudesse, ao mesmo tempo, ganhar dinheiro e ativar as suas disposições para orientar o outro, superar os problemas e mudar de vida.

4.6.3 Mundo da comunidade: disposições para agir ativamente no jornalismo

Quando a mãe permitiu que Pedro fosse com os vizinhos assistir aos shows de grupos musicais da comunidade, ele gostou das canções que reivindicavam melhores condições de vida para os moradores dos morros. As mensagens eram semelhantes às das músicas que ele escutava no rádio. Aos 12 anos, para superar a timidez que tanto o incomodava, conseguiu a autorização dos pais para participar de um grupo de jovens. Esse grupo chamou a atenção de uma organização não governamental que se instalou na comunidade para oferecer oficinas de artes e de comunicação.

Ao se inserir nesse movimento, Pedro passou a ativar cada vez mais as suas disposições para a ação social, cultural e política. Desde então, além de frequentar os shows, ele começou a sair com os músicos. Pedro lembrou que ficou entusiasmado com as letras. As músicas tratavam da questão social, incentivando os jovens a tomar posições políticas e reivindicar ações públicas para dar condições de igualdade a todos os segmentos da sociedade.

> A vontade de mudar, viver uma vida melhor era muito grande. Viver com menos violência, com uma educação de qualidade. Na época, a comunidade era tachada de muito violenta. Havia muito medo. Era essa a imagem que era construída principalmente pelos veículos de comunicação. Quando a comunidade se via na mídia, a imagem era sempre negativa. Com a nossa movimentação cultural, mostramos que não era só violência. Conseguimos muita coisa. Com os shows, a gente arrecadava alimentos e roupas e distribuía. A minha relação com a comunidade é muito forte. Aqui, estão as minhas origens, não penso em sair (Pedro).

O movimento cultural do bairro contribuiu decisivamente para Pedro se sentir estimulado a se expressar politicamente. Com aquelas músicas, aprendeu a colocar para fora o que o incomodava: a violência, os problemas de infraestrutura da comunidade e as condições dos prédios e do ensino do colégio público onde estudava. Foi assim que começou, segundo ele, a se preocupar com o outro, a ativar disposições assistencialistas e solidárias.

Nesse esforço para superar a timidez e se comunicar, Pedro foi criando inconscientemente os seus esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo, formados a partir das influências dos fatores internos, como as disposições para a ação social, cultural, política e religiosa; e externos, como a falta de espaço na mídia tradicional para a pauta de temas que importavam à comunidade onde ele morava.

A partir do relato de Pedro, esses fatores combinados, que serão detalhados a seguir, motivaram-no a ser um ator participativo no jornalismo, o foco desta pesquisa. Essas disposições poderiam ser observadas em diversos momentos da trajetória de vida dele. Elas nasceram da plurissocialização que ele recebeu ao se relacionar, principalmente, com os atores dos mundos da família original e da comunidade. Por mais que a mãe tivesse retardado a sua saída de casa para participar dos movimentos culturais, Pedro sempre esteve inserido neles. Em casa mesmo, tinha os exemplos do pai e do irmão e ouvia as músicas de protesto.

Ao exercer o papel da autoridade materna, a mãe acionava as suas disposições ascéticas porque não queria que o filho mais novo seguisse o caminho do mais velho. De acordo com a narrativa de Pedro, a mãe achava que o filho mais velho não se interessava pelos estudos por conta das disposições para as atividades culturais. Ela considerava natural, segundo Pedro, que a conquista da estabilidade financeira passasse pelo estudo.

Apesar da pressão da mãe, Pedro não deixou que as disposições hedonistas para a música entrassem em crise e ficassem em estado de latência. Para mostrar a ela que o seu interesse poderia se transformar em carreira profissional e não era uma brincadeira, entrou no conservatório de música. Foi a partir dessa iniciativa ascética que, segundo Pedro, a mãe passou a apoiá-lo. Assim, ele vinculou a atividade cultural ao seu despertar para a comunicação. Através da música, conseguia se expressar e superar a timidez.

No conservatório, estudou violão clássico e bateria. Nessa fase, fez parte de um grupo musical profissional. Era um dos autores das músicas, sempre contestadoras, que falavam da realidade que seus integrantes vivenciam no dia a dia da comunidade. O grupo foi convidado para se apresentar na Europa. Na época, tinha 17 anos e teve a oportunidade de estudar a cultura de outros países. Naquela ocasião, identificou a influência que a família exerceu para a formação de suas tendências para a ação cultural.

O pai e o irmão gostavam de afoxé, eram do candomblé. A mãe era cirandeira, gostava de maracatu. Tinha um tio, por parte de pai, que era músico profissional, tocava em grupos de rock e de reggae. A música, segundo o que ele relatou, “estava no sangue”.

Na ocasião das entrevistas, Pedro permanecia ativando as suas disposições para os movimentos culturais. Integrava uma nova banda, que tocava *soul*. Isso ocorria, no entanto,

no tempo livre quando não estava trabalhando. Para evitar que essa disposição entrasse em crise, trocava as horas extras do trabalho por folga para tocar com os amigos.

Com criatividade e sabedoria, Pedro criava estratégias para que as suas inclinações encontrassem contextos favoráveis de ativação, uma vez que ganhava a vida em outra atividade profissional. Tinha uma vida dupla. A música não era mais o seu campo prioritário. Chegava a ganhar dinheiro nas apresentações, mas essa não era a sua renda principal. Pedro levou esse jogo disposicional da música para o jornalismo.

A organização não governamental em que Pedro atuava na comunidade teve a ideia de criar uma rádio comunitária para promover as atividades culturais do lugar e, consequentemente, elevar a autoestima dos moradores, uma vez que a mídia tradicional só mostrava a comunidade como um local violento. Pedro passou a fazer parte da equipe da emissora. Assim como a música, o rádio contribuiu para que ele se engajasse ainda mais nos movimentos sociais e buscasse melhorias para o bairro de forma coletiva.

Inicialmente, a rádio divulgava as bandas da comunidade, que ficavam de fora da programação das emissoras comerciais. Depois, a rádio passou a falar do bairro de uma forma mais geral. Trabalhou nesse projeto entre 2002 e 2010.

> A gente procurou buscar o nosso próprio espaço sobre os trabalhos sociais que estavam sendo desenvolvidos dentro da comunidade e fazer com que ela tivesse uma voz maior (Pedro).

A rádio se transformou no principal veículo de comunicação da comunidade. As caixas de alto-falante eram colocadas nos postes. Pedro chegou a ser diretor de programação. A emissora, segundo ele, contribuiu para a comunidade refletir sobre os seus problemas. Por isso, a rádio fez parcerias com as escolas do bairro para mobilizar os jovens. Os programas eram educativos e tinham o objetivo de prestar um serviço de utilidade pública. Pedro e os amigos começaram a influenciar crianças e adolescentes de bairros vizinhos. Entre 2007 e 2010, foi diretor de programação de uma rádio de outro bairro.

Nessa fase, Pedro acionava inconscientemente os seus esquemas disposicionais para atuar como repórter-amador, produzindo notícias. Por meio da rádio, também era fonte de informação para a grande imprensa. Antes mesmo da internet, interagia com os conglomerados de comunicação, desempenhando o papel de cidadão-repórter. Apesar desse ter sido um trabalho coletivo, Pedro, diferentemente de outros atores, acionava essas disposições de forma permanente.

Ele não atuou no bairro apenas por meio das rádios comunitárias. Fazia parte do conselho de moradores desde os 21 anos. Quando o entrevistamos, estava sem tempo para se dedicar à entidade, colaborava eventualmente. Em 2013, haverá eleição para a entidade. Foi chamado para disputar, compondo uma chapa. Disse que estava pensando se aceitaria ou não o desafio.

Pedro reclamou da atuação do presidente do conselho que só estava trabalhando para viabilizar a sua candidatura a vereador nas eleições de 2012, o que o incomodava em função de suas disposições para olhar o problema do outro. Com isso, a entidade não se reunia mais e a comunidade, segundo ele, tinha ficado em segundo plano. Pedro afirmou que nunca pensou em se candidatar a um cargo eletivo, apesar de ser popular no bairro. Possuía inclinações para atuar como líder, mas não queria ser identificado como um líder comunitário tradicional, que, segundo ele, prestava favores para pedir voto e ganhar dinheiro como cabo eleitoral de políticos. Fez isso uma vez, mas não gostou. Disse ter descoberto "muita coisa errada".

Pedro afirmou não ser filiado a partidos, mas possuía forte disposição para a ação política. Informou que ao votar em um candidato, leva em consideração a legenda partidária, a identificação pessoal e as propostas. Cobra ações dos políticos e vota a partir dessa resposta. Procura informações sobre política na internet. Assiste aos canais fechados dos Legislativos e às propagandas partidárias. Nenhuma dessas disposições eram identificadas no pai ou no irmão.

Eles participavam de movimentos culturais, mas não faziam dessa atividade uma mola propulsora para a ação social e política, como Pedro. Já a mãe dele, que não queria participar dessas atividades, foi estimulada a se engajar, uma vez que frequentemente acompanhava o filho. Ele disse que a mãe também era briguenta, assim como ele, revelando uma disposição que tinham em comum: a iniciativa de lutar para mudar. Ele, no entanto, a ativava para a coletividade, enquanto a mãe, não.

Os esquemas disposicionais que Pedro tinha internamente, e que o impulsionavam a agir ativamente na comunidade e no jornalismo, estavam entrando em crise quando decidiu priorizar o trabalho que lhe garantia o sustento da família formada. A namorada engravidou e eles tiveram uma filha. Precisava se dedicar à carreira que escolheu na área de transporte. Agora, desempenhava o papel de provedor.

4.6.4 Mundo da família formada: disposições ambivalentes para ganhar a vida

Pedro estava casado e tinha uma filha. A mulher com 26 anos e a filha, quatro. Moravam no bairro de que ele tanto gostava, onde nasceu e cresceu. Um fato curioso foi que

ele só nos contou que era casado na terceira entrevista. Os dois decidiram ficar juntos no final de 2011, após quatro anos de namoro. A filha já tinha nascido. Foi na mesma época em que estávamos realizando a nossa série de entrevistas.

Os dois tinham muitas afinidades e ela, pelo que ele contou, o estimulava nas disposições que eram ativadas para a ação social, cultural e política. Os dois se conheceram na própria comunidade através das apresentações dos grupos musicais. Amigos em comum se encarregaram de fazer a aproximação sob o argumento de que eles eram parecidos, gostavam das mesmas coisas.

A esposa concluiu o ensino médio. Trabalhava em uma empresa de telemarketing. Quando os dois estavam trabalhando, a filha ficava sob os cuidados dos avós paternos. Pedro não queria, porém, que a filha fosse criada da mesma forma que ele, presa em casa. Por isso, desde novinha, ele a levava para as suas atividades culturais. Ele demonstrou que estava criando as condições necessárias para que a filha também tivesse, no futuro, as mesmas disposições que ele para a ação cultural, social e política. Ele admitiu, inclusive, que gostaria que ela o substituísse na mobilização pela busca de melhorias para a comunidade.

Pedro afirmou isso porque também contava com o apoio da mulher, que tinha se envolvido nos movimentos sociais da comunidade por sua influência. Ela, segundo Pedro, o incentivava a participar dos atos da entidade do bairro para buscar soluções para os problemas dos moradores. Também o apoiava na realização do jogo do agir ativamente no jornalismo por meio do qual colaborava com a grande imprensa através do fórum do DP na internet e produzia notícias para o blog de um amigo.

Nessa época, Pedro já não estava mais integrado à rádio comunitária nem tinha criado nenhum espaço próprio para se expressar, assim como alguns integrantes do fórum do DP. Pelo que Pedro contou, a mulher o admira por ter conquistado um capital social que o tornava conhecido no bairro e no fórum do DP.

Apesar de a esposa demonstrar que apoiava as suas disposições para querer ser cidadão-repórter e repórter-amador e para participar das mobilizações na comunidade, Pedro deu sinais de que esses esquemas estavam começando a entrar em crise. Ele estava ativando um autocontrole para deixar que essas tendências entrassem em um estágio de adormecimento. Passou a priorizar o campo profissional: o de controlador de tráfego, até porque também gostava dessa atividade e queria ser reconhecido por seu capital social.

Pedro começou a manifestar variações disposicionais porque não tinha mais tempo para realizar o jogo que o fazia ter flexibilidade de horário para atuar como controlador de tráfego e produtor ou colaborador do processo de elaboração da notícia. Afinal, tinha formado

uma família e alçado a condição de provedor. Mesmo que a esposa não falasse nada diretamente, Pedro sinalizou que estava sentindo o peso da responsabilidade para manter a própria família.

Pedro, contudo, fez uma escolha profissional na qual poderia misturar o ascetismo (tendências para cumprir uma rotina e regras pré-definidas) com o hedonismo (ações mais voluntárias e prazerosas). Para atuar como controlador, acionava disposições que tinham sido construídas na infância com os passeios que realizava com o pai e com as viagens que fazia com a mãe para o interior. Esse cenário, porém, criava um contexto de ambivalência. A satisfação no trabalho, mesmo envolvendo obrigações que representassem disposições hedonistas, não deixava de comprometer o tempo dedicado, de forma também hedonista só que mais voluntária, às práticas jornalísticas e comunitárias. Essas disposições começavam a dar sinais de que poderiam entrar em crise em função das escolhas profissionais.

Na família original, Pedro tinha uma estabilidade financeira que o podia deixar mais livre para atuar ativamente na comunidade e no jornalismo, não precisava trabalhar com o compromisso de manter uma família. Com o nascimento da filha e o casamento, o contexto mudou. Por mais que tivesse dito que não havia cobrança por parte da mulher, esse pensamento se manifestava de forma automática, como se fosse natural e obrigatória, transformando-se em um fator de externo de inibição para o jogo do agir ativamente.

4.6.5 Mundo do trabalho: variações entre o hedonismo constituído e o requisitado

Sem sofrer nenhum tipo de pressão da família original e acomodado no papel de filho mais novo, que era protegido e bem cuidado pelos pais e pelo irmão mais velho, Pedro tinha toda a liberdade para tomar as escolhas que favorecessem as suas disposições para atividades que lhe dessem prazer até a namorada engravidar. Não havia uma preocupação em trabalhar para ganhar a vida.

O pai era funcionário público, pelo que narrou, não recebia uma remuneração alta, mas ocupava um cargo que dava tranquilidade e segurança à família. A mãe era empregada doméstica, não tinha nenhuma garantia de estabilidade, mas se aposentou por invalidez quando ele tinha 16 anos. Isso terminou trazendo mais segurança. Ao final de cada mês, os dois recebiam os seus salários para manter a casa. Ele e o irmão só foram se preocupar com isso quando formaram as próprias famílias.

Em função desse contexto, Pedro só buscou um trabalho que assinasse a sua carteira de registro em 2010. A filha já tinha nascido e ele se preparava para ir morar com a namorada. Foi contratado como coordenador de tráfego de uma empresa de ônibus, o que lhe rendia uma

remuneração familiar de até seis salários mínimos. Apesar de ter acionado os seus esquemas para disposições ascéticas, ele fez uma escolha na qual também sentisse satisfação hedonista.

A primeira experiência profissional ocorreu quando ele tinha 15 anos e integrou um grupo de música no qual tocava e compunha as letras das canções. Viajou para excursionar em países da Europa e decidiu investir na carreira de músico, sempre tocando canções que falassem da realidade da comunidade. Ele continua a fazer as apresentações, mas quando tem tempo livre. Na ocasião das entrevistas, ele estava vivendo uma vida dupla porque não podia se dedicar integralmente à música e às notícias.

Depois de ser músico e antes de ser controlador de tráfego, Pedro também trabalhou em duas rádios comunitárias: a do bairro onde morava e a de uma comunidade vizinha. Fazia de tudo um pouco, foi até diretor de programação. Ele, contudo, deixou transparecer que não eram atividades nas quais fosse investir de forma profissional. Havia uma disposição muito mais voluntária, complementava tendências que já eram ativadas a partir da ação social, cultural e política no bairro e na música.

4.6.6 Mundo da escola: fatores contextual e relacional na atualização da disposição

Toda trajetória de Pedro do Batuque foi na rede pública de ensino. Até o 5º ano do ensino fundamental, estudou em uma escola municipal. Depois, foi matriculado em uma instituição da rede estadual, que era de referência na região onde morava. Como ele já estava construindo disposições para a ação social, cultural, política e religiosa, que vinham das influências que recebia no mundo da família original, os professores de história e geografia contribuíram decisivamente para atualizar essas tendências.

O professor de história o acompanhou do 7º ano do ensino fundamental até o ensino médio, estimulando-o, como lembrou, a ter uma visão crítica sobre a realidade da comunidade. Pedro disse que esse professor o marcou muito porque realizava debates em sala de aula, conectando as informações que estavam nos livros com a história do próprio bairro. “A gente tinha que ter opinião”, destacou. Isso o ajudou a entender a formação da comunidade onde morava em seus diversos aspectos sociais, complementando o conhecimento que adquiriu com os passeios realizados com o pai em outros bairros e cidades da Região Metropolitana do Recife.

Esses fatores contextual e relacional ajudaram Pedro a atualizar e fortalecer as disposições para a ação social, cultural e política, que estão na base do jogo para agir ativamente no jornalismo. Era nessa mesma fase que ele estava compondo músicas para denunciar os problemas da comunidade e reunindo amigos para fazer um jornal comunitário.

"A gente não tinha conhecimento de jornalismo, mas observou e fez um jornal", lembrou. Eles liam os jornais impressos e tentavam seguir as mesmas regras de redação e de formato para que pudessem fazer, de forma amadora, um produto que se assemelhasse ao que era feito de forma profissional, o que sinalizava para as suas disposições para de querer ser repórter-amador.

Pedro conseguiu ingressar em uma universidade particular, fazia administração de empresas. Havia uma conexão entre o curso e o trabalho de controlador de tráfego. Ele iniciou em 2011, mas em 2012 trancou. Argumentou que não estava com tempo para se dedicar aos estudos. Complementou, contudo, que pretendia reativar a matrícula em 2013. Nesse sentido, demonstrou que as disposições para continuar na universidade eram totalmente ascéticas, estimuladas principalmente pela mãe.

4.6.7 Mundo do jornalismo: inversão do movimento do agir ativamente

Antes mesmo de ingressar na organização não governamental que o introduziu no universo da rádio comunitária, Pedro teve a ideia de reunir os amigos da escola para fazer um jornal comunitário de forma artesanal, a partir do incentivo de professores. Assim, acionou, pela primeira vez, os seus esquemas disposicionais, construídos inconscientemente ao longo de sua trajetória na família original e na comunidade, para se sentir estimulado a atuar como repórter-amador.

O objetivo dos jovens era contar a história da comunidade e fazer com que os moradores se identificassem com as notícias que eles produziam, já que o bairro só aparecia na grande imprensa quando o assunto era violência. Isso ocorreu entre 1998 e 2000 de forma voluntária e sem nenhum compromisso com periodicidade.

> Era um jornal que a gente procurava mostrar as dificuldades da comunidade, mostrar como a própria comunidade se vê. A gente tinha vários quadros interessantes, falando sobre a história da comunidade e de pessoas antigas (Pedro).

O estímulo para ser repórter-amador não partiu só dos professores, mas dos pais também. A mãe comprava livros e revistas. Os pais não tinham muito tempo para ler, mas assistiam a todos os jornais que passavam na televisão. A família, segundo ele, não era noveleira. Por isso, acompanhava o noticiário de todas as emissoras de TV. Assim, observou que cada repórter tinha uma forma diferente de narrar a mesma informação, hábito que foi passado para o irmão, mas que não o levou a querer agir ativamente no jornalismo.

A divergência na produção da notícia na grande imprensa, segundo ele, não era só de estilo. As próprias informações eram diferentes. Às vezes, a matéria a que assistia em uma emissora era completamente diferente da que acompanhava em outra, apesar de abordarem o mesmo assunto. Pedro foi despertado para fazer essa leitura crítica quando acompanhava os telejornais com os pais. Ele passou a prestar atenção também nas reportagens que passavam no rádio e eram editadas nos jornais e revistas impressos.

> Minha família não é noveleira não. Como eu também não sou. Sou mais de ver um repórter, jornais. Acaba um já mudo para outro. E comparando uma informação à outra porque cada jornal tem o seu modo de repassar a informação (Pedro).

Foi a partir dessas observações que decidiu criar um jornal comunitário com amigos do bairro e, anos mais tarde, integrar um grupo que participou da concepção de duas rádios comunitárias. Confessou que, por conta dessas experiências, já pensou em ser jornalista, mas não queria mais exercer essa atividade como profissão quando o entrevistamos. Disse que queria continuar colaborando com o processo de produção de notícia de forma voluntária, sem nenhuma obrigação com rituais e valores empresariais. Esse comportamento está contribuindo para ameaçar o poder do campo do jornalismo, que julga deter o monopólio da produção da notícia.

Pedro preferia acionar os seus esquemas disposicionais inconscientemente para a comunicação com o objetivo exclusivo de ajudar a resolver os problemas da comunidade, como cidadão-repórter e repórter-amador. Ele conheceu o fórum do Diario de Pernambuco em 2008, mas já utilizava a internet diariamente desde 2007. Isso, segundo ele, ampliou os seus horizontes. Costumava navegar mais de três horas por dia. Era, na época das entrevistas, um dos mais ativos do fórum, enviava sugestões de pautas e comentários principalmente sobre o tema que, naquele momento, o interessava mais: trânsito e transporte público.

Mesmo com a mudança gráfica do DP, que extinguiu a página no impresso exclusiva para o cidadão-repórter, ele continuava interagindo. Disse, inclusive, que essa mudança estimulava a participação porque as sugestões dos internautas poderiam ser utilizadas em qualquer edição do jornal. Colaborava ainda com outros veículos. Não tinha criado um blog, como outros internautas que conheceu no fórum do DP, por falta de tempo, mas esse era um projeto futuro. Na ocasião das entrevistas, estava colaborando com o blog de um amigo que escrevia sobre mobilidade urbana. Os dois, inclusive, estudavam a possibilidade de criar um site. Quando interagia e postava informações, considerava-se um repórter.

Ele confessou que tinha um sonho: transformar a rádio comunitária do bairro em comercial, abrindo para programas que falassem de outras comunidades. Depois de observar como as sugestões de pauta eram aproveitadas pelo Diario, afirmou que passou a ter outra visão do jornalismo. Percebeu, segundo ele, que tinha várias formas de se fazer reportagem, algumas não o agradaram porque não concordava com o que era publicado. Lembrou, então, da época em que acompanhava os noticiários da grande imprensa com os pais, notando as diferenças de abordagens sobre um mesmo assunto.

> A notícia é a informação que a pessoa apura na comunidade e que outras pessoas não sabem. A internet é um meio de divulgação surpreendente (Pedro).

De uma forma geral, Pedro consultava sempre a internet, preferia espaços escritos por jornalistas. Utilizava as redes sociais e acessava os sites dos veículos de comunicação. Acompanhava o que saía na versão impressa do DP, a mudança gráfica não o desestimulou, considerou que outras alternativas de publicação foram abertas para divulgar os problemas, não ficando restrita a uma página, referindo-se à página intitulada Cidadão-Repórter, que era publica uma vez por semana no Diario de Pernambuco.

> O que me levou a querer entrar no fórum é que queria expor as minha ideias e trocar informações. Queria adquirir conhecimento cada vez mais. Obtive muitas informações. O aproveitamento das matérias no impresso era muito grande. A paixão pela comunicação começou quando fomos montar uma rádio comunitária, queria fazer jornalismo. Também montamos uma banda. Tivemos a ideia de mostrar o nosso trabalho social, até mesmo para a comunidade ganhar voz (Pedro).

4.6.8 As respostas para as nossas perguntas: as múltiplas socializações e os seus efeitos para o agir ativamente no jornalismo

Quais são os esquemas disposicionais que o cidadão comum aciona para se motivar a querer colaborar com os conglomerados e criar canais próprios para dar publicidade às suas versões sobre os acontecimentos do dia a dia, e como essas variações são acionadas inconscientemente? Pedro do Batuque é um caso de dissonância dentro da família original, apesar de ela ter exercido forte influência na formação das tendências que o estimularam a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. Essas disposições se desenvolveram a partir das inclinações para as ações social, política, cultural e religiosa, que, nesta pesquisa, revelaram-se como os motores que movimentam todo o processo observado. Foi esse esquema que levou Pedro a deixar de ser consumidor da informação para chegar ao papel de produtor da notícia.

Nenhum membro da família original de Pedro se sentiu motivado a querer ser cidadão-repórter e repórter-amador como ele, que acionava esse esquema de forma voluntária e hedonista na maior parte de sua trajetória. A mãe tinha variações que iam do hedonismo cultural ao ascetismo financeiro, mas era o ascetismo que prevalecia, até por sua própria história. Ela veio do interior, de uma família grande e pobre, e enfrentou muitos sacrifícios para criar os filhos e mudar de vida.

Chegou ao Recife para trabalhar em casa de família aos 11 anos e não teve oportunidade de estudar. Por isso, agia de forma ascética com o filho mais novo para que ele estudasse e conseguisse superar os problemas pessoais, buscando conquistar no futuro uma tranquilidade financeira. Ela inibia as suas inclinações para as ações culturais, herdadas da família que desenvolvia atividades artísticas no interior.

A mãe, contudo, exercia um autocontrole e acionava inconscientemente as suas disposições ascéticas para orientar o filho. Mesmo assim, não conseguiu impedir que Pedro gostasse e quisesse se dedicar à música. Ela só o apoiou quando percebeu que ele queria, de forma ascética, investir na carreira para se profissionalizar, frequentando um curso.

Na configuração familiar, Pedro era o filho mais novo, que recebia toda a proteção. Ela não queria que ele ficasse na rua, como o irmão, para não correr o risco de sair do caminho que, para ela, era o mais seguro: o dos estudos. Pedro, contudo, conseguiu deixar essa zona de proteção para formar e acionar as disposições que o levavam, cada vez mais, a ter a necessidade de se expressar.

Nesse sentido, a música o ajudou a desenvolver essas tendências. Primeiro, por meio das canções que ouvia em casa e das apresentações dos grupos que acompanhava na comunidade. Depois, por meio das letras que passou a escrever para estimular outros atores a refletir sobre os problemas que afetavam a coletividade.

O pai também exerceu uma forte influência nas inclinações de Pedro para as ações social, política, cultural e religiosa. Ele o apresentou aos terreiros de candomblé e ao afoxé, práticas sociais que eram realizadas também pelo irmão. O pai contribuíu ainda para que ele formasse, na infância, o seu olhar crítico em relação à sociedade, costumava levá-lo para passear de ônibus pelos bairros do Recife e de outras cidades da Região Metropolitana.

Nessas viagens, Pedro observava as diferenças e semelhanças que existiam entre os indivíduos e os espaços sociais que ia conhecendo, começava a fazer comparações e a ter, mesmo empiricamente, aulas de sociologia. Esse comportamento do pai o ajudou a elaborar o discurso contestador que externaria através das músicas que escreveria.

O sentimento de ser útil ao outro crescia em Pedro à medida que ele tinha oportunidade de se socializar em mundos sociais fora do seu núcleo da familia original, como os dos grupos musicias. Em paralelo à música, Pedro também participava de ações promovidas pela associação de moradores do local onde residia. Quando uma organização não governamental chegou ao seu bairro para realizar oficinas de arte e comunicação e um projeto de criação de uma rádio comunitária, ele logo se integrou.

Nos programas de rádio, ele estendeu o seu discurso contestador das músicas para os textos de noticias que escrevia. Mais uma vez, conseguiu achar um contexto favorável para ativar as suas disposições, que foram, ao mesmo tempo, formadas e inibidas pela família original, mais especificamente pela mãe. No rádio, ele divulgava notícias sobre o bairro que ficavam fora da pauta da grande imprensa.

Com as letras das músicas e os textos das notícias, Pedro acionava as suas disposições para o assistencialismo, a mobilização, a capacidade de liderar, o ensinamento ao outro e o gosto pela leitura e escrita. Essas inclinações estavam nas origens dos esquemas ativados para que ele realizasse o jogo do agir ativamente no jornalismo. Ele foi repórter-amador e cidadão-repórter antes mesmo da internet, quando utilizava a rádio comunitária para produzir notícia e sugerir temas que mostrassem os problema do bairro. Além do mais, na escola, fez um jornal comunitário. Quando conheceu o fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, essas tendências foram atualizadas.

Por meio das quatro entrevistas longas e sucessivas feitas com Pedro, conseguimos reconstruir a trajetória de vida dele e ter acesso aos estados sociais desdobrado e dobrado, que nos revelaram as suas variações intra e interindividuais. Apesar de Pedro compartilhar de gostos e preferências com os pais e o irmão, essas influências ficaram retidas nele de forma diferente, sinalizando que não eram simples vontades, mas fortes disposições que contribuíram para levá-lo a agir ativamente no jornalismo. Com isso, tinha um perfil dissonante dos outros membros da família original que o estimulava a ter um comportamento ambivalente para poder transitar entre os vários mundos sociais.

De uma forma ou de outra, mesmo que todos os membros da família realizassem práticas que fizeram Pedro desenvolver um forte sentimento de pertencimento ao bairro e aos atores da comunidade, apenas ele utilizou inconscientemente essas constribuições para querer resolver os problemas da coletividade por meio de práticas jornalísticas, colaborando com a imprensa e buscando alternativas de comunicação, como a da rádio comunitária e a do jornal artesanal que produziu na escola. Esse esquema disposicional foi acionado por ele quando quis dar voz à comunidade.

Percebemos também que a segurança financeira que a família original conquistou na fase da adolescência de Pedro possibilitou que ele desenvolvesse essas tendências, que eram vinculadas à sua satisfação hedonista. Esse contexto permitiu que Pedro fizesse escolhas a partir das disposições hedonistas, manifestadas de forma requisitada, não era dado a ele uma obrigação maior que não fosse se dedicar aos estudos. Pedro conseguia conciliar a escola com as atividades nos grupos musicais e na rádio comunitária.

Ele só foi se preocupar em encontrar um trabalho formal, que lhe desse registro em carteira assinada, quando a filha nasceu. Na configuração familiar, deixou de ser o filho mais novo para ser o pai, o principal provedor. Com esse deslocamento de papel na estrutura familiar, as disposições que o fazem querer agir ativamente no jornalismo podem entrar em estado de latência. Isso porque ele afirmou que não está encontrando tempo, como antes, para entrar e sair do campo do jornalismo. Pedro precisou inibir essas disposições para que assumisse a função de técnico de controlador de tráfego de uma empresa de ônibus.

Ele, contudo, conseguiu, mais uma vez, encontrar um trabalho que, apesar de levá-lo a ter uma postura mais ascética, também proporcionaria um sentimento hedonista, que sempre foi perseguido por ele ao longo de sua trajetória. O trabalho de controlador de tráfego, por exemplo, o fez deflagrar disposições que tinham sido construídas na infância, quando passeava com o pai. Eles desenhavam rotas para que Pedro não se perdesse. Por isso, também há hedonismo no trabalho que ele desenvolve na empresa de ônibus. A mulher de Pedro reconhece as suas disposições para a comunicação e o apoia, chegando a acompanhá-lo em determinadas ações na comunidade.

Quando destacamos alguns pontos das variações intraindividuais de Pedro, podemos perceber a amplitude das variações interindividuais entre ele e seus familiares. Ele construiu um perfil único e plural a partir das influências que recebeu na família, na comunidade, na escola e no trabalho.

Até assumir a função de controlador de tráfego, as disposições para agir ativamente no jornalismo eram fortes, chegou a pensar em estudar para ser jornalista. Havia, porém, a possibilidade dessas tendências entrarem em crise se o trabalho passasse a exigir, como estava ocorrendo, um tempo de dedicação maior da parte dele. Ele revelou que tinha necessidade de construir um capital social que o valorizasse ainda mais dentro do mundo do trabalho.

Mesmo que consideremos fortes as disposições para ser repórter-amador e cidadão-repórter, visto que já pensou em exercer o jornalismo como profissão e tem um projeto para criar um site com outros indivíduos, elas precisam de fatores de ativação internos e externos favoráveis. No caso de Pedro, podemos citar as tendências para o assistencialismo, a

sensibilidade e a compreensão do sofrimento do outro, a superação de problemas pessoais, a mudança de vida, a orientação a partir do próprio exemplo, a mobilização do outro, a liderança, o gosto pela leitura e escrita, o querer se expressar, o buscar informações, o diálogo com os jornalistas, a necessidade de se atualizar e a criação de alternativas próprias de comunicação.

Além deste conjunto de fatores, precisamos considerar ainda os aspectos econômicos, temporais e espaciais. Os dois primeiros estão interferindo na atualização de seus esquemas disposicionais para realizar o jogo do ativamente no jornalismo, em função da decisão de formar uma nova família na qual assumiu a condição de provedor. O aspecto espacial, porém, é favorável porque ele continuava morando na comunidade que sempre o estimulou a pensar e a agir de forma engajada e participativa. As relações sociais mantidas por ele no bairro sempre foram importantes para que atualizasse as suas inclinações a solucionar os problemas do coletivo por meio das práticas jornalísticas do repórter-amador e do cidadão-repórter. A seguir um resumo dos principais pontos da análise dos esquemas disposicionais de Pedro do Batuque.

O universo de Pedro do Batuque
Esquemas disposicionais – aspectos singulares
Mundos sociais

Família original	Disposições hedonistas construídas a partir da estabilidade financeira da família, apesar de morar em um bairro de periferia. Sempre procurou fazer o que lhe dava prazer. Foi influenciado pelo pai no aspecto social, político, cultural e religioso, assim como na paixão por um ramo que terminou se transformando na sua profissão: o de transporte público. A mãe também tinha disposições hedonistas para a cultura, mas elas estavam adormecidas em função do seu ascetismo para que o filho mais novo estudasse e tivesse uma profissão que lhe desse estabilidade financeira. Quando mostrou à mãe que queria ser músico profissional, foi apoiado. Ela também passou a acompanhá-lo nas suas atividades na comunidade, que o levou a ter práticas políticas.
Escola	Disposição hedonista para o estudo. Por incentivo de dois professores, criou um jornal de bairro com amigos para debater os problemas da comunidade. Foi estimulado para ter uma leitura crítica e escrever. Está estudando administração de empresa, que tem conexão com o seu trabalho de controlador de tráfego.
Trabalho	Apesar da mãe o estimular para o trabalho a partir de seu ascetismo, ele desenvolveu disposição hedonistas para as atividades que realizava. Começou na música, com grupos que cantavam as canções que escrevia, refletindo os problemas da comunidade. Depois, nas rádios comunitárias onde também acionava os seus esquemas disposicionais para agir ativamente. Nessa época, não conseguia uma remuneração para se manter, morava com os pais. Só foi em busca de um trabalho que pagasse melhor quando formou a própria família. Não tinha conexão com as atividades anteriores, mas conseguia mesclar ascetismo com hedonismo porque estava atuando em um ramo que gostava: o de transporte público. Mesmo assim, ainda encontrava um tempo livre para atuar na comunidade e no jornalismo, disposições que estavam correndo o risco de entrar

	em estado de latência.
Família formada	Encontrou apoio na mulher para continuar a fazer o jogo do agir ativamente na música e no jornalismo. Também tinha o respaldo dela para atuar na comunidade, mas a responsabilidade de ser o provedor do núcleo familiar formado o levou a encontrar um trabalho que o fazia ter menos tempo para as atividades anteriores. Por conta disso, as disposições para o jornalismo estavam correndo o risco de entrar em crise. Passou a viver, mais do que nunca, uma vida dupla.
Comunidade	Demonstrava ter fortes disposições de pertencimento à comunidade onde nasceu, cresceu e está vivendo com a sua família. Os esquemas para as disposições para a ação social, política, religiosa e cultural foram sendo estimuladas e atualizadas em sua vivência do dia a dia da comunidade. Ajudava os moradores a superarem os problemas coletivos. Participou ativamente das ações culturais, participou de grupos musicais e de rádios comunitárias. Sempre atuou, mesmo sem ter cargo de direção, na associação do bairro. O tempo para atualizar essas disposições estava mais reduzido em função da dedicação ao trabalho formal, o seu campo de atuação prioritário onde ganhava a vida para manter a família formada.
Jornalismo	Com a família original, desenvolveu disposições para querer se manter informado. Em vez de novelas, assistiam aos noticiários da televisão. Na escola, dois professores o estimularam a ver como as matérias eram editadas para observar as diferenças nos textos. Lia e escrevia de forma crítica. Nessa fase, criou um jornal de bairro com os amigos do colégio. Por meio de uma organização não governamental, atuou em rádios comunitárias em dois bairros. Foi repórter-amador antes de ser cidadão-repórter. Antes da internet, comunicava-se com a grande imprensa. Depois de conhecer a grande rede, descobriu outros canais de interação com os conglomerados. Não criou um blog, mas tinha planos para instituir um site com amigos.

Fatores de motivação interno e externo

O que o motiva a agir ativamente no jornalismo.	Mobilizar os moradores da comunidade, resolver os problemas do bairro, produzir programas de rádios comunitárias e reportagens de jornais comunitários, querer fazer jornalismo, escrever letras de músicas de protestos, participar da associação do bairro e ter acompanhado os noticiários de jornais, rádios e televisões com os pais.
O que o inibe a colaborar com o DP e o estimula a criar um espaço próprio	A falta de tempo para se dedicar ao jogo do agir ativamente por conta do trabalho, o pouco aproveitamento das pautas sugeridas pelos internautas e discordar da forma como as informações eram aproveitadas.
Fatores de ativação interna	Disposições para a ação política (mundos das famílias original e formada, da escola, da comunidade e do jornalismo), cultural (mundos das famílias original e formada, da escola, da comunidade e do jornalismo), social (mundos das famílias original e formada, da escola, da comunidade e do jornalismo) e religiosa (mundo da família original).
Fatores de ativação externa	Interação com a comunidade, pedidos para solucionar problemas, reconhecimento dos atores, acesso à internet, uso do computador, interação com empresas de comunicação e jornalistas, participação no fórum do DP, produção da informação e acompanhamento das notícias.

Conclusão

O senso comum pode nos apontar diversos motivos que levam um indivíduo a sair de sua zona de conforto de consumidor da notícia para querer desempenhar o papel de repórter-amador por meio do qual deixa de ser um ator passivo, colabora com a grande imprensa até se posicionar como autor de um espaço próprio para as suas práticas jornalísticas. À primeira vista, poderíamos enumerar uma série de fatores que impulsionariam esses comportamentos, como a busca do prestígio pessoal, da consolidação de uma liderança ou mesmo da viabilização de uma estratégia inserida em um projeto político.

Wolton (2000) avalia que o cidadão comum que interage com a grande imprensa, principalmente através das ferramentas instituídas pela internet, não faz isso com base em interesses gerais, mas em razões pessoais. Recuero (2009) concorda com Wolton por acreditar que as motivações dos atores para participar das novas configurações do jornalismo, principalmente nas plataformas surgidas no mundo virtual, são individualizadas. Esses cidadãos, segundo Recuero, têm o objetivo de conquistar algum tipo de capital social que poderá ser reconhecido agora ou no futuro.

Miranda (2008) argumenta, por outro lado, que a conquista de espaço na agenda midiática não é o objetivo último do ator que está se comunicando com os veículos de informação. Ele quer, seja participando de um movimento organizado ou não, conseguir solucionar um problema que afeta a sua vida e a de sua comunidade, ou seja, deseja articular através da imprensa uma ação política que chame atenção do poder público. Como repórter-amador, ele próprio promove essa articulação em seu espaço autoral, convidando-nos a refletir sobre a semelhança de sua posição com a dos jornalistas nos primordios da atividade.

O percurso da análise disposicional que fizemos aqui comprova que as disposições dos cidadãos estudados são individuais, mas impulsionam mudanças no âmbito social. As motivações partem dos indivíduos, formadas por influência dos processos de socialização nos diversos mundos sociais, mas provocam ações que repercutem no coletivo porque estão direcionadas para outro ator.

Nesta pesquisa, procuramos ir além das causas aparentes e gerais, que provocam os processos de deslocamentos que o cidadão comum deflagra ao realizar práticas jornalísticas, e mostrar as origens das disposições que cada indivíduo analisado aciona para se sentir estimulado a participar do processo de produção da notícia. Tendências que se formam, ao mesmo tempo, de maneira plural e singular. Plural, porque decorrem dos processos de

socialização; singular, porque são introjetadas e manifestadas a partir de esquemas disposicionais individuais construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator.

Para conhecer o que do social ficou retido no universo particular desses atores, como efeito da plurissocialização, analisamos as construções dos esquemas disposicionais acionados por nossos entrevistados: José do Interior, Antonio Empreendedor, Carlos do Som, João do Ônibus, Tom da Lanchonete e Pedro do Batuque para que agissem ativamente no jornalismo. Por meio da reconstituição das trajetórias de vida desses seis cidadãos, inseridos no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco (DP) na internet, identificamos quais são as tendências e como elas são formadas para motivar com mais frequência cada um deles a querer ser repórter-amador.

É importante ressaltar que esses seis cidadãos faziam parte de um grupo maior, entrevistado na primeira parte da pesquisa empírica, de 20 indivíduos inseridos na categoria dos mais participativos do canal de colaboração do DP. De uma forma geral, o perfil do grupo era o de homens jovens, solteiros, de núcleos familiares de até quatro membros e com uma formação educacional de nível superior incompleto, cujos pais têm uma formação educacional menos qualificada. Apesar de 12 dos 20 entrevistados terem entrado na universidade, a maioria ainda não estava formada quando a pesquisa foi realizada. Por isso, uma boa parte deles exercia atividades profissionais equivalentes ao nível técnico.

Em relação à renda individual, 65% recebiam até três salários mínimos. Quando o orçamento era reforçado com a contribuição de outros membros da família, o poder aquisitivo aumentava. Nesse contexto, 40% dos entrevistados declararam contar com uma renda familiar de até seis salários mínimos. Desse grupo, selecionamos os seis repórteres-amadores que analisamos disposicionalmente. Eles eram homens, três solteiros, dois casados e um separado; moravam com suas famílias, tinham idades entre 21 e 57 anos, residiam na periferia do Recife e estudaram em escola pública. Quatro deles entraram em universidades particulares, mas apenas um continuava estudando, os demais tinham trancado os cursos. Um estudou até o ensino médio e o outro tem nível técnico. Dos seis, um tinha emprego informal, dois tinham pequenos negócios e os demais tinham trabalhos formais.

Na etapa seguinte da pesquisa empírica, realizamos o nosso estudo sociológico prara trazer à tona casos singulares, revelados com as análises tanto das consonâncias como das dissonâncias que vão nos apontar as variações inter e intraindividuais. Para que eles realizassem as práticas jornalísticas observadas, as disposições construídas ao longo das experiências do passado precisaram ser atualizadas no presente por influência de fatores

relacionais e contextuais. Do contrário, corriam o risco de serem apagadas e entrarem em crise.

Ao investigar o desenho dos esquemas disposicionais de cada um desses seis cidadãos, tomando como base teórica o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), pudemos analisar como o ator é resultado de uma mistura de tendências variadas. Lahire nos desafiou a observar os laços de singularidade para compreender como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, foram introjetadas, a fim de motivá-los a realizar o que chamamos de jogo do agir ativamente no jornalismo. É nesse jogo que eles exerceram os papéis de colaborador e autor da notícia.

Como narramos nesta tese, o cidadão-repórter interage com a grande imprensa e colabora com a agenda de assuntos que serão tratados pelos jornalistas nos veículos quando faz comentários e envia sugestões de temas que deseja ver abordado nas edições jornalísticas. Esse mesmo indivíduo pode assumir a condição de repórter-amador quando, inibido pelas regras do jogo do campo do jornalismo, além de consumir e colaborar, cria um espaço autoral e torna-se responsável pela produção da notícia, estabelecendo os seus próprios critérios para escolher o que será ou não notícia e elaborar a narrativa e ameaçando o campo.

É importante lembrar que consideramos que a notícia não é apenas o resultado do processo de produção do fazer jornalístico, mas é a narrativa de qualquer indivíduo que traz informações novas sobre fatos públicos ou pessoais (FRANCISCATO, 2005). Quando desempenha o papel de repórter-amador, o cidadão não se submete aos filtros impostos pelas empresas de comunicação, o que pode se confrontar com o sentido do discurso produzido pelos conglomerados.

É necessário ressaltar ainda que as ações para querer ser coprodutor e produtor da notícia não precisam ser executadas ao mesmo tempo, mas devem ser ativadas pelo cidadão para que possamos identificar os dois níveis do jogo do agir ativamente. De acordo com este conceito, o ator está no primeiro nível, o de cidadão-repórter, quando permanece no mundo do jornalismo, onde estão todos os demais indivíduos que colaboram, de uma forma ou de outra, com os jornalistas.

Ele passa ao segundo nível, o de repórter-amador, quando se dispõe a entrar e sair a todo instante do campo do jornalismo de forma voluntária e não profissional, ou seja, instituindo um espaço autoral próprio, geralmente na internet, para produzir notícia. Esse cidadão comum não está no campo profissional do jornalista, na perspectiva de Bourdieu (1983; 1996; 1997; 1999a; 1999b; 2003; 2006; 2008), porque não fica retido nele, atua de

forma amadora como jornalista, o mais importante é que nesta condição ele interfere no processo produtivo da notícia de forma direta, mexendo com a estrutura consolidada do campo.

Ao entrar e sair do campo do jornalismo, o indivíduo gera tensão porque produz notícia, mesmo que seja a partir de seus critérios pessoais e não de valores e capitais sociais próprios dos integrantes deste campo. O repórter-amador não possui uma formação específica que o faça dominar o *habitus* dessa classe profissional. Ele, no entanto, aproxima-se da imagem do jornalista que atuava no início da fase desse mundo social, antes da adoção de normas e regras que transformaram o jornalismo em um campo reconhecido por todos os outros no qual a atividade profisional obedece a um processo produtivo para fazer parte da lógica da indústria cultural, fechado para os atores que não possuem *status* de *expert* ou de fonte oficial.

Esse indivíduo que colabora e produz notícia realiza práticas jornalísticas, mas não abraça, pelo menos por enquanto, o jornalismo como profissão, uma vez que atua de forma voluntária e sem compromisso com publicações. Em nosso caso, os seis indivíduos analisados atuam profissionalmente em outras atividades. Eles são comerciante, estudante, pedreiro, funcionário público, educador social e agente de tráfego. Dedicam às práticas jornalísticas o tempo livre e de lazer.

Esses seis indivíduos demonstraram, ao exercerem os papéis de repórter-cidadão e cidadão-amador, as disposições para querer se expressar, buscar informações mesmo que envolvam algum grau de dificuldade, resolver problemas do coletivo, mobilizar o outro, dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa e encontrar alternativas próprias de comunicação.

É importante ressaltar que na análise dos universos dos seis indivíduos estudados, não percebemos a existência de disposições sociais motivadoras de pertencimento a um *habitus* de classe profissional, que poderia revelar um padrão. Observamos que existe um leque de variáveis que se entrecruzam para estimular as tendências e as competências do ator que se sente motivado a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Os nossos entrevistados não adotam a rotina da cultura do jornalismo, como fazem os jornalistas que atuam prioritariamente naquele campo, mas identificam algumas características dos gêneros e formatos da narrativa jornalística. Desse grupo, três deles gostariam de cursar jornalismo. Um deles conseguiu ingressar em uma universidade particular, mas trancou por não ter condições financeiras para pagar a mensalidade.

Nosso estudo não aprofundou como esse espaço alternativo de interface foi construído, principalmente quando a internet quebrou a linearidade do processo de comunicação, estimulando a interatividade, a descentralização e a hipertextualidade que levaram cidadãos comuns a produzir notícia. Também não avaliou as estratégias adotadas pelas empresas para se aproximar desses indivíduos com o objetivo de legitimar as suas próprias produções ou para inibí-los. O que por si só já seriam temas para outras teses. Esses assuntos foram tratados de forma contextual para explicar como o cidadão comum ganhou um papel de protagonista no espaço de interface entre o campo do jornalismo e o mundo do jornalismo.

O nosso objetivo foi sempre observar os esquemas disposicionais que compõem o patrimônio de cada um dos seis atores e analisar como eles foram mobilizando certas disposições e não outras para agirem ativamente no jornalismo, levando em conta os processos de socialização vivenciados nos mundos das famílias original e formada, da escola, do trabalho, da comunidade e do jornalismo. Com isso, avaliar as variações inter e intraindividuais, sem negligenciar as relações sociais entre os atores e os contextos de atualização e de apagamentos das disposições.

De acordo com a sociologia à escala do indivíduo, os esquemas disposicionais são formados internamente por um conjunto de tendências individuais e intransferíveis que levam o ator a pensar, sentir e agir de determinada forma, que é, ao mesmo tempo, singular e plural. Esse patrimônio disposicional é construído inconscientemente no interior de cada ator, que mostra o resultado do efeito das experiências vividas nos diversos mundos sociais.

Nesse processo, consideramos sempre as influências dos fatores relacionais e contextuais que são externos, mas interferem em diferentes graus para que o indivíduo possa ir mobilizando ou não as tendências internalizadas. Em nosso estudo, esse patrimônio levou os nossos entrevistados a formar esquemas disposicionais únicos e flexíveis que são acionados quando se sentem estimulados a realizarem práticas jornalísticas.

Cada cidadão tem um esquema diferente do outro. Por isso, é único e, ao mesmo tempo, plural, isso porque onde se espera encontrar unicidade, quando se aproxima o olhar, é onde se acham mais oscilações. Ele também é flexível porque tem a capacidade de se adaptar às situações. Para chegar aos aspectos dissonantes e singulares e aos graus de fixação e de força das variações disposicionais, temos que atravessar os estados sociais desdobrados (o da aparência) e dobrados (o mais internalizado).

Verificamos inicialmente a existência de algumas tendências mais gerais que são comuns aos seis atores, o que sinalizará para os aspectos de consonância entre eles. Quando estão agindo ativamente no jornalismo, por exemplo, eles mobilizam determinadas

disposições e competências, como a de querer se expressar, buscar informação, mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, resolver problemas coletivos, mobilizar o outro, dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa e encontrar alternativas próprias de comunicação.

Lembramos que a ação humana é observada quando o ator que age atribui um significado ao seu comportamento e, em função disso, aponta para que direção quer seguir. Ela se torna social quando é dirigida a outro indivíduo. A ação social para o agir ativamente é tomada pelo cidadão que está no jogo, no movimento de entrada e saída do campo do jornalismo, realizando práticas jornalísticas que procuram solucionar problemas comuns à coletividade.

Ao realizar essa ação social para agir ativamente, o ator procura mobilizar duas forças: a de estar disposto e a de ter competência. Quando está motivado a desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador, os nossos seis atores demonstraram disposição para buscar competência e legitimidade cultural.

Em nosso estudo, a ação de agir ativamente está relacionada às disposições para gostar de ler e de procurar escrever corretamente e com clareza, forjadas na maioria dos casos por influência de professores e não de estratégias metodológicas da rede de ensino público por onde todos os nossos atores passaram. Os pais tiveram um papel importante para essas tendências em quatro dos seis casos avaliados. Em todos eles, os atores foram estimulados a desenvolver essas disposições para compreender o outro e para superar, com esforço individual, os problemas financeiros na família e as dificuldades pessoais para mudar de vida, o que está diretamente relacionado à busca por estabilidade financeira, uma vez que todos são batalhadores, começaram a trabalhar cedo, estudaram em escola pública e moravam em comunidades carentes na periferia da cidade do Recife.

A popularização do uso do computador e as facilidades de acesso à internet também foram fatores decisivos para estimular tanto a interação com a grande imprensa, que resultou na colaboração do cidadão-repórter, quanto a criação de espaços autorais nos quais o repórter-amador escreve os seus textos sem a interferência das regras do campo do jornalismo, abalado por essas práticas voluntárias e não profissionais. Anteriormente, a interação entre a audiência e a empresa de comunicação só poderia ocorrer por meio de carta, telefonema ou da ida à redação dos veículos.

Um dos nossos atores, o mais velho deles, José do Interior, enviava textos para a seção de cartas à redação, publicadas nos principais jornais de Pernambuco e até de outros estados, nos quais narrava os problemas vivenciados pelos estudantes da rede pública de ensino, numa

fase anterior ao uso da internet. Ao acionar o seu esquema disposicional para interagir com os jornalistas, por meio de motivações individuais, ele tentava resolver problemas coletivos que eram comum a outros estudantes. Assim, mostrava as suas tendências para compreender e ajudar o outro e superar os problemas.

Por um período, essa disposição de José ficou adormecida por conta de fatores de inibição, como a falta de estímulo da família formada, que o levou a deixar essa tendência em segundo plano quando focou toda a sua atenção na busca de estabilidade financeira. É bom lembrar que isso ocorreu porque as práticas jornalisticas são exercidas no tempo livre, de forma amadora e voluntária, ou seja, não eram através delas que ele atuava profissionalmente.

Depois, com a mudança da família formada para uma comunidade ainda mais carente do que a anterior, essa disposição para agir ativamente voltou à tona, sendo atualizada pelo contexto e pelas relações sociais que foi construindo. O contexto foi o de mobilizar as suas tendências para ajudar a resolver os problemas da coletividade, agora com a facilidade do uso da internet. O fato de ter encontrado uma entidade organizada na comunidade para atuar politicamente também ajudou, por meio dela estabeleceu as relações sociais que contribuíram para motivá-lo a participar do dia a dia do bairro e a reivindicar melhorias.

Quando passou a usar o computador e a ter acesso à internet, José se sentiu ainda mais estimulado a acionar os seus esquemas disposicionais para colaborar com a grande imprensa e criar um espaço autoral onde produzia notícia. Primeiro, increveu-se no fórum colaborativo do Diario. Em seguida, criou blogs para elaborar a própria notícia, como detalhamos na análise, sem deixar de se comunicar com outros veículos de comunicação.

Antes da internet, o exercício do papel de repórter-amador era, de uma forma geral, mais difícil porque demandava não só tempo, mas recursos financeiros e a colaboração de outros atores para, por exemplo, instalar uma rádio ou produzir um jornal. Foram essas as dificuldades enfrentadas por Antonio Empreendedor, quando quis montar um jornal de bairro e não conseguiu dinheiro nem encontrou indivíduos que se interessassem pela ideia. Com a internet, essa disposição foi atualizada e ele passou a colaborar com os veículos de comunicação e criou um blog, sem gastar muito dinheiro ou mobilizar outros atores.

Por outro lado, Carlos do Som e Pedro do Batuque tiveram a mesma vontade e foram bem-sucedidos, desempenhando o papel de repórter-amador em rádios comunitárias. Na época, os dois encontraram contextos e relações sociais que os favoreceram a ativar essas disposições porque nos lugares em que moravam existiam esse tipo de rádio. Pedro chegou, inclusive, a montar um jornal de bairro com colegas do colégio por um período curto. Essas

disposições foram acionadas de novo, ou seja, atualizadas quando os dois tiveram, anos depois, a oportunidade de entrar na internet e conhecer o espaço colaborativo do Diario.

Além do acesso à internet, outros sete fatores externos contribuíram para atualizar no tempo presente as disposições dos seis cidadãos que analisamos, motivando-os a agir ativamente no jornalismo, ainda dentro dos aspectos de consonâncias que existem entre eles no estado social desdobrado. O primeiro deles foi a participação que esses atores tinham na vida da comunidade em que moravam e trabalhavam. O segundo foi o canal de interação que jornalistas e empresas de comunicação abriram para facilitar o diálogo com a audiência.

O terceiro foi a participação deles no fórum colaborativo do Diario de Pernambuco, já que integravam a relação dos que mais enviavam mensagens. O quarto fator externo foi a iniciativa deles de acompanhar as notícias que saíam na versão impressa do Diario para saber como as sugestões encaminhadas, através do fórum, eram aproveitadas pelos jornalistas. O quinto foi o estímulo à produção da informação que os atores analisados tinham quando liam na versão impressa as notícias redigidas, a partir das pautas sugeridas por eles via fórum.

O sexto fator externo de motivação era o desejo de resolver os problemas do bairro onde moravam, ação tomada por iniciativa individual ou por meio de pedidos encaminhados por amigos e parentes. O sétimo foi o reconhecimento que esses indivíduos conquistaram entre os jornalistas e os moradores das comunidades, ainda que não no mesmo nível dos jornalistas dos primórdios da atividade profissional.

Os jornalistas passaram a considerá-los fonte ativa de informação por exercerem os papéis de cidadão-repórter, mas eles já eram repórteres-amadores porque criaram espaços próprios onde produziam notícia, driblando os filtros impostos pela grande imprensa. Os moradores das comunidades tiveram o mesmo procedimento quando os procuravam para falar dos problemas dos bairros porque sabiam que eles tentavam resolvê-los ao agir ativamente no jornalismo, dando publicidade aos episódios narrados seja pela colaboração seja pela produção da notícia em espaços alternativos.

Quando o Diario de Pernambuco deixou de publicar, em sua versão impressa, a página reservada exclusivamente para as matérias produzidas a partir das pautas dos cidadãos-repórteres, os seis indivíduos analisados tiveram, de alguma forma, as suas disposições sociais afetadas. Inicialmente, eles reduziram a participação no fórum, percebendo que as pautas sugeridas passaram a ser aproveitadas de forma mais pulverizada ao longo dos vários cadernos do jornal, o que prejudicava o reconhecimento da colaboração dos internautas. Depois, cinco deles decidiram criar um canal próprio de comunicação na internet.

Consideramos que essa posição editorial do Diario se transformou em um fator externo de inibição à interação, o que levou a um movimento maior, o de motivação interna da disposição para externar a sua opinião e para ajudar o outro por meio da busca de formas alternativas para se comunicar. Assim, a maioria dos nossos entrevistados começou a escrever notícias em um espaço autoral através de blogs, uma ferramenta das redes sociais. Só um deles, Pedro do Batuque, não fez isso por falta de tempo para se dedicar ao espaço. Mesmo assim, ele já tinha agido como repórter-amador quando atuou ativamente em programas de rádios comunitárias e produziu um jornal de bairro com amigos do colégio, fazendo um movimento inverso ao da maioria dos nossos entrevistados que começou colaborando com a grande imprensa para depois produzir a própria notícia.

O fim da página impressa exclusiva para o cidadão-repórter e a redução no aproveitamento das pautas, desde então, não foram os únicos fatores externos que terminaram incentivando os cidadãos analisados a procurar um outro canal de comunicação. Dois outros fatores também foram importantes, como verificamos na pesquisa: o tipo de tratamento que era dado às informações enviadas pelos internautas em função dos filtros utilizados nas edições e as dificuldades técnicas de interação com o fórum do DP.

Os indivíduos, que eram muito integrados ao fórum e acompanhavam o que era publicado na versão impressa, percebiam que nem sempre as informações enviadas, sugeridas como pauta, eram trabalhadas como eles imaginavam, ou seja, não concordavam com as edições. Com o grande número de cidadãos inscritos no fórum do Diario, os seis cidadãos entrevistados relataram que nos últimos meses passaram a perceber a lentidão na interação com o canal e na comunicação entre os inscritos.

Como o jogo das disposições incorporadas é complexo, depois de apresentarmos aspectos de homogeneidade, identificamos os traços de singularidade e de dissonância, partindo dos fatores externos de ativação e de inibição já descritos aqui e detalhados na análise. Assim, buscamos aprofundar as origens dos esquemas disposicionais acionados por cada um de nossos entrevistados, cumprindo os dois desafios apresentados pela pesquisa.

O primeiro foi, a partir do emaranhado de tendências que surgem nos processos de socialização, identificar as variações disposicionais que levam o cidadão comum a pensar e agir ativamente no jornalismo e encontrar as chaves de compreensão para que pudéssemos apresentá-las, conectando essas tendências com as percepções que tivemos delas. O segundo foi observar as dissonâncias dessas variações disposicionais para entender como cada um desses seis atores aciona os seus esquemas de tendências para processar o complexo mecanismo de inibição/ativação que os levam a ser repórteres-amadores.

Nesse sentido, procuramos articular quais são e como as disposições que levam o indivíduo a querer ser repórter-amador são acionadas com mais frequência por nossos seis entrevistados para que se sentissem incentivados a agir ativamente no jornalismo. Considerando que os atores não têm um registro cultural único, mas ambivalências, oscilações e alternâncias, percebemos que esses estímulos estão relacionados às próprias diferenças que existem naturalmente nos mundos sociais. Por isso, não podemos nos concentrar em um único aspecto para observar os cidadãos que agem ativamente no jornalismo.

Ao reconstruir a trajetória de vida deles, perpassando os estados desdobrado (o mais aparente) e dobrado (o mais internalizado), verificamos que existem quatro fatores disposicionais fortes que ficam na base das tendências que os motivam inconscientemente a ir para além da posição de consumidor da notícia, mesmo que cada um construa e acione os seus esquemas disposicionais de formas distintas. Estamos nos referindo às disposições para as ações social, política, cultural e religiosa, que foram identificadas, de forma recorrente, tanto no estágio mais superficial como no mais internalizado.

Essas tendências representam as disposições que encontramos em nossa análise, que levam os nossos seis atores a terem, por exemplo, inclinações para o assitencialismo, a compreensão do problema do outro, o gostar de ler e escrever, a procurar superar os problemas que foram sendo apresentados ao longo de suas trajetórias para que pudessem mudar de vida e conseguirem estabilidade financeira.

Ao aprofundarmos a análise, pudemos observar como cada ator foi construindo os seus esquemas disposicionais para que se sentissem estimulados a realizar as práticas jornalísticas que observamos, a partir da internalização dos fatores sociais que os influenciaram ao longo dos processos de plurissocialização aos quais foram submetidos nos mundos sociais que estudamos. O programa de pesquisa de Lahire se baseia justamente no pressuposto científico que o social se fortalece quando é captado na escala individual.

Apesar de existir um elo entre essas tendências destacadas acima, nem todas elas contribuem na mesma proporção para a criação das disposições que identificamos no cidadão que é impulsionado a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo. É importante ressaltar que esses fatores aqui relacionados se complementam.

Para cada ator poder deflagrar inconscientemente esse esquema disposicional construído de forma singular e plural, ele sofreu a influência de pelo menos três disposições. Estamos no referindo às tendências para a ação social, política e cultural. Elas estão nas disposições diacrônicas dos seis indivíduos estudados, construidas ao longo da trajetória de

vida, e nas sincrônicas também, que vão surgindo em função de um contexto presente e reforçadas pelas relações que são mantidas entre os seis cidadãos e outros atores.

Na análise, identificamos que essas tendências estão diretamente relacionadas, uma leva à outra. As práticas que o ator realiza na comunidade, por exemplo, expressam a sua capacidade de acionar disposições para a ação política mais ampla, como a de dar publicidade aos problemas da comunidade para buscar soluções coletivas e melhorar a vida dele e do outro. Para conseguir esse efeito, uma das estratégias é justamente enviar pautas às empresas de comunicação e redigir noticias em espaços autorais, abordando os temas que os interessam, independentemente da relação que construíram com as empresas de comunicação, isso porque os cidadãos estudados conseguiram desenvolver disposições que poderiam parecer simples, mas não são.

Observo, até mesmo porque sou um ator que está no campo do jornalismo, que só uma parcela dos indivíduos que faz parte da audiência consegue desenvolver essas tendências. Elas estão fora do enquadramento do que se esperava desses atores analisados em seus mundos sociais. A expectativa era que os seis indivíduos cumprissem papéis que estavam dentro das regras do jogo do jornalismo. Mas eles promoveram mudanças, flexibilizaram as suas disposições, usando com criatividade e inteligência as oportunidades apresentadas e os conhecimentos adquiridos.

José do Interior, Antonio Empreendedor, Carlos do Som, João do Ônibus, Tom da Lanchonete e Pedro do Batuque mostraram disposições para as ações social, política e cultural; nem todos, contudo, para a religiosa. Essas tendências não foram internalizadas em cada um deles da mesma forma. Assim, passamos a identificar as variações e as singularidades entre eles.

José, por exemplo, só passou a manifestar de forma mais forte e recorrente essas disposições quando foi morar com a família formada em uma comunidade muito humilde, na Zona Oeste do Recife. Passou a cultivar um sentimento de pertencimento ao lugar. Por isso, os problemas que detectava no bairro faziam-no querer interagir com os jornalistas e escrever em seus blogs. O contexto e as relações sociais na comunidade atualizaram tendências construídas no mundo da escola.

Quando retornou à sala de aula já na fase adulta para fazer o ensino médio, aprendeu com um professor a se comunicar com os jornalistas, enviando textos que eram publicados na seção de cartas à redação. Naquela época, escrevia sobre os problemas da escola. No momento da pesquisa, abordava nos textos, tanto dos blogs como os que enviava para a grande imprensa, o dia a dia da comunidade.

Esse comportamento foi estimulado ainda por sua disposição para a ação política na associação dos moradores do local que o levou a se envolver com políticos de mandatos eletivos e a exercer o papel de cabo eleitoral. Com a interferência desses políticos para os quais trabalhava, José ajudava a resolver os problemas do bairro, aumentava o seu capital social e pedia votos para eles. Essas disposições eram tão fortes que ele tentou viabilizar a sua candidatura a vereador do Recife em 2012, mas não conseguiu.

Antonio Empreendedor ativou essas disposições que se manifestaram de forma requisitada, ou seja, espontânea e voluntária, desde que era criança, a partir dos exemplos da mãe e da avó materna, que participavam ativamente das movimentações promovidas pelas entidades existentes no bairro onde moravam. Diferentemente de José, Antonio nunca quis participar da direção da associação, mas já teve o nome lembrado para um mandato eletivo. Não descartou, mas disse que ainda não era o momento de colocar em prática esse projeto.

Antonio começou a querer ser repórter-amador ainda no colégio, quando pensou em criar uma rádio e um jornal comunitários, mas não tinha recursos nem apoio de nenhum amigo ou parente. Só conseguiu acionar esse esquema disposicional, construído ao longo dos processos de socialização, quando começou a usar a internet. Primeiro, foi colaborar com os veículos de comunicação. Depois, criou dois blogs.

Carlos do Som iniciou a construção desses dois fatores disposicionais quando passou a participar, ainda criança, de atividades extraclasse na escola, como oficinas de arte-educador e de rádio comunitária. Não deixou mais de realizar essas atividades, levando essas experiências para a comunidade em que morava, o que terminou criando disposições para orientar e ajudar pedagogicamente o outro, no caso, os moradores da comunidade em que vivia, o que influenciou diretamente os amigos. Começou a atuar nas reuniões da associação do bairro da qual, anos depois, tentou ser diretor, mas não se elegeu. Ao não conseguir, criou com outros moradores uma nova entidade.

Antes de conhecer a Internet, por meio da qual se inscreveu no fórum do DP, Carlos colaborava com outros veículos e tinha um espaço para narrar as noticias que produzia em rádios comunitárias, realizando o jogo do agir ativamente no jornalismo. Em função das oficinas que fez para ser comunicador, participava da programação de rádios, não se restringindo à do seu bairro. Essas disposições o levaram ainda a trabalhar na Prefeitura do Recife, que o contratou para realizar ações direcionadas aos jovens. Ele se sente estimulado a disputar um cargo eletivo, mas ainda não conseguiu viabilizar esse projeto.

João do Ônibus construiu um caminho bem dissonante dos demais atores, começou a desenvolver os seus esquemas disposicionais, a partir das tendências para as ações social e

política, quando a família original passou a ter problemas financeiros com a separação dos pais. Assim, foi levado a viver os problemas do bairro onde morava, isso ocorreu durante a adolescência. Muitas mudanças aconteceram, então: deixou o carro para andar de ônibus e saiu da escola particular para ingressar na rede pública.

Ao sentir os problemas da coletividade mais próximos de si, procurou participar dos movimentos realizados pela associação de moradores de seu bairro. No momento das entrevistas, atuava como líder comunitário e cabo eleitoral, trabalhando para politicos, trocando benefícios para a comunidade por votos, o que lhe rendeu prestígio social. A todo instante, acionava as disposições para o assistencialismo, a sensibilidade para o sofrimento do outro e a busca de soluções para os problemas coletivos.

Essas disposições foram direcionadas para o jogo do agir ativamente quando usou a internet. Primeiro, inscreveu-se no fórum do Diario de Pernambuco e começou a interagir com outros veículos. Depois, percebeu que poderia ter um espaço para fazer a própria notícia. Mesmo com o seu trabalho intenso na comunidade, João usa o blog para falar sobre transporte público, um tema transversal que é comum não só aos moradores do bairro onde ele reside. Por meio desse blog, debate um assunto que afeta todos os cidadãos.

Tom da Lanchonete começou a construir de forma requisitada as suas disposições para as tendências às ações social e política na família, acompanhando parentes e amigos nas reuniões de entidades da comunidade. Disse que nunca quis atuar em cargos de direção da associação, mas sempre colaborou ativamente, redigindo, por exemplo, os documentos encaminhados aos órgãos públicos em busca de soluções para os problemas do bairro. Muitos desses parentes e amigos foram deixando de lado essa ação, mas Tom continuou a mobilizar essas inclinações.

Quando conheceu o fórum colaborativo do Diario, passou a interagir com muita frequência, enviando sugestões de matérias que foram publicadas na versão impressa do Diario de Pernambuco. Essa ação passou a ser feita de forma mais reduzida quando Tom criou um blog para debater o transporte público, tema que o faz se abstrair da intensa atividade do comércio que possui para escrever notícias. A disposição para a ação política de Tom é ativada pelo blog e pela interação com os conglomerados.

Pedro do Batuque iniciou inconscientemente a construção de seu esquema disposicional para agir ativamente no jornalismo quando acionou as suas tendências para as ações social e política ainda criança. Escrevia e cantava músicas, contando os problemas do bairro. Aprendeu a ter esse olhar através das atividades realizadas por alguns professores da escola e das oficinas promovidas por uma organização não governamental que chegou ao

bairro. Ele já foi convidado a integrar a direção da associação da comunidade, mas preferiu continuar a ajudar sem ter esse compromisso. Nunca quis se candidatar, mas desempenhou por um curto espaço de tempo o papel de cabo eleitoral.

Ele começou a acionar o seu esquema disposicional para agir ativamente no jornalismo na adolescência quando produziu um jornal comunitário no colégio e, posteriormente, foi atuar como comunicador em rádios comunitárias. Quando conheceu o fórum colaborativo do DP, já na fase adulta, atualizou essas disposições e passou a interagir frequentemente com a grande imprensa. O papel de repórter-amador, para ele, surgiu antes do de cidadão-repórter, invertendo uma lógica que é mais comum. Pedro não criou nenhum espaço autoral na internet em função do trabalho. Não tem tempo para se dedicar ao espaço, apesar de ter declarado vontade de criar um blog.

Dos seis cidadãos analisados, cinco instituíram espaços próprios na internet. Três deles debatem os problemas das comunidades e dois discutem questões mais transversais e que não estão restritas ao local de moradia: o transporte público. Antonio Empreendedor é o único ator entrevistado que tem um blog para a comunidade e outro para transporte público.

Em todos os casos, no entanto, esses canais virtuais contribuem para a criação e a manutenção dos laços sociais entre os repórteres-amadores e as suas respectivas comunidades. Eles se encontram no mundo real e continuam a interagir no virtual para melhorar a vida no local onde moram e trabalham. Assim, ajudam a mobilizar o outro e a solucionar problemas vivenciados pelo coletivo. Isso é realizado independentemente deles exercerem ou terem ocupado um cargo em entidades comunitárias.

Além de manterem um espaço autoral, permanecem interagindo com a grande imprensa. Em muitos casos, os próprios blogs se transformaram em fontes de informação para os jornalistas, o que mostra como o papel desempenhado pelo repórter-amador, ao mesmo tempo em que subverte as regras do jogo do campo do jornalismo, acaba por se destacar no próprio campo. Isso reforça a importância de nossa pesquisa, que procura identificar quais são e como as disposições sociais funcionam como molas propulsoras da ação para o agir ativamente.

Os seis repórteres-amadores entrevistados aqui realizam, cada um ao seu modo, o jogo do agir ativamente no jornalismo impulsionados pelas tendências que estamos descortinando, mas esse capital social, que é reconhecido pelas comunidades em que eles atuam, nem sempre é valorizado pelas famílias original e formada. Por isso, esses atores precisam agir de forma ambivalente, circulando de um ponto a outro para trabalhar, conviver com os familiares, estudar e participar das atividades que os fazem acionar os seus esquemas disposicionais para

produzir notícia. Nesse contexto, o cidadão pode ser levado, em alguns momentos, a apagar as suas disposições para querer ser repórter-amador, o que gera oscilações e variações inter e intraindividuais.

Assim como percebemos as fortes influências das disposições para as ações social e política, também identificamos a importância das tendências para o consumo de bens culturais como um fator de motivação que está no subterrâneo das inclinações que formam os esquemas disposicionais dos seis cidadãos analisados. É um fator de aspecto aparentemente homogêneo, a exemplo dos outros dois, por ter se manifestado em todos os indivíduos entrevistados, mas em cada um deles o processo de incorporação ocorreu de forma heterogênea, uma vez que eles passaram por experiências de plurissocialização distintas.

José do Interior desenvolveu tendências para buscar informações a partir de todas as oportunidades que foram se apresentando a ele ao longo de sua trajetória. Como enfrentou sempre muita dificuldade financeira, costumava ler em bibliotecas públicas. A internet facilitou esse acesso às fontes de informação. Não tinha o hábito de acompanhar o noticiário com os familiares, passando a ler jornal no Exército. Foi com um professor que aprendeu a ver as notícias de forma crítica e a escrever para os jornais, criando as disposições para a leitura e a escrita.

Antonio Empreendedor participava das atividades culturais que aconteciam em seu bairro, o seu mundo particular, e não costumava frequentar cinema, teatro e museu. Com a internet, teve acesso aos locais antes distantes. A condição financeira também dificultava o consumo de bens culturais. Assim como José, tinha o hábito de ir a bibliotecas. Com a família, acompanhava o noticiário da televisão e foi com um professor que conheceu o jornal impresso. Sem dinheiro para comprá-lo, pedia a uma tia para trazer os jornais do trabalho.

Já Carlos do Som começou a construir as disposições para o gosto pela leitura com o estímulo da mãe. Ela trabalhava como empregada doméstica e trazia os jornais dos patrões para o filho. Através das oficinas oferecidas como atividades extracurriculares do colégio público, ele foi se formando como arte-educador e comunicador. A tendência de Carlos para as ações culturais está ligada às inclinações para as práticas sociais e políticas.

Como arte-educador, ele promovia oficinas de teatro e de música na comunidade em que morava para incentivar outros atores a participar ativamente da vida do bairro, ou seja, estimulava as disposições para orientar e ensinar o outro. Ele também mobilizava as tendências para mudar de vida e buscar soluções para os problemas da comunidade, através da implantação de políticas públicas.

Tom da Lanchonete também vivenciava a agenda cultural da periferia. Tem uma lanchonete na principal rua do bairro, ao lado da comunidade onde mora. Tudo acontece ali, diante da lanchonete, onde ficam as sedes de muitos grupos culturais. Foi em casa que ele começou a sentir a necessidade de se atualizar, pois os pais acompanhavam o noticiário da televisão e assinavam um jornal impresso. No colégio, esse estímulo cresceu por intermédio de professores.

Com Pedro do Batuque, as tendências para as ações social e política surgiram ao mesmo tempo em que cresciam as disposições culturais. Envolveu-se cedo com grupos musicais do bairro onde morava. Desenvolveu disposições para escrever e cantar músicas que denunciavam as questões que o incomodavam na comunidade, como a violência, a discriminação e a desigualdade social. Ainda adolescente, atuou em uma organização não governamental que promovia ações culturais e oficinas de rádio comunitária. Começou como aluno e virou professor.

Em relação ao consumo de bens culturais, apenas João do Ônibus restringiu a ativação dessa disposição à leitura de conteúdos exibidos na internet. Chegava a ler mais de 30 sites por dia de veículos de comunicação. Começou a acompanhar o noticiário de rádio, jornal e televisão com o pai, na infância, quando procuravam matérias relativas à cobertura esportiva. Depois, só voltou a acionar essa disposição para ler e se informar na fase adulta. Ao ficar sem emprego, comprava o jornal para ver os classificados e voltou a ler as notícias.

Os seis cidadãos tinham disposições para a leitura e para a participação da vida cultural de seus bairros, o que fortaleceu a identidade deles com a cultura local e o sentimento de pertencimento ao espaço social. A escola, mais especificamente alguns professores, apresentou-se como um mundo social onde as tendências para o estímulo à leitura, à busca de conhecimento e o acesso a jornais e revistas eram sempre ressaltadas. Essa disposição, contudo, era delegada à iniciativa de professores e não à metodologia da instituição. As bibliotecas das escolas também foram espaços importantes para o consumo de informação.

As disposições para as práticas religiosas, que não se resumiam ao doutrinamento, mas iam além quando motivavam, por exemplo, as tendências para a sensibilidade ao sofrimento do outro, apareceram com força no trabalho de campo desta pesquisa, como um fator interno de motivação para a formação do esquema disposicional que estimulava o jogo do agir ativamente no jornalismo. Nas entrevistas em profundidade, apenas Antonio Empreendedor não relatou nenhuma experiência, indicando que essa tendência influenciaria a sua atuação como coprodutor e produtor da noticia. Entre os demais, essa tendência apareceu de uma forma ou de outra.

Foi em um templo evangélico que José do Interior despertou a tendência de querer acesso à informação, levado pela mãe. Ele admirava a capacidade de oratória do pastor e o seu conhecimento da bíblia. Depois, passou a frequentar a Igreja Católica. Nos dois espaços, participava de ações sociais de forma voluntária, como a de distribuir comida e roupas para outros indivíduos. Carlos do Som cresceu acompanhando a mãe nas missas e nas reuniões da pastoral da juventude onde foi estimulado a construir tendências para as ações social, cultural e política.

Já João do Ônibus começou a frequentar os cultos da Igreja Evangélica por intermédio de uma amiga do colégio, passando a participar dos grupos de jovens. Hoje, toda a sua família está integrada. Na igreja, ele aciona ainda as suas disposições para o assistencialismo, a compreensão do problema do outro e a sensibilidade para o sofrimento. Para João, a religião estimulou a busca por conhecimento e a admiração pela oratória, o que sinaliza para a sua disposição de querer se expressar bem e de argumentar para conseguir alcançar um objetivo, o que não deixa de ser uma tendência para a ação política. A religião também ajudou João a deflagrar as suas disposições assistencialistas na comunidade.

Com Tom da Lanchonete, as tendências para as práticas social, política e cultural se fortaleceram quando passou a frequentar a Igreja Evangélica para onde foi levado por uma amiga do colégio. Realizava um trabalho junto aos jovens, que continua até hoje. Ele declarou ter sido doutrinado a desenvolver inclinações, para ver o coletivo e fazer o assistencialismo social.

Já Pedro do Batuque diz ser espírita e vai a terreiros de candomblé com o pai e o irmão mais velho. A sua disposição para as práticas religiosas o impulsiona a ser, segundo ele mesmo, um ator mais participativo nas ações ligadas à comunidade, à cultura e à política, que estão na base dos seus esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo, construídos de forma requisitada por ter um forte componente de afetividade e espontaneidade. Não há nenhum tipo de imposição para que possa acionar essas tendências, que se manifestam de maneira hedonista.

As diferenças e contradições dos mundos sociais nos quais os seis atores foram socializados sofreram também as influências transversais de três fatores: o econômico (a busca por estabilidade financeira), o temporal (o tempo para se dedicar às práticas jornalísticas) e o espacial (o ambiente onde o contexto e as relações sociais são desenvolvidas). Eles estiveram presentes na constituição das forças internas que formaram as inclinações descritas anteriormente. Essas variáveis juntas também serviram de molas propulsoras para o jogo do agir ativamente no jornalismo.

De uma forma geral, a trajetória de vida dos seis cidadãos comuns aqui retratados sociologicamente representa histórias de superação. Todos fizeram as suas escolhas diante de cada episódio que se apresentava ao longo dos processos de socialização no mundo das famílias original e formada, da educação, do trabalho, da comunidade e do jornalismo.

Diferentemente de seus pais e irmãos, que também viveram por um período as mesmas experiências socializadoras, e dos amigos com quem se relacionaram, principalmente nas comunidades, os seis cidadãos comuns apresentaram perfis dissonantes dos seus núcleos sociais mais próximos, mas todos conduziram as suas influências, inclusive inconscientemente, para a construção de esquemas disposicionais que acionaram quando quiseram realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

Todos, sem exceção, enfrentaram um problema central: a busca pela estabilidade financeira. Não registramos, contudo, casos de transfuga de classe, ou seja, de indivíduos que passaram a acionar os esquemas disposicionais para atuar ativamente quando tiveram uma oportunidade de ascender socialmente. Os seis indivíduos entrevistados nasceram e continuam vivendo a mesma realidade social. Não encontramos casos de ascensão ou de um movimento de mobilidade social. Os seis cidadãos tinham um forte sentimento de pertencimento às comunidades em que moravam e trabalhavam.

A busca por essa estabilidade financeira estava relacionada à conquista de um emprego que lhes concedessem um registro em carteira de trabalho, de uma oportunidade para a montagem de um negócio próprio ou de uma função em instituição pública, alternativas que pudessem garantir mais qualidade de vida. Todos eram batalhadores. A preocupação de nossos repórteres-amadores para alcançar esse objetivo ia além da responsabilidade com a própria família. Percebemos que eles se preocupavam, por meio das disposições para ações que envolvessem o assistencialismo e a ajuda ao outro, em tentar solucionar os problemas das comunidades em que viviam e trabalhavam.

Como todos os atores analisados aqui não dedicavam o tempo do trabalho às práticas jornalísticas, terminavam destinando o tempo livre e de lazer para interagir e colaborar com a grande imprensa e atuar em seus espaços autorais, que poderiam ser blogs ou rádios comunitárias. Isso contribuiu para que eles acionassem menos do que demonstravam querer os seus esquemas disposicionais para desempenhar os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador porque dependiam de um contexto e das relações sociais que lhes favorecessem. Mesmo assim, essas práticas jornalísticas eram recorrentes e duradoras, originárias de disposições fortes e consistentes.

Esses entrevistados fizeram com que suas disposições prevalecessem porque estavam coerentes nas suas perspectivas de mundo. Quando colaboravam com a grande imprensa queriam colocar na pauta dos veículos os temas que interessavam a eles e as suas comunidades, como os problemas de saneamento básico, de abastecimento d'água e da falta de calçamento nas ruas. Tentavam ter acesso ao campo do jornalismo, fechado e quase inacessível para quem não domina as suas regras, para solucionar os problemas citados.

Os repórteres-amadores analisados queriam se expressar porque tinham o que falar, estavam preparados para defender os seus argumentos, normalmente voltados para a obtenção de uma melhor qualidade de vida para ele, as suas famílias e os vizinhos das suas comunidades. Antonio Empreendedor, Carlos do Som, João do Ônibus e Tom da Lanchonete manisfestaram ainda o desejo de um dia dedicarem o seu tempo de trabalho também a seus blogs, ou seja, gostariam de acionar os seus esquemas disposicionais de forma mais estável e permanente, transformando esses espaços virtuais em pequenos negócios, sem vínculos com as grandes empresas de comunicação.

Antonio está cursando administração em uma instituição particular. Antes, tentou cursar jornalismo, mas não conseguiu. Carlos tinha iniciado um curso universitário de jornalismo, mas interrompeu por falta de recursos para pagar a mensalidade. José do Interior demonstrou ter tendências semelhantes, como iniciar o curso de direito ou vir a exercer o cargo político de vereador no futuro.

Nesta pesquisa, encontramos indivíduos que, se não fossem as facilidades da comunicação pela internet e a popularização do uso do computador, dificilmente poderiam ser repórteres-amadores por uma série de fatores contextuais e relacionais, como a própria condição financeira, a repercussão da deficiência da rede pública de ensino em suas habilidades de leitura e escrita, a necessidade de trabalhar cedo para ajudar a sustentar a família, os problemas de suas comunidades e a dificuldade de acesso aos equipamentos culturais.

Esses atores, no entanto, construíram esquemas disposicionais inconscientemente que fizeram a diferença porque foram motivados a deixarem de ter uma postura passiva nos diferentes mundos sociais, não apenas no do jornalismo, apesar de este ter sido o nosso foco principal para que pudéssemos observar o jogo do agir ativamente.

Ao reconstruir as trajetórias desses seis cidadãos, conseguimos revelar o que não pode ser percebido facilmente e que está por trás da ação e das práticas, ou seja, a importância da força individual que é internalizada. Por meio dela, esses indivíduos foram rompendo lógicas dadas – as regras do jogo dos mundos sociais, que mexem com o que está no inconsciente,

formado pelas influências dos processos de socialização do passado e do presente. Só isso explicaria como perfis tão dissonantes, que nos apresentaram tantas dificuldades e casos de superação, poderiam nos revelar cidadãos comuns que superaram problemas pessoais e na família para que pudessem olhar o outro, a comunidade, e fazer a diferença.

Todos eles encontraram nas práticas jornalísticas uma forma de externar os problemas, partindo de uma disposição individual que foi construída por influências do contexto da ação e das relações sociais. Assim, mostraram tendências para compreender o outro, mudar de vida e tentar remover os obstáculos que são colocados pelas dificuldades que aparecem no dia a dia.

Na análise, identificamos que o movimento de entrar e sair do campo do jornalismo é indicador de uma variação que se manifesta de forma geral e recorrente entre os nossos cidadãos, ou seja, é uma prática consonante por meio da qual desempenham o papel de repórter-amador para tentar resolver problemas que não estão apenas no rol da agenda individual, mas que afetam a coletividade. Esse jogo é deflagrado, ao mesmo tempo, a partir de esquemas disposicionais construídos de forma homogênea e heterogênea. Não podemos discorrer sobre as diferenças sem falar nos pontos em comum.

Aliás, as disposições do repórter-amador começam a ser delineadas, de uma forma geral, na infância e vai sendo amadurecida ao longo do tempo até chegar à fase adulta. Ele é percebido pelo outro quando está na base do estimulo que leva à ação. Em nosso caso, primeiro o ator quer colaborar com a grande imprensa através do canal que, nos últimos anos, está sendo aberto no mundo virtual pelos veículos para interagir com o internauta. Depois, assume a condição de repórter-amador ao criar um espaço próprio para produzir a notícia, o que ocorre, por exemplo, quando o indivíduo se depara com a dificuldade de dar visibilidade aos temas que o interessa, uma vez que não é fácil entrar na agenda imposta pelos conglomerados de mídia.

Os seis indivíduos analisados realizaram o jogo do agir ativamente de forma frequente para colaborar e produzir notícia. Pela observação dos fatores internos de ativação e dos fatores externos de ativação e de inibição, podemos esboçar o seguinte desenho que relaciona esses fatores às influências que eles exerceram para a construção dos esquemas disposicionais de cada indivíduo estudado.

ESQUEMA DISPOSICIONAL

Jogo do agir ativamente no jornalismo

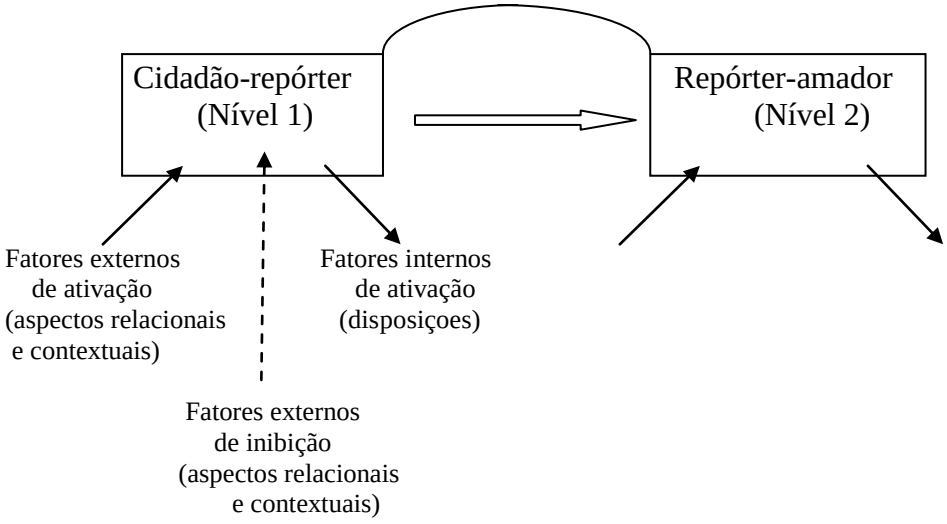


Figura 1 – Esquema disposicional do indivíduo que realiza o jogo do agir ativamente no jornalismo
Fonte: Elaboração própria

Esse esquema disposicional é acionado de diferentes formas, de acordo com o grau de força e fixação que se manifestam de ator para ator, conforme as variações inter e intraindividuais. Ele só passa a fazer sentido para a sociologia disposicional de Lahire quando é analisado de forma singular. A força interna das tendências para o agir ativamente no jornalismo são construídas nas ações e pensamentos originados por disposições para práticas sociais, políticas, culturais e religiosas, como observamos entre os seis entrevistados.

Estamos nos referindo, por exemplo, às disposições para o assistencialismo no sentido de ajudar o outro, o gosto pela leitura e escrita, o querer se expressar, o buscar informações mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, o compreender o problema da coletividade, o mobilizar o outro, o orientar ou o ensinar a partir do próprio exemplo, o mudar de vida, o dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, o acompanhar as notícias divulgadas pela grande imprensa e o criar alternativas próprias de comunicação.

Todas elas se articulam como se fossem gatilhos motivadores da ação para o agir ativamente e materializam-se quando são observadas, o que em nosso trabalho ocorre por meio do estímulo para a realização de práticas jornalísticas. Esse esquema disposicional é mobilizado inconscientemente pelo cidadão comum quando há um contexto social e relações entre os indivíduos que favorecem a sua atualização no momento presente. O jogo do agir ativamente está ligado às disposições hedonistas. Nenhum dos indivíduos analisados sociologicamente demonstrou que essas tendências poderiam se manifestar por meio de uma

imposição ou obrigação. Eles não apresentaram ascetismo para mobilizar essas forças internas.

Em sociedades como a nossa, com tantas diferenças culturais, não podemos compreender as disposições sociais de um indivíduo como resultado do efeito do deslocamento de uma única ação, pois correríamos o risco de ser reducionistas. Em função da diversidade dos processos de socialização, os atores demonstraram que são levados a se movimentarem de um contexto a outro e de uma relação a outra dentro de um mesmo mundo social para que possam acionar os seus esquemas para agir ativamente no jornalismo.

Por meio do conceito de jogo, os cidadãos comuns por nós observados criaram um espaço na interface entre o mundo do jornalismo e o campo do jornalismo para que pudessem ter a liberdade de atuar em um local e ganhar a vida em outro. O que é mais um aspecto da ambivalência dos nossos atores, que são plurais e únicos dentro de seus universos particulares, assim como cada um de nós que também tem uma história singular para contar e mostrar.

Afinal, retemos o social de forma individualizada porque a sociedade está dentro de nós e a refletimos a partir dos efeitos de nossas experiências de plurissocialização. Nesta pesquisa, percebemos que existe uma base onde encontramos disposições mais recorrentes e fortes, que motivam com mais frequência o cidadão comum a querer ser coprodutor e produtor da notícia, mas elas operam internamente e inconscientemente de formas diferentes, que variam de indivíduo para indivíduo.

As disposições se entrecruzaram para construir esquemas flexíveis, que foram acionados a qualquer tempo, desde que encontrassem fatores contextuais e relacionais favoráveis para serem ativados. Elas se revelaram quando interpretamos os múltiplos traços, homogêneos e heterogêneos, que conseguimos reconstruir da trajetória dos seis indivíduos que entrevistamos em profundidade e sucessivamente. Isso possibilitou o acesso às maneiras de pensar, sentir e agir deles retratados aqui sociologicamente, formadas a partir de consonâncias e dissonâncias inter e intraindividuais, por vezes estranhas a eles mesmos.

Ao tentar explicar, ele próprio, como nasceu esse querer ser repórter-amador, mesmo com todas as dificuldades que enfrentou ao longo de sua trajetória de vida, José do Interior afirmou:

> A vontade de agir vem de dentro de mim, não sei como. A maioria das pessoas passa, vê os problemas e não liga. Seria tão bom se todo mundo denunciasse, quisesse resolver. Tem gente que só sabe criticar. Tem gente que tem medo de escrever (José do Interior).

Para Antonio Empreendedor, o gostar de ser repórter-amador assume o significado de querer ler e escrever. É uma vontade que "vem de dentro". Ele considera ser um tipo de repórter que faz tudo pelo amor à produção da informação e "não faz isso para receber salário", reforçando a percepção de nosso conceito do jogo disposicional acionado pelo indivíduo que desempenha os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador, embora tenha admitido a vontade de transformar essa prática em sua atividade profissional.

Desejamos que esta análise disposicional possa contribuir para estimular outros pesquisadores a buscar pistas e a entender como o complexo jogo das disposições sociais leva indivíduos, como os seis atores aqui analisados, a fazer escolhas inconscientes, superando os problemas do cotidiano, para construir um perfil que, pelas condições concretas de vida, seria improvável, mas que, ao olhar do programa de uma sociologia à escala do indivíduo, é o ponto de referência para entender como o social fica retido no ator, por meio do qual podemos identificar as variações das ações inter e intraindividuais.

Depois desse longo percurso de pesquisa, não há dúvidas sobre a importância do papel do repórter-amador em interferir nas regras do campo do jornalismo. Talvez em um futuro breve o jornalismo mude a sua atual configuração, na qual os papéis de articulador de ideias, organizador de pensamentos e construtor de notícias sejam desempenhados tanto por jornalistas quanto por indivíduos que assumem a condição de repórteres-amadores ao acionarem esquemas disposicionais semelhantes aos dos seis atores analisados nesta tese.

Eles tomaram a iniciativa de realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo porque queriam expressar suas opiniões e não conseguiam furar as regras impostas pelas empresas de comunicação. Quando encontraram um contexto favorável – a internet e os canais abertos de interação com os veículos – ativaram as tendências que estão no subterrâneo dos esquemas para as inclinações das práticas jornalísticas observadas, mesmo que alguns já tenham feito isso antes, através de rádios e jornais comunitários.

As disposições para o agir ativamente não foram construídas a partir de um fator, mas de vários, e não são percebidas sem que se possa reconstruir os processos de plurissocialização do indivíduo, a base da metodologia da sociologia disposicional. As tendências identificadas aqui também não podem ser relacionadas a efeitos internalizados de socializações de classe ou de gênero, apesar do nosso primeiro grupo, o maior, ser composto majoritariamente por indivíduos que ganhavam até três salários mínimos e por homens, características que prevaleceram entre os atores do grupo menor, os dos seis cidadãos analisados nas duas etapas.

Os esquemas disposicionais observados na pesquisa foram alçados à condição de motivadores para o agir ativamente no jornalismo, a partir de um olhar sociológico à escala do invididuo que, tendo como base a narrativa de nossos entrevistados, provocaram mudanças à escala social, ou seja, no coletivo, quando os repórteres-amadores procuravam resolver problemas que não afetavam só a eles, mas às comunidades. Com a análise dos perfis sociológicos, verificamos que esses esquemas são dos tipos diacrônicos (internalizados no passado) e sincrônicos (internalizados e ativados no presente), manifestando-se de forma requisitada, voluntariamente.

As disposições que estão na base desses esquemas levam os indivíduos à satisfação hedonista, mesmo que as pautas enviadas corram o risco de não serem de fato publicadas e que as notícias escritas em seus blogs não cheguem efetivamente a solucionar os problemas externados por eles. Elas são recorrentes porque foram sendo acionadas em vários momentos da trajetória de vida dos entrevistados. Quando percebemos que as tendências para o agir ativamente no jornalismo passavam por um período de inibição, isso provocava um sentimento de frustração nos atores. Os repórteres-amadores analisados têm fortes disposições para o querer se expressar, o gostar de ler e escrever e o realizar ações assistencialistas em direção ao outro.

Com isso, podemos afirmar que as disposições para o agir ativamente no jornalismo não são, entre esses cidadãos, simples vontades e preferências. Querer explicar, com exatidão, todas as disposições internas que fazem com que os atores, de uma maneira geral, desejem realizar esse jogo do agir ativamente, poderia ser entendido como uma pretensão desmedida. Isso porque as pistas levantadas nesta pesquisa são pontos que não se esgotam aqui. Outros pesquisadores podem partir delas e ir além.

Certamente podem surgir mais questões importantes a serem consideradas, tanto quanto diferentes tendências a ações que levam, em última instância, o indivíduo a se sentir motivado a ser produtor de notícia. Tudo, no entanto, dependerá do olhar de quem está estudando as trajetórias, os contextos e as relações sociais dos atores e de quem está se permitindo revelar, por meio de entrevistas profundas, os seus pensamentos e ações, que serão sempre singulares, complexos e plurais.

Referências

ACERECHO, I. M. e AYERDI, K. M. **Periodistas y médios em lãs redes sociales: trás la búsqueda de nuevo público.** IN: TURMO, F. S. y LASSA, J. J. V. (org.). El periodismo digital analizado desde la investigación procedente Del âmbito acadêmico. Asociación de Periodistas de Aragon: Zaragoza, 2012, p. 192-201. Disponível em: <**www.congresoperiodismo.com>.** Último acesso em: 2 de outubro de 2012

ALSINA, M**. La construcción de la notícia**. Barcelona: Editoral Paidós, 1996.

ALEXANDER, J. La etnometodologia I: La fenomenologia y el legado de Edmund Husserl. In: **Las teorias sociológicas desde la Segunda Guerra Mundial: análisis multidimensional**. Barcelona: Gedisa, 1992.

ALEXANDER, P. **Towards a Theory of Cultural Trauma**. Disponível em: <www. research.yale.edu/ccs/Alexander/articles/>, 2002. Acessado em: 7 de setembro de 2012.

AMARAL, L. **Jornalismo:matéria de primeira página.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1997.

AMARAL, A., RECUERO, R. e MONTARDO, S. (org). **Blogs.com:estudos sobre blogs e comunicação.** São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <www.sobreblogs.com.br> Último acesso em: 6 de outubro de 2012.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ANDRIGUETI, A. **O jornalista no mundo dos games.** In: FERRARI, P. (org.). Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007, p. 91-106.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

BARRERO, A. F. y RUIZ, M. J. U. **Ofertas basura y riesgos empresariales em el nuevo ecosistema periodístico digital.** IN: TURMO, F. S. y LASSA, J. J. V. (org.). El periodismo digital analizado desde la investigación procedente del âmbito acadêmico. (p.26 – 38) Asociación de Periodistas de Aragon: Zaragoza, 2012, p. 26-37. Disponível em: <**www.congresoperiodismo.com**> Último acesso em: 2 de outubro de 2012

BAUER, M. W. e GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BECKER, H.S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977a.

BECKER, H.S. **"Mundos artísticos e tipos sociais"**. In: VELHO, G. (org.). Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977b, p. 09-25.

BECKER, H. S. **Art worlds**. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1982.

BECKER, H. S. "Biographie et mosaïque scientifique", **Actes de la recherché en sciences socials**, n° 62/63, jun, p. 105-110, 1986.

BECKER, H.S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2009.

BELOCHIO, V. e MIELNICZUCK, L**. O jornalismo digital e as estratégias de colaboração: sinais da des-re-territorialização**. IN: Estratégias e identidades midiáticas: matizes da comunicação contemporânea. STASIAK, D. e SANTI, V. J. (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 57-75.

BENEDETTI, C. A. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática.** Série Jornalismo a rigor. V.2. Florianópolis: Insular, 2009.

BLOOD, R. **Weblogs: a history and perspective**. 2002. Disponível em <http://www.rebeccablood.net/essays/*weblog*_history.html.Acessoem01/08/2006>. Último acesso em: 6 de outubro de 2012

BLOOD, R. **Weblogsandjournalismintheageofparticipatorymedia**. 2003. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblogs_journalism.html>. Último acesso em: 6 de outubro de 2012.

BLONDEL, J. **Ciência política**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 80-85.

BLONDHEIM, M. **News over the wires – the telegraph and the flow of public information in America, 1844 – 1897**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

BOBBIO, N. **Política.** In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. e P., G. Dicionário de política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986a, p. 954-962.

BOBBIO, N. **Sociedade civil.** In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. Dicionário de política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986b, p. 1206-1210.

BOLTANSKY, L. **Usos fracos e usos intensos do *habitus***. In: ENCREVÉ, P. e LAGRAVE, M. Trabalhar com Bourdieu. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2005, p. 155-165.

BOURDIEU, P. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983a.

BOURDIEU, P. **"A juventude é apenas uma palavra".** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983b.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999a.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999b.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, n° 26, p.1-16, junho, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção: critica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRIGGS, M. **Jornalismo 2.0. Como sobreviver e prosperar. Um guia de cultura digital na era da informação.** Jan Schaffer, Editor, 2007.

BROWN, L. **Victorian news and newspaper**. Clarendon Press: Oxford, 1985.

BRUNS, A. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

BRUNKHORST, H. **Ação e mediação**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.2-5.

CAILLÉ, A. Nem holismo, nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1998.

CALVO, E. Periodismo ciudadano vs. Información ciudadana. IN: TURMO, F. S. y LASSA, J. J. V. (org.). El periodismo digital analizado desde la investigación procedente Del âmbito acadêmico. (p.92 – 103) Asociación de Periodistas de Aragon: Zaragoza, 2012, p. 92-103. Disponível em: <**www.congresoperiodismo.com>.** Último acesso em: 2 de outubro de 2012

CASTELLS, M**. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.** Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTILHO, C. Notícia e Interatividade social. 2004. In **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/noticia-e-interatividade-social>. Último acesso em: 5 de outubro de 2012.

CASTRO, P. C. Jornalismo participativo e midiatização da recepção: a domesticação dos leitores na seção "Eu-repórter" do Globo Online. **Anais eletrônico. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011. 1 CD-ROM.

CHALABY, J. **Journalism as na anglo-american invention – a comparison of the development os french and anglo-american journalism, 1830s-1920s.** European Jorunal of Communication, v.11 (3), p. 303-326, 1996.

CHAPARRO, M. **Jornalismo: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade.** São Paulo, 2009. Inédito.

COLEMAN, J. **The Adolescent Society: the social life of the teenager and its impacts on education.** New York, Free Press of Glencoe, 1961.

CORREIA, J. C. F. et al. **Jornalismo público e educação para os media: sugestões baseadas num projeto de pesquisa sobre imprensa regional portuguesa**. IN: Brazilian Journalism Research, vol. 7, nº 11, p. 58-74, 2011.

CRICK, B. **Participação política**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 559-600.

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (org.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 64-82.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

EISENSTEIN, E. **The printing revolution in early modern Europe**. Cambridge University Press, 1983.

ELIAS, N. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994a.

ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio.** Rio de janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994b.

ERBOLATO, M. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. São Paulo: Ática, 2003.

FRANCISCATO, C. E. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FERRARI, P. (org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital.** São Paulo: Contexto, 2007.

FOLETTO, L. O blog jornalístico (definição e características na blogosfera brasileira). Dissertação – Programa de Pós-Gradiação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, agosto de 2009.

GARCIA, L. (org.). **O Globo: manual de redação e estilo.** São Paulo: Globo, 1998.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegra: Artmed, 2005.

GILMOR. D. **Nós, os media**. Lisboa: Presença, 2005.

GOFFMAN, I. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, J. A. **Cultura**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.163-167.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** SORVIK, L. (org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. & JEFFERSON, T. (orgs.). **Resistence through rituals; youth subcultures in post-war Britain.** London, Hutchinson and Co, CCCS. University of Birmingham, 1993.

HENRIQUES, S. **Novas tecnologias móveis: aspectos sobre o leitor e as redes sociais na Pós-modernidade.** IN: AMARAL, A.; AQUINO, M. C. e MONTARDO, S. P. (org.). Intercom Sul 2010: perspectivas da pesquisa em comunicação digital. São Paulo: Intercom, 2010, p. 111-141.

HILER, J. **Blogosphere: the emerging Media Ecosystem. How Weblogs and Journalists worktogether to Report, Filter and Break the News**. 2002.
Disponível em: <http://www.microcontentnews.com/articles/blogosphere.htm>. Último acesso em: 12 de outubro de 2012.

HUNTER, P. **"News and new things"**. Contemporaneity and the early English novel. Critical inquiry. Vol. 14, p. 493-515, Spring: 1988.

JENKINS, H. **A cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

JUNQUEIRA, L. **Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento.** São Paulo: Anablume, 2009.

JUNQUEIRA, L. **Por uma sociologia da comunicação disposicionalista**. In: JUNQUEIRA, L. (org). Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista. Recife: Ed. UFPE, 2010, p. 37-62.

KEARNEY, R. "The phenomenological imagination". **Poetics of imagining from Husserl to Lyotard.** Londres e Nova York: Routledge, 1993.

KILMINSTER, R. **Fenomenologia**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 307-310.

KUMAR, K. **Sociedade civil**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 717-719.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAHIRE, B. "Les pratiques langagières d'éscriture contribution à l'analyse du lien entre le social et le langagier". **Etnologie Française**, 3, 1991, p.262-273.

LAHIRE, B. "Lectures populaires: les modes popularies d'appropriation des textes", **Revue Française des Affaires Sociales**, n.1, jan/mar, 1993, p. 19-40.

LAHIRE, B. **O homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004a.

LAHIRE, B. Trajetória acadêmica e pensamento sociológico. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 315-321, maio/ago. 2004b..

LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n° 49, pág. 11-42, 2005.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006a.

LAHIRE, B. **La condition littéraire: la doublé vie des écrivains**. Paris: Éditions La Découverte, 2006b.

LAHIRE, B. **Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação.** In: JUNQUEIRA, L.(org). Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010a, p. 17-36.

LAHIRE, B. **O campo, o mundo e o jogo: o universo literário em questão**. In: JUNQUEIRA, L. (org). Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010b, p. 103-116.

LARA, T. **Periodismo ciudadano. ¿Qué tiene de peridismo? ¿Qué tiene de ciudadano?.** 2009 Disponível em: <htpp//www.slideshare.net/tiscar/periodismociudadano-1481066>. Acessado em: 7 de outubro de 2012.

LASICA, J. D. ***Blogging as a form of journalism***. 2002. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php>. Acesso em: 7 de outubro de 2012.

LEMOS, A. **Prefácio.** IN: AMARAL, A., RECUERO, R. e MONTARDO, S. (org). Blogs.com:estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em <www.sobreblogs.com.br> Acessado em: 8 de outubro de 2012.

LIMA SOBRINHO, B**. O industrialismo na imprensa.** In: O problema da imprensa (1923), capítulo transcrito da 2ª. Ed. São Paulo, Edusp, 1988, p. 29-34.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The evolution of agenda-setting: twenty five years in the marketplace ideas. **Journal of Communication**, v. 43, n° 2, 1993.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARGULIS, M. & URRESTI, M. **"La juventud es más que una palabra".** In: Margulis, M. (org.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos,1996.

MARTINI, S. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

MARTINS, P. H. (org.) **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002

MARTINS, P. H.. "A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação". In: **Revista crítica de ciências sociais**, nº 73, dezembro 2005, p. 45–66.

MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasiliente, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, P. B. **Sujeito sem voz: agenda e discurso sobre o índio na mídia em Pernambuco.** UFPE, Recife: 2003. Mimeo.

MELO, P. B. **Histórias que a mídia conta: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

MELO, P. B. **Polêmicas no jornalismo do século XXI: discussões a partir da Revista Carta Capital**. Revista eletrônica Contemporânea, (Comunicação e Cultura). Disponível em: <www.contemporânea.poscom.ufba.br> Vol. 09, nº 2 , agosto de 2011, p. 115-135. Acesso em: 15 out. 2012.

MESQUITA, G. B. Jornalismo participativo e as novas relações entre imprensa e audiência na produção de notícia. **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Campina Grande (PB): Intercom Regional, junho 2010. 1 CD-ROM.

MESQUITA, M. 2004. **O Quarto Equívoco: o poder dos media na sociedade contemporânea.** Coimbra: Minerva, 2004.

MIRANDA, J. M. G. de M. **El periodismo em el siglo XXI: uma profesión em crisis ante la digitalización.** Madrid: Editorial Dykinson, SL, 2008.

MORAIS, W. **El periodismo y el arte de contar historias: um estúdio acerca de la construcción de la noticia cientifica**. Tesis Doctoral, UAB, Barcelona: 1997. Mimeo.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NAVILE, P. **La psychologie, science du comportement – Le behaviorisme de Watson**. Paris: Gallimard, 1942.

NISBET, R. **Sociedade**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.713-715.

NUNES, A. C. B.; GUIMARÃES, P. e PELLANDA, E. C. **Jornalismo colaborativo: uma leitura do imaginário de Porto Alegre através da plataforma Locast**. IN: AMARAL, A.; AQUINO, M. C. e MONTARDO, S. P. (org.). Intercom Sul 2010: perspectivas da pesquisa em comunicação digital. São Paulo: Intercom, 2010, p. 88-110.

ORTEGA, C. G. e PÉREZ, P. L. **La interactividad em los médios online, al servicio de la ciberdemocracia?** IN: TURMO, F. S. y LASSA, J. J. V. (org.). El periodismo digital analizado desde la investigación procedente Del âmbito acadêmico. Asociación de Periodistas de Aragon: Zaragoza, 2012, p. 59-69. Disponível em: <**www.congresoperiodismo.com**> Último acesso em: 2 de outubro de 2012

PONTES, T. P. **Esquemas disposicionais e reflexividade: elementos para uma abordagem dialética**. Dissertação – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

POPKIN, J. **News and politics and the age of revolution – Jean Lukac´s gazette de Leyde**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1989.

PRIMO, A. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, twitter, facebook e flipboard. **Anais eletrônico. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011. 1 CD-ROM.

PROUST, M. **Contre Saint-Beuve precede de pastiches et mélanges et suivi de Essais et articles**. Paris: Gallimard, 1971.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1991.

RECUERO, R. **Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o jornalismo online**. 2003. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf.> Acesso em: 12 de outubro de 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão.** In: Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. SOSTER, D. de A. e SILVA, F. F. (org.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 39-55.

RECUERO, R. "Deu no twitter, alguém confirma?" Funções do jornalismo na Era das redes sociais. **Anais eletrônico. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011. 1 CD-ROM.

REGAN, T. **Weblogsthreatenandinformtraditionaljournalism**. 2003. Disponível em: <http://www.nieman.harvard.edu/reports/033NRfall/6870V57N3.pdf> Último acesso em: 13 outubro de 2012.

RAYMOND, J. **The invention of the newspaper – english newbooks – 1641 – 1649.** Oxford: Clarendon Press, 1996.

RHEINGOLD, H. **Comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

SÁ, M. **O homem de negócios contemporâneo**. Recife, PE: Editora Universitária, 2010.

SÁ, M. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios**. Recife, PE: Editora Universitária, 2011.

SANTOS, B.V. de S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortêz Editora, 2000.

SANTOS, R. **Jornalistas e fontes de informação**. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2003.

SBARAI, R. S. A. **Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital?** IN: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). Comunicação, tecnologia e cultura de rede. São Paulo: Momento Editorial, 2011, p. 12-39. Disponível em: <http://www.livroteccred.blogspot.com> Último acesso em: 10 de outubro de 2012.

SCHUTZ, A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1962.

SCHUTZ, A. "Concept and theory formation in the social science", In: EMMETT, D. & MACINTYRE, A. (org.). **Sociological theory and philosophical analysis**. Londres: MacMillan, 1970.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHUDSON, M**. Discovering the news: a social history of American newspaper.** New York: Basic Books, 1978.

SEABRA, R. **Jornalismo político: história e processo**. In: SEABRA, R. e Sousa, V. de (org.). Jornalismo político: teoria, história e técnicas. Rio de Janeiro: Record, 2006, p.109-140.

STEPHENS, M. **A history of news – from the drum to the satellite**. New York: Peguin, 1988.

SHIRKY, C. **Here Comes Everybody : How Digital Networks Transform Our Ability to Gather and Cooperate**. New York: Penguin Press, 2008.

SOMMERVILLE, C. J. **The news revolution in England – cultural dynamics of daily information.** New York: Oxford University Press, 1996.

SOSTER, D. de A. **Modelo para análise do jornalismo midiatizado**. In: Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. SOSTER, D. de A. e SILVA, F. F. (org.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 120-140.

SOSTER, D. de A. e SILVA, F. F. (org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Helo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STINCHCOMBE, A. **La construcción de teorias sociales.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1970.

TONNIES, F. **Comunid y asociacion**. Editora Comares: Granada (ESP), 2009.

VIZEU, A. E. P. J. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VIZEU, A. E. P. J. (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, A. E. P. J.; ROCHA, H. C. L. e MESQUITA, G. B. Nem jornalista, nem somente audiência: o cidadão como coprodutor da notícia. **Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ.** Dossiê: cidades midiáticas, v. 14, nº 01. p. 291-302. 2011. Disponível em: <www.pos.eco.ufrj.br>. Último acesso em: 02 de outubro de 2012.

TARGINO, M. das G. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: IBICT: Unesco, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TURNER, J. **Sociologia: conceitos e aplicações**. São Paulo: Makron Books, 1999.

ZANOTTI, C. A. e REIS, I. O. Jornalismo e colaboração no portal Wikinotícias: entre os propósitos e o resultado. **Anais eletrônico. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011. 1 CD-ROM.

WEBER, M. **Conceitos Básicos de Sociologia**. Editora Moraes: São Paulo, 1987

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 1999.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

WHITE, D. **O gatekeeper. Uma análise de caso na seleção de notícias**. In: TRAQUINA, N. (org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Anexo nº 1

PERFIL CIDADÃO-REPÓRTER

Número do questionário:

Dia e hora:

Nome:

Endereço:

Telefones:

E-mail:

---

1).Sexo: 1.Masculino ( ) 2.Feminino ( )

2) Idade: _____

3) Em que cidade você nasceu?

4) Seus pais nasceram na mesma cidade? 1. Sim ( ) 2.Não ( )

5) Se a resposta for negativa, quais as cidades onde seus pais nasceram?

6) Você mora na cidade em que nasceu? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

7) Se a resposta for negativa, quais as cidades nas quais já morou antes de chegar até a cidade atual?

8) Estado civil:
1. Solteiro ( ) 2. Casado ( ) 3.União estável ( ) 4.Separado/divorciado ( )
5.Viúvo ( ) 99.N.R ( )

9) Você mora:
1. Com os pais ( ) 2. Com os pais e irmãos ( ) 3.Com o cônjuge ( )
4. Só com os filhos ( ) 5. Com o cônjuge e os filhos ( ) 6.Com o cônjuge, os filhos e os pais ( ) 7. Com os irmãos ( ) 8. Com os amigos ( ) 9. Em pensão ou casa de estudante ( ) 10. Sozinho ( )

10) Se não mora com os seus pais, em que cidade eles moram?

11) Número de pessoas do seu núcleo familiar:
1. Até duas ( ) 2. Até três ( ) 3. Até quatro ( ) 4. Até cinco ( ) 5. Até seis ( )
6. Mais de seis ( )

12) Você participa de alguma associação ou outro tipo de entidade em sua comunidade? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

13) Qual(is) o(s) nome(s) dela(s) ?

14) Onde você trabalha? 1. Instituição pública ( ) 2.Instituição privada ( )
3. Organização não governamental ( ) 4.Trabalho autônomo ( )
5.Trabalho informal ( ) 6. Não trabalho ( ) 7. Outros ( )

15) Qual o nome da empresa ou setor?

16) Esse é o seu primeiro emprego? 1. Sim ( ) 2.Não ( )

17) Quais foram as atividades remuneradas anteriores que você exerceu ?

18) Você já fez algum trabalho voluntário? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

19) Qual foi esse trabalho?

20) Principal fonte de renda:
1. Mesada ( ) 2. Bolsa social ( ) 3. Bolsa de estudos ou pesquisa ( )
4. Bolsa de estágio ( ) 5. Trabalho formal ( ) 6.Trabalho autônomo ( )
7.Trabalho informal ( ) 8. Aposentadoria ou pensão ( )
9. Outras:

21) Renda individual
1. Entre um e três salários mínimos ( )
2. Entre três e seis salários mínimos ( )
3. Mais de seis salários mínimos ( )

22) Renda familiar
1. Entre um e três salários mínimos ( )
2. Entre três e seis salários mínimos ( )
3. Mais de seis salários mínimos ( )

23) Você mora em casa:
1. Alugada ( ) 2.Própria ( )

24) Dos itens abaixo quantos existem na sua casa:
1. Computador ( ) 2. Notebook ( ) 3. Netbook ( ) 4.Internet banda larga ( )
5. Internet discada ( ) 6.Televisão ( ) 7. TV por assinatura ( ) 8. DVD ( )
9. Automóvel ( ) 10. Automóvel com rádio ( )
11. Equipamento de som em casa ( ) 12. Ar condicionado ( ) 13. Piscina ( )
14.Máquina de lavar ( )

25) Qual é a sua profissão? _____

26) Quais são as profissões dos pais? _____

27) Se você é casado, qual é a profissão do cônjuge?

28) Qual é o nível de escolaridade de sua mãe?
1. Ensino fundamental incompleto ( ) 2. Ensino fundamental completo ( )
3. Ensino médio incompleto ( ) 4. Ensino médio completo ( ) 5. Técnico ( )
6. Superior incompleto ( ) 7. Superior completo ( )
8. Especialização ( ) 9. Mestrado ( ) 10. Doutorado ( ) 11. Pós-doutorado ( )
99.N.R ( )

29) Qual é o nível de escolaridade de seu pai?
1. Ensino fundamental incompleto ( ) 2. Ensino fundamental completo ( )
3. Ensino médio incompleto ( ) 4. Ensino médio completo ( ) 5. Técnico ( )
6. Superior incompleto ( ) 7. Superior completo ( )
8. Especialização ( ) 9. Mestrado ( ) 10. Doutorado ( ) 11. Pós-doutorado ( )
99.N.R ( )

30) Se você é casado, qual é o nível de escolaridade de seu cônjuge?
1. Ensino fundamental incompleto ( ) 2. Ensino fundamental completo ( )
3. Ensino médio incompleto ( ) 4. Ensino médio completo ( ) 5. Técnico ( )
6. Superior incompleto ( ) 7. Superior completo ( )
8. Especialização ( ) 9. Mestrado ( ) 10. Doutorado ( ) 11. Pós-doutorado ( )
99.N.R ( )

31) Qual é o seu nível de escolaridade?
1. Ensino fundamental incompleto ( ) 2. Ensino fundamental completo ( )
3. Ensino médio incompleto ( ) 4. Ensino médio completo ( ) 5. Técnico ( )
6. Superior incompleto ( ) 7. Superior completo ( )
8. Especialização ( ) 9. Mestrado ( ) 10. Doutorado ( ) 11. Pós-doutorado ( )
99.N.R ( )

32) A instituição na qual cursou o ensino fundamental I é:
1. Pública ( ) 2. Privada ( )

33) Fica em que cidade?

34) A instituição na qual cursou o ensino fundamental II é:
1. Pública ( ) 2. Privada ( )

35) Fica em que cidade?

36) A instituição na qual cursou o ensino médio é:
1. Pública ( ) 2. Privada ( )

37) Fica em que cidade?

38) Se ainda estuda, a instituição de ensino é:
1. Pública ( ) 2. Privada ( )

39) Fica em que cidade?

40) Se a instituição é de nível superior, qual é o curso da graduação ou da pós-graduação em que está regularmente matriculado?

41) Área do curso de graduação que estuda ou estudou:
1. Ciências Humanas e filosofia ( ) 2. Ciências Exatas e da Natureza ( )
3. Ciências da Saúde ( ) 4. Artes e Comunicação ( ) 5.Ciências Biológicas ( )6. Ciências Jurídicas 7. Ciências Sociais Aplicadas ( ) 99. NS/NR ( )

---

42) Se está na pós-graduação, o que você faz?
1. Especialização ( ) 2.Mestrado ( ) 3.Doutorado ( ) 4.Pós-doutorado ( )
99. NS/NR ( )

43) Tem outro curso superior? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

44) Qual o curso superior concluído? _____

45) Em que instituição? 1. Pública ( ) 2. Privada ( )

46) A sua formação educacional está ligada ao seu exercício profissional?
1. Sim ( ) 2. Não ( ) 99. NS/NR ( )

47) Você gosta de ler e escrever? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

48) Os seus pais tiveram influência no seu estímulo à leitura e à escrita?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

49) O seu cônjuge influencia no seu estímulo à leitura e à escrita?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

50) Ao longo de sua trajetória escolar, você se sentiu estimulado a ler e a escrever?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

51) A sua atividade profissional o estimula a ler e a escrever?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

52) Você vai ao cinema? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

53) Você vai ao teatro? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

54) Você vai a shows? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

55) Você vai a bares ou boates? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

56) Você vai a museus? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

57) Você vai a livrarias e bibliotecas? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

58) Você ler livros? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

59) Quais são os tipos de livros que você costuma ler?
1.Romance ( ) 2.Clássico ( ) 3.Policial ( ) 4.Suspense ( ) 5.Comédia ( )
6.Biografia ( ) 7.Poesia ( ) 8.Crônicas ( ) 9.Técnico ( ) 10.Livros-reportagem ( )
11.Autoajuda ( ) 12.Ensaio ( ) 13.Novela ( ) 14.Teatro ( ) 15.Histórias em quadrinhos ( ) 16.Memórias ( ) 17.Dicionário ( ) 18.Manual ( ) 19.Enciclopédia ( ) 20.Guia turístico ( ) 21.Didático ( )

60) O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

61) Você faz alguma atividade física? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

62) Você participa de algum time ou associação para exercer a sua prática esportiva? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

63) Você vai a estádios ou ginásios? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

64) Você assiste a jogos pela TV, rádio ou internet? Com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NS/NR ( )

65) Participa ou participou de centros ou diretórios acadêmicos na universidade?
1. Sim ( ) 2. Não ( )

66) Você tem filiação partidária? 1. Sim ( ) 2.Não ( ) 99. NR/NS ( )

67) Se sim, qual é o seu partido? _____

68) Você vota?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS

69) Quando você vota leva em consideração o partido do candidato?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS

70) Quando você vota leva em consideração a sua identificação pessoal com o candidato?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

71) Quando você vota leva em consideração as propostas do candidato?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

72) Você entra em contato com os candidatos em que votou para cobrar ações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

73) Em caso positivo na questão acima, as respostas dos políticos influenciam na sua decisão de voto?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

74) Utiliza sites e redes sociais para buscar informações sobre o que está ocorrendo na política? 1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

75) Você pretende acessar ou já acessou sites de candidatos ou de partidos políticos para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

77) Assiste ou já assistiu aos canais de TV que transmitem os trabalhos das casas legislativas, como a TV Senado e a TV Câmara?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

78) Você viu ou pretende ver os programas e as inserções dos partidos na TV ou no rádio?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

79) Você pretende assistir ou já assistiu ao guia eleitoral da TV ou do rádio?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

80) Utiliza a internet para buscar informações ?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )

4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

81) Você acessa a internet:
1. De casa ( ) 2. Do trabalho ( ) 3. Do celular ( ) 4. Do tablete ( )
5. Da universidade ou colégio ( ) 6. Da *lan house* ( )
7. De outro local ( ) Especifique _____

82) Quanto tempo você fica na internet diariamente?
1. Até 1 hora ( ) 2. De 1 hora a 3 horas ( ) 3. Mais de 3 horas ( )

83) Quando busca informações na internet, prefere sites ou espaços em redes sociais escritos por jornalistas?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

84) Cite os nomes de alguns sites ou espaços em redes sociais escritos por jornalistas que você consulta:

85) Utiliza o *Orkut/Facebook* para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

86) Segue o *Twitter* para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

87) Segue o *Twitter* criado por jornalistas para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

88) Utiliza blogs para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

89) Cite os nomes de alguns blogs que você consulta:

90) Utiliza blogs escritos por jornalistas para buscar informações?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

91) Cite os nomes de alguns blogs escritos por jornalistas que você consulta:

92) Procura sites de jornais, revistas, televisões e rádios para ver matérias jornalísticas que foram veiculadas?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

93) Cite os nomes de alguns sites de jornais, revistas, televisões e rádios que você acessa para ver matérias jornalísticas que foram veiculadas?

94) Você tem blog, f*acebook*, *orkut* ou *twitter*? 1. ( ) 2. ( )

95) Quais os endereços?

96) Com que frequência você assiste aos telejornais?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

97) Cite os nomes de alguns telejornais que você assiste:

98) Com que frequência você escuta programas de rádio?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

99) Cite os nomes de alguns programas de rádio que você escuta:

100) Com que frequência você ler jornal ou revista?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

102) Cite os nomes de alguns jornais ou revistas que você consulta:

103) Desde quando você participa do fórum colaborativo do DP?

104) Você envia imagens para esse fórum com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

105) Você envia textos para esse fórum com que frequência?
1. Nunca ( ) 2. Raramente ( ) 3. Às vezes ( )
4. Frequentemente ( ) 5. Sempre ( ) 99. NR/NS ( )

106) Como você tomou conhecimento do fórum do DP?

107) Você colabora com o fórum:
1. Diariamente ( ) 2. Semanalmente ( ) 3. Mensalmente ( )
Outra Resposta:

108) Quais são os assuntos que mais chamam a sua atenção no fórum?
1. Transporte/Trânsito ( ) 2. Saúde ( ) 3. Educação ( ) 4. Política ( )
5. Economia ( ) 6. Segurança ( ) 7. Cultura ( ) 8. Esportes ( ) Outros:

109) Quais são os assuntos–temas de suas colaborações?
1. Transporte/Trânsito ( ) 2. Saúde ( ) 3. Educação ( ) 4. Política ( )
5. Economia ( ) 6. Segurança ( ) 7. Cultura ( ) 8. Esportes ( ) Outros:

110) Por que você colabora com o fórum do DP?

111) Você acompanha as notícias que são publicadas pelo jornal impresso a partir da sugestão enviada ao fórum? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

112) A forma de aproveitar as sugestões mudou, agora não existe mais uma página exclusiva para o cidadão-repórter no jornal impresso. O material é publicado de forma distribuída em todos os cadernos do DP. Essa mudança estimula a sua participação? 1.Sim ( ) 2.Não ( )

113) Qual é a sua opinião sobre a mudança?

114) Com a mudança, fica claro que a notícia redigida pelo jornalista do DP foi produzida a partir da sugestão enviada ao fórum pelo cidadão-repórter?
1. Sim ( ) 2. Não ( )

115) Em relação à participação do cidadão no fórum, essa mudança do jornal:
1. Valorizou a participação ( ) 2. Não valorizou a participação ( )

116) Você acha que a sua sugestão continua sendo aproveitada pelo DP ?
1. Sim ( ) 2.Não ( )

117) Depois da mudança no jornal impresso, você continua colaborando com o fórum colaborativo?
1. Sim ( ) 2.Não ( )

118) Explique a sua resposta acima:

119) Você colabora com outro veículo? 1. Sim ( ) 2. Não ( )

120) Cite os nomes desses veículos:

121) Você gostaria de exercer a profissão de jornalista? 1. Sim ( ) 2.Não ( )

122) Comente a sua resposta anterior:

Anexo nº 2

Entrevistas em profundidade

Roteiro-base para a primeira rodada de entrevistas

1) O que é um cidadão-repórter na sua concepção?
2) Quais são as qualidades necessárias que um indivíduo precisa ter para que possa ser chamado de cidadão-repórter?
3) Você se reconhece como um cidadão-repórter?
4) Por que você é um cidadão-repórter? O que o levou a desempenhar esse papel?
5) Você acha que o termo cidadão-repórter é o mais adequado? Ou você preferia ser chamado de forma diferente?
6) Em que momento de sua vida surgiu essa vontade de ser um cidadão-repórter?
7) Você acha que a sua família teve alguma influência nessa sua motivação?
8) Na infância, você recebeu algum tipo de incentivo de seus pais ou avós para gostar de se comunicar assim, de escrever, de ler, de buscar informação?
9) De irmãos mais velhos ou mais novos? Ou de outros membros de sua família?
10) Ainda na infância, você viu o comportamento de amigos, vizinhos que te incentivaram a querer se comunicar assim, escrever, ler e buscar informação?
11) Na sua família atual, você foi estimulado pelo companheiro (a) ou pelos filhos (as)?
12) Ao longo de seus estudos no colégio, de alguma forma, foi incentivado por professores e colegas a gostar de se comunicar, dividir opiniões, debater assuntos diversos, escrever, ler e buscar informações?
13) Isso ocorreu ao longo de todos os seus estudos ou em algum momento essa motivação foi maior?
14) Você sempre morou no mesmo local ou houve alguma mudança (interior – capital, bairro – bairro) que pudesse ter influenciado nessa sua motivação?
15) Na sua profissão, você recebeu algum tipo de incentivo de seus patrões ou colegas para se comunicar melhor, escrever, ler, buscar informação?
16) Na sua atividade profissional, você passou a querer desempenhar esse papel de cidadão-repórter depois que viu o comportamento de algum colega?

17) Você faz alguma atividade cultural em seu tempo livre que o estimula a gostar de ler, escrever, de se informar? E de trocar informação com os outros? ? E de procurar informações na grande imprensa e na internet?
18) Você faz alguma atividade esportiva em seu tempo livre que o estimula a gostar de ler, escrever, de se informar? E de trocar informação com os outros? E de procurar informações na grande imprensa e na internet?
19) Você gosta da prática política e isso, de alguma forma, te estimula a gostar de ler, escrever, de se informar? E de trocar informação com os outros? E de procurar informações na grande imprensa e na internet?
20) Você participa de atividades em sua comunidade onde mora e isso, de alguma forma, te estimula a gostar de ler, escrever, de se informar? E de trocar informação com os outros? E de procurar informações na grande imprensa e na internet?
21) Você participa de atividades voluntárias onde mora e isso, de alguma forma, te estimula a gostar de ler, escrever, de se informar? E de trocar informação com os outros? E de procurar informações na grande imprensa e na internet?
22) Você se considera uma pessoa que gosta de ler e escrever? E isso te estimula a trocar informações com os outros e a procurar informações na grande imprensa e na internet?
23) O que o motivou a procurar o jornal para interagir com os jornalistas? E a enviar sugestões de matérias que pudessem ser produzidas e lidas por outras pessoas?
24) Você repetiu esse gesto muitas vezes?
25) O que achou da reação dos jornalistas?
26) Você procurou mais de um veículo de comunicação?
27) O que achou da reação dos jornalistas?
28) Você acha que o jornalista e o jornal como empresa agem da mesma forma?
29) Você mantém essa interação até hoje? Por quê?
30) A reação dos jornalistas influenciou, de alguma forma, para você se sentir motivado a se comunicar, trocar informação?
31) Por que você decidiu criar o seu próprio blog?
32) Depois disso, você acha que é fonte de informação para as outras pessoas? E isso faz com que você seja uma espécie de repórter de fato ou não? Você acha que faz a mesma coisa que um jornalista de uma empresa de comunicação?
33) Depois disso, você passou a gostar mais de ler e escrever? De buscar informação em outros lugares?
34) Você deixou de buscar informações na chamada grande imprensa?

35) Você vê o jornalismo de uma forma diferente hoje depois de interagir com a grande imprensa?
36) Você vê o jornalismo de uma forma diferente hoje depois de criar o seu blog?
37) Pensando em toda a sua trajetória, você poderia identificar em que momento surgiu essa vontade de ser um cidadão-repórter?
38) Existiu um só fator que te influenciou ou foram vários?
39) Você se comporta como cidadão-repórter em todos os momentos de sua vida? Ou só faz isso quando está no trabalho, na universidade ou no trabalho? O ambiente vai influenciar na sua motivação para desempenhar o papel de cidadão-repórter?
40) Quando você quer buscar informação, você continua a procurar as notícias nos jornais, revistas, televisão, rádio, nas páginas da grande mídia que estão na internet?
41) Em que lugares você vai buscar informação?
42) Como você utiliza a internet para buscar informação?
43) E como você interage com as pessoas para trocar informação após a experiência de interagir com a grande imprensa e de criar o seu blog?
44) Você identifica em sua família, em seus amigos ou em seus colegas de trabalho pessoas que agem como você?